

Henri Durville

**A CIÊNCIA
SECRETA**

*As grandes correntes iniciáticas
através da História*

Pensamento

1º Volume

A CIÊNCIA SECRETA

Henri Durville

A busca do passado desconhecido e misterioso tem sido sempre uma constante na vida do pesquisador ávido de conhecimentos, nos campos da arqueologia, da astronomia, da astrologia, da alquimia, da piramidologia, da maçonaria, da magia e do ocultismo em geral. Muito já tem sido descoberto e descrito e muito mais ainda resta por descobrir e apresentar nos séculos futuros. Essa obra empolgante e gigantesca não consiste, porém, apenas em pesquisar, esquadrihar e revelar, mas sobretudo em interpretar, e bem, as descobertas feitas e expostas à inteligência dos estudiosos. É mais fácil descobrir os fatos do que interpretá-los corretamente à luz da ciência e da razão para, se possível, aplicá-los adequadamente ou pô-los a serviço da cultura. Este tratado elementar da Ciência Secreta preenche satisfatoriamente essa dupla finalidade.

Em suas pesquisas, o autor conduz o leitor à *China de Fo-Hi*, de *Lao-Tseu e de Confúcio*; à *Índia dos Vedas, dos Bramanes, das Leis de Manu, de Shri Krishna e de Buda*; ao *Egito de Hermes Trismegisto, de Ísis e de Hórus, das Pirâmides e do milenar Livro dos Mortos*; à *Grécia de Orfeu, de Homero, de Pitágoras e dos Mistérios de Elêusis*. Depois, coloca-os diante de *Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e da Franco-maçonaria* e, finalmente, o introduz na difícil mas gloriosa Senda da Iniciação que o levará por último aos verdadeiros Mistérios.

Tudo isso está aqui descrito em linguagem corrente e de fácil compreensão.

* * *

Esta edição revista de A Ciência Secreta consta de quatro volumes autônomos, que podem ser adquiridos separadamente: Volume I

A Ciência Secreta na China, na Índia e no Egito. Volume II

A Ciência Secreta na Grécia. — Os ensinamentos de Moisés, de Jesus, dos Gnósticos e de Hermes Trismegisto. Volume III

A Senda do Iniciado. — A Fé. — Os Ciclos da Natureza. — O Amor. — A Força Vital. Volume IV

O Pensamento. — O Sentimento. — A Intuição. — A Evolução. — Deus. — Conclusão.

EDITORA PENSAMENTO

HENRI DURVILLE

A CIÊNCIA SECRETA

Tradução
E.P.

VOLUME I



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

A todos aqueles que têm sede de ideal, que sonham com a Justiça, a Liberdade moral, a Fraternidade, estas linhas são dedicadas.

H.D.

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| ADVERTÊNCIA..... | 6 |
| PRIMEIRA PARTE: AS GRANDES CORRENTES INICIATICAS DA CHINA IMEMORIAL ATÉ NOSSOS DIAS..... | 24 |
| A CIÊNCIA SECRETA..... | 24 |
| A CHINA..... | 50 |
| A ÍNDIA VÉDICA..... | 81 |
| A ÍNDIA BRAMÂNICA..... | 88 |
| A ÍNDIA BÚDICA..... | 101 |
| Ensinaamentos Exotéricos..... | 103 |
| Ensinaamentos Esotéricos..... | 132 |
| O Bhagavad-Gitã..... | 139 |
| A Voz do Silêncio..... | 152 |
| A Yoga..... | 170 |
| O EGITO..... | 178 |
| Ensinaamentos Exotéricos..... | 181 |
| Ensinaamentos Esotéricos..... | 236 |
| Hermes Trismegisto..... | 239 |
| Os Mistérios de Ísis e de Osíris..... | 255 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1: O véu enfunado, símbolo da força vital..... | 193 |
| Figura 2: Outros símbolos de força vital..... | 194 |
| Figura 3: O rei Seti I, chefe da XIX dinastia, iniciado pela deusa Hator..... | 194 |
| Figura 4: Anúbis, deus guardião e condutor das almas, vela junto a uma múmia... 195 | 195 |
| Figura 5: O Sol, fonte da vida, envia à múmia os seus raios vitalizantes..... | 196 |
| Figura 6: Ísis impondo as mãos sobre seu filho Hórus..... | 198 |
| Figura 7 e Figura 8: Dois amuletos egípcios. A esquerda, o olho místico; à direita, o escarabeu..... | 208 |
| Figura 9: Amuleto egípcio, dito jóia peitoral..... | 211 |
| Figura 10: Cena mágica relativa a Amenófis III..... | 216 |
| Figura 11: Bênção de Amenófis III..... | 217 |
| Figura 12: Atrás do jovem Amenófis III, na mesma posição, está o seu duplo. Este duplo, neste documento, é recomendável, porque ele conduz sobre a cabeça a insígnia de Horus onde está sobreposto o gavião..... | 217 |
| Figura 13: Cerimônia mágica relativa ao nascimento de Amenófis III..... | 218 |
| Figura 14: O julgamento da alma no antigo Egito, segundo O Livro dos Mortos. (Extraído da Vie Privée des Anciens, de Ménard e Sauvageot.)..... | 233 |
| Figura 15: A Esfinge no seu estado atual..... | 258 |
| Figura 16: Disposições interiores da grande Pirâmide. (Segundo Máspero.)..... | 287 |
| Figura 17: O Templo da Esfinge despojado das areias (no primeiro plano)..... | 292 |
| Figura 18: Plano do Templo da Esfinge..... | 293 |

ADVERTÊNCIA

Simples curiosos e vós, que procurais o poder brutal, o domínio; que procurais nestes estudos iniciáticos o meio de saciar as vossas paixões, ódios, amores, ambições, rancores; que procurais o ganho material; desgraçados que tendes sofrido e não tendes sabido perdoar, este livro não é para vós. Estas páginas são páginas de amor e de altruísmo. — Mas tu, que tens sofrido longamente e que queres sair do tormento, caminha ousadamente pela senda iniciática e encontrarás a Serenidade, a Felicidade e a Paz.

— As verdades eternas. — A ciência secreta: — seu fim. — Um novo ciclo começa para ti. — Conhece-te a ti mesmo. — A lei dos ciclos. — O Grande segredo.

— A meditação. — Nosso dever.

Leitor que vens ao limiar do mistério, qual a força que te impele a vir afrontá-lo? É simples curiosidade? Queres tu, com u'a mão ímpia, pois que és indiferente, levantar o véu que te oculta o que só com longos estudos pode ser revelado? Se é este o estado de tua alma, retira-te, fecha este livro; não te é destinado. É uma obra de trabalho e não de divertimento.

Pesquisas o poder brutal, o domínio deste mundo? Esperas tu achar nestes estudos a possibilidade de saciar as tuas paixões, os teus ódios, amores, ambições, rancores? Este livro não é feito para ti. A pesquisa que ele comporta não te daria senão desilusões, porque o fim que ele se propõe é todo diferente e mesmo oposto.

Procuras o ganho material? Não será aqui que tu o encontrarás; este livro é um estudo desinteressado para dar a todos a felicidade, que vem da paz da alma e do bem feito em torno de si.

Nele não se encontra nenhuma idéia cúpida.

Simples curioso, e tu, ambicioso, que acreditas ter nascido para seres o conquistador do mundo, isso não é para vós, para os vossos corações presos ao tumulto das paixões vãs que esta obra foi feita. Os segredos reais que ela revela não são para vós que não lhes dais o que pedem estes trabalhos: um coração meigo a uma alma forte.

No estado atual da vossa perturbação, não os compreendereis. Não falamos a mesma linguagem e os propósitos que escolhemos não fariam desaparecer a barreira que nos separa. Não procureis levantar o véu antes de terdes mudado os vossos desejos.

Desgraçados que tendes sofrido e que não tendes sabido perdoar, se procurardes aqui meios de vingança, não volteis mesmo esta página. Este livro é um livro de amor e de altruísmo; não continueis a sua leitura; esperai que a sua leitura apazigue vosso coração.

Daqui até lá, vosso dia ainda não é chegado; não saberíeis ainda ver nestas páginas a ternura e a alegria que quisemos expressar.

*

* *

Porém tu, leitor, que tens sofrido longamente e a quem a dor revelou a palavra deste grande enigma que conduz ao limiar da verdadeira senda; tu que queres sair do tormento e inclinar para aqueles que te têm feito mal, uma fronte cheia de bons pensamentos, tu que sinceramente desejas fazer participar aos outros

da paz divina que o sofrimento fez brotar do teu coração, este livro é para ti; ele é para todos aqueles que se apaixonam pela pesquisa da verdade e do bem.

Tu, que vens a mim com estes sentimentos, aproxima-te sem medo; enceta ousadamente o caminho iniciático. É este mesmo o caminho que procuras no fundo da tua grande angústia.

É no fim deste caminho que encontrarás a alegria que provém da força calma e soberana, da paz divina que se encontra apenas na senda do bem. Se tens um desejo sincero de encontrar a verdade nestes estudos, entrega-te, com o coração seguro às forças do bem, a estes trabalhos; é aí que encontrarás luz, e procurá-la-emos juntos. O que te falta, tu que sofres, ferido pelos espinhos do caminho, é este apaziguamento que vem sempre àquele cujo coração está sem ódio e sem cólera. Tu conhecerás este apaziguamento no equilíbrio de teus deveres e de tuas forças e eu te ajudarei a encontrar, a fim de que tua colheita seja doce, como o labor foi penoso; a dor é um semeador cruel, mas muitas vezes necessário.

Queres adquirir as forças não somente para ti mesmo, mas sobretudo para os outros! Se tal é o teu pensamento, tu as encontrarás seguramente. Podes, com toda a certeza, dedicar-te a estes estudos que te seduzem. É na sua prática que adquirirás as energias que desejas. Se a tua ambição é de te aperfeiçoares no silêncio, de apressares a evolução do teu espírito, sem ter nenhuma opinião a respeito do mundo, estuda, trabalha; o resultado não se fará esperar; ultrapassará as tuas esperanças.

Se o teu coração, na vida material, aspira os mais belos, os mais vastos horizontes, segue o traço dos iniciados; vem conosco pela senda que vai ter à luz. Embrenha-te por este caminho e verás brilhar uma vida nova sob um sol sempre

belo, A Verdade, a Alegria, a Paz resplandecem ao cimo aonde conduz este caminho.

*

* *

Este livro não tem nada de novo. Seria uma louca pretensão Imaginar que se inova seguindo os Sábios e os Iniciados. Em todos os tempos não têm eles exprimido, cada um segundo a sua própria natureza e a sua própria missão, as verdades eternas? Mas estas palavras são sempre boas para dizer e convém adaptá-las à vida moderna, a fim de que seus frutos sejam abundantes. É a esta tarefa que, no presente livro, votamos todos os nossos esforços.

Mas, se as palavras não são novas, perdem elas a sua força?

Não se escutam sempre com um novo prazer uma bela música mil vezes compreendida? Aquele que ama não tem uma grande emoção ao escutar murmurar novamente palavras que fazem a sua alegria? Não são elas, sem cessar, as mais preciosas? E o coração ferido vibra sempre mais docemente às caras lembranças evocadas. E estas lembranças mesmas, o amoroso não se agrada de evocar nas suas horas de solidão? Não lhe empresta uma força sedutora que mostra o futuro tão feliz como o passado? Tudo isso são repetições, mas as repetições são preciosas principalmente a Deus, que não repete senão o que é bom e alegre, que não faz vibrar em torno das almas senão palavras amigas e benéficas que dão a calma encantada.

*

* *

A ciência que tu pesquisas é uma ciência de todos os tempos. Seu fim é o aperfeiçoamento do ser humano, é torná-lo feliz — não em procurar-lhe paixões brutais e aviltantes, mas fazendo-lhe conhecer o seu lugar exato no mundo, em revelar-lhe o fim que deve atingir. Os elementos desta ciência são repartidos em muitos livros; propomo-nos agrupá-los, restituí-los em um método adaptado às novas necessidades de nosso tempo, justificá-los pelos conhecimentos atuais que temos deste grande domínio que é o Psiquismo. Longe dos olhares, agrada-nos folhear essas velhas obras onde dorme a sabedoria do mundo, decifrar os enigmas que os sábios quiseram empregar no tempo da perseguição, reencontrar nos símbolos das religiões antigas, no segredo das iniciações antigas, pensamentos cuja única leitura nos mergulha em um mundo de lembranças de que o nosso espírito e o nosso coração saem rejuvenescidos e revigorados. É esta alegria, esta serenidade, este vigor novo de toda a nossa pessoa que queremos fazer sentir.

Este livro se propõe, portanto, fazer sentir e ensinar uma ciência, mas qual? Os autores antigos aprenderam os elementos desta ciência, pelas iniciações que se davam no templo, de maneira severa e medida. Eles dizem, em palavras encobertas, àqueles que as sabem entender, os dons sublimes que resultam do trabalho árduo ao qual eles se submetem. Estes dons sublimes constituem o mais magnífico patrimônio, de que se orgulha a humanidade. Aquele que sofre esta ascese possui faculdades que nem imaginava mesmo antes. Estas faculdades eram latentes nele, e elas teriam ficado sem a cultura que se impõe. Mas, trabalhando, um desbrochar magnífico se produz. A intuição que nós possuímos todos em estado latente e em seus graus diversos, não é mais, entre os adeptos, um dom caprichoso, submetido a variações imprevistas.

Elas vêm a ser um sentido aperfeiçoado de que se torna senhor tanto na sua vista como no seu ouvido.

Aprende-se a ver, a ouvir e a sentir, não somente os fatos que afetam os órgãos sensoriais, mas aqueles que se acham fora do domínio deles e aqueles mesmo que se produzem no mundo interior da alma. E assim é para todas as faculdades da alma, todas as quais tomam uma perfeição, uma leveza, uma acuidade que ultrapassa todas as previsões.

Quanto ao fim deste estudo, Salustio definiu perfeitamente, dizendo: "*O fim da iniciação é levar o homem a Deus*". É pois um desenvolvimento integral.

E o platônico Proclus ajunta: "*A iniciação serve para retirar a alma da vida material e lançá-la na Luz*".

É, portanto, um desenvolvimento integral de todo o ser para uma beleza mais perfeita; mais moral, mais energia física e intelectual que nos são dadas para ver a vida sob um novo ângulo.

A iniciação permite sentir os ritmos e as harmonias que tornam a vida tão maravilhosa como os belos poemas e sofrer as leis que regem os fatos tangíveis e que mostram a necessidade como o ritmo do universo.

*

* *

É, pois, um novo ciclo que começa para ti, leitor, ao cederes à atração apaixonada da ciência. Sé te compenetrares dos ensinamentos que vais receber, se souberes refletir, gozarás todos os encantos de uma nova vida. Isto não é simplesmente uma ciência teórica, mas ao mesmo tempo uma doutrina moral e intelectual, um exercício que tem por fim modificar-te profundamente. Segue os conselhos que te serão dados e sentirás o teu espírito engrandecer para abraçar as

idéias eternas e magníficas. Teu coração abrir-se-á fraternalmente ao amor. Em ti, como o diamante em seu engaste, reside uma força que pode fazer milagres, mas é preciso que o diamante seja arrancado da pedra; é preciso que seja talhado para receber o puro beijo da Luz e irradiá-lo em fogos cintilantes. Que seria a Luz se tu a recebesses sem projetá-la sobre o mundo com tanto poder e doçura quanto ela te é dada?

Este trabalho pode parecer-te penoso; não o é. Primeiramente tu não estarás só. O isolamento pode tornar bem árido os pensamentos mais admiráveis, quando é preciso adquiri-los por si mesmos. Aí ainda serás ajudado, sustentado; sentir-te-ás em harmonia de pensamento com um agrupamento todo fraternal que partilha os teus sentimentos.

A solidão que tens sofrido te conduz a refletir. A desilusão que, talvez, tenhas sofrido te conduz a encarar o mundo e a vida sob um aspecto mais exato. Entregue a ti mesmo, lançaste ao abismo da experiência tudo o que mancha a pureza de tua visão. Duvidaste do bem e do mal; tu te sentiste desamparado, sem apoio, mesmo em teu pensamento, contra o desespero que te assaltava. Agora, é com um passo seguro que vais caminhar para esta Luz que o teu desejo procura, que por instantes se vai revelar no fundo de teu ser agitado. Tens visto clarões como uma brilhante miragem. Tudo está bem mudado atualmente. Esses clarões passageiros tomam uma claridade forte e constante que não deixará em sua obscuridade nenhum traço de teu caminho. Toda a sombra se dissipa quando se procura a Luz fora das trevas do egoísmo. A vida abre-se diante de teus passos, a vida tal como é e deve ser, a vida na sua beleza plena.

Vais caminhar para o conhecimento que não fazias senão imaginar e que tu vais acolher na agradável certeza despertada naqueles que trabalham. Os vastos

horizontes do pensamento vão se desenrolar diante de ti, enervando o teu olhar e o teu espírito. E o esplendor dessas visões serenas é tão grande e tão perfeito que a sua beleza penetrará até o teu coração como a harmonia pungente de um canto.

Guiado por suaves encantamentos, avançarás sempre com mais alegria para o panorama soberbo das formas e das idéias até este Templo da Sabedoria que te chama.

O momento em que vives é penoso. As crenças estão em derrota; os homens se voltam para gozarem as suas paixões. O ser caminha muitas vezes sem fé, a esmo. Ele lê, sem prazer e sem apego, o que lhe dizem as religiões e as filosofias; não percebeu o conjunto e encontrou contradições que lhe pareceram desconcertantes. Tornou-se pessimista e não encontrou mais a base da moral. Por outro lado, o mistério não o satisfaz; está ávido de claridade. Chegou a rejeitar tudo, os dogmas e as suas conseqüências. E' contra esta forma de espírito que é preciso reagir.

Somos rodeados de forças. Entre elas, muitas são más e não devemos deixá-las dominar-nos. Para resistir, utilmente, devemos fazer um apelo às forças superiores, construtivas, que não se recusam auxiliar. Quando as tivermos conhecido e invocado, nos será possível sair do tormento, procurar e, portanto, achar a paz do coração, o desvanecimento do espírito, o ritmo da evolução. Tu que vens a estes estudos já não estás tão isolado. Junta o teu esforço aos dos outros; tu os ajudarás, serás ajudado e o teu coração morto florescerá. Conta com segurança com este auxílio, que te é prometido; mas, primeiramente, esforça-te.

É a ti que pertence dirigir a tua evolução.

*

* *

O primeiro ponto a cumprir é conhecer-te. Não é sem causa que os antigos tinham feito deste conhecimento o primeiro estágio da sua iniciação.

Sabes quais são as tuas qualidades e os teus defeitos. Deves desenvolver umas e eliminar outros. Purificar-se é a primeira parte de todas as iniciações tal como se tem praticado em todos os templos e em todos os agrupamentos de filósofos.

Em primeiro lugar deves depurar teu corpo, dar-lhe por uma higiene racional forças e um poder talvez perdidos pela doença e por insuficiência de alimentação, pela falta de ar e de exercícios igualmente prejudiciais. Tu deves adotar uma regra na tua vida mais sã, baseada sobre os princípios que dirigem toda a tua conduta. Teu corpo deve obedecer a teu espírito, e se não está em estado de seguir o movimento de teu pensamento de que lhe servirá este pobre servidor? Se seguirees as regras que te aconselhei, adaptarás a tua economia material, todos estes órgãos que te são submetidos, ao ritmos que são o eco dos ritmos superiores. Já, por esta cultura, aderirás ao plano divino.

Tomando este cuidado, precisarás fazer a educação de teu espírito. Esforçar-te-ás para ter deste espírito uma direção mais segura, uma vontade calma e operadora. Deves desenvolver em ti as faculdades e não partir desta idéia de que não poderás adquiri-las. Desenvolve também o teu discernimento, porque, sem ele, a vontade é uma barca sem piloto entre os escolhos da vida.

Assim, obterás o império sobre ti mesmo, que te fará senhor do teu inconsciente. Não sofrerás mais o seu impulso, porém, não cedendo senão ao teu espírito, serás tu mesmo em verdade. Cultiva também o silêncio em que te serão revelados os poderes ocultos. Obtém a calma para os teus sentimentos, a fim de

que desenvolvam harmoniosamente. Cala-te e reflete na manifestação das opiniões adversas.

Enfim, será a tua força dizer a palavra conciliadora que religa toda as opiniões. Tu não podes, por ti mesmo, possuir toda a verdade. Por que impões o teu pensamento aos outros? Sê calmo e o teu exemplo pregará melhor ainda do que as palavras. É o primeiro passo a fazeres para a obtenção dos altos poderes, a conquista das forças em ti e ao redor de ti.

E, em seguida, farás a educação de teu coração. É um cuidado que muitos negligenciam; eles têm sofrido pelo sentimento, crêem não poderem fazer nada de melhor do que negar o coração.

Mas, estes males provêm de uma impulsividade muitas vezes atendida.

Deveras primeiramente refrear está impulsividade, estas perturbações. Atraído pelas qualidades exteriores, estás talvez muito triste por amar pessoas que não respondem ao teu ideal elevado; pedes-lhes sentimentos que florescem em teu próprio coração e, como elas são diferentes de ti, a ternura delas é desviada ou se manifesta de outro modo não desejado por ti, sofrerás profundamente.

Muitas vezes a falta está em julgar os outros de acordo consigo mesmo. É um escolho a evitar. As dores passadas têm isso de bom: elas te servirão de guia para os acontecimentos futuros.

Seu papel é nos tornar clarividentes ao encontro do que mais nos seduz, nos ensinar a paciência para atingir o desabrochar dos sentimentos dos outros.

Refrear, porém, o coração não é suprimi-lo; pelo contrário, quando o caminho parecer seguro, tu poderás, em belo surto, procurar a ternura e a glória de uma afeição partilhada.

E, quanto esta alegria, apurada pela pesquisa de um ideal comum, será mais alta e mais pura!

Isto não será uma vitória ou um prazer passageiro como o objeto de tua pesquisa, mas uma comunhão de idéias que te conduzirá a querer o bem do ser amado antes do teu próprio.

O teu coração alargar-se-á, e, à margem das ternuras costumeiras, aprenderás a amar a Natureza, a obter de seu seio amigo as lições da calma, de expansão de uma vida nova, de bondade, de doçura, de fraternidade universal. Gozarás a expansão de uma vida nova, a alegria superior de compreender o que começaste a amar cegamente.

A própria Natureza oferecerá o ensinamento dos altos poderes. Que poderás tu desejar a seu respeito? Estes Poderes que pertencem ao iniciado, obtê-lo-ás se fores digno; e se o fores, em lugar de queres ter o domínio sobre outrem, não pedirás senão a possibilidade de socorrer aqueles que sofrem, de auxiliar aqui que procuram o seu caminho para irradiar sobre o universo to as forças benéficas, como faz o sol de estio.

É que o Verbo humano, imagem de forças mais altas, tem poderes ilimitados, ao uso do qual ele soube se tornar mestre. Tu os experimentarás e poderás conhecer este poder mágico de que todo ser humano é dotado, quando a iniciação o tiver revelado e quando tiveres sabido conquistar o teu próprio império.

Estas forças não devem servir senão para fins altruísticos.

A realidade dos fatos nota-se sempre quando a ação se torna egoísta. Péladan disse: *Aquele que crê pedir ao Hermetismo o poder de seduzir, de vencer os seus inimigos, de suplantar os seus rivais, será vencido, perecerá.* É a

transposição mágica destas palavras de Cristo: *Aquele que fere com a espada, com a espada será ferido.*

Em torno de ti irradiam forças e vibrações que são tais como as produzes, como tu podes criar e dirigir a teu gosto. Esta atmosfera psíquica influencia aqueles que te rodeiam e pode operar a distância.

Quando penetrares neste arcano, que se não confia a esmo, tu conhecerás o segredo do Poder da atração e tu serás servido por forças misteriosas.

A medida que o Templo da Iniciação se abrir para a tua alma, ainda mais poderes surgirão em ti, a tua vista ainda mais se abrirá sobre Mundos que tu não conheces, mundos que tu não suspeitas.

Teu horizonte é limitado e tu sofres, mas cada passo dado sobre o caminho te animará diante de horizontes infinitos, banhados de santa luz. Mesmo a custo verás quanto este ser humano que te aparece como o centro de tudo é pouca coisa no conjunto dos mundos. Então, convencer-te-ás de qual o teu verdadeiro lugar no Universo e que não tens valor senão de seres uma célula consciente nas lutas sem fim na vida.

Por que terás orgulho? Quem és tu neste cosmo imenso? Considera a tua pequenez e mede-te com o infinito. Perderás todo este orgulho mesquinho, estas vaidades insuportáveis, que ontem te pareciam importantes; desde hoje te convencerás de um fim mais alto e mais nobre.

Mas, se esta contemplação é mortal à tua vaidade, quanto a tua vaidade perderá em força! Pequena célula consciente, convencer-te-ás desta idéia sublime de que tu és submetido ao Ritmo, ou melhor, aos Ritmos, e que eles são os mesmos do átomo até ao astro. E, como tudo o que te rodeia, serás submetido aos Ciclos imutáveis sob o seu aspecto mutável!

*

* *

Vê o Ciclo das estações: eis as horas de inverno; tudo nos parece morto sobre a Terra, e não há mesmo mais razão de esperar; as flores e as folhas estão mortas. Depois, passa um pouco de tempo; a alma desperta de um pesado sono e, na Natureza, os tenros rebentos de Março saltam dos nós do bosque morto. É a primavera, é a esperança, é a promessa de vida nova, é a certeza das colheitas próximas.

E, cedo, eis aí o sol brilhante que faz amadurecer as colheitas douradas; todas as flores estão abertas; os frutos estão prestes a amadurecer.

Os longos dias ardentes passam e o outono, rico dos frutos que a primavera nos prometia, leva-nos a realizações esperadas.

A mocidade e as flores passaram e resta apenas a disposição de se preparar para o inverno.

Mas, este inverno da velhice e da morte corporal, é também para ti a estação de repouso e da recompensa, porque tu poderás fazer ricas provisões de felicidade e de bem para a tua evolução.

E esta evolução ainda continuará os Ciclos começados, sempre unidos às tuas aquisições, aumentando o resultado de teus corajosos esforços.

A medida que tu fizeres esta maravilhosa ascensão, tu te envolverás mais intimamente com os Ritmos superiores, tu te compreenderás melhor, e melhor expandirás o teu coração, esclarecendo a tua inteligência. Sentir-te-ás em fraternidade com todas as criaturas, com o astro que segue o seu curso rítmico no céu; e as harmonias grandiosas da Criação serão para ti um contínuo enervamento.

Estes mundos te dirão qual a força misteriosa que dirige neste vasto éter e o teu desejo será apenas de estares de acordo com as harmonias divinas.

A estas forças, enfim conhecidas, farás um apelo. Elas te responderão. Tu te sentirás, sem cessar, inundado de seu poder.

Dar-te-ão elas um poder, um apoio do qual tu não tens a idéia, e este apoio te dará uma felicidade sem sombra, a alegria do dever consentido com o coração consciente e livre. E, pelo imenso éter e por todas as criaturas, sentirás a presença de Deus, que criou todas estas coisas e lhe deu estas leis, cuja beleza perfeita nos deslumbra.

Voltando ao mundo conhecido, conceberás por toda parte u'a mesma vida, um igual equilíbrio, matizado segundo diversos modos, mas sempre semelhante e dirigido por uma eterna justiça. Compreenderás que a tua existência atual, com os seus dolorosos sofrimentos e os seus prazeres, é a consequência legítima das tuas existências passadas. Tu te submeterás sem murmúrio. Aceitarás as condições más como dívidas a pagar, e as experiências que terás de sofrer serão preciosas porque elas mais depressa te libertarão do pesado fardo da vida. Que alegria nos sentirmos cada dia mais livres, mesmo para com uma crença benevolente! Este pagamento é a condição de tua vida, de toda a vida. Mas, a Iniciação te permitirá adquirir mais depressa o próprio domínio, mostrar como deves dar um passo mais ligeiro para estas magnificências, que parecem te chamar e que te chamam com efeito.

Cada passo que deres conduzir-te-á para o mundo encantado da perfeição. Sairás da tormenta ou serás tragado por ela. Dissiparás as forças más que pesam sobre ti. Quando conheceres as causas de tudo isso que te acontece,

não poderás mais conhecer o desespero, pois que tudo é justo e útil. Pássaras do pessimismo ao otimismo e a face do mundo será mudada para ti.

*

* *

A alegria, que eu te prometo com certeza, virá mais depressa ainda do que pensas se fizeres para ela um esforço contínuo e se uma Fé viva te sustentar sobre o caminho. A Fé e a Felicidade estão no conhecimento da vida, de seu fim, de seus verdadeiros interesses. Adquirido este conhecimento, chegarás necessariamente a uma outra concepção, amarás as tuas dores passadas.

A meditação e a reflexão, que te parecem muito austeras, serão duas amigas, duas irmãs cheias de ternura que te esclarecerão o caminho.

Trabalha, medita, persevera, adepto futuro, que já te sentes chamado para a Iniciação. É por este meio que te será confiado o Grande Segredo. É incomunicável, dizem os adeptos; e eles têm razão. Primeiramente, esta asserção afasta do caminho os curiosos vãos que não procuram no trabalho senão um divertimento mais sábio do que os prazeres mundanos. Mas, eles têm razão ainda porque seria absurdo imaginar a Iniciação como uma lição a aprender, depois da qual se possuiriam poderes inauditos e forças miraculosas.

É preciso fazer, analisar, adquirir por si mesmo os conhecimentos necessários, desenvolver a acuidade dos sentidos à nossa percepção habitual.

O trabalho pessoal é inevitável; é um longo estudo, que parece árido para alguns, mas que se torna fácil para outros que se entregam a ele com fé; é a própria fé que te ajudará.

Para descobrir o Grande Segredo, estuda-te; desenvolve paralelamente o teu espírito e o teu coração. Estas forças que queres possuir para teu bem e o de

teus irmãos, estas forças estão em ti e em redor de ti; aprende a procurá-las e a descobri-las. A Natureza está diante de ti como um imenso livro aberto, cujos ritmos sonoros e doces te darão a lei dos outros ritmos pelos quais palpita e se move a vida. Estuda e percebe estes ritmos. . Eleva-te para Aquele que os tem fixado com um gesto de sua mão e um sopro de seus lábios.

Procura, e tudo te mostrará Deus, como as mil peças de espelho quebrado te mostram o mesmo sol. E quando tiveres sentido esta unidade do Universo é que virás a ser um Iniciado e que a vida, para ti, terá um sentido novo e inesperado.

Verás que todos os seres são ligados e que seu esforço deverá ser comum. Teu dever é, pois, o de te devotares, ajudares aos outros a encontrar a praia calma que os salvará da tempestade; teu dever é amar os teus irmãos. Já o teu coração sentiu o teu apelo poderoso de altruísmo. Tu não esperas senão conhecer-te melhor, para dares o melhor a ti mesmo, tuas forças, teus sentimentos, teus pensamentos. É assim que tu viverás na alegria.

*

* *

O fim que procuras é grandioso; é aquele que tem sido visado por todos os Iniciados; para atingi-lo, desenvolve a tua vida interior, tão rica em ensinamentos pessoais. Encerra-te na tua vida, na tua torre de marfim, no teu asilo interior que não deixa dispersar na vaga turbilhonante do mundo os tesouros de teu coração e de teu pensamento. A medida que subires os degraus desta torre, sentirás primeiramente a imensa alegria do esforço: depois, gozarás, durante longas horas, esta alegria do bem pressentido que se goza de fazer esta felicidade pelos segredos descobertos no livro aberto da Natureza, esta quietude imensa, longe das agitações mundanas e

que nos permitem sentir todas as pulsações do nosso coração, todos os movimentos da Natureza, todos os ritmos e as imagens que fazem do Universo um poema imenso e que nos encanta pela sua beleza. É a alta morada da meditação, e esta meditação profunda entrega-nos, sem cessar, às vistas maravilhosas, aos segredos que não imaginamos.

Mas é preciso que tornes a descer imediatamente, não te deixando embeber pelo doce ópio de um misticismo que te faria abandonar a terra e faltar ao teu dever. É preciso equilibrar a Fé pela Ciência e o Sentimento pelo Trabalho.

Todos os nossos deveres estão sobre a Terra; ainda não chegou a hora da nossa libertação. Devemos compreendê-la sem murmúrio e com alegria evoluiremos. Certamente, subindo os degraus da tua torre de marfim, abandonarás, como um fardo muito pesado, as perturbações, as agitações, os egoísmos que te prendem sobre a terra. Mas, uma vez desembaraçado deste fardo, quando tiveres desenvolvido a acuidade de tua sensibilidade, escutarás melhor os apelos daqueles que sofrem e que choram; apurarás os ouvidos para eles, ficarás comovido e, num lance fraternal, voltarás a subir os degraus que tens diante de ti, para tomares em teu coração toda a miséria e toda a dor. Sentir-te-ás chamado a fazer uma obra útil para conduzires mais felicidade e mais luz, primeiramente ao teu lar, ao teu país, à tua raça, a toda a humanidade.

Teus irmãos têm necessidade de ti. Não resistas ao seu chamado.

*

* *

Não é para si só que o Iniciado recebe a Luz. Recebe-a para difundi-la em torno de si como o diamante se coroa de fogos e de irradiações. E estes fogos não lhe pertencem. Vêm deste sol sublime onde o próprio espírito não pode atingir. Não

concebas pois orgulho do saber que vais adquirir. Espalha-o e sê feliz do bem que verás florescer. Lutarás com todas as tuas forças contra a vaga sombria das idéias falsas que ensombream e entristecem a tua atmosfera. Infundirás a serenidade e a ternura nessa multidão que geme na sombra. Dá-lhe o que tu sabes. Teu dever ideal é sustentar aqueles que enlanguescem e se deixam vencer sem esperança e sem fé, desesperados, cansados, sem coragem. Tu te esforçarás para realizar um ideal que vive sempre latente, no seu cérebro e no seu coração, porém que está enterrado sob tantos escombros que não podem formular o pensamento, dele, nem tentar realizá-lo em uma ação social.

Todos estendem os braços para um amanhã melhor, que suprimiria a luta das classes e os atritos econômicos, e que faria desaparecer as guerras e extinguir todos os ódios. É aos adeptos que pertence o direito de responder a este apelo desesperado.

A humanidade, ansiosa e dolente, suspira na sombra espessa. As necessidades da hora criam para nós deveres novos. Cabe-nos fazer a luz e a harmonia aí onde eles fazem falta.

Adepto, eis aí o teu ideal. Tu terás o poder de responder e serás ajudado para realizá-lo. A hora soou para ti. Tu deves trabalhar mais do que aqueles que trabalham sem esperança e sem fé.

Apressa-te, pois, se a tarefa é rude, a recompensa ultrapassa a tua esperança.

PRIMEIRA PARTE: AS GRANDES CORRENTES INICIATICAS DA CHINA IMEMORIAL ATÉ NOSSOS DIAS

A CIÊNCIA SECRETA

Em todos os tempos, vemos sábios, pensadores, preocupados com o problema da Evolução. — O fim de todos os esforços foi sempre uma comunhão com os mundos desconhecidos no qual nós somos banhados. — Necessidade de um duplo ensinamento: — exotérico, público, — e esotérico, reservado a um grupo seletivo. — A parte exotérica das filosofias e das religiões é a mais conhecida. — O segredo ao qual estão presos todos os iniciados tornam difícil a restituição da Ciência Secreta. — Como tornar-se um iniciado. — Adquirir primeiramente uma visão mais alta e mais nítida dos conhecimentos humanos. — O laço entre todas as religiões, a semelhança de todos os ritos, a unidade de seu ensinamento. — A religião é necessária ao homem. — O iniciado está acima, ou antes, fora de todas as religiões, na sua forma material, porque caíram todos os véus que lhe dissimularam a idéia.

Não é recente a preocupação do homem em conhecer os mistérios de sua essência e do seu destino.

Naturalmente, estes mistérios que, na juventude da humanidade, ultrapassam os outros em número, não interessam as inteligências rudimentares, mas os inspirados, os sábios, procuram achar estas verdades na esperança de as comunicar imediatamente aos seus pobres irmãos e de apressar a sua evolução.

Tão longe quanto nós possamos remontar à história, vemos estes pensadores renunciarem à vida ruidosa; eles são retirados do mundo e, em uma calma favorável à meditação, resolvem ultrapassar as contingências, as vãs

agitações humanas para meditar sobre a vida real, para subir além dos efeitos e das causas.

Os primeiros desses pensadores cessaram de se entregar às forças que os dominaram, procuraram conhecer estas forças, a adivinhar a sua origem, a dominá-la tanto quanto possível; reconheceram que estas forças obedecem a um ritmo, que eles estudaram nas suas manifestações em aparências múltiplas; acham-se em presença de *Leis* que eles são forçados a penetrar; conhecem o segredo dessas leis e desses ritmos; procuram e descobrem o Segredo da Vida, de uma vida bela, feliz e harmoniosa.

O fim que eles encontram na vida humana é a Evolução, mas esta *Evolução* que é? Que somos nós mesmos? Donde viemos nós e para que fim tendem os nossos esforços?

Onde nos levam os nossos destinos?

Se é como sabemos que é em todas as iniciações, para o aperfeiçoamento pessoal, não poderemos apressar este aperfeiçoamento?

Não poderemos adquirir estes poderes maravilhosos, estas faculdades quase desconhecidas nas quais estão sempre as palavras de Iniciado e Iniciação, abrindo-nos as portas dos mundos desconhecidos que a Verdade esclarece com um sol maravilhoso?

A esta questão, os *Sábios* de todas as épocas respondem afirmativamente. Eles estudam as forças da natureza humana e penetram o segredo da natureza das forças que nos rodeiam, que são sensíveis em nós e ao redor de nós. Eles nos ensinaram a posse e a direção das forças, a fim de que elas sejam utilizadas para a nossa melhor evolução: eles nos ensinaram a dirigir estas forças

em lugar de sermos submetidos, ao menos a fazermos uso da sua direção como o cavaleiro se serve de seu cavalo, ainda que este seja mais forte do que ele.

Por este conhecimento, demonstraram-nos que nós podíamos ser senhores de nós mesmos e que podíamos possuir também outros poderes.

Ensinaram-nos a realizar o maravilhoso equilíbrio do coração, do espírito e do corpo que nos une a este ritmo absoluto que dirige os mundos.

Dos efeitos, que todos reconhecem e que caem sob os nossos sentidos, estes inovadores, estes campeões do pensamento humano são conduzidos às causas; eles nos revelam os motivos da desigualdade das condições humanas e de todas as amarguras, de todos os sofrimentos; eles nos levam o Segredo que dá alegria ao coração e, com ele; o pleno desabrochar do espírito, a calma soberana, o apaziguamento do anseio, da inquietação que é o cúmulo da força.

Eles nos conduzem, estes sábios de todos os tempos, para os cimos onde floresce a luz em flamas e em vibrações mais belas do que a música e do que a poesia.

Estes são os que fazem compreender que somos sujeitos a esses Ciclos mutáveis que animam, de transformação em transformação, pela senda da dor, da reflexão e do trabalho, a uma condição melhor de pensamento, a esses como que nós cuidamos com a aspiração mais ardente, ainda antes de obtê-los.

*

* *

O fim de tantos trabalhos é um conhecimento melhor, mais ardente e mais perfeito de nós mesmos; é uma comunhão mais íntima com este mundo desconhecido e sensível no qual estamos banhados.

Para virmos a ser elevados a tal altura é preciso aperfeiçoar o nosso espírito, depurar o nosso coração, despojarmo-nos de todo o sentimento egoístico, estreito e mesquinho para aderir à solidariedade dos outros seres, a este altruísmo que é a mais bela forma de nossos sentimentos. Tal é o fim da nossa vida e todos os *Sábios* nos ensinam isso, seja claramente, seja sob o véu mutável das imagens e dos mitos.

Somente aproximando-nos deles poderemos compreender toda a beleza do fim oferecido aos nossos esforços.

Alguns se admiram que esses pensadores não tenham apresentado a totalidade de seus conhecimentos sob uma forma acessível a cada um.

É preciso dizer que a dificuldade dos tempos não permitiu sempre entregar a todos, como desejavam, o conjunto do seu trabalho-, não lhes foi possível oferecer a todos sob uma forma acessível. Todos os seres não estão em estado de suportar esta revelação: uma preparação é necessária, porque os cérebros que se acreditavam muito fortes perderam a sua calma em presença desses poderes novos, quase ilimitados, desses meios inesperados de percepção e de conhecimento.

Outros não têm realizado esperanças que eles tinham inspirado; viram nestas revelações possibilidades de lucro, satisfações da vaidade, meios de domínio inteiramente incompatíveis com o alto ideal que deve nascer de tais estudos.

Todos estes investigadores, cujo pensamento ilumina ainda o campo indefinido do conhecimento, todos estes guias de nossa evolução do qual cada um tem presidido a uma fase da nossa civilização: *Fo-Hi, Rama, Krishna, Buda, Confúcio, Lao-Tseu, Hermes, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão, Jesus*, todos deixaram ensinamentos e uma tradição apropriados às necessidades da sua época,

os quais é preciso conhecermos e dos quais nós devemos tirar proveito para a nossa orientação moral.

A sua ação, cuja lembrança temos conservado, as direções morais que têm sido levadas a deixar as suas escolas e que formam o tesouro de nossas noções são nossa preciosa herança. A verdade que eles têm enriquecido e proclamado, têm adaptado à sua época, à mentalidade daqueles que os escutam, mas nós não podemos ainda servir-nos dela utilmente.

Todos esses sábios entreviram o problema. Por diferentes caminhos, e caminharam para a *Luz*. Eles todos têm procurado meios de apressar a evolução individual e social dos seres e das nações. Todos têm reconhecido a necessidade de elevar o ser acima da matéria, de dirigi-lo para as alturas, de guiar o seu espírito, de abrir o seu coração e a sua alma a toda esta beleza, aos *Ritmos* divinos que nos sustentam e nos fazem compreender o que seria o mundo se nós tivéssemos dele uma concepção mais pura da realidade.

Esta maravilhosa ação, eles a cumpriram segundo os elementos de que dispunham, segundo a probabilidade de seu tempo.

Todos esses sábios reconheceram que o ser humano, ainda muito apegado à matéria, não estava prestes a receber o conhecimento integral da *Verdade*. Se esta *Verdade* absoluta fosse conhecida e obedecida por todos, mudanças profundas e inesperadas operar-se-iam no *Universo*. A vida social seria construída sobre uma base diferente. As relações sociais seriam modificadas e os bens a adquirir seriam disputados sobre um terreno bem diferente daquele em que o nosso tempo anima a formidável luta pela vida.

Então, o *Saber, a Inteligência, a Bondade, os Poderes* psíquicos seriam as verdadeiras riquezas e todo ser mais evolucionado gozaria de imensos poderes cujo único pensamento nos mergulha em abismos de admiração.

Porém, o mundo está longe de estar prestes a este desabrochar completo. Portanto, será perigoso e ilógico dar explosivos a uma criança, como seria imprudente dar ou confiar os segredos àqueles que não estão em estado de compreender.

Um dia, o menino será homem e poderá servir-se dos explosivos terríveis para trabalhos úteis; do mesmo modo que os povos, um dia, compreenderão o verdadeiro fim da vida, podendo ser iniciados. O santuário do conhecimento será então aberto a todos.

Longos séculos de espera são ainda necessários. O domínio destes conhecimentos não admite revolução, mas uma evolução contínua. Toda revolução destrói e a evolução constrói. Esta construção que os séculos começaram deve ser efetuada normalmente, lentamente, sem relâmpagos e sem detenções.

*

* *

Os *Sábios e os Iniciados* de todas as idades, em todos os domínios, têm oferecido um duplo ensinamento:

- 1º. Um ensinamento exotérico destinado à multidão, não considerado como uma casta intransponível, mas como a totalidade daqueles, qualquer que seja a ordem, que não estão em condições de se conduzirem por si mesmos e de aceder subitamente ao saber.

Este ensinamento não podia, pois, ser senão em uma direção moral, regando melhor as forças e os sentimentos de cada um.

Daí, vemos os *Mitos*, os *Ritos* e os *Símbolos*, cujo fim tem sido velar, sob a forma mais bela e mais harmoniosa, os ensinamentos que não eram levados a todos. Desvendar neste momento e, por isso, os resultados da causa profunda e secreta destas formas e destes mitos seriam mais perigosos ainda do que inúteis.

2º. Um ensinamento esotérico. Aqui, mais mistérios e quase uma revolução cheia e inteira de segredos os mais profundos.

Esta iniciação foi sempre reservada a uma elite preparada de longa data, ao ensinamento. Antes de lhe confiar a ciência, dava-se conta que o futuro adepto possuísse as qualidades requeridas: que o seu julgamento fosse reto; que o seu coração fosse firme, inimigo da matéria e preservado de todas as vistas cúpidas.

Era verificado que o seu coração possuía sentimentos elevados, que era capaz de tomar interesse pelo bem comum, da verdade, de um alto ideal, ao qual estava prestes a sacrificar tudo e ele mesmo; que ele tinha, na realidade, o sincero desejo de elevar-se, de vir a ter um guia fraternal e seguro.

Por toda parte, nas correntes iniciáticas, filosóficas e religiosas, ao lado do ensinamento exotérico cuja forma exterior nos fere muitas vezes ainda por sua beleza ou pelas aparências estranhas que encobrem interpretações ocultas, encontramos uma parte iniciática que é o apogeu e o coroamento. Este fato é real no Egito, como na Índia, na Pérsia, como na Grécia antiga.

O Cristianismo, como todas as religiões, possuiu, ao começo, a sua *tradição iniciática*, mais revelada por São João, no seu Evangelho e sobretudo nas

figuras misteriosas do *Apocalipse*. Esta tradição foi, em seguida, condenada como levando à Igreja as causas de perturbações. Mas pode ser encontrado o traço dela em todas as iniciações gnósticas, que se sucederam à igreja primitiva, até nossos dias. Do mesmo modo, o Islamismo possui a sua tradição esotérica no Sufismo.

*

* *

A parte exotérica é naturalmente a mais conhecida das filosofias e das religiões. Sobressaem nelas as belezas exteriores e artísticas do mais magnífico florescimento. Baseando-se sobre o ensinamento exotérico, onde os mestres de todos os tempos resumiram o seu pensamento em formas acessíveis à multidão, é que se imaginou que existem, entre as religiões e as iniciações, divergências Inconciliáveis. É que, nesta parte da revelação, os *Sábios* foram forçados a ter em conta toda espécie de contingências; eles tiveram de adaptar-se ao tempo em que viviam, aos costumes que dependiam do estado da civilização nessa época e às tendências que floresciaam naquele momento na nossa história.

Qualquer que seja a unidade de uma doutrina, não se pode apresentar sob a mesma forma a um hindu e a um europeu, cuja mentalidade é muito diferente.

Por outro lado, as formas naturais não se apresentam da mesma maneira em todos os lugares. A beleza visível é diferente por toda parte. Se os egípcios empregaram o papiro e o lótus, os gregos a acanto, e os europeus o lis, o trevo e outras plantas autóctones, é que eles tiraram da natureza circundante estes modelos de suas criações.

O mesmo se dá no que concerne ao pensamento. Apresenta-se sob a forma mais acessível àqueles que devem compreender; têm-se ornado de todas as magias da forma e da palavra, que não têm sido sem alguma modificação. Mas, sob

as suas aparências mutáveis, o pensamento permaneceu o mesmo. A bondade, a virtude, o desinteresse são a base desta direção para um melhoramento da alma.

Este melhoramento não se pode fazer sem conhecimento de causa e o nosso primeiro dever é de penetrar neste conhecimento do ser, do nosso ser pessoal, primeiramente; depois, pelo estudo e pela analogia, que é a chave de muitas ciências, da *Natureza e do Espírito*, desde as formas inanimadas, desde as primeiras palpitações da vida orgânica, até ao *Espírito puro, até a Deus*.

*

* *

Quanto ao ensinamento esotérico, permaneceu em condições fragmentárias no que as religiões e as literaturas nos têm deixado sobre as antigas iniciações. O fato deste ensinamento ser secreto, não lhe permitiu uma difusão que nê-lo tivesse melhor conservado.

Os mais aproximados de nós entre estes mistérios, os *Mistérios de Elêusis*, não são notados senão sob a forma de alusão pelos dramaturgos gregos; ainda Eurípedes incorreu nas reprovações por ter falado mais abertamente do que se falava. Ele não era um iniciado de ordem muito elevada. Portanto, para transmitir as verdades adquiridas e não deixar penetrá-las por aqueles que não tinham qualidades para serem admitidos, era preciso conservar-se no domínio, dos mitos e dos símbolos.

Cita-se que um pitagoriano, no momento em que a ordem toda estava em via de perseguição, não podendo pagar completamente seu hoteleiro, deixou-lhe, com a promessa formal de uma pronta liquidação, um desenho geométrico que devia ficar exposto.

O hoteleiro teve confiança em seu hóspede e colocou o desenho bem à vista. Passaram muitos viajantes que não viram o desenho e não deram nenhuma importância; mas um pitagoriano veio, por sua vez, viu a imagem, informou-se da maneira por que ela viera à sua casa e, tendo sabido que o autor a havia deixado em pagamento de uma dívida anterior, fez o pagamento da quantia para que o desenho desaparecesse imediatamente.

Estes símbolos, estes mitos, eram admiráveis em todos os pontos, mas precisava ter a chave para compreendê-lo. Esta chave faltou a todos os pesquisadores. Tem-se, pois, o trabalho de agrupar um pouco destes elementos esparsos de todos os lados. Por outro lado, pelo seu caráter, estes símbolos estavam sujeitos a muitas interpretações, algumas vezes contraditórias. A explicação iniciática não se transmitia senão oralmente, sob o selo do mais profundo segredo. Por isso, os pitagorianos, que citamos porque o seu exemplo é célebre, tiveram a liberdade de se reunir, a sua tradição ficou intacta, mas quando a perseguição se produziu, ninguém pôde dominar o ensinamento dado.

Muitas indicações preciosas surgiram desses fatos e nós não fomos senão uma parte da tradição oral, necessitando ainda coordenar com a lógica e fazer suplementos, pela dedução e pelo estudo das partes que nos fazem falta.

Resta-nos o que dão os símbolos, o que dão os livros sagrados, as inscrições votivas, esses símbolos pintados ou esculpidos.

Aí, na presença dos fatos materiais e mais facilmente domináveis, o trabalho é menos penoso, tanto quanto os arqueólogos tem levado voluntária ou involuntariamente, o seu contingente de descobertas às pesquisas do *Iniciado*.

É preciso ainda uma paciente investigação e o agrupamento de muitos elementos esparsos para chegar a esta verdade que é o fim que nós visamos.

Todas estas religiões, todas estas filosofias, sob a multiplicidade de ritos e de símbolos, oferecem àqueles que contemplam, mesmo com olhos de curioso, de turista do ideal, vistas inesperadas, um panorama maravilhoso que atrai e retém o olhar, mergulhando o pensamento no abismo das meditações.

Aquele que chega por acaso a estes estudos, por pouco que seja capaz de extrair deste assunto algum proveito, faz todos os dias verificações singularíssimas, que dão ao seu espírito a vertigem do Infinito, encantando o seu coração pelo vivo esplendor dos cantos e das imagens e, sobretudo, pela amplitude das lições que lhe são dadas!

*

* *

Este caminho maravilhoso não é, todavia, sem dificuldades.

Seria deixar-se arrastar pelas esperanças vãs, imaginar-se que o acesso pode ser imediato e absoluto ao ser humano, mesmo para aquele que é bem dotado, no domínio da Sabedoria; é preciso uma longa preparação.

O primeiro estágio desta parte da nossa evolução é a libertação de todas as idéias que tínhamos do hábito de nutrir e que, antes de serem adotadas por nós, deveriam ser submetidas a um exame perfeitamente crítico de nossa parte.

O nosso sentido crítico não era talvez tão fortemente esclarecido no momento em que empreendemos a nossa formação intelectual; é preciso, pois, segundo a expressão de Descartes, fazer tábua rasa de nossas precedentes aquisições e recomeçar toda a nossa vida interior começada, como se fôssemos crianças, ávidas de aprender, mas submetidas a esse mestre que é para nós a iniciação começada, a verdade com a qual convém que estejamos em perfeita harmonia.

Este pensamento não nos deve parecer exageradamente penoso; em todo caso, a sua utilidade é imposta; os preconceitos admitidos dão ao panorama dos conhecimentos que adquirimos uma cor que não é a da realidade.

Não é senão no momento em que nós adquirimos por nosso próprio esforço um espírito imparcial e absolutamente objetivo que a verdade nos aparece em todo o seu maravilhoso conjunto!

Então, o que nos parecia absoluto é único, aproxima-se de outros fatos que nós não tínhamos percebido.

O laço de todas as religiões, a semelhança de todos os ritos, a unidade de seu ensinamento nos conduzem a uma evidência.

A diversidade dos dogmas não basta para velar a maravilhosa beleza dessa unidade oculta que nos apareceu como uma separação entre os homens; torna-se um laço mais para eles, uma razão nova de experimentar o mais fraternal amor.

É o que exprime excelentemente Burnouf, dizendo:

"Toda a ciência, a das religiões ainda mais do que as outras, quer um espírito livre e desprendido de idéias preconcebidas; como ela se dirige ao brâmane na Índia e ao budista em Sião ou na China, quanto ao cristão na Europa, tem, portanto, toda a necessidade de guardar cada um a sua fé no seu próprio coração e permitir à sua inteligência seguir as vias que a razão lhe abre e que não são nem menos seguras nem menos obrigatórias do que aquelas da fé". — (Ciência das Religiões).

Esta concepção de uma religião única, variada somente pelas prescrições e pelos ritos apropriados às necessidades de cada raça e de cada povo, interdita todo ódio e todo sectarismo.

Aquele que está elevado até esta verdade, ama todos os homens; porque todas as religiões tendem para o mesmo Deus.

Burnouf demonstrou luminosamente esta unidade das religiões.

"Há — diz ele — nas religiões uma idéia fundamental, que é preciso ter presente ao espírito, sem cessar, quando se percorrem os fatos constatados pela lingüística e pela arqueologia, porque esta idéia dará a interpretação dos fatos. A ciência cessa então de ser uma pura análise e toma o seu lugar na ordem das ciências fisiológicas. Esta idéia, que responde à vida na fisiologia, animal ou vegetal, não é hoje mais um mistério. Ela pode ser lida, enunciada cem vezes em termos simples nos Vedas; depois, uma vez que tenha sido tomada, encontra-se por toda parte nas religiões dos tempos posteriores: anima as cerimônias do culto, oculta-se sob os símbolos, dá os seus sentidos à expressões dogmáticas — os seus sentidos, a sua direção e a sua nidade, espalhando-se enfim nas doutrinas morais, em práticas e em conseqüências de toda espécie, de que o gênio dos povos e a natureza dos meios bastam para explicar a diversidade."

Elevando-se a estas alturas, percebe-se uma espécie de harmonia perfeita nesta unidade das religiões; encontra-se esta unidade em todas as manifestações da idéia religiosa; as fórmulas diferentes dissimulam a custo esta unidade das mesmas verdades, das mesmas tendências; não se julgam mais as tendências de um povo ou de um culto sobre um fato isolado que nos desnortearia mais ou menos, porém, este fato estranho, comparado com os outros, semelhantes a tal ramo da família humana, e se descobrem os laços que os prendem ao *Absoluto*, que é a necessidade de todos os corações!

*

* *

A Religião é uma necessidade do homem, uma necessidade do *Espírito*.

Antes de tudo, em um período de animismo, o homem, maravilhando-se da vida singular que desperta o sonho, descobriu uma parte imaterial em si mesmo, uma parte de que ele ainda não tinha conhecido a causa.

Há, mais ou menos empiricamente, o reconhecimento do duplo, do perispírito, da alma, e alguns fatos surgiram que lhe revelaram a sobrevivência destes seres já desprendidos da matéria, e então acreditaram nesta sobrevivência; procuraram assegurar-se por todos os meios e tornarem-se favoráveis aos que eles julgavam existir em um outro mundo posto que estivessem invisíveis.

O fetichismo veio em seguida. O homem percebeu que a parte imaterial de seu ser é solidária às outras partes; pode-se desde esta vida operar sobre a alma, perturbá-la ou sustentá-la.

Resulta um período onde reina a mais baixa e a mais obscura magia, a feitiçaria mais negra.

Temem, então, a má influência dos mortos.

É daí que resulta o material pueril e complicado para se tornar favorável às potências invisíveis e também os objetos que servem para afastar o perigo oculto, assegurar a sua proteção; talismãs, fetiches sobretudo, que não pedem grandes conhecimentos e são as mais das vezes objetos usuais e grosseiros, aos quais se atribuem um estranho poder.

Este fetiche, melhor talhado, vem a ser depois um ídolo que serve, algumas vezes, para evocar o espírito dos mortos.

A inteligência, desenvolvendo-se, não se contenta com estas idéias vãs, com estas vãs imagens; eleva-se a conhecer as leis; compara os princípios e efeitos.

Reconhece a ação de um ser superior aos homens; faz um apelo a estes poderes desconhecidos; pede tudo o que é necessário a este princípio das sociedades.

É então que as forças abstratas lhe são reveladas e que, para as compreender um pouco as tem personificadas com todos os recursos da arte nascente.

Então, cria-se a Mitologia, esta personificação de todas as forças que atinge o seu apogeu tanto na Índia como na Grécia.

Estas lendas transparentes para os iniciados contam as idéias abstratas ou os fenômenos cósmicos que a multidão, mal esclarecida, não podia atingir.

Para esta multidão, os padres, os sábios, os diretores espirituais ocultam a verdade sob o véu harmonioso da lenda; enfeitam-na com as mais belas formas, porque eles sabem que os seus pensamentos não eram acessíveis àqueles que não eram iniciados e que precisariam, no entanto, satisfazer este apetite do divino, que reina em nosso coração.

Este foi o reino do politeísmo. É um erro pensar que os espíritos esclarecidos destes tempos acreditavam em muitos deuses. Eles sabiam bem que um único pensamento, uma única lei consciente pode dirigir o universo ou os universos, mas estas imagens representavam, na realidade, idéias e forças naturais, às quais só o vulgo dava uma existência pessoal.

Todavia, este erro aparente podia perpetuar-se e o povo recebia, com as iniciações semíticas, a consciência do verdadeiro Deus, único e perfeito, que fez o que governa o mundo.

Por outro lado, os ritos têm a sua razão de ser. Burnouf, na *Ciência das Religiões*, diz muito justamente:

"As religiões constituem um ato de adoração e a adoração é, ao mesmo tempo, um ato intelectual, pelo qual o homem reconhece uma potência superior e um ato de amor pelo qual adentra a sua bondade. Estes atos não são abstrações e não podem explicar abstrações científicas. São realidades em que o homem é o autor desde os tempos antigos! São obras que não têm cessado de cumprir em épocas de alta civilização e em épocas de barbaria e decadência. É preciso admitir, para não acusar de insigne loucura todo o gênero humano, que as fórmulas sagradas, assim como os ritos e símbolos, cobrem qualquer coisa de real, vivo, permanente, que dá a todas as religiões a sua duração e a sua eficácia."

Seria também absurdo imaginar que o sentimento religioso pudesse ter sido criado por incitamento de uma pessoa qualquer. Como dissemos, há aí uma necessidade primordial da Humanidade e se encontra não somente em todas as fases civilizadas, mas também em todos os tempos e países mais selvagens.

Não há, nos momentos em que a intelectualidade tem sido a mais rudimentar, um povo absolutamente despido de religiosidade.

O homem das cavernas desenhou, sobre o osso dos animais mortos por ele mesmo, cenas religiosas; selvagens, das populações mais bárbaras, têm sempre um culto grosseiro, mas ao qual ajuntam uma importância capital. É preciso, pois, admitir que a idéia de *Deus* veio ao mundo com a *Humanidade* e que o homem admitiu esta idéia desde que ficou surpreendido de pensar; misturou-a ao sentimento das necessidades materiais, das quais servia para se defender dos animais terríveis das eras antediluvianas; ele se preocupava com ela ao mesmo tempo que se preocupava na luta contra a fome e o frio.

Na presença dos fatos tão certos e tão gerais, é necessário admitir que existem idéias inatas na Humanidade, idéias eternas que ela traz de sua origem e que talvez nos revelariam essa origem se nós estivéssemos em estado de compreender tal como a Humanidade primitiva pôde compreender.

Na *Ciência das Religiões*, *Burnouf* demonstra que existe uma idéia eterna à base da religião:

"O trabalho do espírito que se esforça para elucidar constitui a ciência (veda). A palavra que a exprime é a mais alta e a mais compreensível de todas as palavras; é a palavra, o verbo (vak); e a voz que enuncia esta palavra exprime um

canto sagrado. Este canto, esta palavra, esta ciência, esta razão, esta idéia, eis aí o elemento persistente de tudo o que existe; este elemento é, ao mesmo tempo, o agente da vida, o primeiro motor. Todos estes caracteres reunidos pertencem a u'a mesma época de estado do ser perfeitamente abstrato, porém que não pode ter de individual à maneira humana. Cada ciência, cada culto, cada língua, chamam-no de u'a maneira; mas o seu verdadeiro nome é Deus, pai universal e autor da vida, Ahura, Brama."

*

* *

Esta concepção de Deus, pai e criador, é a do iniciado.

Não está submetido a esses mitos e ritos, que têm sido criados para aqueles que não têm seguido a senda da ciência. O iniciado está acima da religião, porque, para ele, os véus caíram, todos os véus que ocultavam e dissimulavam a idéia.

Admira Deus diretamente e tudo o que é intermediário é, para ele, completamente inútil.

Como todos os seres humanos, o iniciado reconheceu a necessidade da fé. Mas a sua fé não é a fé cega e estúpida da multidão. É uma fé consciente, que está baseada sobre o conhecimento e que cresce justamente deste conhecimento para entrar no domínio do intelectual.

O iniciado não julga útil fechar os olhos para ver; raciocina sobre as verdades que ele aceita; seu espírito possui esta síntese de todas as religiões, de todos os esoterismos; a aliança da ciência e da fé.

Percebe a necessidade de um pensamento diretor de todos os nossos atos. Sabe que a vida não nos é dada sem uma causa e que ela não escoará por acaso; sabe que todos os acontecimentos nada terão de fortuitos, que eles sucederão segundo um plano traçado por ele, que se esforça cada vez mais para aderir a esse plano e de conformar toda a sua vida, que tem o direito de atingir as satisfações, as realizações prometidas.

O iniciado tem a consciência de que existe um Deus único, criador de todas as coisas que Ele anima, desde a pedra até o homem; nada para ele existe senão segundo as leis sábias e justas.

Mas ele sabe também que esta certeza tem sido encarada por todas as religiões e traduzidas por elas de uma forma diferente; sabe que a variedade do caminho tem conduzido para a mesma Luz, esta Luz que esclarece o espírito, todos os dogmas e todos os símbolos; compreende-os, admira-os como surtos do coração e da consciência da humanidade; admira essa unidade de sentimentos e idéias, que serve de base a todas as religiões, dá motivo a todos os ritos, como o ar vibra em todos os cantos e os eleva para o céu.

O iniciado, digno desse nome, coloca-se acima, ou antes, fora de todas as religiões na sua forma material. Não tem absolutamente necessidade de um culto para notar a presença de Deus. A vista maravilhosa da Natureza basta para ele como um Templo perfeito, onde se encontra em perene adoração. O iniciado compreende ou adivinha o que a Natureza lhe revela; os ritmos que ela manifesta e que são a prova evidente da vontade consciente que lhe deu a vida, aparecem-lhe em todo lugar. E é no seio da Natureza, na comunhão com os ritmos, que são a sua voz pessoal, que ele percebe melhor o divino e que se une com todo o fervor de seus sentimentos e de seu espírito.

Toda forma de vida é para ele um motivo de estudo. Todo ser lhe revela uma parcela da divindade. Abre o seu coração a todas as coisas que evoluçionam, com todo o amor, com esse amor infinito que sobe em graus ascendentes de sua própria evolução!

Nos centros iniciáticos o iniciado achará a mesma unidade que lhe aparece em todas as religiões. Os ritos, que têm exprimido as verdades absolutas, têm a mesma origem e são somente de um simbolismo menos material. Todas as iniciações têm prosseguido para o mesmo fim. Todas têm oferecido ao adepto os meios sempre mais numerosos e mais perfeitos para se analisar, para se aperfeiçoar, para adquirir virtudes e conhecimentos, para se elevar aos novos cimos divinos.

Porém, enquanto a religião se dirige à multidão, enquanto a seduz pela beleza dos ritos e comove pela doçura de seus ensinamentos, os Centros Iniciáticos revelam a verdade pura e indicam uma ascese, permitindo atingir aos mais altos cumes e transpô-los mais rápida e seguramente.

Nos grupos citados, o ensinamento não é sobretudo teórico e geral, porém essencialmente prático.

E além de prático é pessoal.

Um Centro Iniciático não pode admitir senão membros já eleitos, já quase iniciados pelas suas pesquisas ou pela sua vida e que estão prestes a compreender e assimilar o que lhes disserem para sua melhor evolução.

*

*

*

O fim de todas as religiões, como o de todos os centros iniciáticos, é sensivelmente o mesmo, apesar da diferença dos meios; por toda a parte o fim é desprender a alma da matéria para aproximá-la de Deus; porém, a iniciação dá os meios mais seguros e mais rápidos, mais conscientes.

Nos seus comentários sobre os "*Versos Áureos de Pitágoras*", Fabre d'Olivet nos diz:

"Todas as iniciações, todas as doutrinas mitológicas, não tendem senão a livrar a alma do peso da matéria, a depurá-la, a esclarecê-la pela irradiação da inteligência, a fim de que, desejosa de bens espirituais, possa lançar-se fora do círculo das gerações para se elevar até a fonte de sua existência".

Os meios de ascensão para atingir este fim tão nobre são igualmente comuns às religiões e aos centros iniciáticos. Eles comportam antes de tudo uma parte exotérica e, em primeiro lugar, o Conhecimento de Si mesmo.

Efetivamente, nós não podemos fazer nada de útil para percorrer a senda iniciática, se nós não conhecemos o nosso ser em si mesmo e nas suas relações com Deus, com a Natureza, com a Humanidade, da qual dependemos e que atingem todas as nossas ações.

Devemos, em seguida, depurar o nosso corpo por uma vida sã e regular, por uma higiene bem compreendida que não possa prejudicar a parte espiritual pelas alegrias muito animais, nem destruir o bom funcionamento dos órgãos pelas privações inconsideradas. Uma direção é útil para atingir este justo meio.

O espírito tem necessidade de educação; devemos desenvolver estas faculdades sem lhe permitir dissecar a vida sentimental e não lhe autorizar senão pensamentos cujas vibrações sejam benéficas tanto para nós como em torno de nós.

O coração tem necessidade de expansão, mas não é pela expansão que nos tornamos um deus. Só o altruísmo dará a paz e as alegrias necessárias à sua evolução.

Enfim, para responder à necessidade mais elevada da nossa natureza, é necessário admirar a Deus, render-lhe, no nosso coração e no nosso pensamento, um culto que adornaremos de toda beleza possível, porque o amor e o reconhecimento se comprazem nos seus deveres.

Na parte esotérica, a iniciação dá aos seus adeptos o que a religião não saberia, sem perigo, conferir aos seus.

É o conhecimento das forças misteriosas que estão em torno de nós e em nós mesmos.

Ele ensina que o poder é ilimitado pela Vontade e pelo Pensamento. Ele demonstra que toda a realização não depende senão destas duas forças e que ela pode ser despertada como um poder verdadeiramente sem limite àquele que sabe usar tal conhecimento. A iniciação lhe revela ainda que é a força vital de que todas as religiões falam sob o nome de calor, porque não é vão nem sem causa que a idéia de vida está ligada a do calor natural. E esta idéia primordial, que conduziu todos os centros iniciáticos a se ocuparem especialmente do Fogo como agente físico, considerando-o como a representação da Força vital e, partindo desse dado, eles têm feito um ser metafísico que é o coração do mundo, comunicando-lhe o calor e a vida.

Nos tempos antigos, o Fogo foi adorado como um símbolo da vida; desde a primeira civilização tem imperado sobre o altar e lhe renderam homenagem como uma imagem divina, porque representava o poder da vida e a flama do pensamento.

A iniciação desenvolve nos seus adeptos faculdades novas. Criou neles uma intuição mais poderosa, percepções mais vivas e mais seguras; o campo do conhecimento se torna, efetivamente, mais extenso pela acuidade da percepção. Eles aprendem ainda a agir sobre os outros seres; as forças que eles adquirem devido à sua ascese não lhe servem somente a querer ardentemente o bem, mas também a realizá-lo.

Eles possuem o meio porque a tarefa do homem não está acima de suas forças. Os agrupamentos são, pelo exemplo e pela união, fomentadores de energias.

As vontades enfraquecidas se levantam; os males do espírito como os males do corpo desaparecem pelo magnetismo harmonioso.

A iniciação confere ainda o conhecimento das forças ocultas das quais já temos falado. Estas forças que nos rodeiam e que dominam o profano, podemos chamá-las para fixá-las como sustentáculo da nossa ação. Elas acorrem ao nosso apelo quando ele é puro e sincero; é um fato do coração isento de toda visão pessoal. Elas dependem dos ritmos aos quais estamos submetidos, e esses ritmos são revelados aos adeptos quando eles têm atingido o grau em que esta revelação lhes é permitida. Conhecem, então, a lei do Carma, a Justiça das desigualdades aparentes da vida e todos os caminhos ocultos da nossa evolução.

Este ritmo misterioso nos é revelado diretamente quando os nossos sentidos, melhor exercitados, adquirirem uma sensibilidade particular, que os torna aptos a essas percepções.

E se o caminho aparece penoso e árduo, todos os adeptos se sustentam, não formando senão um coração e uma alma.

Trabalham uns pelos outros, revelando-se mutuamente a beleza da vida. Esta fraternidade ativa permite ao iniciado realizar plenamente. Ele conquista desse modo o seu lugar no mundo; toma a autoridade que lhe é necessária para trabalhar para a sua evolução e para a de seu ambiente.

O iniciado deve operar e apressar o reino do Bem.

Esta parte esotérica tem sido sempre a mais importante. Isso é de si mesma, porque a parte exotérica não pode dar à multidão senão idéias vagas, sobre as quais não lhe fornece senão explicações que não podem servir para dirigir no caminho da realização.

A multidão, assim considerada, deve escutar, fazer e compreender, se for possível. O ensinamento esotérico dá todas as chaves, abre todos os mistérios, maneja diretamente o ser e o conduz com passo seguro ao fundo do problema que subitamente se aclara.

O exoterismo é a teoria; o esoterismo é a prática.

*

* *

Seria certamente interessante mostrar a existência constante da doutrina esotérica; não, faltam documentos que conduzem à prova dessa certeza. Mas isso seria um trabalho considerável e sem utilidade imediata.

Precisaria remontar às épocas longínquas, à China que nos revela nos trigramas de Fo-Hi a primeira idéia da Trindade e de seus ritos baseados sobre o raciocínio; às Índias, mãe de todo o saber europeu; ao Egito que instruiu Pitágoras; à Judéia, que nos transmitiu a Cabala; à Caldéia, que nos legou as ciências de

observação; à Pérsia e à Grécia, que rivalizam para nos fazer conhecer os deuses sob as mais belas formas que não tinham escondido jamais o princípio de todas as coisas. Porém, para desfolhar esta documentação enorme, precisaria bem mais tempo do que o temos empregado.

A presente obra deve passar muito regular e rapidamente sobre esta parte histórica. Qualquer capítulo nos é suficiente para dar uma idéia geral, deixando para mais tarde voltar em detalhe sobre todas estas civilizações desaparecidas, se o tempo nos permitir.

O que é necessário aqui, é demonstrar que esta ciência secreta tem, em todos os tempos, feito parte do tesouro intelectual da humanidade. Em seguida, nos esforçaremos para desprendê-la dos mitos que a obscurecem, de torná-la precisa para os adeptos, pura e sem véus entre as mãos dos trabalhadores que seguem o mesmo fim que seguimos, que procuram na poeira das idades o segredo das direções nítidas e precisas que nos permitirão desenvolver em nós e em torno de nós todos os poderes necessários ao desenvolvimento deles e à evolução do mundo.

O ensinamento que damos no presente volume — aquele que demos no primeiro ciclo do nosso Centro Iniciático — é prático antes de tudo.

Este caráter realizador tem-nos forçado a algumas reservas.

Porém, como já temos dito, teremos ocasião de rever, porque constituem pontos que não são possíveis desenvolver em público, ensinamentos que teriam perigo de ser confiados aos profanos; estes ensinamentos são reservados a um pequeno número de pessoas que nos seguem verdadeiramente e não podem ser transmitidos senão por palavra.

Tal não é o fim deste livro, destinado a cair em todas as mãos.

Tal como se apresenta aos nossos leitores, temos a certeza de que ele já comporta muitos ensinamentos que não teriam encontrado em outra parte.

Apesar da reserva que nos é imposta pela prudência, preferimos que aquele que puser em prática seus conselhos, não por um dia, mas para modificar utilmente a sua vida, possa tirar os resultados mais felizes.

Pode-se mesmo esperar que a intuição se desenvolverá em nosso leitor, se quiser seguir os conselhos que são dados e que lhe permitirão adivinhar, em parte ao menos, tudo o que não nos é dado revelar aqui.

Ao trabalho, pois, leitor amigo! Este livro não pode e não quer ser senão o primeiro passo sobre a Senda; porém para quem tenha posto o pé sobre o caminho, virá o desejo dominador de o percorrer inteiramente.

Os primeiros esforços podem parecer penosos, mas a alegria é sempre maior para aquele que avança com um passo sempre mais seguro, que a verdade esclarece e que conduz à Felicidade pelos caminhos da Paz e da Bondade.

A CHINA

A civilização muito avançada da China. — O sábio Fo-Hi; ma obra: "*Yi-King*", onde estão contidos os mais altos e puros ensinoss, é voluntariamente secreta e metafísica. — A obra de Confúcio. — Sle comenta o "*Yi-King*", retomando a tradição sob a forma pessoal. — O culto dos antepassados. — O culto da família. — Lao-Tseu é, sob o ponto de vista iniciático, superior a Confúcio. — O "*Tao*" ou Livro da Senda e o "*Te*" ou Livro da Virtude e da Retidão. — O "*Kan-Ing*" ou Livro das Ações e das Reações concordantes. — A obra de Quangdzu. — As influências errantes. — Qualidades fundamentais do sábio. — O Dragão alado é, na China, a imagem do iniciado. — As seis etapas que o adepto deve franquear e a lenda do Dragão alado. — O inacessível Nirvana.

Entre as mais longínquas civilizações, a China é aquela que nos apresenta os mais velhos e conhecidos documentos, na sua antigüidade certa. Em qualquer momento que consideremos a China nas épocas em que nos é conhecida, encontramos-la de posse de uma civilização poderosa. Seus livros sagrados remontam a uma data difícil de ser determinada com inteira precisão, porém que é extremamente antiga. Tais como eles são, demonstram-nos que, em todos os tempos, a China gozou uma maravilhosa e refinada civilização, de uma perfeita organização social, política e religiosa.

*

* *

O mais antigo sábio, de que a história nos tem transmitido a memória, é Fo-Hi. Teria reinado na China, talvez, na qualidade de imperador a partir do ano 3468 antes de Jesus Cristo.

Empregou todo o seu poder em espalhar os dons morais entre o povo. E' a ele, ou à sua escola, que é devido o livro sagrado Yi-King, onde estão contidos os mais altos e puros ensinamentos.

Por mais longínquo que seja, Fo-Hi se refere a outros sábios; declara querer legar à posteridade os trabalhos de seus antepassados. Estes trabalhos, ele os transmite em seu livro sob a forma voluntariamente secreta, metafísica. Matgioi diz, falando a seu respeito: "*Ele compreende que um dia, pelas raças futuras, a sua época será um passado igualmente abstruso e difícil de ser percebido*".

Ele sabia, pois, que o homem rejeite voluntariamente o que lhe parecia como comum e cotidiano, e que os sábios recolham essas palavras secretas com tanto mais cuidado quanto eles se adestravam em estar isolados. É neste conhecimento que Fo-Hi velou a verdade, no temor de que ela se perdesse; é assim que ela chega até nós, enriquecida pelos comentários dos discípulos de todos os tempos que se sucederam depois. Quanto a determinar, com toda a precisão desejável, a época em que Fo-Hi pode ter vivido, fiamo-nos nos historiadores chineses, tanto mais difícil de controlar quanto o modo de considerar o tempo não é absolutamente igual ao nosso.

Todavia, Fo-Hi mesmo dá alguma referência deste tempo para determinar um estado do céu que nos pode dar uma data mais aproximada. É o que Matgioi assim exprime:

"Ele não data a sua obra de uma época convencional ou do nome de um soberano que o tempo apagará da memória, mas de um estado solar e estelar que ele descreve com todos os detalhes".

A obra de Fo-Hi e de sua escola deveria, se devemos dar crédito à tradição, comportar três tratados, dos quais dois estão perdidos.

Resta só o Yi- King (mudança na revolução circular). Ele estuda as modalidades da criação em 64 figuras formando um círculo. Estas figuras, das quais cada uma constitui u'a modificação de hexagrama, são constituídas por combinações de traços e linhas.

Aos olhos do Sábio, estas figuras eram apenas simples ilustrações ou pontos de indicação de iniciado para iniciado. Mas a obscuridade se fez sobre esta tradição e não foi senão muito tempo depois que explicações, infelizmente breves e abstrusas, acompanharam estes 64 hexagramas ou trigramas duplos.

Um dos comentadores, a quem estas explicações são devidas pelos pesquisadores cuidadosos de absorver a instrução, foi o príncipe *Wanwang* (1154 A. C.) e, depois dele, *Tsheukong* (1122 A. C.) e *Kongtzeu*, que conhecemos melhor sob o nome de Confúcio (571-478 A. C.).

As explicações dos comentadores não trazem uma luz brilhante sobre a tradição de Fo-Hi, que permanece muito obscura aos mais reputados *sinólogos*.

Chantepie de la Saussaye nos diz:

"O sentido de conjunto e das partes (do Yi-King) é inteiramente obscuro. Tem-se ensaiado resolver o enigma pela mitologia (Mac Clatchie) e pela; lingüística comparada; tratar-se-ia, neste caso, de um vocabulário a ser explicado pelo acadiano Lacouperie. Supôs-se também que o Yi-King encerra um sentido profundo revestido de símbolos, uma cosmogonia filosófica onde domina a oposição entre o principio masculino e

o princípio feminino, entre o céu e a terra, entre Ying e Yang. Mas Legge nota que estas palavras não se encontram nas digressões ulteriores e que, mesmo aí, elas não possuem a significação filosófica que se lhes atribui; preferem ver no Yi-King a moral popular e os jogos de palavras, ora espirituosos, ora insípidos".

Em todo caso, ajunta Chantepie de la Saussaye, um tanto em contradição com a afirmação precedente, interessando-nos particularmente em ter mostrado que o Yi-King era realmente uma obra hermética:

"Uma coisa é segura: é que se serviam deste livro para a adivinhação e é a isso que o Yi-King deve a sua celebridade. Os comentários comparariam já as mudanças de figuras às mudanças da natureza e do destino humano".

Nós aqui estamos, pois, proporcionalmente, em presença de uma espécie de taro onde os iniciados declaram achar ensinamentos tradicionais relativos tanto à cosmogonia como à filosofia, enquanto o vulgo e aqueles que lhe davam alguma revelação consideravam este livro sagrado como um meio de adivinhação a quem pediam presságios sobre negócios particulares. Parece que esta seja a primeira, ou antes, uma das primeiras manifestações desta dualidade de pensamento: — a forma secreta guardada em favor de uma elite cuidadosamente escolhida e o pensamento exotérico espalhado no público sobre uma forma prática que podia parecer grosseira

aos iniciados, porém mais apta a penetrar em todos os meios, conduzindo-lhe a luz tanto quanto estes meios eram capazes de absorver.

O que parece certo é que a base do Yi-King está toda nas relações constatadas do ser humano com o universo. Matgioi, que é autoridade na questão, nota que o Livro dos Ritos de Tshéou se exprime assim, para fazer compreender, àqueles que o estudam, toda a gravidade dos ensinamentos que vão seguir:

"Antes de traçar os trigramas, Fo-Hi olhou o céu, depois abaixou os olhos para a terra, observou as particularidades, considerou os caracteres do corpo humano e de todas as coisas exteriores".

Vê-se que está aqui o princípio do ocultismo. E' o eterno dado de todas as iniciações: a relação do homem e de todo o universo, disso que a tradição hermetista chamará mais tarde, sobretudo no século XVI, a relação do microcosmo e do macrocosmo.

Fo-Hi, antes de deixar a seus discípulos a tradição que ele preparou para o estudo das obras anteriores, hoje desaparecidas, e por suas próprias meditações e observações, estudou o céu e a terra, elevou os seus olhares para as alturas e os abaixou para as profundezas.

Ele estudou céu e terra, isto é, como nós veremos estudando a lenda do dragão alado, estudou os dois princípios que se completam em uma aparente antinomia, o Espírito e a Matéria.

E os trigramas, nos quais tem condensado a sua forma iniciática, estabeleceram relações que ele descobriu.

*

* *

Confúcio ou Kongtzeu veio muito tempo depois de Fo-Hi, pois que viveu cinco séculos antes de Cristo.

E' como temos dito, um dos sábios que tem comentado com mais cuidado o Yi-King de Fo-Hi; porém, como seu mestre, não se contentou com uma compilação mais ou menos sábia dos livros de seus predecessores: retomou a tradição sagrada sob uma forma pessoal. Em Confúcio: o ensinamento que resulta desses livros, que têm ainda força de lei no Celeste Império, é sobretudo uma direção moral. Sua escola imita-o nisto.

Para eles, uma alta vontade se manifesta no equilíbrio perfeito da terra e do céu, no império equilibrante que une o homem às coisas da natureza. Para render graças aos poderes superiores deste maravilhoso e benéfico equilíbrio, instaurou-se um culto que consistiu na adoração do céu (Thian), na adoração do Imperador superior (Shangti), que é o poder criador e de diferentes espécies de espíritos: celestes, terrestres e humanos. Estes últimos são os avós dos vivos.

O culto dos antepassados é a base de toda a religião chinesa.

O fato de um culto cotidiano, culto que os sensibiliza, implica entre os Chineses de todas as épocas uma crença certa na imortalidade da alma.

O antepassado, sem cessar invocado por aqueles de sua linha, apresenta-se no meio deles. É consultado em todas as circunstâncias importantes, quaisquer que sejam as inquietações ou as moléstias imperantes na família atingida, ou seja, na escolha de um companheiro ou esposo para u'a moça ou para as decisões a tomar, em qualquer ordem que se apresentem. Dirigem orações aos antepassados e perfumes são queimados; rogam-lhe apoio, proteção, conselho.

Os vivos sentem no seu ambiente a presença própria dos avós. e, para captar esta boa influência, em datas determinadas, juntam, aos perfumes e às preces, sacrifícios de animais e oferendas de flores.

Efetuem-se mesmo festas suplementares no momento de graves acontecimentos, de nascimentos, de grandes empresas.

Além do culto dos antepassados, Confúcio dá uma direção moral a seus discípulos. A moral, associada à metafísica, faz-lhe mostrar o homem estreitamente ligado à harmonia universal.

Deste dado, ele conclui que a vida humana, em seus fatos costumeiros, deve ser regulada segundo o exemplo dos sábios e, sobretudo, segundo a marcha dos astros, soberanos guias da Natureza.

Não basta naturalmente preocupar-se dos dias e das estações; convém que o sábio desenvolva em seu ser qualidades necessárias ao seu aperfeiçoamento.

Entre estas qualidades, a primeira que ele ensina é o respeito, e esse ensinamento tem penetrado tão profundamente no espírito do público, que a nação chinesa ficou um modelo da cortesia mais modesta e mais florescente.

Em seguida, vem a franqueza; o Sábio deve manifestar a sua boa fé nas menores palavras, pôr-se em guarda contra a mentira que perturba o seu espírito.

Deve ser circunspecto nas suas expressões e, mais ainda, nos seus atos dos quais ele é sempre responsável.

A humanidade o constringe a não se orgulhar das situações mais altas para as quais ele pode ser chamado e, se uma mudança for produzida, deverá suportar o infortúnio e a baixaza com uma alma tão igual como primeiramente, porque o ato nos pertence, porém não os resultados que dele podem decorrer.

Deve ser benevolente e modesto, cheio de carinho para todos os homens e não se orgulhar da reputação que adquiriu. Não deve ter desgostos senão da justiça que lhe for negada, a despeito de seus esforços; pouco se importará de ser ou não conhecido dos homens ou mesmo apreciado.

Deve ser justo e devotado aos seus amigos, e mais ainda à sua família; todo o seu trabalho deve ter por fim aperfeiçoar as suas aptidões.

Esta negação de interesse material é a nota da moralidade mais elevada, pois que o ideal de cada um é a salvação do universo.

O culto da família não se limita aos mortos. Este culto reforça a autoridade dos ascendentes; o filho está sob a inteira influência dominadora do pai; o mais moço sob o domínio do mais velho; a mulher sob a obediência completa do marido. A mulher é respeitada como esposa, mas sobretudo como mãe. Como esposa, tem o direito de admoestar o seu marido, mas as suas reprimendas devem ser sempre ternas e amigáveis. A partir desse momento, a igualdade só é a regra das relações entre primos. Acima das relações da família, o mesmo respeito rege as relações da sociedade. O homem é solidário da sociedade da qual fez parte; dá todos os seus esforços para sustê-la e regenerá-la. Contudo, à parte o caso em que os Sábios têm poder para trazer novos ensinamentos sobre a terra, é mais ainda por sua virtude e seus exemplos do que pelas suas palavras, que o adepto deve empreender a sua obra de regeneração.

Tais são os preceitos de Confúcio, na parte de sua obra que é destinada ao público. Ela não podia senão dar conselhos os mais elevados na direção da sua vida particular e os mais submissos na vida social, a fim de que a paz, que é o maior dos bens, continuasse a reinar no império. Mas, ao lado dessas sábias palavras, Confúcio deixou outras mais sábias ainda sob uma forma mais secreta; suas obras

encerram um sentido oculto que desnorteia os pesquisadores. É aí que se manifesta todo o pensamento metafísico. Os livros de Confúcio não disseram ainda a sua última palavra. As seitas que possuem os ensinamentos secretos não serão desvendadas nunca. No tempo de Confúcio, a adivinhação era florescente. A arte de interpretar os presságios era extremamente espalhada e todo o mundo a ela recorria. O Shou-King, livro tradicional, nos afirma que, nos casos importantes e duvidosos, quando tinha tomado conselhos e os avisos dos grandes dignitários da Corte que tinha ouvido a voz do seu povo, o próprio Imperador podia consultar o Pou e o Shi; eram dois métodos adivinhatórios muito importantes, um operando por certas plantas e o outro pelo casco de certas tartarugas. Mas este método não era utilizado senão nos casos de litígio ou também se os presságios tirados de suas respostas eram duvidosos ou contraditórios.

Tinha-se também recorrido à sorte, como em todos os países do mundo, por meio semelhante ao nosso jogo de dados.

*

* *

Depois de Confúcio, o mais importante sábio da China foi Lao-Tseu, que nasceu aos 604 anos antes de Cristo.

A existência de Lao-Tseu é menos conhecida do que a de Confúcio. Se a sua vida privada é mal conhecida por nós, é que, como um verdadeiro sábio, ocultou a sua vida e não exerceu uma ação social exterior. Ficou na sombra e não foi oficialmente formado por escola.

Pode-se, no entanto, supor que tenha tido discípulos diretos.

Da obra de Lao-Tseu, que era, sem dúvida, a mais importante, três opúsculos somente chegaram ao nosso conhecimento.

Os dois primeiros, que são a sua obra direta, são o Tao ou Livro da Senda, e o Te, Livro da Virtude ou da Retidão. A terceira obra é o eco de seu ensinamento oral, é o Kan-Ing ou Livro das Sanções, ou antes, como nos diz Matgioi, que melhor do que ninguém aprofundou o esoterismo chinês, o Livro das Ações e Reações concordantes. É a Matgioi que devemos uma tradução, da qual extraímos esta definição do Sábio:

"Primeiramente, os Sábios ocupavam-se em ensinar; eram pouco numerosos, profundos, misteriosos e penetrantes. Encerrados, não podiam ser compreendidos; posto que pudéssemos compreender, trabalhamos para determinar a sua aparência. Eram circunspectos como quem atravessa um rio gelado; prudentes como quem teme os quatro lados; indiferentes como o estrangeiro. Nós somos como coisas rijas, vazios como buracos. Entre nós e os sábios existe uma espécie de água perturbada; o Sábio pode deter o movimento da água perturbada e torná-la clara; o Sábio, que conseguiu ganhar a paz, obtém uma vida muito longa. E' assim que se observa a Senda; ele não se expande e continua a querer operar na sua concentração; assim, o Sábio se preserva e não tem necessidade de se renovar."

Eis aí o ensinamento que podemos tirar deste texto:

O Sábio é um concentrado. Isso é conforme o ensinamento esotérico de todos os tempos. Calar-se é um dos quatro verbos iniciáticos, é o quarto elemento da Esfinge tal como comentamos na nossa obra Vers la Sagesse.

O Sábio é profundo; é concentrado, meditativo e é a reflexão habitual que lhe abre as portas do mundo exterior.

É penetrante, e isso é um dos efeitos da meditação constante; seu pensamento não se limita às aparências, porém, remonta aos efeitos e às causas. É indiferente; absorvido em seus pensamentos, não experimenta nem prazer nem pena pelos elogios nem pelas críticas; a vaidade, que ocupa tantos homens, está morta em seu coração.

Aquele que não é ainda Sábio é como uma coisa que se enegrece; ele está agarrado à matéria e às paixões que dela provêm, como turbilhões perigosos que resultam do choque da onda contra o escolho, e o que esclarece melhor ainda este lado é que o não iniciado é grosseiro como as coisas duras, pesado de matéria.

O Sábio está acima da água turva, isto é, acima da matéria e dos transportes aos quais ela submete aqueles que lhe cedem.

Mas o Sábio tem o poder de impedir a perturbação da água, e aí está justamente o seu papel; aprendeu a criar a Paz e a Calma em seu próprio coração; necessita agora de fazer participar desta Calma e desta Paz. Ele vê os outros como estão presos à matéria; não deve contentar-se em dirigir palavras de piedade estéril, mas ajudá-los a sair da água perturbada, a vencer a matéria que os serviliza, a subir às fontes puras que nada de baixo pode perturbar. Assim, a matéria purifica-se. O espírito do adepto eleva-se, ao mesmo tempo que seu corpo é purificado por uma ascese apropriada.

O Sábio que está no Céu, isto é, cujo Espírito está despreendido, obteve uma vida longa e é lá no alto que os seus trabalhos merecem a grande paz.

Tal é a Senda. Então é que os outros se agitam sem fim, enquanto o Sábio, que achou o seu caminho, não se expande nem à direita nem à esquerda.

É calmo no sulco que para si traçou. Não procura tornar-se conhecido. Não perde o seu tempo em procurar a glória vã, em ofuscar aqueles que estão em torno dele.

Seu caminho sobe para o Templo da Sabedoria; ele caminha com um passo igual; sempre avança e se eleva, descuidoso daquilo que não é para a assistência de seus irmãos e de sua própria perfeição.

Para aquele que não tem compreendido o sentido da vida, a atitude que ele assume é uma coisa exterior. É assim que se aperfeiçoa tão lentamente. Mas o Sábio toma interesse pela atitude interior que escolheu; quanto menos ele se mostra fora, quanto menos exterior ele é, mais o seu desenvolvimento é perfeito, porque todas as coisas, ou melhor, todas as suas forças são empregadas e ele não despreza nem uma ocasião para atingir o seu ideal, para adquirir um resultado aparente.

Sua vida, luminosa e secreta, conserva a calma que convém ao iniciado, isto é, uma calma perfeita. Ele tem a serenidade dos cumes, das alturas. Assim, não tem necessidade de se renovar, de recomeçar a sua evolução, de tornar a descer para a terra, para a matéria.

Ele terminou com a peregrinação; reuniu os poderes superiores e; se pendente para o nosso mundo, é como um pai, como um guia. Ele perde-se em Deus, nas supremas harmonias. Por um modo passivo, por uma submissão perfeita a

essas harmonias divinas, consegue eliminar a sua personalidade humana; é naturalmente fundido e como dissolvido na personalidade superior.

Mas como é que o Sábio consegue chegar a este caminho da perfeição, a esta Senda que conduz ao divino, a este Tao? Como entra ele nesta Senda que é o princípio original, a ordem do universo?

O Tao de Lao-Tseu nos ensina nestes termos, traduzidos por Matgioi: A virtude brilhante e superior procura a Senda. A Senda dá a abundância de todas as coisas: posto que o Sábio espere muito tempo aprende a ter paciência porque no seu coração há o espírito, este espírito sendo fiel e reto. No seu coração ele tem esperança porque não se esquece de seu dever. Não se esquece nunca desses nomes. Instruído, dirige e ama a humanidade.

É, pois, desenvolvendo em si mesmo as suas qualidades que o Sábio é admitido a atingir a Senda.

A primeira qualidade que lhe é necessária é a paciência. Esta paciência ele a obtém pelo espírito que, desprendido das contingências, compreende tudo o que lhe falta e se submete às leis que não são mutáveis.

Ele sabe a importância do que lhe é prometido e, mesmo, a espera certa e agradável da recompensa merecida, tendo já a abundância de tudo quanto de antemão renunciou ao desejo.

Obtém pelo coração, dominando as suas impulsividades, e o seu coração cessa então de ser um entrave, um peso inútil; vem a ser para ele um apoio, porque o coração que é livre de cadeias materiais, de ações humanas sente-se tomado subitamente; as asas abrem-se para ele, sustentando-o pela força do ritmo ou dos ritmos perfeitos que fazem evoluir todo o universo.

A esperança é ainda uma qualidade a desenvolver em si mesmo. Esta esperança provém de um espírito reto e um coração fiel. Sabe que tudo neste mundo é harmonia e, cheio de fé, abandona-se à sabedoria do Guia Supremo. Sabe que uma constante justiça é a senhora de todas as coisas criadas; faz tudo o que está em seu poder para que ela se lhe torne favorável por meio de uma existência pura. A esperança nasce no seu coração pelo cumprimento do dever. Um desses deveres é instruir e dirigir os homens.

Mas como vem a ser isso? É Lao-Tseu que nos ensina:

"As formas da Virtude, eis aí a única maneira de ver a Senda. A Senda é a Totalidade eterna e imutável; dentro dela pode-se ver seres sem-número. Ela é eterna e profunda; dentro dela pode-se conceber a essência, esta essência sendo imutável e rígida. Dentro dela há a continuidade; seu nome nunca passou; ela dá origem a todos os seres, assim como direção e aspiração."

Aqui o ensinamento do Sábio Chinês entra no domínio essencialmente prático. A Senda não se alcança senão pela totalidade prática das virtudes. Esta Senda contém a Totalidade, isto é, ela dá a posse de todas as coisas, de todos os conhecimentos, e este saber unido ao espírito reto que julga e ao coração fiel que age, é, verdadeiramente, a própria Sabedoria. Ela implica que o sábio vê toda a Natureza de um só golpe de vista, como um panorama visto do alto. Os seres, nas suas imperfeições transitórias, não lhe aparecem mais; ele deseja vê-los como os

elementos de um ritmo mais perfeito, e a dor, o pecado, a tentação, a falta são, para ele, como notas falsas em uma bela sinfonia.

Tem necessidade de não mais sentir que aqueles que tendem para o fim, como ele mesmo tendeu, sofram e errem. Todas as imagens, todos os seres são fraternais para ele, como fazendo parte de u'a mesma Totalidade. A vida universal descobre-lhe a essência que a criou e a modificou, porque é ela que anima tudo, é ela que faz o ramo da planta estender-se para o sol e o homem para a verdade, para a sabedoria.

E esta descoberta da Senda, se pode ser dirigida, não pode ser feita senão pelo próprio indivíduo.

"Curvado para ser intacto. Reto para ser quebrado. Destruído para ser satisfeito. Oculto para ser novo. Com pouca coisa se conserva; com muitas vantagens, perde-se. O homem perfeito reúne tudo em um conjunto; é o modelo de todos os homens. Não se vê; todavia, brilha. Não se agita; todavia, opera. Não está coagido; todavia, tem méritos. Não é excessivo; todavia, dura muito tempo. Não é agitado, porque os outros não se agitam contra ele. Assim, desde muito tempo, o que era curvado fica intacto. Falar assim, é ensinar os ignorantes. O que é intacto sobe à Senda."

O Sábio, sob o ponto de vista de Lao-Tseu, vive, pois, desconhecido; dissimula-se voluntariamente e não tem nada que fazer alarde a respeito de sua inteligência; a opinião dos outros, por mais benevolente que seja, não atinge o fim

que visa, porque ele não altera coisa alguma por causa das opiniões; não vê aqueles que ele ultrapassa em saber e em autoridade: mas vê aquilo que lhe falta para chegar à perfeição, à qual todas as forças aspiram. E' assim que é verdadeiramente modesto na sua incontestável superioridade. Não nutre orgulho.

Só os humildes, que têm sabido fazer abstração de tudo o que não é objeto de sua santa pesquisa, sobem ao céu da mais bela conquista.

O Sábio compraz-se na vida interior. Sabe que tudo o que está curvo fica intacto; que tudo o que evolui vive oculto sob o véu; encerra-se em si mesmo para atingir o Absoluto.

O ensinamento de Lao-Tseu é, pois, verdadeiramente metafísico. Mas esta metafísica é passiva no caráter do Oriente, tal como nos têm revelado todas as suas iniciações; o Tao ensina que o homem deve abster-se de todo desejo; é assim que o Sábio se libertará do império das paixões, e libertar-se-á delas não executando ações individuais que não tenham por fim senão a satisfação pessoal do desejo.

Esta ausência de toda ação pessoal é a paz. Esta paz é o ideal do chinês, tanto no seu coração como no seu país; para ele, o essencial não é ter um ideal e fazê-lo triunfar, mas evitar todos os assuntos de perturbações, conservar a tranqüilidade do povo, mesmo a preço da estagnação. O que é perfeito é a abstenção das guerras, tanto estrangeiras como civis; daí a supremacia do mandarim sobre o soldado.

*

* *

Na sua segunda obra, o Te, Lao-Tseu caracteriza assim o Sábio, que todo homem deve ser:

"Quem sabe não fala. Quem fala não sabe. O sábio fecha a boca; fecha os seus olhos; deita-se para pensar ativamente; abre o seu coração; reúne as suas luzes interiores, misturando tudo ao vulgo exterior. Ei-lo aí, pois, e bem profundo. Não se desgosta nem de amigos nem de inimigos; desdenha as vantagens e as desvantagens, as perdas, as honras e as desgraças. Seu exemplo faz bem a todos os homens."

Aquele que não atingiu a Sabedoria, fala e faz um grande ruído de seu vácuo e da sua ignorância; está cheio de vaidade porque ele não achou a Senda, que não conhece pelas doçuras e pelo poder da meditação solitária e os dons que ela procura. Se ele soubesse refletir, o silêncio exterior convir-lhe-ia do mesmo modo que a calma interior.

Ao contrário, o Sábio cala-se; voluntariamente, fecha os seus olhos, renuncia aos vãos ruídos do mundo; sabe isolar-se sem mesmo afastar-se da vida ativa.

Medita. Abre largamente o seu coração ao maravilhoso eco das vozes interiores. A sua meditação abre nele os tesouros das luzes ocultas e, quando ele vem a ser senhor deste domínio, pode voltar para a vida ativa e fazer o bem que deve fazer; nada lhe fará perder os bens que adquiriu. Não procura amizade, mas a irradiação os atrai. Seus amigos rodeiam-lhe sobre a senda que lhes é comum. Não se desgosta dos inimigos, dos ciumentos, das ações más. Os maus não saberiam roubar o sólido tesouro dos bens interiores.

É porque ele não é afetado nem por vantagens nem por perdas. Desdenha as honras e os bens do mundo, porque o que ele possui vale mais, muito mais.

Seu exemplo, a vista de seu desprendimento feliz, dá a todos o desejo da virtude, da evolução, do supremo bem.

*

* *

Enfim, o Kan-Ing, atribuído a Lao-Tseu, ainda que com menos certeza, nos edifica sobre o papel da vontade. Citamos mais uma vez a tradução de Matgioi:

"A sorte feliz ou desgraçada do homem sobre a terra não é determinada inevitavelmente; o homem atrai, pela sua vontade de agir, o fasto ou o nefasto. A ação e a geração o seguem como uma sombra, proporcionando o seu valor."

Então, sob a conduta do historiador chinês, o homem deve desenvolver a sua vontade, mas esta deve ser exercida de um modo passivo.

Isto não é, propriamente falando, uma ação, mas um apelo às forças superiores que dirigirão o ser para o seu aperfeiçoamento.

Para atingir a perfeição, o homem deve atingir os poderes celestes e os antepassados que o rodeiam.

"Há — diz Lao-Tseu — sobre a terra e acima da terra, forças inteligentes que experimentam o movimento das ações dos homens; segundo a fraca ou grande influência

oriunda dessas ações, elas diminuem de número periódico o total da existência sobre a terra”.

"Estes retraimentos equivalem à pobreza progressiva, depois a uma quantidade de privações e de dores, depois ao ódio de outrem, depois às súplicas e desgraças, depois às calamidades em geral, enviadas pelas influências planetárias, inimigas, enfim, quando todos os períodos estiverem destruídos, à morte".

Para conhecer e tornar favoráveis estas forças superiores, Lao-Tseu preconiza a vida interior; quer que o adepto arranque o seu coração e seu espírito a tudo que é do mundo, para achar a vida.

A principal virtude é não fazer o mal e suportá-lo como uma experiência.

Por isso, fazendo um apelo às forças, obtém-se, não bens materiais, mas um acréscimo de experiências que diminuem muito o número das existências terrestres. Para ganhar mais depressa o céu, faz-se apelo à pobreza, à desgraça, aos suplícios, às catástrofes, que despojam a alma de tudo o que tinha de muito terrestre; então vem, duplamente libertadora e beneficente, a Morte.

*

* *

Estas idéias do Sábio foram retomadas muitas vezes pelos filósofos. Uma das obras mais curiosas, colocando-se sob o ponto de vista em que nos colocamos, é o *Tratado das Influências Errantes*, de Quangdzu.

É ainda a Matgioi que devemos a sua tradução. Este livro é de uma composição recente, também, e ainda que seja penetrado de tradições antigas,

encontram-se as confirmações mais modernas que são para o adepto do maior interesse. Parece melhor adaptado às necessidades de uma vida mais próxima de nós. Ele torna menos abstrata e menos árida a verdade que nos transmite. Seus conselhos, sempre impregnados da mais pura moral, são menos envolvi-::; de metafísica; é mais acessível do que os seus sucessores.

Tomamos à tradução de Matgioi algumas passagens que nos fação penetrar, tão rapidamente quanto possível, nos ensinamentos de Quangdzu. No que concerne às suas relações com o Ser Supremo, o Sábio deve pedir e esperar, com inteiro e obediente fervor, a inspiração que lhe será enviada. É, para ele, a felicidade sem sombra, e esta felicidade ressalta em torno dele como gotas de luz.

"O Senhor do alto é bom e doce. O Sábio é um pouco de suas manifestações. Conversam juntos, caminham um atrás do outro; o Sábio recebe idéias dele. Sua vontade torna a casa feliz e cheia de bens."

Tendo conquistado esta intimidade com as Forças superiores que nos rodeiam (as influências errantes), o Sábio deve aprender a ser favorável e estar em harmonia com estas mesmas forças.

Faz um apelo à sua boa vontade para mudar o mal em bem e curar desgostos e moléstias.

"De mês em mês — diz Quangdzu — o espírito caminha e passeia à noite. Àqueles que caminham à noite é preciso conciliar, porque as influências exteriores agem sobre

os homens. Todos falam sem saber nada; mas aqueles que conhecem podem mudar o bem em mal. As moléstias aumentam, mas ele conheceu o termo e o meio de uma longa existência."

O Sábio expõe quais são as relações dos nossos pensamentos e suas repercussões sobre o nosso ambiente. Na família primeiramente, os membros de uma família são unidos pelo pensamento, mas os seus pensamentos não são necessariamente da mesma natureza.

Aquele que encontrou a Senda, sabe que a vontade cura as moléstias e que influi sobre as forças más que atacam a nossa saúde. Sabe que as moléstias são causadas pelas más influências invisíveis.

Estas influências nos rodeiam; elas são pesadas e se prendem à terra; mas são sutis e escorregam, deslizam por toda a parte em que o menor lugar lhe seja aberto. Se se apressa a moléstia de uma pessoa, ela recai necessariamente sobre uma outra, cujas faltas têm merecido esta pena ou que tem chamado como meio de purificação.

Assim como o verme ataca a árvore e a destrói, assim também a moléstia fere o homem.

"A mulher — diz Quangdzu — exprimindo as antinomias que ferem as nossas mais caras afeições, a mulher, o marido, os filhos, estão juntos, mas os seus pensamentos são opostos. Uma vontade lúcida muda as suas moléstias em saúde e a sua discórdia em harmonia. Porém a moléstia

debelada cai ao longe sobre outro. O vento mau dança como uma crista de vaga e escorrega como um pirata. Aquele que reflete nestas coisas pode preservar-se. Não obstante, o Sábio tem confiança; ele trabalha, pensa sempre e sabe que, na noite fria, o espírito gelado e errante volteja sobre a terra. É um perigo para o homem são e vivo. A noite, ele impede o seu sono e envia-lhe a tristeza, começo da doença."

Para Quangdzu o pensamento que precede o ato e o determina já é um começo de execução; conhece a influência e a força do pensamento que precede uma ação visível e por este fato, é uma coisa material, sutil para os nossos sentidos, porém, visível para Deus.

"A má ação é conhecida e retida por Deus no momento de sua intenção."

Esta idéia nos é comum com o sábio porque sabemos qual a força que pode ter o pensamento lúcido e bem dirigido.

Conhecido isso, vem a ser a primeira necessidade aprender a dirigir e fortificar o pensamento para que ele aceda e se conforme, com todo o conhecimento de causa, às leis superiores do Espírito:

"Quando tu agires, antes de agir, pensa em agir, porém pensa no Espírito para que ele permita agir como pensas. Todos os pensadores disseram isso."

Quando está decidido a empreender uma ação de qualquer importância e dúvida da sua utilidade ou dos melhores meios que necessitará para a sua

execução, o iniciado faz ainda um apelo ao Espírito que se manifesta nos oráculos, de maneira a dar uma direção necessária, segundo as influências que são a causa:

"É preciso pronunciar o seu nome de origem, o nome de sua cidade, a época do negócio e consultar o oráculo. Se ela tem meio ou não, nessas condições, o Espírito te dirá."

O Sábio que, assim, aprendeu a conformar a sua vontade ao plano da Sabedoria divina, cessa, quando adquiriu a iniciação, de ser um homem como os outros. Eleva-se acima deles, não por uma glória passageira, mas por um mérito durável que lhe vale uma imperecível coroa e o leva sem cessar cada vez mais próximo da Divindade.

"Aquele que, caminhando, se eleva e chega a ver todas as coisas deste ponto elevado e grande, pode compreender-nos."

Conhece a força do pensamento e a emprega para curar aqueles que sofrem de qualquer mal físico e moral. Estas qualidades, adquiridas pelo trabalho, esta direção útil do pensamento, são mais preciosas que o ouro e o diamante; por isso, o Sábio deve cultivá-las, deve guardá-las, como se guardam os mais raros tesouros.

"Para curar, o conhecimento do Espírito basta: não tem necessidade de tatear o pulso. É bom que os homens

sejam todos como o ouro e o diamante e não como as coisas que podem ser compradas e ser conservadas com dinheiro. Aquele que guarda a ciência de seu espírito assemelha-se ao ouro e ao diamante e não às coisas fúteis. Está cheio de felicidades e de riquezas. Aquele que não guarda coisa alguma, abriga desgraça e miséria."

Esta ciência da cura não deve ser uma aquisição transitória da qual se serve em caso de necessidade e que se esquece desde que se prestou todos os serviços que se pode atingir. É o mais precioso de todos os bens e ele necessita de um cuidado contínuo para guardá-lo e crescer. O pensamento que não é exercido perde este poder mais precioso do que todas as riquezas; também o Sábio deve pensar sempre para ter o seu poder acrescido. Deve-se estar sempre em harmonia com a vontade superior para atingir a todo o bem.

"Se o Sábio possui o poder, que a sua iniciação permitiu adquirir, poderá fazer curas imediatas, com a única condição de que a sua fé e a do doente sejam perfeitas, e que o curador possua a confiança dos poderes superiores, esta franqueza e este saber que caracterizam o verdadeiro iniciado."

"Diz esta ciência que se pode curar; é preciso sempre curar, pensar em curar, segundo a vontade do Céu. A ciência opera e a cura vem, imediata. Mas é preciso sempre, para vencer, operar com franqueza e confiança."

Instruído nas leis da evolução, o Sábio, na quarta parte do Tratado das Influências Errantes, fala aos homens de suas existências passadas. Ensina-lhes que esta vida é uma purificação, um caminho para um futuro imortal.

A fim de que os maus venham a ser bons, mostra que os culpados sofrem depois da morte, mas a esperança lhes resta, porque este sofrimento os lava e os conduz à libertação.

"Para uma ação má que os Santos conhecem e vingam, duas ações boas eliminam e livram." Assim, a salvação vem ao pecador que se reanima para o bem.

Para concluir o propósito deste livro, *Tratado das Influências Errantes*, demonstra que, para avançar, é necessário adquirir qualidades fundamentais. Primeiramente o respeito e a disciplina são a base do ensino tanto iniciático como social. É com essas virtudes, exercidas com os outros e consigo mesmo, que todas as calamidades são evitadas nos Estados.

O respeito nos habitua a receber humildemente o ensino salutar e a suportar as leis úteis que a disciplina nos impõe e que é preciso guardar alegremente como uma nota de harmonia pacífica do Império.

É preciso fazer a educação de seu coração, dar-lhe o gosto e o sentimento das boas ações; desenvolver a sua energia para que venha a ser capaz destas ações poderosas, que mudam o mal em bem e a doença em saúde.

É preciso desenvolver o espírito de modo que ele se imponha em seguida ou paralelamente. Se o coração é necessário para esta impulsão que projeta forças benéficas para aqueles que sofrem, o espírito não é menos indispensável para estabelecer estas forças, canalizá-las em vista de operar a cura dos males.

Estas forças que nos ajudam no acompanhamento do bem são submetidas ao Sábio, quer seja vivo ou desencarnado.

É o que diz este livro: "*Quando eles são sábios, bons e estudiosos, mandam as forças errantes.*"

O conhecimento da sobrevivência da alma é uma das crenças fundamentais do esoterismo chinês. Para os adeptos do Império Celeste, a alma sobrevive à morte e, pelo menos no tempo dado, guarda o amor de sua família. É o que dá tanta força ao culto dos antepassados, base primordial do Estado e da família, na China.

É preciso ainda respeitar a Lei, porque a Lei que governa o país é o reflexo da harmonia ordenada pelo Ser Supremo; devemos-nos conformar com esta idéia e também evitar toda a possibilidade de perturbação na nação. É quando submeteu o seu espírito e o seu coração às potências superiores e dominou as forças materiais, que o adepto chinês pôde ser reconhecido Sábio.

A mais alta imagem do Adepto foi formulada na China, na lenda do Dragão alado, cheio de mistério e de poesia.

O Dragão, animal fabuloso, cujo corpo de serpente alada é coberto de escamas e as patas armadas de garras temíveis, representa o Verbo divino ou o iniciado formado à sua imagem.

Este Dragão pode viver na água, sobre a terra e no ar. Conhece todos os segredos da Matéria e do Espírito. É o símbolo do iniciado que, por sua adaptação interior, pode viver sem dificuldades nos mundos superiores, médios ou inferiores, porque a essência dele é conhecida.

A lenda conta que, um dia, o Dragão saiu do Rio Amarelo. Conduzia desenhados sobre as suas escamas, círculos de cor clara ou escura. A tradição afirma que isso foi para Fo-Hi a revelação dos trigramas do Yi-King, imagem perfeita da natureza que se desvenda diante do Sábio, quando tem merecido esta revelação.

E' sobre as escamas de seu dorso que o Dragão conserva o seu saber. Ao longo de seu corpo todo onduloso, suas escamas são convertidas em figuras sagradas. Estas são imagens que, refletidas sobre o caos, têm-lhe imposto o seu ritmo e têm formado tudo o que existe sobre a terra. Do mesmo modo, o verdadeiro iniciado, que cumpriu as formas sagradas e que penetrou o seu espírito pela adaptação de sua vontade à uma vontade divina, pode, depois do exercício necessário de seu espírito e a matéria própria à imagem dar formas concebidas no seu espírito.

Conhece o poder imenso do pensamento e os ritmos nas mais vastas medidas em que o homem está no direito de exercer o seu poder; repercute em torno dele. Mas não é senão depois de longos trabalhos e de sábios estudos que esse poder é conferido ao adepto; deve franquear muitos estados antes de cingir esta coroa. Estes estados da iniciação chinesa são figurados pelas seis maneiras em que o Dragão é representado; são também transformações daqueles que são chamados a seguir o caminho. É preciso deixar a matéria, simbolizada pela Água, que é a mãe universal e o seio onde se criam formas para ganhar o céu do Espírito. O Dragão, dissemos, pode viver na água, sobre a terra e no ar.

Eis aqui as seis imagens que a tradição desenha:

- 1º. O **Dragão oculto**. O animal sagrado está metido no fundo das águas, o espírito está oculto na matéria; não experimenta nenhum desejo de subir à superfície, de sair de sua condição atual, de franquear, de evolucionar. Não conhece o Espírito que o criou. Não está preso à terra, às necessidades e aos prazeres do corpo, às satisfações sensuais, ao ganho material. Está ligado ao mundo físico, sem conceber coisa alguma.

O ser ignora a sua verdadeira essência, a sua verdadeira natureza: está despojado de si mesmo.

2º. O **Dragão no arrozal**. Saiu das águas, tomou a consciência do mundo exterior. Está sobre a terra, mas sobre a terra lamacenta que afunda sob o seu peso. Caminha através dos altos caules do arrozal, agitando os brotos da planta pela ondulação do corpo. É o primeiro despertar da natureza espiritual. O sentimento da pesquisa vem ao espírito mas sob a forma de uma curiosidade passageira e sem fim. Um vago sentimento lhe mostra que, ao lado da água que é a matéria, um outro lado de vida, o ar, o mundo espiritual existe.

Mas esta sensação não produz nenhum fruto, não anima nenhuma mudança. É uma constelação e nada mais. Entretanto, uma primeira luz de inteligência começa a apontar. Certamente, o Dragão vive sempre em baixo sobre a terra, preso aos desejos materiais, que lhe parecem as únicas realidades.

Mas, ao fundo de sua baixeza, ele começa a compreender que tem asas, entrevê, como um sonho, a alvorada do céu espiritual.

3º. O **Dragão visível**. Segundo a lenda, o Dragão eleva-se ao cimo das Águas gementes. É, sem dúvida, um desses períodos que fazem transbordar todos os rios e que inundam os campos.

Então, o Dragão é arrancado da terra pelas mesmas águas que o tinham preso à terra. É que ele nada à sua superfície em vez de deslizar ao fundo. É que ele, o ser humano, se eleva acima de seu plano primitivo; vê um conjunto do mundo;

por mais restrita que seja esta vista, ela o instrui da vida exterior. Percebe nitidamente a existência do Espírito que fez este mundo admirável; compreende que a sua existência é necessária. Mas quanto é ainda retido no transbordamento de suas ondas revoltas! Concebe a existência do Espírito; vê toda a beleza; mas a força de vontade lhe falta para tentar elevar-se até ele.

4º. O **Dragão saltitante**. Neste momento, o ser compreendeu que não deve ficar no meio mórbido. Encontrou a terra firme, que lhe permite levantar, mas não tem a mínima consciência de suas asas; não pensa senão em se desprender para subir em um vôo esplêndido. Aspira a este mundo celeste do espírito do qual compreendeu a beleza, mas o ar o atrai tanto como a terra.

Possui certos meios, porém, deve adquirir outros. Não pode voar; não pode dar senão saltos que recaem sem cessar na vida material. A luta que sustenta é penosa e dolorosa. Feliz daquele que não a tem renunciado quando sucumbiu, porque a vitória exige a continuidade do esforço.

"Neste momento — diz o Yi-King — ele é como o peixe que sai da água, com a vontade, mas sem os meios de desaparecer".

É então o momento da escolha decisiva. Duas sendas se abrem diante da alma humana em trabalho:

- a. Apelo do Espírito. — Depois de mil ensaios infrutíferos, o Dragão, cansado de seus saltos inúteis, pode sentir subitamente as suas asas, abri-las completamente e subir em pleno céu, arrancando-se para sempre às coisas da terra. E' o apelo do Espírito, triunfante de todas as forças materiais, dos prazeres e dos apetites, dos temores e das violências. E' a perfeita união com Deus que, em via de cumprimento, revela ao ser seus verdadeiros meios de ascensão.
- b. Apelo da Matéria. — O Dragão está cansado ainda de seus saltos, mas não tenta abrir as asas; não padece tão violentamente o apetite do céu para as abrir de um só golpe, e desce para a lama; entra na água primitiva; renuncia ao céu do Espírito.

Neste momento, apresenta-se o problema absoluto: é preciso avançar ou recuar. O monstro alado desaparecerá no azul dos espaços celestes? Recairá nas profundezas dos abismos materiais? E' o jogo da grande luta que todos devem sofrer.

5º. **O Dragão volante.** Enfim, achou a sua Senda no domínio do Espírito. Voa e plana nos ares; desprende-se e evoluciona para q apelo divino das alturas. E' aí que se encontra a sua verdadeira pátria. Vai atingi-la, quebrando os seus laços, renunciando aos vãos fantasmas e às vãs miragens da terra. Goza a profunda alegria do iniciado; opera na plenitude de seu verdadeiro elemento. Penetra nos ritmos divinos que ele reconhece e que o arrebatam na sua harmonia reencontrada. Pode colocar-se sobre a terra; mas subirá sempre, como o verdadeiro iniciado

que não pode abandonar um momento o reino do espírito senão para socorrer aqueles que sofrem, mostrar a vida àqueles que a procuram, curar aqueles que estão doentes, praticar, em uma palavra, este altruísmo que é um dos fins práticos da alta iniciação.

6º. O **Dragão planejante ou nivelador**. Enfim, ao sexto e último estado o iniciado venceu todas as provas; sua missão não é mais da terra; plana no éter sobre o coração do sol, e o sol não o atrai. Ele não tem mais esforço a fazer para se manter nessas alturas. As altas atitudes povoam-se do coro dos inumeráveis astros; a grande calma dos espaços siderais acalma e espalha as suas faculdades sublimadas. Este azul, que a tanto custo reuniu, é o seu verdadeiro elemento; mantém-se sem fadiga. Sua alegria é infinita e contínua. Ele sabe que não acabará mais; está livre de entraves; achou, enfim, a sua Senda; vive plenamente a vida de Espírito.

Concebeu a Unidade divina. Percebeu que todos os ritmos que o encantaram outrora não são senão reflexos desta Unidade perfeita.

Estes ritmos lhe são familiares e deles participa; estão nele porque são eles que o formaram e os goza de pleno acordo.

Aqui termina o Ciclo humano. Aqui termina o ensinamento dos iniciados chineses. Depois, quando o espírito do homem atingiu a esta esfera de harmonias, entra ele em um Nirvana, na fusão completa com o Criador, nessas claridades diante das quais todos os sóis não são senão sombras.

É a Paz definitiva, o inacessível Nirvana.

A ÍNDIA VÉDICA

O que conhecemos de mais antigo, como tradição hindu, são os "Vedas" ou livros da Ciência Sagrada. — Os Quatro "Vedas": "*Rig-Veda*", "*Yadjur-Veda*", "*Sama-Veda*" e "*Atharva-Veda*". — O "*Itihâsa*" e os "*Purãnas*". — Os "*Sutras*". — O conhecimento e o manejo das forças psíquicas são a base de todos estes livros secretos. — O "*Atharva-Veda*" e as práticas mágicas. — Os meios, segundo a religião védica, de atingir a felicidade.

Ainda que a China nos apareça como imemorial, a Índia guarda para nós o atrativo de um passado quase infinito.

A imobilidade da China não desvendou o seu mistério, mas a Índia está guardada viva, e a agradável amostra de suas iniciações conservou o ritmo e o movimento de um vasto mar aos poderosos refluxos.

O que conhecemos de mais antigo como tradição hindu são os Vedas, cuja data original é difícil de precisar. As avaliações são feitas entre 1000 e 1200 anos antes de Jesus Cristo, e certos historiadores remontam a uma data longínqua, a 2000 anos antes da nossa era a redação desses livros sagrados. Ainda é certo que os Vedas não são senão o reflexo de uma iniciação muito antiga, anterior ao conhecimento da escritura, no tempo em que o fogo era coisa tão preciosa que a oferta pela manhã era a ação sagrada de reanimar, até o fogo que não deve morrer.

A palavra Veda significa Saber e, de fato, os Vedas são o resumo de tudo o que sabiam, nessas épocas patriarcais, os pais das raças arianas. Os Vedas são o livro da ciência sagrada. A dar crédito à tradição, os Vedas seriam de origem divina; teriam sido revelados ao mundo por Brama, conservados pelos antepassados,

depois colecionados por um sábio que recebeu, de fato, o nome de *Vyasa Veda* ou compilador dos Vedas.

Os Vedas compreendem quatro livros:

- 1º. O *Rig-Veda* ou livro do fogo. Contém, sobretudo, poemas religiosos, os hinos dos sacrifícios não sangrentos;
- 2º. O *Yadjur-Veda* ou livro do ar, que contém todas as leis dos sacrifícios e das fórmulas sagradas;
- 3º. O *Soma-Veda* livro do sol, que encerra os cantos litúrgicos e os textos religiosos;
- 4º. O *Atharva-Veda*, notoriamente posterior aos três outros, que é sobretudo consagrado aos cantos e às sentenças mágicas.

Ligam-se aos Vedas outros livros sagrados: o *Itihãsa* e os Purânas, que também têm um sentido religioso e divino.

Todos estes livros dirigem o homem na senda da ascensão e as suas vistas são diversas como as direções que eles dão deste fim.

Uns são puramente religiosos e litúrgicos, e se encontra com admiração u'a maravilhosa poesia esotérica nos seus hinos que são, entretanto, consagrados ao lado cultural da religião.

Por outro lado, como o *Atharva-Veda*, contém, sobretudo, fórmulas de magia e aqueles que as reuniram parecem ter conhecido, no vasto domínio do psiquismo, a maioria dos fenômenos que estudamos cada dia. O choque de retorno, por exemplo, é-lhe familiar e as fórmulas para libertar aquele que se julga enfeitiçado são fórmulas de volta do mal para aquele que o tem feito.

Os Vedas contêm cantos puramente esotéricos, especialmente os mantrans.

São os mantrans ritmos e palavras que, tocando o ritmo universal e entrando em harmonia com ele, conferem àquele que os pronuncia com conhecimento de causa um poder sobrenatural.

Depois dos Vedas vêm os Sutras, cujo nome significa Leis. Os Sutras abordam os assuntos de conhecimentos práticos.

O conhecimento e o manejo das forças psíquicas são a base de todas essas obras, tanto que só os iniciados é que têm feito uso dos livros sagrados.

A iniciação seria conferida por uma longa ascese, práticas morais e, sobretudo, a meditação sobre as relações que unem o homem a Brama. Esta meditação, abrindo ao adepto os mundos infinitos que se colocam entre a nossa vida material e o mundo divino, dá àqueles que alcançavam o conhecimento faculdades e poderes superiores ao resto dos homens. O Rig-Veda e o Atharva-Veda abordam o ensinamento da magia, visando sobretudo as curas, o que deixa compreender que a magia negra existe também, pois que a maioria dos males lhe são atribuídos nesta época.

*

* *

As obras do Brâmane, aquelas que constituem a sua função cotidiana, são baseadas sobre o mesmo princípio. O Brâmane é um Sábio certamente. Os estudos, as mortificações e os hábitos dos profundos pensamentos uniram-no aos deuses, mas aos olhos do populacho é, sobretudo, um mago e um adivinho que deve afastar os seus fiéis das influências desastrosas dos maus espíritos e demônios.

Quando se produz um mau presságio, o demônio só tem a qualidade de desviar, porque o mau presságio como a sorte má. são "pecados", faltas que não seriam produzidas se aquele que é vítima não os tivesse merecido.

E' preciso, pois, que o Brâmane intervenha, que faça sacrifícios e purificações para que os maus espíritos possam ser afastados e que os bons rodeiem o homem, sua casa, sua família, de influências benéficas.

O estudo destes livros mágicos necessitaria de verdadeiros volumes. M. Victor Henry fez, sobre este assunto, um estudo interessante do Atharva-Veda. Aqui, o espaço é por demais limitado; somos constrangidos a passar rapidamente sobre este ponto, ainda que tão apaixonador das primeiras literaturas sagradas.

Estudando também o Atharva-Veda, o Dr. Lehmann assim se exprime, tocando o caráter misterioso deste livro:

"Um culto de demônios com inumeráveis práticas misteriosas estende-se como um filete sobre toda a vida e se mistura mesmo com o culto oficial. Tudo o que o homem tem a temer ou que deseja evitar, maus gênios, inimigos, rivais, acidentes, moléstias e, sobretudo, má sorte, é por meio de sortilégios que ele evita; tudo o que ele quer obter é por meio de sortilégios que ele procura. Ora ele se agita para procurar uma feiticeira de estrebaria ou de qualquer granja, ora para colher a planta com o auxílio da qual se percebem todos os seres malfeitores. Se qualquer abscesso demoníaco emerge sobre o pescoço de um homem ou se ele está tomado de lepra, de diarréia, de loucura, empregam-se conjurações e filtros".

“O próprio soma e as pedras do lagar juntas ao soma, a Agni e a Varuna curam o amarelão”.

"Pode-se anular secretamente a força de um inimigo; plantas e fórmulas permitem desviar o malefício e mesmo retornar para o seu autor; Os piores venenos podem ser tomados como um caldo inofensivo, por pouco que se conheça a respeito dos encantos apropriados”.

"Do mesmo modo, manda-se o amor. A rapariga desdenhada espalha ervas sobre o leito do bem-amado ou mergulha no mel o ramo mágico, para que ele compreenda quanto são doces os seus lábios e o seu amor. A esposa enganada vota à morte a sua rival”.

"A magia toma um valor religioso quando, em lugar de ter os efeitos particulares de cura e de proteção, tem por objeto a existência em geral e fornece a força necessária para a conservação da vida."

Um amuleto de ouro dá uma longa vida e forças novas; beberagens mágicas produzem uma posteridade masculina. Se a morte está próxima, a vida pode ser manifestada ainda. Há encantações de todas as espécies para regular o tempo.

Certas palavras significativas, pronunciadas depois dos trabalhos, trazem riquezas e felicidade, prosperidade e posteridade, colheita e gado.

A maldade e as faltas dos homens lavam-se com a água e se purificam com o fogo; as ervas e fórmulas podem anulá-los. Os sortilégios impedem os efeitos

dos sacrifícios dos inimigos ou reparam as faltas cometidas pelo homem na execução de seus propósitos.

Há, certamente, uma grande quantidade de superstições; mas, em certos casos, a superstição é o resto e a deformação de uma iniciação que filtrou indevidamente entre os não-iniciados e que foi corrompida por práticas suplementares, mal dirigidas e mal compreendidas.

Em todo caso, é certo que diversos livros sagrados são textos de magia e implicam, na Índia antiga, um grande conhecimento, não somente das forças do ser humano, mas dos poderes que lhes são exteriores. Estas forças, que podem operar sobre ele, podem também ser dirigidas, em uma certa medida, mediante certos atos e certas fórmulas.

Estes poderes, ele procura utilizar-se para a sua própria felicidade, o que está conforme com a natureza humana. Emprega-os para atrair a fortuna, para vencer em seus negócios e, sobretudo, nos seus trabalhos agrícolas, que são a grande preponderância dos povos primitivos; pede para fazer crescer e multiplicar os seus rebanhos que são a riqueza do hindu nesses tempos longínquos em que o medo e a esperança que o Brâmane inspira impõem a remessa de uma vaca em pagamento de certos atos de magia sagrada.

Então, como em nossos dias, a mulher para a qual toda a vida e felicidade está no seu lar, pede à magia os meios de inspirar e de reter o amor.

Há, no Atharva-Veda e nos livros similares, fórmulas bastante estranhas, entre outras, que são da mais alta poesia; o povo cria cegamente, sem murmúrio, cumprindo os ritos mais bizarros, mas os iniciados sabiam que tudo não era vão ou singular nestas práticas.

Eles sabiam que as práticas e, sobretudo, uma ascese, o conhecimento de certos ritmos, dão uma grande força e um certo meio-termo sobre as forças das quais nós somos rodeados; faziam a partida do verdadeiro e do falso nessas fórmulas; então, como hoje, eles se dão à tarefa de esclarecer, de purificar, de simplificar estas práticas.

Há coisas que não se pode negar, e, como diz Eduardo Schuré, a propósito destes sábios da Europa que criticam o que eles ignoram: O futuro reserva-lhes, talvez, uma última surpresa que será a de encontrar nos Vedas a definição das forças ocultas da Natureza, que a ciência moderno está em caminho de redescobrir!

A religião védica não se contenta em dar ao homem ritos e fórmulas, e contém assim, em seus livros, ensinamentos de uma alta elevação moral.

Estas leis são apresentadas ao homem como os verdadeiros meios para atingir a felicidade e não é um fato real que a verdadeira e doce alegria, aquela que não nos guarda nunca amanhã amargos, se acha no cumprimento do dever, na necessidade do bem, do bem feito à humanidade?

A ÍNDIA BRAMÂNICA

A lei das castas, — Os Brâmanes ou iniciados, os "Kshatriyas" ou guerreiros, os "Vaiçyas" ou trabalhadores de toda natureza e os "Çudras":ou a multidão. — Como tornar-se um Brâmane. — Desde a idade de sete anos, o futuro iniciado segue uma ascese complicada e estrita. — O conhecimento dos livros sagrados. — Dever de esposo e de pai. — Vida de asceta e de anacoreta. — O "*Mânava Dharma Sastra*" ou Leis de Manu. — Entre os dados de cosmogonia, de vida sã, de organização social e religiosa etc. encontram-se, neste livro, profundos dados iniciáticos. — A alta moral das Leis de Manu. — Uma ascese muito rígida é, para o Brâmane, o único meto de chegar ao fim. — Os "*Upanishads*" revelam-nos mais diretamente as belezas esotéricas do Bramanismo. — A Vedanta.

Está no período védico, que se adapta ao período bramânico, a primeira manifestação da lei das castas que tem dado à Índia a sua feição tão particular. Esta lei das castas, que não tem perdido o seu rigor, estabelece a hierarquia cujas barreiras são, pouco a pouco, intransponíveis. Nenhum pretexto permite sair desta casta e, quem sai de sua casta, por casamento ou por outro motivo qualquer, vem a ser sem casta.

A primeira casta é a dos Brâmanes, dos Sacerdotes e dos Iniciados. O Brâmane ensina a doutrina, cumpre os sacrifícios prescritos para -tornar os deuses favoráveis; entrega-se à meditação que lhe abre a senda perfeita.

É o Iniciado, o Mestre.

Abaixo do Brâmane vem o Kshatriya ou o guerreiro. É o príncipe, que não conhece outros trabalhos senão os da guerra. É o único a correr o risco da batalha, mas também o que possui todas as honras mundanas e as vantagens materiais.

Em seguida, vêm os Vaiçyas, que são os trabalhadores cujo prêmio é o de terem todos os títulos, mas, sobretudo, os mercadores e os trabalhadores ricos.

Enfim, os Çudras vêm em quarto lugar; eles constituem a multidão, os criados, os pequenos cultivadores e os pequenos comerciantes.

Não existe nem uma penetração de casta em casta; os próprios deuses são diversos.

A origem das castas, baseada sobre uma visão das reencarnações, é expressa por esta imagem que Brama tirou os Brâmanes de sua cabeça, os Kshatriyas dos seus braços, os Vaiçyas de suas coxas e os Çudras de seus pés.

*

* *

Não basta nascer Brâmane, é preciso ainda cumprir os trabalhos que conduzem à iniciação. O verdadeiro Brâmane, desde o momento em que sai das mãos femininas, com a idade de 7 anos, é confiado aos cuidados de um mestre a quem venera como um pai. É conduzido a uma ascese complicada e estrita; seu dever material consiste em estudar os livros sagrados. Deve aprender todos de cor e, ao menos um, deve saber perfeitamente.

Durante esse tempo, o discípulo, seja qual for a sua fortuna ou a sua família, serve de criado do seu mestre e faz todo o serviço da casa. Assim lê-se, no Tchhândôgha Upanishad, que Narada, tendo solicitado ser instruído por um Sanatkum-âra, foi interrogado sobre a soma de conhecimentos que ele já possuía.

Eis a sua resposta:

"Aprendi o Rig-Veda, o Yadjur-Veda, o Soma-Veda, o Atharva-Veda, o Itihâsa e o Purâna (que é o quinto), e a gramática, ou o Vedo dos Vedas, os deveres que devem ser rendidos aos manes, a arte de calcular, o conhecimento dos presságios, as revoluções dos períodos, a intenção do discurso (ou a arte de raciocinar), as máximas da moral, a ciência divina (ou a construção) de escrita (ou a acentuação, a prosódia e os ritos religiosos), a conjuração dos espíritos, a arte militar, a ciência da astronomia, o encantamento das serpentes, a ciência dos deuses (ou a música e as artes mecânicas); estudei tudo isso; entretanto, não conheci senão a letra ou o texto e não tenho o conhecimento do espírito".

Vê-se que os conhecimentos psíquicos têm um grande lugar neste ensino e que o futuro iniciado deve conhecer os encantos e os ritmos, sobretudo as purificações e curas — o que está tudo na medicina ao mesmo tempo natural e ritual dos Vedas.

Esta primeira parte de sua vida iniciática vencida, passado por certos exames, o jovem Brâmane faz cortar os seus cabelos de modo que não deixe senão um pouco na parte de cima da cabeça e, após muitos conhecimentos adquiridos, entra na vida mundana onde ele deve preencher os seus deveres sociais, dos quais os primeiros são o de esposo e pai. Feito isso, cumpre os seus deveres para com seus antepassados; não deve ficar sem a posteridade masculina, única capaz de assegurar a continuidade de sacrifícios que não devem cessar jamais. Está no

espírito do Brâmane e, aliás, de todo hindu, cuidar de criar uma família. É a segunda etapa de sua vida iniciática.

A terceira etapa começa quando os seus deveres de pai e esposo são terminados. O Brâmane fica no mundo, mas renuncia ao seu ruído vão, a todas as alegrias baixas. Retira-se inteiramente de toda manifestação e absorve-se na idéia de Deus.

A quarta etapa pede mais uma grande renúncia; o Brâmane retira-se completamente do mundo, torna-se um anacoreta, deixando à mulher o direito de segui-lo ou de ficar em casa com os seus filhos.

Retira-se para um lugar solitário, geralmente em um bosque ou nas montanhas e não cuida senão da meditação dos altos e divinos problemas. A caridade e a piedade do povo provêm as suas mínimas necessidades; ele vive em um tal silêncio e em tal imobilidade, dizem-nos os textos, que os animais mais tímidos vêm deitar-se sobre a sua pele de pantera e a doninha dos bosques faz-se sua amiga e comensal.

É então que o sacerdote atinge a perfeição. Não é somente Brâmane pelo direito de seu nascimento, é "*dwija*" ou duas vezes nascido; nascido para a vida espiritual, sua força psíquica, sabiamente concentrada e dirigida, dá-lhe os supremos poderes; suas faculdades avivam-se, aguçam-se e as suas palavras são aceitas como oráculos, porque a sua intuição é realmente adivinhatória.

*

* *

Mas este não é senão o lado exotérico da questão.

O Bramanismo não se contentaria com horizontes tão vagos e estritos. Um grande e poderoso esoterismo acha-se dissimulado no Mânava Dharma Sastra,

as Leis de Manu, desse legislador primordial, a quem são atribuídos os dados absolutos do direito hindu até nossos dias. Refere-se Manu aos Vedas e às suas Leis, como todos os códigos primitivos, não se limitando a indicar o que é lícito e o que não o é, porém ensinando aos diretores do povo o que lhes competia fazer.

Precisa a sua cosmogonia e dirige a sua metafísica sem afastar-se do lado religioso, que eles, entretanto, ampliam.

Coisa mais grave na prática! Eles fixam as obrigações rituais de cada casta; as purificações são necessárias a todos aqueles que fazem parte em todas as circunstâncias possíveis de impureza.

Trata longamente dos alimentos puros e impuros que não são os mesmos para as quatro castas. As Leis de Manu fixam igualmente as penas que devem ser infligidas, segundo a sua natureza delituosa e segundo a casta, àqueles que contraçam às leis, e estas penas não são somente deste mundo, elas notam, na outra vida, as leis da metempsicose — no que concerne ao povo — à transmigração das almas — no que concerne aos iniciados.

As Leis de Manu dizem:

"Este livro deve ser estudado com perseverança por todo o Brâmane instruído e ser explicado por ele aos seus discípulos, porém nunca por outro homem de uma casta inferior."

É o ponto incontestável do governo teocrático; o rei não sabe da Lei senão o que o Brâmane entende que lhe deve dizer.

A moral pessoal não é nem menos teocrática nem menos rigorosa. Ela exige uma perfeita moral e uma direção estrita. O resumo diz: Este excelente livro faz obter tudo o que se deseja; aumento a inteligência, atinge a glória e uma longa existência, e conduz à beatitude suprema.

Todo acidente da vida deve ser regido segundo as leis que prevêm tudo e a vida do Brâmane não é, em momento algum, abandonada à sua fantasia.

Ele deve saber que esta existência não é mais do que uma purificação cujos trabalhos e tormentos são determinados por leis mais sábias do que nenhuma lei humana. A morte não deve espantar àquele que a considera como uma nova vida, um novo nascimento, mas ele deve preparar-se em vista desse novo nascimento.

Por isso, a concepção, segundo as Leis de Manu, é considerada como um ato voluntário. Aquele que tem a felicidade de nascer em uma família de Brâmanes, mereceu-a por suas vidas anteriores e deverá empregar o seu tempo, em vista de obter, depois da morte, uma perfeita liberdade, no labor terrestre.

A vida do Brâmane é dividida em três partes: a concepção, a infância, o noviciado ou o período de instrução no que se relaciona às ciências divinas e humanas. Este período que vimos começa aos 7 anos, colocando o noviço completamente nas mãos de seu professor. Este não o deixa senão para que o noviço cumpra o terceiro período, que é o de pai de família. O jovem Brâmane casa-se; torna-se pai; ensina os seus filhos; depois de cumprido este período retira-se do mundo e prepara-se para a morte por uma existência de anacoreta, que o aproxima sem cessar, pela prece e a meditação, das potências superiores. Mas nenhum homem está livre desses deveres de casta, de sua casta, e os anacoretas

não acolheriam o Brâmane que não tivesse filhos do sexo masculino em estado de continuar aos ascendentes os sacrifícios que lhes são devidos.

A Lei de Manu prega uma alta moral; diz ela:

"Á resignação, a ação de tornar o bem pelo mal, a temperança, a proibidade, a pureza, a repressão dos sentidos, o conhecimento dos 'Sâstras' (livros sagrados), o da Alma Suprema, a veracidade e a abstenção da cólera; tais são as dez virtudes em que consiste o dever" (VI, 92).

Estas virtudes são a lei do Brâmane; ele deve conhecer e praticar estas virtudes, perfeitamente, se quiser atingir o bem supremo que o aproximará da divindade, evitando os renascimentos.

A prática dessas virtudes necessita de um desenvolvimento psíquico, que conduz o adepto a uma perfeita consciência, a um perfeito domínio de si mesmo, que aniquila todos os maus pendores, toda cupidez, toda a concupiscência. É uma alta moral aquela que, nos séculos afastados, onde, por toda parte, a força toma lugar de lei, ensina obrigatoriamente a substituir o mal pelo bem e devem ser cultivadas a prudência e a calma. E não somente essas virtudes são obrigatórias e devem ser cultivadas por todas as práticas — de ascetismo e devoção — mas ainda aquele que quer vir a ser um habitante da felicidade suprema não deve cumpri-las com o alvo de recompensa.

Não basta que ele renuncie a todo o bem exterior é preciso que ele renuncie a si mesmo. É somente quando ele não se considerar um credor da divindade por suas ações meritórias, que a Divindade abaixará os olhos para ele.

Até aí, ele se paga propriamente pelo alto sentimento que a sua vida lhe inspira e nenhum ato pode receber uma dupla recompensa. Este pensamento está claramente formulado em diversos lugares das Leis de Manu, especialmente no livro II, § 5.º: Preenchendo perfeitamente os deveres prescritos, sem ter por móvel a espera de recompensa, o homem alcança a imortalidade e, neste mundo, goza de todos os desejos que seu espírito pôde conceber.

Adivinha-se que, nessas condições, a iniciação do noviço constitua um trabalho assaz árduo porque é preciso aprender a dominar toda a impetuosidade física e moral, inerente à idade da juventude. E' aliás, o que confere aos representantes das altas castas hindus esta impassibilidade, que lhes dá tanta majestade e grandeza. As Leis de Manu dizem: Domina o corpo, a voz os órgãos dos sentidos e do espírito, tem as mãos juntas e o olhar fixo sobre o teu diretor.

Não é permitido dirigir a palavra a seu mestre senão com o consentimento deste.

A submissão do discípulo ao mestre é inteira e sem variantes.

O noviço está nas mãos daquele que o forma como a cera está apta a tomar a forma que se pode dar, não somente nos anos do seu noviciado, como durante todo o curso de sua vida, porque o ensinamento do mestre é o ensinamento de uma lei divina.

As Leis prescrevem assim: Aquele que se submete docilmente As vontades de seu diretor, até o fim de sua existência, eleva-se, depois de sua morte, à morada do ser divino.

Entende-se, por estas palavras, o Nirvana onde o adepto, despojado de toda vontade terrestre, acha-se em comunhão perfeita e consciente com o Ser supremo.

Esta alegria divina é adquirida dificilmente e o primeiro estágio a percorrer para chegar é o domínio completo de seus desejos e de suas impulsividades.

O Brâmane que quer ser digno deste nome deve tender à impassibilidade perfeita e não fazer coisa alguma que não esteja de acordo com o mais perfeito equilíbrio, o mais belo sangue-frio e nunca sob o impulso do desejo, do prazer, do medo ou da cólera, ou ainda, da dor.

É por esta atitude voluntária que o jovem Brâmane reforma e torna a criar completamente a sua personalidade, segundo a formula que a Lei dita:

Deve suportar com paciência as palavras injuriosas, não desprezar ninguém, não guardar rancor a pessoa alguma devido a este corpo fraco e doentio (VI, 47). E mais longe (VI, 48):

Ele não investe por sua vez contra um homem irritado; não o injuria, responde docemente e não profere palavras vãs tendo relação com os objetos submetidos às sete percepções que são os cinco sentidos, o sentimento e a inteligência; não fala senão do ser divino. Esta rígida ascese é o único meio de chegar ao fim, de possuir a beatitude absoluta. Meditando com delícia sobre a Alma Suprema, assentado, não tendo necessidade de outra coisa, inacessível a todo desejo sexual, sem outra sociedade além daquela da sua própria alma, é que ele vive aqui à espera da beatitude eterna.

Naturalmente, para adquirir virtudes tão difíceis, convém fazer um apelo às forças superiores e é o fim que perseguem as práticas de devoção. Todavia, esta devoção não deve ser cega, mas deve apoiar-se sobre a inteligência, porque o conhecimento é uma das vias que aproximam do Nirvana.

Lê-se rias Leis de Manu: A devoção e o conhecimento da alma são, para um Brâmane, os melhores meios para atingir a felicidade suprema; pela devoção

desaparecem as faltas; pelo conhecimento de Deus (Brama), encontra a imortalidade (XII, 104). Isso aproxima-se das idéias que encontramos no Atharva-Veda, onde toda a desgraça, todo mau presságio mesmo, é pecado ou conseqüência do pecado, sem imputar nenhum mal ao poder soberano. Todo mal vem do homem; portanto, importa que o homem o conheça, conhecendo-se. Este conhecimento não será estéril, pois lhe mostrará que Deus está presente em sua alma, assim como está presente em todas as coisas, e aqui está como conclui este livro sagrado onde se encontram formulados a mais alta feição e o mais alto pensamento das raças arianas:

Assim o homem que reconheceu, na sua própria alma, a Alma Suprema, presente em todas as criaturas, mostra-se o mesmo em presença de todos e obtém a sorte mais feliz daquele ser que está, enfim, absorvido em Brama (XII, 125).

Vemos aqui a admirável moral que aparece como a conclusão deste livro, que mostra todas as criaturas sobre o caminho de sua evolução e todos iguais ao olhar do Infinito, que deveria ser o ponto de vista do adepto, a fim de que as distinções de toda espécie não aparecessem.

Mas nós não estamos aqui senão no mundo perfeitamente humano das convenções sociais; se quisermos atingir mais alto e mais profundamente o esoterismo hindu, encontramos-lo em outras obras, mais dificilmente acessíveis, principalmente nos Upanishads, que são, ao mesmo tempo, uma revelação e um ritual.

*

* *

Este livros mereceriam um estudo profundo, mas o nosso quadro é limitado; não podemos dizer aqui senão algumas palavras.

Os Upanishads, muito sensivelmente menos antigos que os Vedas, revelam-nos mais diretamente o Bramanismo.

A palavra Upanishads deve ser interpretada como oculto, secreto. É pois, o livro da Ciência Secreta, aquela que não é confiada senão a uma elite, após a iniciação.

Vê-se que esta iniciação é longa e penosa, porém, segundo os Brâmanes — e as realizações obtidas por seus adeptos demonstram-nos que há veracidade nas suas palavras —, o que não é muito por longos anos de trabalho e de mortificações, o saber e os poderes que se transmitem assim de iniciado a iniciado.

O Brâmane tem por ofício exterior fazer oferendas, sacrifícios aos Deuses, cujo fim é, ao mesmo tempo, render as homenagens que lhes são devidas, pedir-lhes bens que o povo necessita obter e afastar os males que o afligem.

Mas não estão aí senão as notas exteriores de sua dignidade. Sua ocupação principal é meditar sobre os Deuses, sua natureza e suas relações com o homem (isto visando o desprendimento), a liberdade das coisas materiais e não participar mais das reencarnações, porém, merecer a redenção espiritual, aceder à paz divina do Nirvana.

Lehman diz: *Esta redenção obtém-se pelo conhecimento e a aquisição do conhecimento e é concebida como um sacrifício espiritual, pelo qual o solitário não somente prossegue a atividade sacrificial de sua vida anterior, mas também a exerce em uma esfera muito mais elevada. Assim, o "caminho das obras" (vida doméstica, sacrifício) e o "caminho do conhecimento" distinguem-se, mas eles conduzem ao mesmo fim, ao fim celeste. Todos os dois tendem à salvação do homem, ou melhor, da alma, mas por processos diferentes; de uma parte as obras exteriores, de outra parte o pensamento puro e o êxtase.*

Eis aí já uma das primeiras manifestações da idéia que será retomada e desenvolvida no Budismo.

O fim da vida é a libertação, é o desprendimento das chamadas da vida material, do fluxo! terrível das paixões, para procurar a paz dos cumes e perder-se em Deus!

O Brâmane que segue o caminho do conhecimento deve instruir-se para adquirir o conhecimento do Universo, a origem e a natureza das coisas, da natureza e do destino do homem com o Universo; estuda as forças que vivem no Universo as suas diferenças aparentes e a sua unidade real. Leva a reconhecer que, na sua essência, o homem é idêntico ao Atman, que é o princípio de todas as coisas.

Daí vem a constante prática da meditação que ocupa mais da metade da vida do Brâmane; é na calma completa do corpo e do pensamento que se produz esta iluminação íntima pela qual Deus se revela ao homem.

Este estudo, ao mesmo tempo intelectual e místico, é o soberano bem deste mundo, porque mostra ao homem o seu princípio em si mesmo, e o conduz pelo conhecimento à felicidade.

Aquele que encontrou o ser, que o reconheceu, não está limitado por seus votos nem em seu lugar; a própria felicidade dos deuses está incomparavelmente abaixo da felicidade do conhecimento supremo.

A morte do corpo no estado de espírito cessa de ser um objeto de aflição; pelo contrário, é a libertação da alma, chamada a radiosos destinos.

Quando se morre, passa-se do não-ser ao ser, da obscuridade à luz.

*

*

*

Os princípios contidos nos Upanishads, e que fomos obrigados a resumir, em lugar de nos afastarmos tanto quanto desejaríamos, foram retomados da Vedanta.

Aí, pela intervenção de uma sorte de racionalismo, que é perfeitamente incompatível com a religião mística da Índia, as idéias são mais claras, mais desprendidas da mística e das práticas culturais! Encontramo-nos em presença de um sistema filosófico mais completo.

A ÍNDIA BÚDICA

O pensamento dominante do Budismo está na utilidade do Sofrimento e na necessidade da Renúncia. — O sofrimento é a resultante de nossas faltas, de nosso Carma. — Ensinaamentos exotéricos. — Ensinaamentos esotéricos.

O Budismo foi uma revolução na religião bramânica, porque ele mostrou a senda aberta a todos aqueles que querem atingir o Nirvana e que o podem pela fusão em Deus e na Renúncia.

Esta doutrina foi apresentada pelo seu iniciador na forma mais suave e mais sedutora; teve um grande desenvolvimento nas índias, uma glória que durou muitos séculos e que não está ainda desmaiada porque ela se irradia atualmente em todo o Extremo-Oriente, na Sibéria, no Japão, no Tibete e na China.

O pensamento dominante do Budismo está na utilidade do sofrimento e na necessidade da renúncia. O sofrimento não é um mal senão no sentido de que ele é a resultante de nossas faltas nas existências anteriores. E' o que a índia chama o Carma, palavra que nos vem a ser familiar depois da extensão da teosofia. O Carma segue-nos de uma vida a outra e o budista deve livrar-se pela dor e a renúncia.

Portanto, segundo esta crença, quanto mais arrastarmos uma existência aflita e miserável, mais expurgaremos esta condenação póstuma, mais nos aproximaremos da definitiva libertação.

A idéia do Carma domina toda a religião búdica.

Ao cúmulo do ensinamento budista coloca-se Buda, emanção de Deus, modelo de virtude; Buda possui a paz. Diz a seu discípulo que se preocupe com a

sua própria salvação, mas ordena-lhe também que auxilie a salvação de seus concidadãos, que se interesse praticamente, na medida de suas forças, pela salvação da Humanidade!

Ensinamentos Exotéricos

Diferenças profundas entre o Bramanismo e o Budismo. — O primeiro é uma religião aristocrática e sacerdotal; o segundo, ao contrário, é uma religião democrática e social. — As duas formas, pública e secreta, do ensinamento búdico. — As doutrinas do coração e da vista. — A vida de Gautama Buda. — Dados que formam a base do Budismo. — O soberano bem a atingir é o Nirvana. — Quatro conhecimentos são necessários para atingir a felicidade; o sofrimento está em todas as coisas e ele nos acolhe desde a primeira hora de vida. — A causa do sofrimento está na sede de viver, na sede de prazer, na sede de poder... — Como suprimir o sofrimento. — A Senda da Sabedoria consta de oito caminhos que conduzem à mais alta realização. — Os quatro caminhos do começo: crença perfeita, intenção perfeita, palavra perfeita e conduta perfeita. — Os quatro caminhos mais elevados: pureza perfeita, pensamento perfeito, solidão perfeita e êxtase ou meditação perfeita. — As cinco regras da vida perfeita

Profundas diferenças separam o Bramanismo do Budismo. Confundem-se porque eles têm, todos os dois, esta concepção metafísica da ascensão através da peregrinação das existências. Mas o Bramanismo é essencialmente aristocrático e sacerdotal. Seu sistema de castas, ainda em pleno vigor na Índia, mantém duramente as barreiras que fecham o acesso aos altos estudos.

Esta união da religião com a vida da nação faz do Bramanismo uma religião eminentemente nacional. O Brâmane reserva-se com feroz exclusivismo o ensinamento religioso e torna o acesso muito difícil.

A iniciação pede longos anos; aquele que quer ser perfeito deve consagrar-se toda sua vida.

O Budismo é, pelo contrário, uma religião universal, essencialmente democrática e social, onde não se faz exceção de nacionalidade nem de casta. Todos podem chegar à iniciação superior; não se exige do adepto senão a vontade de operar de conformidade perfeita com a lei revelada por Buda.

No país onde domina a tirania dos "*rajahs*", o Budismo ousou pregar a igualdade, a tolerância, o pensamento inteiramente livre.

A caridade não se limita aos homens; estende-se às criaturas mais ínfimas e condena a matança dos animais, nossos irmãos inferiores. Tal é o ensinamento popular, palavra de bondade e de pura moral.

A iniciação superior eleva-se acima dessas considerações puramente práticas. Para uma elite escolhida sem distinção de casta, mas segundo os seus dons intelectuais e psíquicos, um ensinamento místico extremamente elevado criou um grande número de livros sagrados que fazem a admiração do Ocidente: a Voz do Silêncio, o Bhagavad-Gtâ e tantos outros mostram-nos o desenvolvimento da vida interiormente e, de mais a mais, unida ao pensamento do Ser do qual ele emana e este estudo do ser é essencial para a iniciação.

O estudo das forças que são residentes na natureza humana é feito pelo próprio ser. Estas forças, o iniciado não deve limitar-se a conhecer; deve tender a dominá-las pelo conhecimento dos ritmos que lhe fazem penetrar no íntimo das coisas! Deve descobrir também o jogo das forças exteriores ao ser humano, ver quais são as relações do homem com o universo e como a medida dessas relações pode ser modificada pelo conhecimento.

Este estudo faz aparecer o mundo sob o aspecto de eternidade, magnificado por uma existência quase divina.

Esta concepção é freqüente na maioria das religiões, em sua parte esotérica.

Verificando a antigüidade dos monumentos escritos que a Índia nos deixa descobrir apenas a muito custo, mais verossímil se torna esta Ciência Secreta, que veio, por diversas infiltrações, da Índia, onde foi primitivamente conhecida e ensinada.

*

* *

É, talvez, na Índia que se distinguem melhor, estas duas formas de ensinamentos religioso e filosófico:

- 1º. Para a multidão, uma doutrina mística e humanitária que tem por fim espalhar a moral, melhorar o coração, canalizar o sentimento e elevá-lo para o divino.
- 2º. Para uma elite compenetrada de seus ensinamentos e das práticas de caridade, uma iniciação mais intelectual, idéias mais elevadas que precisam ser compreendidas e raciocinadas, um conhecimento mais profundo dos mistérios da criação e do Criador. O coração não basta àquele que quer seguir a senda perfeita; é preciso o assentimento do espírito e da razão.

A senhora Blavatsky, que viveu longos anos na Índia e que é a fundadora do movimento teosófico, assinala claramente essas duas formas de pensamento, uma exotérica, outra esotérica do Budismo.

É assim que, comentando a "*Voz do Silêncio*", este livro sobre o qual trataremos mais adiante, diz:

"As duas escolas da doutrina de Buda, a esotérica e a exotérica, são chamadas respectivamente Doutrina do Coração e da Vista. Bodhidharma chama-os, na China — e daí seus nomes provirem do Tibete — Tsung-men (o esotérico) e Kiaú-men (o exotérico)."

"A primeira é assim chamada porque é a doutrina que emana do coração de Buda, enquanto que a doutrina da vista faz a obra de sua cabeça ou de seu cérebro".

"A Doutrina do Coração é também chamada o selo da verdade ou o verdadeiro selo, um símbolo que se encontra à frente de quase todas as obras esotéricas".

O Buda tinha conhecido muitas encarnações antes de que um Buda viesse a ser iniciador da maior parte de seu país. Mas o que dá origem ao Budismo é isto:

Segundo os livros sagrados, ele teria nascido 628 anos antes de Jesus Cristo.

O cálculo europeu das datas vai além, chegando a resultados diferentes e dá, como ano exato, ora 520, 542 ou 562. Sua vida neste mundo teria durado 80 anos.

Seu nome era Siddhârta, príncipe da família Gautama (de onde seu nome pessoal de Gautama Buda) e esta ilustre família era da dinastia real dos Sakyas ou Çakyas (onde o nome de Çakya-Muni, cuja significação exata é o Sábio da família Çakya).

Buda veio à terra para revelar a verdade; eis porque a Índia lhe deu o nome de Buda, que é o dos iluminados que receberam o Boddhi, o Conhecimento intuitivo.

Seu fim sobre a terra era, pois, revelar a verdade, fazer conhecer as causas da dor, libertar os homens, permitir-lhes desprender-se da matéria, a fim de que todos pudessem atingir o Nirvana através da cadeia das encarnações.

*

* *

Os dados que estão à base do Budismo são os seguintes: Tudo vem, primeiramente, da dor que reina sobre a terra. Depois, a noção do Carma, isto é, o conhecimento deste fato, que a dor não é sem causa, mas que ela tem por efeito purgar em nós as faltas passadas cuja expiação prossegue através de múltiplas encarnações. Depois de reduzir o seu Carma, o homem tem o dever de diminuir o domínio do mal terrestre pelo desenvolvimento progressivo do saber, que arrancará, pouco a pouco, um grande número de homens, de todo o gênero humano, do pecado que é a causa do mal e da dor.

O budista deve praticar o altruísmo, porque toda a soma de ação feita em interesse pessoal e segundo o desejo é má; não se pode operar sem pecado senão operando pela coletividade dos seres vivos; é uma das mais belas formas de solidariedade que foram formuladas.

Todos os seres são ligados uns aos outros e os nossos atos têm repercussão desconhecida sobre os seres que não conhecemos. A Evolução é a lei do mundo; não se pode franquear senão depois de um ciclo de existências, quando se está capaz de receber a iluminação suprema. Então aprende-se que o mundo é um ser único e que se é destacado inteiramente de si mesmo.

Arnold, na Luz da Ásia, nos dá os seguintes detalhes:

"Profundamente comovido pelo espetáculo do sofrimento e o conflito de todos os seres vivos, (o Buda) resolveu achar a causa e o remédio.

"Por isso, abandonando uma existência de prazeres e de delícias, retirou-se para a solidão, longe dos gozos e das paixões que perturbam o pensamento, libertou seu espírito de toda a idéia preconcebida e mergulhou em meditação".

"Reconheceu antes de tudo que não podia achar a solução do problema nos céus inacessíveis, nem no mundo objetivo ilusório, mas só na realidade de que temos o conhecimento imediato, no eu, e, em primeiro lugar, na sua esfera mais exterior de qualquer espécie e a mais imediatamente observável, nossas obras, nossas ações, e assim examinou o mecanismo e descobriu os efeitos irreparáveis e eternos que formulou na grande lei do Carma".

"Viu que os nossos atos se relacionam, se determinam sucessivamente, fortificam-se pelo hábito, repercutem sobre o nosso eu, modificam sensivelmente o

nosso caráter, a nossa personalidade, o nosso corpo mesmo, de modo que o ato bom nos torna melhores e o ato mau nos degrada e nos faz sofrer, encontrando em nós mesmos a recompensa ou o castigo de nossas obras; porém, estes resultados que observou perpetuam-se segundo as nossas existências efêmeras, através da cadeia sem fim das gerações: nossos descendentes aproveitam os melhoramentos ou sofrem degenerescências assim fixas, do mesmo modo que nos alegramos ou sofremos dos defeitos e das taras hereditárias".

O Carma é a base e o princípio de todo ensinamento búdico. É ele que dá a sua forma tão característica.

Para o povo, este ensinamento é apresentado sob uma forma clara e inteligível que reveste as aparências de um mito.

É a metempsicose, tal como a conheceu também o exoterismo egípcio.

Se o homem não segue as regras da moral que lhe são impostas, deixa a caminho reto e recai na animalidade; renasceu nas formas inferiores. Mas o iniciado sabe que ele não tem senão uma figura destinada a espantar, que a cadeia das existências não desce, porém que a dor será o preço de todo afastamento fora da Senda.

Buda proclama que o Universo é um, tanto no espaço como no tempo. Todos os seres são idênticos na sua essência, animados do mesmo princípio e, se eles se manifestam sob mil formas, é que estão em estados diferentes de sua evolução.

Tudo não é mais do que unidade, encadeamento. Somos associados a todos os seres, solidários de sua evolução. É, pois, de toda necessidade, se quisermos alcançar a felicidade, fazer a felicidade de todos aqueles que nos rodeiam na medida das nossas forças porque o nosso bem e o nosso mal estão ligados aos seus bens e aos seus males.

*

* *

O limite da doutrina é a posse da felicidade, mas não da felicidade humana, que não é senão fumo, dirigido pelo vento brutal do desejo.

O bem soberano que nos confere a felicidade é o Nirvana, o paraíso perfeito onde o espírito do homem se funde nos raios da Divindade.

Não devemos desejar este paraíso exclusivamente para nós; mas o nosso dever é sustentar todos os seres que se dirigem sobre o caminho e conduzi-los para este maravilhoso termo.

O ensinamento budista não deve ser o de uma severidade autoritária. O iniciador far-se-á melhor compreender se ele pregar pelas suas qualidades de coração e as ações de sua vida; ele é o modelo da abnegação. A fim de incitar os outros à mais perfeita renúncia, ele espalha sobre todos os seres a caridade e a simpatia; na sua conduta florescente de bondade e benevolência, atrai aqueles que procuram a sua senda e mostra que a alegria está na renúncia.

Um erro assaz freqüente é imaginar que o Nirvana assim obtido, pelo desprendimento de tudo o que nos parece constituir o bem-estar e o agrado da vida, é uma espécie de estorrecimento impessoal, um repouso absoluto que parece letárgico. Não é nada disso. Neste mundo, imagem perturbada do mundo superior, tudo é trabalho e movimento; é o mesmo no Nirvana. O espírito, desprendido da

matéria, inquieta-se pela sorte da humanidade que deixou e faz esforço para atrair os seus irmãos ao Templo da alegria.

Buda exprime assim esta obrigação:

"Liberto, liberta; chegado a outra praia, faz chegar os outros; consolado, consola; chegado ao Nirvana completo, faz chegar os outros".

Resulta, pois, deste ensinamento que a felicidade e o bem supremo não estão no prazer egoísta do repouso.

O espírito, atingindo o Nirvana, não se dissipa na unidade divina com a qual se comunica.

Não se enfraquece, mas tendo perdido as forças desconhecidas da terra, conserva a sua personalidade sublimada pelo contacto do divino e, nesta personalidade, segue, como uma lei reta, a mais bela forma do pensamento e do coração do homem: o sentimento de seu dever.

Certamente aquele que atingiu o Nirvana pela meditação e o mérito está acima da humanidade; não concebe mais as miseráveis alegrias às quais renunciara no seu viver; mas as penas de seus irmãos ainda o tocam, não em uma ternura particular, mas na noção da dor, imagem e consequência do mal.

Seu dever é fazer desaparecer esta sombra que ofusca ainda mais a luz revelada. Deve fazer subir todos os seres ao paraíso onde ele vive.

A aniquilação, que se confunde com o Nirvana, aplica-se à parte material, e não somente à matéria grosseira e pesada do corpo, mas à matéria toda, por mais sutil que ela seja: aos nossos desejos, aos nossos surtos materiais, toda a coisa

material, porque os nossos desejos e o objeto dê nossos desejos em tudo o que não é perfeição absoluta, tudo isso não é, para o budista, senão ilusão, cilada de Maya, chamada a desaparecer como os sonhos do sono.

É no conhecimento desta materialidade, concedida às nossas concepções, aos nossos desejos, que a teosofia, de acordo não somente com as concepções da iniciação hindu, mas ainda com todas as iniciações do passado, reconheceu a existência de todos os estados da matéria; u'a matéria psíquica, muito mais sutil, que se modifica segundo o ritmo de nossa vida sentimental, a tênue matéria de nosso corpo invisível, manifestado somente nas raras circunstâncias.

A respeito desta aniquilação da parte material, a senhora Blavatsky assim se exprime:

"Na filosofia búdica, a aniquilação quer dizer somente uma dispersão da matéria, sob a forma ou aparência de modo que seja: porque tudo que tem uma forma foi criado e deve, por conseqüência, perecer cedo ou tarde; e, por ser uma coisa temporária, ainda que permanente em aparência, não é senão uma ilusão, Maya; porque como a eternidade não tem começo nem fim, a duração mais ou menos prolongada de qualquer forma particular, passa, por assim dizer, como um relâmpago. Antes que tenhamos tido tempo de tomarmos conta do que temos visto, está passado e desaparecido para sempre; e depois, o nosso corpo astral, feito éter puro, não é senão uma ilusão da matéria enquanto ele conserva a sua forma terrestre".

"Esta última mudança, diz o Budista, segundo os méritos e os deméritos da pessoa, durante a sua vida, é a metempsicose".

"Quando a entidade espiritual separa-se inteiramente de toda a parcela de matéria, então somente ela entra no eterno e imutável Nirvana. Ela existe em espírito e no vácuo; tanto quanto a forma, a figura e a aparência, ela está completamente aniquilada e assim não morrerá mais, porque o espírito só não é Maya, mas a única Realidade no Universo ilusório de formas transitórias" (Ísis Desvendada).

A pesquisa da perfeição é já um começo da realidade. Aquele que procura a salvação é já um Bodhisattwa um futuro Buda, que atingirá o fim que ele visa com tanto maior prontidão quanto mais cedo renunciar completamente a todo o desejo e a toda a ambição humana, que o mergulhará no conhecimento, que é também o caminho da divinização.

O Bodhisattwa, que é sublimado, procura atingir a Boddhi, isto é, a iluminação suprema, que lhe revela a lei do Universo; fá-lo-á Buda! Esta iluminação, este Boddhi, permite ao adepto compreender o fim da vida e, sabendo que é o caminho para a perfeição e a alegria sem sombra, destruirá a força de suportar que a vida material não lhe preocupa absolutamente.

Estas experiências são mesmo um assunto de alegria, pois que elas o aproximam, sem cessar, do Nirvana, da visão beatífica por aquela que se despojará de tudo que a sua personalidade tinha de material, para permitir a sua força e o seu

pensamento, ao serviço do maior bem. Eis aí, sob o ponto de vista búdico, a mais elevada forma da felicidade.

*

* *

Para atingir o Nirvana, quatro conhecimentos são necessários ao budista, que pode adoptá-los segundo o grau de perfeição e inteligência que lhe estão em harmonia pelo seu estado de evolução.

- 1º. Está em primeiro lugar a noção de Sofrimento que, para o hindu, é o rei deste mundo. O budista deve sofrer pessoalmente e evitar o sofrimento de seu próximo.
- 2º. A causa do Sofrimento está no pecado e no desejo, o que volta sensivelmente ao mesmo.
- 3º. A supressão do Sofrimento está, no que se relaciona com o próximo, no exercício da caridade e das obras de misericórdia, e, no que nos concerne, na abolição do desejo.
- 4º. A pesquisa da Senda é que conduz à supressão da dor. E' o caminho óctuplo que conduz directamente à paz e ao refúgio.

Estudemos sucessivamente estes quatro conhecimentos necessários.

*

* *

Para o budista, o sofrimento está em todas as coisas e ele nos acolhe desde a primeira hora da vida. O nascimento cruel para a mãe que põe a criança no mundo, é também a primeira experiência que atinge a criança ao seu primeiro

suspiro. Para nascer, aprisiona-se a um corpo material e renuncia à liberdade divina; seu primeiro grito é uma queixa e as lágrimas são para todo ser vivo neste mundo a primeira manifestação de vida, porque o espírito cativo na matéria está longe de se acostumar.

A idade é sofrimento, porque o tempo é o limite do homem e não cessa de lhe impor a dor; na sua mocidade, impõe-lhe as tentações, que vêm do corpo, do coração e do espírito e toda a força mal empregada não é senão fraqueza aos olhos clarividentes do espírito, destacado das contingências.

A doença é o sofrimento. Ela retém o homem na dor física e também no tormento intelectual de sua tarefa não cumprida, dos interesses, dos cuidados dos seus e de seus próprios interesses, de seu trabalho, que ele deve abandonar quando a doença o abafe sobre o leito. A doença enfraquece o homem pela velhice antecipada e não lhe dá senão a libertação que lhe parece prometer.

Estar unido com aqueles que não se ama é sofrimento, porque a dessemelhança de sentimentos e de idéias, quando não é adoçada por uma terna afeição, vem a ser uma carga insuportável.

Os caracteres, assim aproximados, amargam-se, e, se não se tem domínio da própria impaciência, resultam questões e toda sorte de penosos inconvenientes.

Estar separado de quem se ama é sofrimento ainda maior. A afeição que se tem para com o próximo ou para com o objeto de seus amores é um apoio maravilhoso para suportar os revezes aos quais cada um está exposto e a ausência ajunta às nossas próprias penas aquelas que não nos é dado aliviar no ser amado.

Não se obter o que se deseja é sofrimento; seja uma vantagem material, a posse de um objeto necessário ou a realização de nossas ambições. O desejo não

satisfeito acabrunha o homem que não tem sabido vencer e lhe faz odiar a vida que não tem sabido despertar desta quimera a que dá mais atenção do que à verdadeira sabedoria, que é portanto, o único bem verdadeiro, fora da ilusão dos sentidos.

Em uma palavra, tudo é sofrimento sobre a terra, exceto a pesquisa do bem que nos aproxima sem cessar do Nirvana, que deve ser a única aspiração daquele que venceu o desejo, que dominou a matéria e caminha com um passo seguro para a luz e para a libertação de seu espírito, para a união consciente em Deus.

E Arnold, na Luz da Ásia, interpretando os ensinamentos budistas, assim se exprime sobre os sofrimentos deste mundo e o seu papel na nossa evolução:

"Não vos iludais! A vida que amais é uma longa agonia; suas penas são as que persistem; seus prazeres são como os pássaros que brilham e se equilibram no vôo. Sofrimento ao nascer, sofrimento de dias desesperados, sofrimento da mocidade ardente e da idade madura, sofrimento dos frios e tristes anos da velhice e sofrimentos finais da morte, eis aí o que preenche a vossa mísera existência. O amor é uma doce coisa, mas as flamas funerárias devem beijar esses rins sobre os quais repousais e esses lábios nos quais pousais os vossos."

"Valorosa é a virtude guerreira, mas os abutres dilaceram os membros do chefe e do Rei. A Terra é magnífica, mas todos os habitantes de suas florestas conspiram a sua morte recíproca, na sua sede de viver; os céus são de safira,

mas os homens esfaimados gritam em vão e não fazem cair uma gota de água”.

"Perguntai aos doentes, aos aflitos, perguntai àquele que vacila apoiado ao seu bastão, só e abandonado: "Amas tu a vida?"Eles dir-vos-ão que o filho tem razão de chorar desde que nasceu".

Nunca, mesmo no Eclesiastes, onde se resume a saciedade, a lassidão de um rei, o desgosto da vida e da miséria e o vácuo das esperanças, têm sido expostos com tão poderoso relevo.

A Terra, conforme a concepção búdica, não reserva ao homem senão a desilusão, porque ele amou a ilusão mais do que a realidade; porque ele desejou o seu mal e aqueceu-se na sua febre; porque ele não conheceu o caminho da verdade.

*

* *

Isso nos anima a conhecer a causa do Sofrimento.

Esta causa é a sede de viver, que nos conduz a vir ao mundo novamente, de renascença em renascença, fazendo assim o uso da força má para o cumprimento das purificações.

Esta necessidade de existência pessoal é a maior de todas as ciladas e, no entanto, nela caímos sem cessar.

Esta sede de viver anima e faz nascer todas as causas da dor.É ela que é a mãe do desejo, que apresenta diante dos olhos clarividentes do espírito as miragens da ilusão.

O espírito daquele que deseja, encoberto pela bruma do desejo, dos sentidos, agarra-se facilmente àquilo que é transitório. É o desejo que o impele violentamente a disputar, e até ao assassínio, muitos bens que não mereceriam mesmo um só olhar; é o desejo que leva à cólera e a todas as faltas aqueles que caem, entorpecendo o seu Carma.

É a sede de prazer, este atrativo violento pelo que brilha e nos diverte, que nos liga, sem cessar, mais fortemente a esta matéria que seria preciso despojar por novos sofrimentos e do que não restará nada mais. Os prazeres dos sentidos embrutecem-nos e nos obliteram a inteligência; muitas vezes, endurecem o nosso coração, porque aquele que se entrega ao prazer raramente se recorda de que há alguém que sofre; assim, não somente ele não adquire méritos, mas repele a ocasião de se purificar por seu altruísmo, sua fraternidade para com os desgraçados.

É a sede do porvir que retarda a nossa evolução, a sede que nos impele para as mutações perpétuas, na convicção imaginária de que o novo lugar ocupado nos dará mais alegria ou mais orgulho do que o precedente, como se todas as imagens vãs às quais nos ligamos não fossem reciprocamente iguais, na sua vacuidade e na sua inexistência.

É a sede de poderio que nos enche de orgulho, porque este nos dá a aparência de ação na opressora autoridade que nos dá sobre todos os seres. O poderoso, se soubesse o que é a verdade, demitir-se-ia de seu poder que obriga a atos de que ele não conhece, nem pode conhecer, todas as repercussões, mas dos quais guardará sempre, sem que o saiba, toda a responsabilidade. Seu coração endurecido torna-se insensível à dor alheia que ele julga necessária porque pretende aliviar. Assim, acabrunhado já pelas preocupações e cuidados de poderio,

aquele que possui poder assume ainda um Carma que se multiplica pelo bem que não fez nem ordenou o mal que fez ou deixou de fazer quando mandava nos homens.

Edwin Arnold assim se exprime, referindo-se à causa do sofrimento:

"A segunda verdade é a Causa da Dor. Que sofrimento vem de si mesmo, e não do Desejo? Os sentidos e objetos percebidos encontram-se e a viva centelha das paixões aumenta de brilho; assim, inflama-se Trishna, concupiscência e sede das coisas. Ficais presos às sombras, e vos enfastiais de sonhos; plantais no meio um falso eu, e estabeleceis em torno um mundo imaginário. Sois cegos à claridade suprema, surdos às vozes das doces brisas, vindas do mais alto do céu da Índia, mudos aos apelos da verdadeira vida que conserva aquele que rejeitou a vida enganadora".

"Assim, vêm as lutas e as concupiscências que fazem reinar a guerra sobre a terra, assim sofrem os pobres corações enganados, assim correm lágrimas amargas, assim os anos cruéis, os pés vermelhos de sangue, prosseguem os anos cheios de carnificina; assim, onde deveria brotar o grão, estende-se a erva daninha com a sua raiz má e as suas folhas e flores venenosas; a muito custo, as boas sementes acham um solo propício, onde elas podem cair e brotar. E a alma vai saturada de bebidas envenenadas e o Carma renasce com um

ardente desejo de beber de novo; excitado pelos sentidos, o Eu fervente recomeça e recolhe novas decepções".

*

* *

O terceiro conhecimento necessário é a supressão do Sofrimento. Este segredo é fácil de entender, mas é difícil de se aplicar, e, entretanto, é o verdadeiro segredo da felicidade, da completa evolução. O desejo nunca satisfeito; o desejo que chama sem cessar um outro objeto de desejo, desde que ele possui e rejeita o objeto de seu recente desejo; o desejo criou a necessidade que é um desejo que nos parece legítimo porque ele se dirige a um objeto que julgamos imprescindível à nossa vida. Mas, para aquele que quer viver na contemplação meditativa, a necessidade fáz-se de mais a mais restrita.

Aquele que medita não vive neste mundo; ele não tem, pois, nada que fazer nos palácios luxuosos onde se apresentam as riquezas e as raridades acumuladas a preço de ouro, quando os pobres sentem a falta do que, na realidade, lhes é necessário.

Aquele que medita não tem necessidade de ofuscar os outros pelo fausto de seus hábitos; que não esteja nu e que esteja ao abrigo das intempéries, eis o que é necessário; não tem necessidade de nutrição rebuscada, uma vez que a sua fome seja sumariamente apaziguada; o luxo da mesa não lhe importa; abstraído nos seus pensamentos, não tem viagens a fazer e não recorre aos espetáculos para os quais se perdem dinheiro e tempo; vê as coisas muito mais belas do que os outros, quando o olhar da alma sobe para o Infinito.

É assim que o Sábio, aquele que quer aproximar-se da perfeição e diminuir o seu Carma chega à supressão completa do prazer, do desejo, pela restrição sempre maior, e mesmo pela abolição da necessidade.

Assim, não achando nada a possuir, chega a possuir-se a si mesmo, a vencer a ilusão, a estar no conhecimento de causa sobre o caminho da realidade.

Suprimir o desejo e restringir a necessidade é possuir neste mundo a paz tão necessária à meditação que não perturbará mais os trabalhos inúteis e as vãs competições; é libertar a sua alma, torná-la mais leve para voar na luz pura e inexprimível do Nirvana.

E Arnold exprime assim esta terceira verdade.

"É a paz que deve vencer o amor do Eu e o apego à vida, arrancar dos peitos as paixões de raízes profundas e acalmar a luta interior; assim o amor fica satisfeito de manifestar a eterna beleza, tendo a glória de ser senhor de si mesmo e o prazer de viver acima dos deuses; possui riquezas infinitas, porque reúne o tesouro dos serviços prestados, dos deveres cumpridos com caridade, das palavras benevolentes e da vida pura; estas riquezas não se perderão durante a nossa existência e a morte não as destruirá".

"Então, a Dor desaparecerá, porque a vida e a morte cessaram; como poderá brilhar a lâmpada cujo óleo terminou?"

"O resto é líquido; o novo está líquido; assim o homem atinge a felicidade".

Vê-se, portanto, que o desapego é que é o meio de matar a dor deste mundo; aquele que não tem nada a perder, nada perde. Nada atinge o Sábio que procurou a abolição da dor no aniquilamento do desejo.

Seu reino não é deste mundo e não somente seu reino, mas as suas simples e restritas possessões. Nada lhe é mais precioso do que a verdade. É efetivamente o seu único fim e a sua única ambição. Pela sua abnegação, afasta de seus olhos os véus espessos da matéria e, sempre mais recolhido em sua meditação profunda, goza de seus únicos bens verdadeiros que o Nirvana lhe confirmará no tempo infinito.

*

* *

O caminho da supressão da dor não é acessível senão àqueles que o têm procurado pela senda que indicamos; é o Caminho santo, a Senda. Este caminho está aberto a todos e aquele que o segue, deixando os outros, é que já está perto da Sabedoria. É a nobre Estrada que os passos dos Sábios pisaram para nos traçar o caminho, é o único que nos conduz ao termo a que todos devemos chegar.

A vereda que tem oito divisões é aquela que conduz à Paz, ao perfeito contentamento.

Conservando a forma imaginada da literatura hindu, Arnold exprime-se assim:

"Está aberto, largo e unido, acessível a todos os passos, fácil e próximo, o Nobre Atalho óctuplo, que vai direito à Paz e ao Refúgio. Escutai! Numerosos traços conduzem a esses picos gêmeos, cobertos de neve, em torno dos quais se

enrolam nuvens douradas; subindo os declives, doces ou escarpados, chega-se ao cume onde aparece um outro mundo”.

"Aqueles que têm membros vigorosos podem enfrentar o caminho áspero ou perigoso que começa diretamente no flanco da montanha; os fracos são obrigados a contorná-lo por caminhos mais longos, repousando em passagens estreitas”.

"Tal é Atalho óctuplo que conduz à paz; caminha por alturas mais ou menos abruptas. A alma corajosa apressa-se; a alma fraca retarda-se; todas atingirão às neves douradas". (Luz da Ásia).

Aí brilha, em toda a mansuetude, a doutrina fraternal de Muni. Ninguém é repellido da iniciação; a senda escarpada não está aberta para todos, não porque haja má vontade, mas pela enfermidade, pela sua fraqueza. Todos são chamados e todos são eleitos. Os pés dos viandantes encontrarão um caminho mais doce sobre as trilhas já traçadas, mas, com o tempo, a vontade de seus Corações amantes, seus espíritos tenderão para as glórias do Nirvana e, por isso, levá-los-á para o alto e, quando eles tiverem percebido os primeiros clarões do verdadeiro dia, terão desejos de voar para o cimo com as forças desenvolvidas ao décimo grau.

O Atalho Nobre é dito óctuplo porque ele comporta oito práticas ou caminhos que levam à realização. Quais são esses oito caminhos?

*

* *

Quatro são indicados para o começo.

Primeiramente, é a Crença Reta. Sua prática consiste sobretudo na direção moral.

Aquele que segue este caminho deve evitar toda ofensa e encarar cada um como uma alma fraternal.

Ele sabe que o Carma é a lei do mundo; todos os seres são ligados e solidários; também sabe que é este Carma que rege todas as coisas deste mundo.

Não somente evita toda cólera e todo ato violento, mas ainda aprende a governar os sentidos, a exercer sobre eles um império clarividente, de tal maneira que nada o possa fazer sair do caminho traçado.

Depois, vem a **Intenção Reta**. O Carma daquele que deve vir a ser Sábio não deve inquietá-lo absolutamente.

O que é um mal em um ser é o mal de todos os seres; deve possuir, pois, bons sentimentos a respeito de tudo o que vive.

Deve evitar a cólera, mas também deve evitar a malevolência, que envenena as mais retas intenções e a avidez que é a maior fonte de questões e de maus propósitos, que fazem cair na cilada da ilusão.

Ao lado da Crença e da Intenção Retas, o terceiro caminho é o da **Palavra Reta**.

Não basta evitar o mal; é preciso que nem as nossas palavras possam causá-lo; mas aquele que procura a Sabedoria deve ser senhor das suas palavras; não deve pronunciar senão palavras francas, sempre calmas e corteses, porque a própria verdade ganha em ser dita com bondade.

O Livro diz àqueles que se aproximam desta Senda:

"Vigiai os vossos lábios, como se eles fossem as portas de um palácio habitado por um rei e falai como se Sua Majestade estivesse presente".

"É dar ao homem um sentimento elevado do espírito, de que não é senão a morada e que deve respeitar tanto na palavra como na sua mais viva manifestação".

"Cada ação do iniciado deve ter por fim a destruição de uma falta. Cada ação boa pode e deve reparar uma ação má".

O quarto caminho é o da **Reta Conduta**.

Aquele que vai para a Sabedoria, abstém-se de palavras e de ações inúteis; deve ter por objeto adquirir méritos e só o amor é capaz de conduzi-lo a isso.

"O Sábio não deve ter em torno de si senão a possibilidade de destruir o mal; o mal moral, pelo seu exemplo e suas boas qualidades, suas boas palavras, o mal físico por suas delicadezas, por seus cuidados e sua caridade".

"Este amor para com todos os seres é a mais alta via daqueles que ainda não chegaram aos planos escarpados do cume, mas a senda já está esclarecida pelo amor que é o sol de todos os seres e o guia de suas ações".

"Como vemos o fio de prata através das pedras de um colar, deixai aparecer o amor através das vossas boas ações".

Esta regra é o encadeamento aos quatro caminhos mais elevados.

*

* *

Estes quatro caminhos elevados são: a Pureza Reta, o Pensamento Reto, a Solidão Reta e a Meditação Reta.

O caminho da **Pureza Reta** é o da renúncia voluntária a todas as doçuras que fazem o encanto da vida, aos sentimentos mais permitidos e mais respeitáveis, para procurar na meditação todo prazer e todo bem.

O **Pensamento Reto** é aquele que liberta de todas as dúvidas, todas as ilusões; que faz viver o adepto no mundo sereno da verdade. Chegando a esse grau, o adepto recebeu a iluminação; não tem necessidade de ensinamentos; os pregadores e os livros são igualmente inúteis; vê o seu verdadeiro caminho; está próximo.

A **Solidão Reta** vê o espírito enfim, liberto, absolutamente destacado de tudo o que é transitório e preso somente ao eterno.

Por isso, a vida neste mundo está terminada para ele; não falta senão franquear o quarto grau, que pode ser franqueado ainda neste mundo, porém que só foi atingido por alguns santos.

Este termo final é o êxtase ou a **Meditação Reta**, que está demonstrada pela união com Deus, na concentração, na contemplação perfeita. É o Nirvana! É a bem-aventurança alcançada ainda nesta vida, e aquele que a atinge nada mais tem a fazer neste mundo. Deve, pois, abandonar o seu corpo mortal. Estes quatro caminhos descritos, que são o período da verdadeira iniciação, também foram descritos por E. Arnold:

"Os pés que não têm mais nada a percorrer, relativamente às coisas terrestres podem apenas segui-los; estes são a Pureza Reta, o Pensamento Reto, a Solidão Reta e o Êxtase Reto. Não tenteis voar para o sol — almas que ainda não estais preparadas, cujas asas não estão ainda emplumadas! O ar das regiões inferiores é doce, e os instrumentos domésticos de que tendes o hábito de servirdes não são perigosos! Só os seres vigorosos podem deixar o ninho que cada um construir. O amor da mulher e do filho são preciosos; eu o sei; a amizade e os divertimentos da vida são agradáveis; as amáveis caridades de uma vida virtuosa são aproveitáveis; seus receios, postos que falsos, são solidamente fixos".

"Vivei a esmo, vós sois obrigados; fazei da vossa fraqueza uma escada de ouro. Elevai-vos, pela prática diária de suas aparências, até as verdades dos mais dignos seres amados. Assim, chegareis às alturas mais serenas, subireis mais facilmente, achareis menos pesada a soma de vossos pecados e adquirireis uma vontade mais firme de quebrar os laços dos sentidos, entrando no Caminho".

"Aquele que começa por atingir o Primeiro Grau conhece as Nobres Verdades e o Caminho óctuplo; cedo ou tarde atingirá a estadia bendita do Nirvana".

"Aquele que chega ao Segundo Grau, se liberta de todas as dúvidas, todas as ilusões e toda luta interior, senhor

de todas as concupiscências, livre dos sacerdotes e dos livros, e não terá senão mais uma existência”.

“Além encontra-se o Terceiro Grau; aí, o espírito majestoso vem a ser puro; ele se eleva até o amor de todos os seres vivos e à paz perfeita”.

“A vida está terminada, a prisão da vida está destruída”.

“Alguns, porém, ultrapassam tudo o que visível e vivo, para atingir o fim supremo, pelo Quarto Grau — o dos Santos — os Buddhis — as almas imaculadas. Vede! Como os inimigos cruéis degolados por um guerreiro, os pecados jazem na poeira ao longo de seus graus: primeiramente o do Egoísmo, a falsa Fé, a Dúvida, o ódio, a Concupiscência”.

“Aquele que venceu estes cinco pecados passou três graus; mas aquele que assim o conseguiu está assaz adiantado”.

“Mas, restam-lhe ainda o Amor da vida sobre a terra, a sede do Céu, o Amor próprio, o Erro e o Orgulho”.

“Como aquele que se equilibra sobre os cimos nervosos, não vê além de si senão o céu azul, o mesmo homem quando matou estes últimos pecados, chegou à zona do Nirvana”.

“Os deuses, colocados acima dele, invejam-no; a ruína de três mundos não o abala; para ele toda a vida está

vencida e vivida; portanto, todas as mortes estão mortas; o Carma não lhe levantará mais novas moradas”.

“Não procurando nada, ele possui tudo; seu Ego desaparece e se funde no Universo; se alguns ensinam que o Nirvana é a cessação do ser, diz-lhes que se enganam, porque eles não sabem nada a respeito, porque eles ignoram que a luz brilha e está acima de suas lâmpadas quebradas e que a felicidade está fora da vida e do tempo”.

“Entrai no caminho! Não há dor pior do que o ódio, não há sofrimento mais doloroso do que a paixão, enganadora como a sensação! Entrai no caminho! Está já muito adiantado aquele que lança a seus pés o seu pecado preferido. Entrai no caminho! Aí saltarão as fontes benéficas, que estancam todas as sedes! Aí florescem as flores imortais que forram alegremente os caminhos! Aí se comprimem as horas mais doces!”

Tal é o apoio daquele que, tendo vencido as experiências, convida os seus irmãos para trilharem a Senda onde ele mesmo encontrou a felicidade.

Certamente, a subida é abrupta para aquele que quer chegar rapidamente aos luminosos cumes, mas nenhuma boa vontade é repelida e a torrente das existências cava ainda abismos mais perigosos para os mais fracos viandantes que não têm ainda ousado abordar a escarpa que leva à felicidade perfeita.

*

* *

Para viver esta vida perfeita, é preciso conhecer e praticar as Cinco regras, e eis aí o que Arnold nos diz:

"Não mateis, sede complacente e não desprezeis na sua marcha ascendente o ser mais ínfimo";

"Dai e recebei livremente, mas não tomai a ninguém o seu bem por avidez no meio da violência e da fraude";

"Não façais falso testemunho, não calunieiis, não mintais; a verdade é a expressão da pureza interior";

"Evita! as drogas e as bebidas que perturbam o espírito; esclarece! vossos espíritos e purificai vossos corpos; são o suco de Soma. Não toqueis na mulher de vosso vizinho e não cometais pecados ilegítimos e contra a natureza".

Tais são as regras primordiais de uma vida que tende à perfeição.

São as regras sem as quais não se pode viver uma vida pura

São elas que dirigem o homem ao caminho do Nirvana cumprindo-as, se desprende da matéria. Ainda que muito de longe seguem os sinais dos passos de Buda.

A senda é ainda mais longa e mais penosa para aquele que nunca ouviu falar a seu respeito, e é porque o ensinamento da senda está contado no número das obras pelas quais se adquirem os méritos.

Buda disse claramente:

"Qualquer que não conheça a minha lei, morre neste estado-deve voltar à terra até que venha a ser um perfeito Somaneano".

Ensinamentos Esotéricos

O lado esotérico do Budismo é a base dos estudos que nós devemos à teosofia. — Porque os hindus de todos os tempos sempre guardaram segredo a respeito da parte mais elevada de seus ensinamentos. — O desenvolvimento das faculdades inatas, até a obtenção dos altos poderes. — Na base dos ensinamentos, achamos a necessidade do conhecimento do EV. — A Unidade é a lei do mundo. — As tradições sagradas sob o véu áureo das lendas e das belas imagens.

Já tivemos ocasião de ver que, semelhante a todas as religiões, o Budismo possui, ao lado dos ensinamentos dados ao grande público, um lado esotérico que não é concedido senão àqueles que mereceram uma iniciação mais completa por seus trabalhos e por suas obras de estudo.

A todos os outros, a doutrina esotérica do Budismo deve ser rigorosamente mantida secreta, porque é estritamente reservada à uma elite.

O fato de ser admitido a estes estudos, mesmo superficialmente, já é um grande favor que não é facilmente concedido.

Este lado esotérico do Budismo produziu o principal dos estudos que devemos à teosofia.

Muitos teósofos esforçaram-se para pôr em foco esta doutrina nos seus trabalhos. Desde 1880, a senhora Blavatsky, depois de uma longa estadia nas Índias, publicou estudos sobre esta *Doutrina Secreta*, que foram muito discutidos no mundo sábio, o que contribuiu para serem espalhados com maior impulso. Pouco depois, Sinnett e o coronel Olcott retomaram estes trabalhos sob o ponto de vista pessoal e tendente a uma difusão cada vez maior, e é a estes três pioneiros, desejosos de estabelecer um novo elo entre as revelações religiosas e a ciência,

que se destaca a multidão inumerável de pesquisadores que, até nossos dias, se consagram aos estudos teosóficos.

À sua frente, depois da morte da senhora Blavatsky, encontram-se a senhora Annie Besant e o Sr. Leadbeater, que têm feito aparecer, sobre o assunto, numerosas obras.

Todos estes pesquisadores mostraram, ao lado da moral búdica, tão elevada e tão pura, uma iniciação muito diferente de nossos hábitos europeus de pensamentos. Esses dois lados, exotérico e esotérico, do Budismo têm sido especialmente o objeto das obras de Sinnet, que demonstra a sua existência tão unida e tão diferente. Diz ele principalmente:

"O Budismo, mais completamente do que todas as outras religiões, viveu, depois de sua fundação até nossos dias, uma dupla existência: exotérica e esotérica".

"A velha significação de suas doutrinas foi sempre vedada a todo estudante não iniciado".

"Os ensinamentos exteriores pregados à multidão são um exposto de lições morais e de literatura simbólica, podendo dar uma ligeira tinta ou, ao menos, uma como certa intuição da existência sobre as quais esta filosofia repousa".

"Na realidade, o Conhecimento Secreto data de muito antes do nascimento de Gautama Buda e, tomado no seu conjunto, ela não deixava de ser a mais elevada entre todas, antes que Buda viesse reformá-la em certos pontos."

Esta constatação já tinha sido feita pela senhora Blavatsky nos seus livros concernentes à doutrina sobre a qual está baseada a teosofia.

Nas índias, o lado esotérico do Budismo é encerrado no mais profundo segredo, o que não é sem causa.

As razões de guardar segredo são as mesmas em todas as religiões. Não é bom que certas discussões sejam abertas àqueles que não possuem preparação alguma e que pensam fazer a obra de espíritos livres, negando, a esmo, tudo o que eles não compreendem no meio do que eles Crêem ter compreendido, sustentando os seus erros, causando com isso um distúrbio maior do que se eles ignorassem.

Dissemos, precedentemente, que os altos pensamentos esotéricos não são compreendidos por todo o mundo; eles necessitam de uma certa cultura e, demais, de uma certa preparação.

A cultura não nos é atribuída; para o hindu, depende do nosso Carma que os nossos pais tenham estado em situação de nos dar mestres para certas ciências até uma certa idade, também pelo ensinamento do livro que não é senão um meio, o necessário para juntar uma preparação direta que nos adapta aos novos cuidados que a iniciação faz ressentir ao espírito.

Sinnett, que estudou profundamente a questão, nos diz que *"a parte esotérica do Budismo foi tão perfeitamente guardada até o presente, longe dos olhares do vulgo, que uma simples pesquisa literária, ainda mesmo que ela se estendesse a todos os livros e manuscritos da Índia, não poderia encontrar o menor quinhão de informações que ele mesmo recebeu neste lugar, por uma longa estadia em um centro de adeptos."*

Em conclusão, não bastava estudar para saber e, ficando ali, oi dirigido pelos mais altos iniciados.

Há no esoterismo budista uma grande parte de formação pessoal, a que nada pode suprir. É preciso fazer-se por si mesmo e durante muito tempo; é preciso, por um trabalho acurado e por um domínio absoluto de si mesmo, obter estes poderes surpreendentes que todos nós possuímos, porém que nós todos estamos quase fora do estado de exteriorização.

É um trabalho longo e penoso e que cansa, muitas vezes, aquele que não tem uma fé absoluta, um desejo sincero de atingir a iniciação. Por outro lado, qualquer que seja a necessidade desta formação pessoal, a direção do iniciado não é menos necessária; aquele que não é guiado e sustentado nos seus trabalhos, está arriscado a fazer um caminho errado.

O desenvolvimento das faculdades inatas, até a obtenção dos poderes, é um duro exercício que necessita, por vezes, de vários anos.

É o que Sinnett exprime assim:

"Que cada um trabalhe para desenvolver em si faculdades que lhe permitam ver — que se entranhe neste gênero de estudos — e, qualquer que seja o lado da natureza ao qual ele aplique suas investigações, poderá observar diretamente as maravilhas que se operam neste Laboratório imenso do Cosmos, onde as Forças particulares estão constantemente em obra para fazer evolucionar os globos e as humanidades".

*

*

*

O ensinamento do Budismo, na sua parte esotérica, começa, como todas as filosofias religiosas, por um estudo sério do ser humano, bem mais complexo do que parece à vista superficial.

Este estudo demonstra ao estudante a existência de mais meios de percepção e de sensação que nós não acreditamos comumente e a medida do valor desses meios é um auxílio poderoso à obtenção dos poderes necessários ao iniciado.

Quando, afinal, o futuro adepto tiver penetrado no conhecimento desta personalidade, que é o seu próprio meio de ação, deverá estudar as relações com todos os outros seres.

As primeiras dessas relações têm por objeto os seres humanos que sofrem os mesmos males dos quais ele partilha e que pode sustentar ou dirigir sobre esta senda de evolução na qual se encontra em estados diferentes.

Mas, o ser humano não é o único sobre o caminho aberto a toda criatura.

Tudo o que vive — e tudo é vivo no Universo, mesmo o corpo que nos parece inerte — está sobre a senda da evolução.

Nenhuma ação, pois, deveria ser considerada indiferente.

Todas têm conseqüências e repercussões desconhecidas no Universo, do qual somos todos solidários, pois que dele fazemos parte.

Tudo evoluciona nas criações. O ser humano sofre suas transformações na medida em que merece, porém ele não está só e a sua evolução deve servir para imaginar todos os estados que tem percorrido, que percorrerão todos os seres dos quais está rodeado.

As nações, as raças, os mundos, tudo segue uma lei idêntica e todos devem seguir ou sofrer a lei que eles forjam para eles mesmos. Seus ciclos têm uma

duração proporcional à sua importância, mas eles são de natureza idêntica, porque nada foi deixado ao acaso no mundo. A justiça, só, é a regra em toda parte.

Esta lei é o Carma, isto é, do renascimento perpétuo durante toda a duração de um ciclo, segundo as leis que nos impõem as ações da vida precedente.

Não há efeitos sem causas. As diferenças pessoais e sociais de riqueza e de pobreza, o poder e a subordinação, a saúde e a doença são meios de purificação que nos são impostos ou que nós escolhemos antes da nossa vida atual.

É, pois, vão e ilusório dar a mínima importância a esses sinais de uma felicidade exterior, mais fugitiva do que um pássaro.

Ao contrário, o poder e a riqueza impõem responsabilidades concernentes ao uso que se tem feito, enquanto que aquele que vive pobre e submisso, vive para ele só e faz obra de mais utilidade, se tem um real desejo de adquirir méritos em vista de sua evolução. Por outro lado, todos passamos ou passaremos por aí. O rei e o mendigo estão igualmente sobre o caminho e o rei não está nunca seguro de ser colocado mais alto do que o mendigo.

A obtenção dos poderes não tem nada que ver com as idéias do mundo, e os poderes humanos, adquiridos segundo uma ascese, são do maior proveito para a nossa evolução, pois que nos permite operar em torno de nós para destruir e adquirir méritos.

Aos olhos do iniciado hindu, todos, ao fundo, são iguais e semelhantes. A Unidade é a lei do mundo e nós devemos tornar a vir.

Tais são as grandes linhas deste vasto ensinamento que não podemos senão tocar de leve no presente trabalho. No Budismo, como em toda parte, estes conhecimentos têm sido conservados secretos. Agrupamentos religiosos e filósofos

detêm o ensinamento e não se expandem senão com grande dificuldade diante do noviço.

O depósito das tradições sagradas está preciosamente conservado; não deve ser publicado, e, se livros existem, é sempre sob à forma bem velada que eles têm deixado aparecer as mais raras revelações.

Nas índias, é sob o véu dourado das lendas e das imagens que o pensamento esotérico se apresenta ao olhar do pesquisador. Não é sem custo que ele poderá conhecer, com uma precisão que não depende sempre de sua sagacidade, este pensamento que se furta às suas pesquisas.

Os trabalhos de erudição moderna nos tem dado certos livros iniciáticos do Budismo, mas a sua leitura, por mais encantadora que seja a forma, não nos bastaria para nos dirigir ao ensinamento esotérico; é preciso ler nas entrelinhas — trabalho árduo daquele que não tem guia.

As obras iniciáticas budistas são assaz numerosas e todas encerram dados preciosos, mas sempre limitados ao nosso estudo; não nos afastamos daqui senão para tratar de duas entre elas: o "*Bhagavad-Gitâ*" e a "*Voz do Silêncio*".

O Bhagavad-Gitâ

O Bhagavad-Gitâ ou Canto do Bem-aventurado, — Krishna indica o Arjuna a direção que deve seguir aquele que quer tornar-se um Sábio. — A primeira necessidade é operar segundo o seu dever. — O dever e a morte. — A separação do corpo e do espírito. — O supremo bem e como obtê-lo. — O domínio de si mesmo e como deve ser compreendido. — A luta contra a ignorância. — A união com os poderes divinos. — O homem, vitorioso e pacífico, torna-se um Yogi, unido a Deus. — Os deveres do iniciado. — As forças em si e os ritmos exteriores.

O Bhagavad-Gitâ ou Canto do Bem-aventurado é uma obra muito antiga, cuja data é impossível determinar, mesmo de maneira aproximativa. Ela é intercalada como episódio no Mahâbhârata, o célebre poema épico hindu, que marca a luta das dinastias sagradas que disputam a preponderância esclarecida contra a impulsividade sensual pela vitória da raça solar representante da intelectualidade. O Canto do Bem-aventurado é o de Krishna, que os hindus consideram como a quinta encarnação de Vishnu vindo para criar a paz e a harmonia no mundo. A nona encarnação foi a de Buda, à qual Krishna é anterior cerca de 2.400 anos.

O Bhagavad-Gitâ trata especialmente da direção que deve seguir aquele que deve vir a ser um sábio no curso de um ciclo; baseia o seu ensinamento sobre existências sucessivas, sobre esta lei do Carma, que é a regra do mundo. Mas, para reunir-se a esta lei, é preciso aderir plenamente ao seu dever, unir-se à vontade divina, por uma renúncia completa a tudo o que é da matéria.

O herói do poema é o rei Arjuna, filho de Pandu, que hesita em partir para a guerra contra os seus parentes, aliados aos inimigos do direito.

Confia isso a Krishna que lhe demonstra que a primeira necessidade é operar segundo o seu dever e, neste diálogo, entre Krishna e Arjuna, encontram-se expostas as verdades essenciais da religião hindu. Eis aqui os dados principais:

Arjuna deve partir para a guerra? Sim, responde Krishna, porque cada um está submetido aos deveres de sua condição e, além disso, a morte do corpo, tanto para nós como para os outros, não tem nenhuma importância, pois que só o corpo morre e a parte imaterial, o espírito, continua vivo.

Relativamente a esta imortalidade, Krishna assim se exprime:

"Os Sábios não choram nem os vivos nem os mortos, porque nunca faltou a existência a mim, nem a ti, nem a estes príncipes; e nunca acabaremos de ser, todos nós, no futuro. Como no corpo mortal, estão alternadamente a infância, a juventude e a velhice; da mesma forma, depois, a alma adquire um corpo novo, e o Sábio, então, não se perturba."

E diz ainda, aludindo à separação do corpo e do espírito:

"Assim como deixamos as vestimentas usadas para tomarmos uma nova, assim também a Alma deixa os corpos usados para tomar outros corpos novos."

*

*

*

É, pois, sem importância que sejamos revestidos, por um tempo mais ou menos longo, de tal ou tal vestimenta que nada tem com a nossa personalidade.

A duração destas vestimentas é sem fruto para a alma e o que elas vêm a ser em seguida não apresenta nenhum interesse. O cumprimento do dever que opera sobre o ser espiritual é a única coisa que importa. Marcha, pois, ao combate, Arjuna, pois que tu fostes chamado para o teu dever e por uma justa causa. *"Morto, ganharás o céu; vencedor, possuirás a terra"*.

De toda maneira, pois, Arjuna encontra um proveito no seu dever. A morte, sempre propícia ao Sábio, abre-lhe a senda das re-encarnações e o aproxima do absoluto para o qual ele deve tender. E, se for vencedor, ainda que tenha fadiga de viver e de continuar os trabalhos que devem contribuir para que obtenha um Carma mais leve, poderá adquirir novos merecimentos. Então, o dever fica como a única senda aberta, e as hesitações de Arjuna devem desaparecer completamente.

*

* *

Arjuna pede, então, para que seja explicado como se reconhece o Sábio, ao que Krishna responde:

"Quando se renuncia a todos os desejos que penetram nos corações, quando se é feliz consigo mesmo, então pode ser reconhecido como firme na Sabedoria."

Para adquirir este supremo bem, é necessário, pois, que O homem se desacostume de tudo o que tem feito a sua alegria e seu desejo. O primeiro fim que ele deve visar é a calma absoluta; deve sacrificar todos os seus desejos, afastar de

seu pensamento todos os sentimentos que o unem a este mundo perecível, que não é senão ilusão, miragem de Maya, sem realidade absoluta.

O Sábio deve retirar-se em si mesmo, dominar todos os movimentos da Natureza, as suas paixões e os seus menores desejos; então sentirá em si mesmo o império da calma, este repouso inefável que é a primeira aproximação da divina Sabedoria.

Quando adquiriu esta força de caráter, quando dominou todos os impulsos, quando não sofre outra lei senão a de seu espírito esclarecido, quando está livre de seus apetites sexuais e de toda violência, pode ser considerado como senhor de si mesmo, próximo à iniciação.

Krishna assim o exprime a seu discípulo, preso de dúvida:

"Quando permanece inquebrantável diante dos reveses, isento de alegria nos sucessos; quando não é mais atingido pelo amor, pelo terror ou pela cólera, pode-se dizer que ele está firme na Sabedoria."

A lei do desapego é, pois, aquela que deve conhecer e praticar aquele que quer ser um Sábio. Ele deve perder completamente todo desejo de possuir riquezas. Nada do que o homem ajunta à sua pessoa poder-lhe-á dar felicidade, que é a esperança de todas as criaturas. Não são as riquezas que dão a verdadeira alegria.

*

*

*

"Se não é afetado de modo algum, nem pelos bens, nem pelos males; se não se regozija nem se molesta, a Sabedoria nele está firme."

O Sábio não deve ser acessível a nenhum outro sentimento humano senão a caridade, a piedade e o amor de Deus.

Tudo o mais é ilusão e cilada da matéria, pronta para afastar da Senda aquele que deve ser firme.

A alegria dos sentidos, suas percepções mesmas, nada apresentam de real.

O Sábio deve, pois, deixar de parte toda e qualquer influência, levando o claro olhar de seu espírito sobre a reta razão que deve presidir ao seu julgamento e à sua vontade.

"Se, como a tartaruga que recolhe em si mesma todos os seus, membros, sabe subtrair-se aos seus próprios sentidos, então a Sabedoria nele está firme."

É necessário, pois, toda restrição para o homem, tornando tão pura a própria vida quanto puder, não somente a vida intelectual, como a vida física, desprezando tudo o que atrai os sentidos, seus prazeres furtivos e suas mentirosas percepções.

Assim, pois, depende dele conservar fechados todos os sentidos aos objetos, para que a Sabedoria seja afirmada.

Então tudo o que era instabilidade vem a ser estável; tudo o que era aborrecimento vem a ser prazer; o que era dificuldade vem a ser fácil.

A agitação é sucedida pelo apaziguamento; a indecisão é substituída pela certeza e a obscuridade pela luz.

O Sábio não é mais atraído pelas vaidades que tentam os outros homens; compreendeu o verdadeiro fim de sua vida neste mundo e não pesquisa mais nada senão o meio de se aproximar deste absoluto que resume todos os verdadeiros desejos que o espírito pode experimentar.

Krishna assim o diz para Arjuna:

"O que é noite para os seres é dia ou vigília para o homem que domina; e o que é vigília para eles não é senão noite para o clarividente solitário."

E o divino instrutor ajunta:

"O homem no qual se perdem todos os desejos, obtém a paz, mas não ao homem entregue a esses desejos."

"Quando um homem, tendo dominado a sua natureza animal, caminha sem desejos, sem cupidez e sem orgulho, caminha para a paz. Eis aí a parada divina: a alma que a atingiu não tem mais perturbações, e aquele que permanece assim até o último dia extingue-se em Deus."

*

* *

Eis aí onde leva a renúncia perfeita; mas não é preciso admitir que esta renúncia seja a inatividade absoluta e que o adepto renuncie a toda ação.

O ensinamento de Krishna demonstra facilmente o contrário. Ele ordena a ação, mesmo a ação violenta, mas sem interesse pessoal. E' preciso dominar a sua própria personalidade sensível, mas dominar não é suprimir. Dominar os seus transportes sentimentais de maneira a desviá-los dos objetos indignos que causarão a nossa perda, não é suprimir o coração, mas submetê-lo à razão.

Refrear as curiosidades do espírito, dar-lhe uma direção nítida para um fim a prosseguir, não é suprimir as suas faculdades, mas aumentá-las para a utilidade de uma boa regra.

Ao contrário, aquele que canaliza as suas energias, torna-as ao mesmo tempo mais fortes e mais dóceis.

Em lugar de perder as suas faculdades em qualquer obra absurda, emprega-as em irradiar sobre os outros que não possuam equivalentes e que esperam a salvação pelo seu socorro.

A renúncia não é, pois, como se é muitas vezes levado a crer, a inação e a preguiça; não é a imortalidade; é o conjunto de forças como faz aquele que se recolhe num grande esforço e que poderá tanto mais operar quanto a prática o tenha tornado vigoroso e leve. Todos os seus movimentos serão harmoniosos e coordenados em vista de uma perfeita realização do dever.

Krishna assim o diz:

"Aquele que, depois de ter encadeado a atividade de seus órgãos, permanece inerte, o espírito ocupado com objetos sensíveis e o pensamento errante, chama-se falso devoto."

"Mas aquele que, pelo espírito, dominou os seus sentidos e que põe em obra a atividade de seus órgãos, para realizar uma ação, destacando-se de tudo, é estimado."

"Faze, pois, o que é necessário; a obra vale mais do que a inação; sem operar, tu não poderias mesmo nutrir teu corpo."

*

* *

A primeira obra à qual o adepto deve sacrificar todas as suas alegrias e todas as suas energias é a luta contra a ignorância; primeiramente a ignorância de si mesmo, pela qual, baldo de conhecimentos, é impedida a eclosão da fé. A fé é necessária à formação do adepto. Deve possuí-la o suficiente para não hesitar nunca na senda que para si traçou.

Mas é só quando ele vive em completa certeza que pode operar ousando, o que é o terceiro termo da interpretação da Esfinge.

Quando toda a luz do conhecimento é espalhada no espírito daquele que possui uma fé ativa, pode chamar a luz incriada, que não desce senão sobre os homens puros. Então, quando isso vem a ser necessário à evolução do ser, o homem recebe a iluminação divina; sente-se em união absoluta com os poderes superiores que presidem a todos os atos e o sustentam em seu caminho.

"Esta dúvida", diz Krishna, "que nasce da ignorância e que permanece no coração, fere-a como o gládio da ciência, caminha para a União, e levanta-te."

Como se obtém esta União com os poderes divinos? E' ainda pela renúncia? Certamente. Não é a renúncia à vida, à atividade, a todos os poderes do ser, o que equivaleria a um suicídio; uma tal renúncia não poderia ser ordenada por Krishna, no mesmo instante em que ele recomenda a ação.

O que é preciso, é a renúncia ao proveito pessoal, ao lado material das coisas, às satisfações grosseiras do corpo, do coração e do espírito.

Assim nos ensina o Bhagavad-Gttâ:

"O que se denomina renúncia é a própria União; sem a renúncia de si mesmo, ninguém pode unir-se verdadeiramente."

Então, a renúncia verdadeira é aquela que nos faz romper a atração das coisas materiais, que entravam o livre lance do espírito para o seu fim absoluto.

Aquele que merece a União é o mesmo que, na batalha contra as forças más, faz-se vitorioso de si mesmo, dominando o que tem de material, não somente no seu corpo, mas também submetido à regra, e ainda no seu coração e no seu espírito.

Aquele que terminou com todas estas experiências vem a ser um Yogi, unido a Deus.

Eis o que Krishna expõe a respeito dessa união:

"No homem vitorioso e pacífico, a Alma suprema fica recolhida no meio do frio e do calor, do prazer e da dor, das honras e do opróbrio".

"O homem que se compraz no conhecimento e na ciência, com o coração elevado, os sentidos vencidos, tendo por igual o escolho, o monte de terra e de ouro, chama-se um Yogi; porque ele é espiritualmente unido."

Esta existência nova confere ao eleito novos deveres.

O que pode fazer de melhor o iluminado, o iniciado, é retirar-se do mundo e viver na solidão.

Aí, nenhuma preocupação virá distraí-lo, e os ruídos da terra se apaziguarão em torno de sua meditação.

É na calma e longe dos seus que ele pode elevar o seu pensamento para as sublimidades de que é ávido. Para deixar todo o poder a esses pensamentos descidos das alturas, far-se-á mais passivo ainda; não é somente ao seu espírito e aos seus sentidos que ele imporá a calma e o silêncio, mas aos seus músculos e ao seu coração, restringindo-se a um ritmo mais lento, de tal sorte que o pensamento domine e seja só senhor de receber o influxo do alto.

Krishna faz menção disso para a iniciação de Arjuna:

"Quando o Yogi exerce sempre a sua devoção, só, afastado, sem companhia, senhor de seus pensamentos, despojado de esperanças";

"Quando, em lugar puro, ele prepara um abrigo para si em um sítio sólido, nem muito alto, nem muito baixo, de erva, de pano e de pele";

"É então que o espírito voltado para Deus, para a Unidade, dominando em si o pensamento, os seus sentidos e a ação, assentado sobre o seu lugar, ficará Unido mentalmente em vista de sua purificação".

"Tendo firmemente equilibrado o seu corpo, a sua cabeça e o seu pescoço, imóvel, o olhar inclinado para diante, não o deixando pender para nenhum lado, o coração em paz, isento de medo, constante nos seus olhos como um noviço, senhor de seu espírito, é que o Yogi fica sentado tomando-me por único objeto de sua meditação".

"Assim, sempre continuando o santo êxtase, o Yogi, cujo espírito é dominado, alcança a beatitude que tem por fim a extinção e que reside em mim."

É necessário, pois, ao iniciado, senão retirar-se do mundo, renunciar à sua família ou subtrair-se aos deveres que o retêm na sua situação atual e ao menos dar-se às horas de isolamento, durante as quais ele dominará todas as suas energias.

Recolher-se-á em um canto, onde será agradável mergulhar-se nos seus pensamentos, assim como lhe é prescrito.

Então, com o espírito calmo, senhor de seus movimentos, neste estado de isolamento que descrevemos em detalhe no nosso Curso de Magnetismo Pessoal, tendo obtido a calma perfeita de todo o seu ser, estenderá os seus pensamentos para as forças superiores.

Seu coração está em paz com ele e com o Universo; nem um pensamento o perturba; é porque ele pode, segundo a sua vontade, examinar-se e, se os seus sentimentos são menos puros do que ele cuida, procura depurá-los, arrancar o que existe de mau para preencher as altas aspirações que lhe reforçarão, em seguida, todo o seu poder.

Feliz pela sorte que lhe é concedida, ele a melhorará sem interrupção, porque a alegria atrai a alegria, e o pensamento é uma das forças atrativas mais poderosas em seu ritmo próprio.

Senhor de si mesmo, senhor de suas faculdades que se amplificarão sem descanso, senhor das forças que sente nascer e desenvolver-se nele, o adepto sente-se unido aos ritmos exteriores, solidário com os outros seres que o sustentam e que o auxiliam por sua vez. Aí estão a calma, o apaziguamento e a alegria de irradiar em torno de si uma força afetiva que multiplica os poderes adquiridos. É esta alegria, benéfica a todos os seres, é intensa e permanente. Ela é a verdadeira alegria que nem uma sombra pode atingir, pois que as passageiras traves deste mundo preparam novas alegrias, purificando-nos pelos estados que levam para a claridade. Uma ascese impõe-se para chegar a este estado superior. Não é preciso que o entusiasmo do iniciado o arrebate inconsideradamente nas práticas que poderiam vir a ser funestas.

É preciso que ele seja submetido às regras de todo gênero e, principalmente, alimentares, a fim de que seu corpo seja sã para suportar os trabalhos e a experiência.

*

*

*

"A União divina não é para quem come muito, nem para quem come pouco; não é para quem dorme muito, nem para quem dorme pouco, Arjuna".

"A União santa que afasta todos os males é para aquele que come com moderação, recreia-se com medida, opera, dorme e vela com medida".

"Esta obediência à regra encontra uma alta recompensa; o adepto chega a ser divinizado, a ser perfeitamente puro".

"Uma felicidade suprema penetra na alma do Yogi; suas paixões são apaziguadas; ele vem a ser, em essência, o próprio Deus; ele é sem mancha."

A Voz do Silêncio

Preceitos de ouro para o uso dos "lanus" ou discípulos. — O conhecimento da verdadeira personalidade: o Espírito. — A voz misteriosa do silêncio; o que ela diz ao adepto. — A sedução exercida por Maya, a grande ilusão. — A dor e seu papel na evolução — AUM, o monossílabo sagrado; suas repercussões mágicas. — É preciso vencer Afará, o sedutor. — Os três meios de conhecimento: a vigília, o sonho, o sono profundo. — Os mundos espirituais da mística hindu. — Conselhos superiores para a submissão harmoniosa do corpo, do coração e do espírito. — Os poderes sobre-humanos. — A felicidade suprema.

Uma obra menos curiosa é a *Voz do Silêncio*, na qual a Sabedoria hindu nos lega um profundo tesouro de tradições. É um resumo de fragmentos escolhidos, de preceitos de ouro para o uso cotidiano dos "lanus" ou discípulos. Estes fragmentos foram traduzidos pela senhora Blavatsky; pertencem a uma série de livros sagrados dos quais fazem parte igualmente as *Estâncias de Dzyan*, publicadas e comentadas pela senhora Blavatsky na sua imponente obra: *A Doutrina Secreta*.

A base de todo o ensinamento iniciático encontra-se na lei do *Silêncio*. Este *Silêncio* é o único meio de criar em si um meio propício à meditação.

Como o homem pode chegar a analisar-se, a julgar a si mesmo fora do silêncio? Como pensará em Deus e procurará unir-se a Ele, se o ruído interior e exterior ofende a sua meditação?

O silêncio facilita a concentração mental e a concentração é, propriamente, a base da educação do pensamento e da aquisição dos grandes poderes.

"Quem quer entender e compreender a voz do Nada (voz do Silêncio), o "som mudo", deve aprender a natureza do Dhâranâ."

Dhâranâ é a concentração, e aquele que quer conhecer o caminho iniciático, a senda da verdade fora daquela que conduz ao erro, quem quer ser um iniciado, deve aprender a natureza de Dhâranâ, isto é, saber concentrar-se, meditar no isolamento completo, isolamento do mundo exterior, isolamento de si mesmo, esquecido ha natureza exterior, das necessidades, dos impulsos, dos desejos.

Tal é o primeiro ponto. Ele leva à análise de si mesmo, ao conhecimento da verdadeira personalidade: o Espírito.

A matéria do corpo é temporária. No que concerne à verdadeira vida do ser, não é senão ilusão e aquele que quer ser unido a Deus não deve estar afastado d'Ele. A meditação nos ensina a não sermos tolos, nem escravos dos nossos sentidos, que nos arrebatam facilmente a mudar os bens duráveis em passageiras e vãs satisfações. O mundo sensível é uma miragem sem realidade.

O Espírito deve saber disso e tender a destruir esta miragem; deve apagar tudo o que tem aprendido sobre este ponto antes de conhecer a Sabedoria. Nossa mente, nossa razão, deve destruir o real, o que quer dizer negar, a seus próprios olhos, o que lhe parece real aos seus olhos ordinários, cujo campo de percepção é muito limitado. O que nos parece realidade não é senão o reflexo dessa luz que nós atingiremos somente quando tivermos saído do mundo material.

*

*

*

"Vindo a ser indiferente aos objetos da percepção, o discípulo deverá procurar o Raja de seus sentidos, produtor do pensamento, aquele que desperta a ilusão".

"O mental é o grande destruidor do real. Que o discípulo destrua o destruidor."

Esta nova concepção é árdua e, muitas vezes, a muito custo faz-se nascer; o discípulo tem freqüentemente dificuldades para negar o testemunho de seus sentidos; tal é, entretanto, a senda.

"Quando a si mesmo a sua forma parecer irreal, como ao despertar parecem as formas vistas em sonho";

"Quando acabar de entender a variedade, poderá discernir o Único, o seu interior que mata o exterior".

"Então, não somente abandonará a região de Asat, o falso, mas entrará no reino de Sat, o verdadeiro!"

Esta percepção do verdadeiro não se obtém sem ascese; raros são aqueles que atingem facilmente a iluminação; todos ou quase todos têm de sofrer uma longa educação dos sentidos; devem fechar os olhos às ilusões da carne, obrigar os sentidos ao silêncio.

"Antes que a alma possa ver, é preciso obter a harmonia interior e tornar cegos os olhos da carne a toda ilusão".

"Antes que a alma possa entender, a imagem (o homem) deve ser surda aos fracassos e aos murmúrios, aos gritos dos elefantes que rugem, como também aos zumbidos das borboletas de ouro".

"Antes que a alma possa compreender e recordar, deve ser unida ao Orador silencioso, como ao espírito do oleiro a forma sobre a qual a argila é modelada".

"Então, a alma entenderá e lembrar-se-á".

"Então, ao ouvido interior, falará a Voz do Silêncio."

Que diz ao Iniciado essa voz misteriosa?

Que resultará para o Adepto desta análise de si mesmo, deste domínio de si mesmo e das faculdades encadeadas?

Neste apaziguamento completo, a alma escutará duas vozes que lhe falarão e serão chamadas para ele; a Matéria enfeitada de todas as ilusões atraí-lo-á para novas cadeias; o Espírito estender-lhe-á a mão para a libertação.

Como discernir, na paz silenciosa da alma, o que dizem estas duas vozes adversas, das quais uma quer suplantar a outra?

Como se julga a árvore pelos seus frutos, julga-se estes dois sons pelo sentido de seu discurso.

A matéria diz:

*"Se tua alma sorri, banhando-se no sol de tua vida;
se tua alma canta na sua crisálida de carne e de matéria; se
tua alma chora no seu castelo de ilusão; se tua alma se debate*

para quebrar o fio de prata que a une ao Mestre (nosso Eu ou personalidade superior); crê, Discípulo, é na terra que está a tua alma."

Ela está ainda na terra, a alma que se agrada do tumulto das coisas, que se deixa prender por Maya, a grande ilusão, o Universo cheio de encantos, aos olhos daqueles que não são Iniciados.

"Quando tua alma em flor presta atenção ao ruído do mundo; quando tua alma responde à voz tonitroante da grande ilusão; quando tua vista sofre a presença de lágrimas de dor, aturdida pelos gritos de tristeza, tua alma se retira como a tímida tartaruga na casca do Egoísmo, crê, Discípulo, tua alma está em tabernáculo indigno de seu Deus silencioso."

"O espírito que está ligado à matéria compraz-se de seu egoísmo; este egoísmo pode ser brutal e material e então é fácil de ser evitado, mas há ciladas sutis na satisfação do eu, no seu trabalho, no seu orgulho, que o compara aos outros e tira o prazer de se sentir superior."

"Quando, vindo a ser mais forte, tua alma escorrega-se fora do seu recolhimento seguro, e, arrancando-se ao seu invólucro protetor, desenrola o seu fio de prata e lança-se no espaço; quando, percebendo a sua imagem sobre as vagas do espaço, murmura: "Eu sou isso", confessa, Discípulo, que tua alma está presa nas malhas do erro."

A evolução se faz sobretudo pela dor, mas é preciso que a necessidade desta dor seja reconhecida por aquele que a suporta.

Aquele que não a compreende irrita-se e deverá começar muitas vidas; aquele que ignora o papel da dor está retido na matéria e continuará a sofrer no seu corpo atual e em outros corpos.

"Esta terra, Discípulo, é a sala da dor; aqui, ao longo do caminho de duras provas, ciladas são semeadas para tomar o teu Ego na ilusão chamada a grande heresia."

Esta heresia é, para o ignorante, o desconhecimento da alma, de sua sobrevivência através dos seus destinos.

Aquele que ignora esta sobrevivência e a nega, não poderá elevar-se. Ignora o que fará a sua alegria quando vier a ter conhecimento; ele não sabe que esta vida não é senão uma experiência que precede à verdadeira vida, a vida espiritual, esplêndida, cheia de beleza e de riqueza luminosa.

"Esta terra, ó Discípulo ignorante!, não é senão a estrada sinistra conduzindo ao crepúsculo que precede o vale da verdadeira luz, que não pode extinguir, esta luz que queima sem mecha e sem alimento."

Antes de conhecer o Eu, antes de discernir a própria natureza, o Eu Superior ao ser humano em todas as manifestações, importa ter conhecimento de si mesmo e julgar-se.

Para conhecer o seu Ego verdadeiro é preciso aprender a distinguir o Não-Eu da parte da nossa personalidade que não é o espírito; é preciso desprender-se de todas as ciladas do corpo, do espírito e do coração, cegos pela ilusão, o que não está em nosso espírito puro, única parte de nosso ser que merece a nossa atenção.

Diz a grande lei:

"Antes de vir a ser o conhecedor de seu próprio eu, deves ser primeiramente o conhecedor de ti mesmo. Para chegares a ser, ou melhor, para chegares a conhecer este Ego, é preciso que abandones o Eu ao Não-Eu, o Ser ao Não-Ser; então poderás repousar entre as asas do Grande Pássaro. Sim, doce é o repouso entre as asas daquele que não nasceu, que não morreu, porém que é o AUM, através da eternidade das idades."

AUM é o monossílabo sagrado em que se resumem muitos mistérios da iniciação hindu. Nele, que é o nome místico da Divindade, o mistério da Trindade se manifesta por um único som, emitido segundo as três letras inseparáveis. Cada uma delas representa uma das três pessoas divinas: **A** é Vishnu; **U** é Siva; **M** é Brama, cada uma existindo em si na unidade indivisível.

A pronúncia correta destas palavras não é indiferente ao seu poder; também os cheias só obtêm este ensinamento secreto quando prestam o juramento de não revelarem a ninguém qual a maneira ordenada para pronunciar esta palavra.

Há repercussões mágicas e a Índia a tem por tal modo sagrada que procede e termina as preces e invocações.

As Leis de Manu a reconhecem e dizem:

"que pronunciem sempre a palavra sagrada ao começo e ao fim do estudo da Santa Escritura; toda leitura que não é precedida de AUM desaparece pouco a pouco e aquela que não é seguida não deixa traços no espírito". ("Manava Dharma Sastra", II, 74.)

Para atingir a essas alturas, é preciso renunciar ao mundo e abandonar a vida. A "*Voz do Silêncio*" é formal a este respeito: "Abandona a tua vida, se queres viver". Muda as condições de tua vida. Tu te deixas conduzir sem razão por todos os caprichos da hora. Aquele que quer viver a verdadeira vida, que é a do espírito, deve deixar a vida dos sentidos.

Os ensinamentos iniciáticos fazem-se ainda mais obscuros para desviar aqueles que não seguem senão o atrativo da curiosidade ou aqueles que procurariam obter poderes para deles fazer uso culpável.

"Três salas, ó Peregrino fatigado!, limitam o termo dos labores. Três salas, ó conquistador de Mara!, conduzir-te-ão dos três estados no quarto e, daí, aos sete mundos, os mundos do eterno repouso."

Mara, que deve ser vencido e dominado pelo Adepto, é o sedutor que tenta voltar do Caminho. É o destruidor da alma. Dá aos homens vícios que retardam o seu progresso na senda da evolução. E é preciso que ele seja dominado.

O primeiro dever do adepto é, pois, reduzi-lo ao silêncio. Não há nele paz sem vitória completa.

Tendo vencido, o Adepto passará por três estados, isto é, três modos de percepção do espírito mais ou menos importante: a vigília, o sonho e o sono profundo, três modos de percepção do espírito mais ou menos desprendido de seu invólucro carnal, para um quarto estado que é o êxtase, a iluminação suprema.

É o estado mais perfeito que o homem pode conhecer, porque daí, iluminado, ele ganha os mundos, os sete mundos espirituais da mística hindu.

Mas antes de lançar-se para as alturas, é preciso ter um conhecimento profundo do ser humano nos três domínios que formam o seu império: o corpo que vive no mundo físico, o coração que se manifesta no mundo sentimental e o espírito que vive no mundo mental.

Cada um destes domínios representa um dos estados de evolução, conforme a ele nos abandonamos; estas são as três salas que devem ser percorridas pelo discípulo; elas têm por nome, diz-nos a "*Voz do Silêncio*": Ignorância, Aprendizagem e Sabedoria.

Para o plano físico, o livro diz:

"O nome da primeira sala é Ignorância, Avidya . É a sala onde viste a luz do dia, onde vives e onde morrerás!"

Então o mundo dos sentimentos e das emoções abre-nos horizontes mais largos.

"O nome da segunda é a sala da Aprendizagem. Ai, a tua alma achará as flores da vida, mas sob cada flor uma serpente enroscada."

Certamente, o mundo sentimental está cheio de encantos e a ilusão reina como senhora. Aquele que limita aí o seu curso circula de flor em flor, de serpente em serpente, porque a alegria não está na volúpia nem no cumprimento do desejo. A desilusão espera aquele que procura tal embriaguez. Espera achar o sentimento profundo e verdadeiro que fará a sua felicidade, mas ele a procura onde não se encontra.

Também, em lugar da alegria que está prometida, encontra sentimentos baixos e cúpidos. Ele dá o melhor de si mesmo em troca da infâmia e da traição.

Sofre com a única consolação — se for digno — de reconhecer que as suas experiências eram falsas, falsos os seus prazeres, falsas as manifestações de ternura em um baixo coração.

Tudo isto lhe aparece como realidade; corre como o viajor para as cidades ilusórias que a miragem faz dançar sobre a areia do deserto, e quando se aproxima, a areia é mais árida ainda e os arbustos espinhosos não oferecem senão frutos amargos.

Não resta mais àquele que quer continuar o seu caminho para os cimos senão o domínio do Espírito; aí está seu fim e sua alegria.

"O nome da terceira sala é Sabedoria; além, estende-se a água sem praia de Akshara, fonte inesgotável da Onisciência."

Qualquer trabalho que o Adepto se imponha, não chegará senão à fonte da Onisciência, porque o único caminho que lhe permite receber é a iluminação que lhe vem desta fonte quando lhe agrada abrir. Mas este caminho que conduz à luz está em nosso poder; podemos percorrê-lo pela reflexão calma, definida, pela meditação profunda.

Então, o espírito, senhor de tudo, está cheio de serenidade, pode levantar o véu que lhe impede de perceber a verdade eterna que lhe dará mais tarde a alegria.

Toda a personalidade humana deverá sofrer uma educação particular para obter uma alegria tão profunda.

Assim encontram-se na *"Voz do Silêncio"* conselhos de ordem superior para a submissão harmoniosa do corpo, do coração e do espírito.

"Se tu queres atravessar são e salvo a primeira sala, não permitas ao teu espírito tomar pelo sol da vida os fogos de luxúria que queimam."

"Se tu queres franquear sem perigo a segunda, não te afastes para respirar o perfume das flores soporíficas."

"Se queres ser livre de tuas cadeias cármicas, não procures o teu Guru (teu mestre, teu iniciador) nas regiões mayásicas (regiões onde reina Maya, a ilusão)."

"Os sábios não se demoram nos bosques dos sentidos. Os sábios não tomam interesse pelas vozes melífluas da ilusão."

"Aquele que te deve dar origem (a esta vida espiritual), procura-o na sala da Sabedoria, a sala que se estende além, onde todas as sombras são desconhecidas e onde a luz da verdade resplende em uma glória inefável."

*

* *

Estes conselhos podem parecer muito gerais aos discípulos para se embrenharem na senda que conduz à luz. Eis aqui, em outros termos:

"O que é incriado reside em ti, Discípulo, como também nesta sala. Se queres atingir ou fusionar os dois, é preciso que te despojes das vestimentas da ilusão."

"Abafa a voz da carne; não deixes passar nem uma imagem dos sentidos entre esta luz e a tua, a fim de que as duas possam ser fundidas em uma."

"Desde que tiveres a certeza de tua própria ignorância (Agyana), fuge da sala de aprendizagem. Esta sala é perigosa por sua perfídia bela e não é útil senão para a tua provação."

"Toma cuidado, Lanu, que te deslumbras por um raio ilusório, que tua alma não se retarde e não se prenda a esta claridade moribunda."

"Esta claridade irradia do grande enganador (do falaz Mar a, aquele que tenta o homem com a atração dos vícios, que o arrasta fora da vida e deseja matar a sua alma)."

"Ela encanta os sentidos, cega o espírito e abandona o imprudente como uma coisa perdida."

"A falena atraída para a flama brilhante da lâmpada noturna está condenada a perecer no óleo viscoso. A alma imprudente, que perde a ocasião de apanhar de repente o demônio motejador da ilusão, voltará para a terra, escrava de Mara."

Sê vencedor de Mara, diz a "Voz do Silêncio", domina toda a tendência para os bens deste mundo ilusório, domina sobre ti mesmo e sobre as tuas percepções; então não virás a ser "um passeante do céu", aquele que se desprende do espírito e atinge as regiões serenas onde o olhar do espírito não está enamorado pelas miragens da terra.

Aquele é capaz, diz a lenda, de marchar contra o vento, acima das vagas, sem que os seus passos toquem as águas, isto é, que o estudo da matéria lhe revelou as leis e que, conhecendo as suas próprias forças, cujos limites ele recuou, adquiriu poderes que parecem sobre-humanos àqueles que ignoram o que pode a natureza humana, quando ela se dirige para as alturas. Então, desprendido do espírito, poderá mergulhar-se no Uno, unir-se-lhe, fundir-se nesta Unidade, cuja compreensão é recusada àquele que está preso pelos sentidos; vem a ser este Um; viver nele.

Aquele que assim faz, possui a felicidade suprema, a união inteira com Brama, que lhe dá esta paz perfeita, plena de todo poder; vive em Deus, e, sabendo que todas as coisas contêm um reflexo da Divindade, sente Brama em si e renuncia à sua pena, por uma recompensa tão alta, a tudo o que não é esta felicidade infinita. Mas não se chega de um salto para esse infinito realizado. É necessário animar uma luta rude e áspera contra tudo, o que nos tem vencido até então.

Nosso atavismo nos tem dado desejos e paixões que uma educação mal compreendida não tem feito senão mais ardentes; é isso que nos falta destruir.

O mundo nos rodeia de um mau ambiente onde a glória vã, a sensualidade mais ou menos delicada, as artes e as próprias ciências nos dão novas necessidades, que multiplicam os nossos instintos. É preciso vencer e repelir isso.

"Luta com os teus pensamentos imundos antes que eles te dominem. Opera com eles como o fariam contigo."

"Se os guardares tomarão raízes e brotarão, terminando por matar-te. Toma cuidado, Discípulo, não sofras mesmo que a tua sombra te aproxime; porque, crescendo em grandeza e força, esta onda de trevas te absorverá antes que tenhas podido tomar conta da sombria presença do monstro impuro."

Não pode ter nada aí de comum entre o espírito e a matéria e todo o esforço do discípulo deve tender em não separá-los nunca. Ele não deve saber que as ciladas nunca lhe deixarão repouso tanto quanto tenha renunciado, sem retorno possível, e que não terá todo o atrativo no seu espírito e no seu coração. Ele não

deve jamais esquecer que há inimizade irreconciliável entre a matéria e o espírito e que a sua escolha deve ser definitiva e sem fraqueza.

"O Eu da matéria e o Eu do espírito não podem nunca encontrar-se. Um deve desaparecer, porque não há lugar para os dois."

O coração, assim purificado de toda sensualidade e de todo egoísmo, vem a ser, pelo mesmo fato, mais aberto ao pensamento, à dor de outrem.

Se o Adepto deve matar em seu coração toda fraqueza carnal e todo apego sentimental que lhe seja próprio, deve, por outro lado, desenvolver o seu sentimento de piedade, inclinar-se com ternura para o sofrimento dos outros, de todas as criaturas. É pelo desenvolvimento de seu coração neste sentido que o discípulo evitará o escolho da secura, que é a fonte do orgulho. Toda queixa deve encontrar um eco na alma liberta do mal.

Deixa tua alma prestar atenção a todo grito de dor, como o lótus descobre o seu coração para beber o sol matinal.

"Não permitas ao sol ardente secar uma só lágrima de sofrimento, antes que tu tenhas, por ti mesmo, secado os olhos aflitos."

"Mas deixa toda lágrima humana cair fervente sobre o teu coração e aí ficar; e não a desvaneças nunca antes que tenha desaparecido a dor que a causou."

"Não desejes nada. Não te arremetas contra o Carma, não te rebeles contra ele, nem contra as leis invariáveis da natureza." Luta somente contra o pessoal, o transitório, o efêmero e o perecível.

"Auxilia a natureza e trabalha com ela: a natureza olhar-te-á orno um de seus criadores e fará a sua submissão."

"E, diante de ti, ela abrirá todos os grandes portais de suas câmaras secretas, e, sob os teus olhos, ela desvendará os tesouros ocultos mesmo do fundo de seu seio puro e virgem. A mão da matéria não a maculou; ela não mostra os seus tesouros senão à vista espiritual, vista que não se fecha nunca, vista para a qual não há véus em nenhum de seus reinos."

"É então que ela te mostrará os meios e a senda, a primeira porta, a segunda, a terceira até à sétima. Depois o fim, além do qual se estendem, banhados no sol do espírito, as glórias inexprimíveis, invisíveis para todos, salvo para a vista da alma."

"Não há senão um caminho que conduz à Senda: é o que podemos entender pela 'Voz do Silêncio'."

"A escada por onde o candidato sobe é feita de degraus de sofrimento e de pena; só a voz da virtude pode fazer calar as suas vozes."

"Mata os teus desejos, Lanu, torna os teus vícios impotentes, destrói os teus pecados e torna-os mudos como

nunca; faze calar os teus pensamentos, reduz os teus sentidos a um só; mata em ti toda a lembrança de impressões passadas."

*

* *

Tais são as últimas recomendações do mestre ao discípulo.

Não está ainda senão sobre o caminho, mas cedo tornar-se-á senhor do Samâdhi, estado de visão infalível, que é uma iluminação direta da luz divina.

Então, repousar-se-á sob a árvore Boddhi, que é a perfeição de todo o saber. E é, como sempre, o conhecimento que serve de guia para o último cume. Não é mais o conhecimento humano necessário ao principiante para guiá-lo a uma luz cada vez mais forte, porém a luz eterna que se identifica a esta luz, porque esta doce e clara flama penetra em tudo o que ela toca e não se contenta, como a luz deste mundo, em aflorar a custo à opacidade da matéria.

É a fusão do ser em Deus:

"Tornastes-vos Luz, és teu Senhor, teu Deus. É tu mesmo o objeto de tua investigação: a Voz inalterável que ressoa através das eternidades, isenta de mudanças, isenta de pecados, os sete sons em um, a Voz do Silêncio".

Esta alegria da realização não deve ser egoísta. Aquele que descobriu a senda deve indicar aos outros e auxiliá-los a subir. Só aquele que sofreu deve indicar aos outros como dirigir um discípulo.

Tais são os ensinamentos sagrados, relativos à formação pessoal, à educação da vontade, que os discípulos recebem.

A Yoga

A Yoga. — Seu fim. — Raja Yoga e Hatha Yoga. — Preparo espiritual e preparo corporal. — Os perigos da Yoga. — Os Centros iniciáticos do Tibete. — Domínio das forças da natureza. — Os altos ensinamentos da Índia.

Resta-nos falar da Yoga, cuja importância tem sido tratada, na Europa, há alguns anos e que muitos consideram erradamente como um meio de obter fatos transcendentais.

A palavra Yoga quer dizer união com Deus. O Yogi deve renunciar pois a tudo o que tem de humano para chegar a esta união; o que queremos dizer o demonstra sobejamente.

O Yogi toma, para chegar a este fim, meios que terrificam qualquer dos nossos hábitos ocidentais e que é impossível aconselhar toda pessoa que se encontra ligada a obrigações sociais, aos deveres da família, porque toda a vida do Yogi é a Yoga e nada mais.

Içvaracharya Brahmachari precisa, no seu curioso Tratado de Yoga Real, a definição dessa ascese:

"A ciência da Yoga pode ser definitiva como o conhecimento do Equilíbrio entre o Macrocosmo e o Microcosmo, entre o positivo e o negativo, fase passiva de iluminação, depois da forma ativa de realização do equilíbrio entre o Eu Individual e o Eu Universal. Esta ciência se subdivide em Raja Yoga e Hatha Yoga. A primeira, Raja Yoga

ou Yoga Real, é a mais elevada; ela deixa em repouso o corpo que está livre de tentações pelo poder do espírito. A Hatha Yoga é, sobretudo, um exercício físico com o fim de destruir as necessidades do corpo, de reduzi-lo à completa servidão material. É o exercício seguido pelos faquires que, por toda uma série de privações e de assustadores suplícios, reduzem o seu corpo material ao estado de verdadeiro esqueleto e ficam em pleno sol, em uma imobilidade absoluta, escolhendo as atitudes mais incômodas para dominar o seu ser físico”.

Os teósofos desaconselham, com razão, esta segunda forma de Yoga, considerando-a vã e menos útil ao nosso desenvolvimento para a Luz do que a senda do conhecimento e da caridade.

Chega-se à união com Deus por uma ascese extremamente complicada e tornada voluntariamente o mais difícil possível.

O corpo é submetido a rudes experiências; sofre mortificações como verdadeiro mártir. As purificações não são mais fáceis de realizar, e aquele que venceu estas etapas deve ainda chegar ao perfeito domínio de seus músculos.

Coloca-se, ou melhor, faz-se colocar nas Asanas (atitudes) as mais penosas que lhe são indicadas e deve ficar assim um tempo mais ou menos longo para chegar a dominar a fadiga muscular.

Um verdadeiro Yogi pode ficar com um braço levantado até chegar à perfeita anquilose e não poder mais abaixar o braço, que vem a ser nodoso como um bastão.

O Yogi deve dominar os seus sentimentos; ele não deve experimentar nem dor nem alegria e nada deve influenciar o seu coração e os seus sentidos.

É esta condição apenas que é chegada à segunda parte de seu exercício.

Deve ser tão indiferente como um morto a todas as suas manifestações de vida. Eis-nos bem longe da bondade do ensinamento budista quando recomenda a prática. Pode ser que o Yogi adquira certos poderes, mas ele os adquire para si só e não se preocupa com a humanidade, para a qual ele tem, entretanto, os mesmos deveres que os outros homens.

Deve ainda dominar o seu espírito, concentrá-lo sobre o pensamento de Deus, no silêncio completo dos seus sentidos e sentimentos.

É a esse preço, somente, que venceu todas as experiências, chegando a ser um verdadeiro Yogi, objeto da veneração dos povos.

Então, adquiriu as faculdades e os poderes que, se não duvidamos da lenda, fazem tremer os deuses no céu e que, se nos apegarmos a uma fórmula mais racionalista, não deixam de ultrapassar consideravelmente o que é atribuído ao homem.

É ele que faz germinar e crescer grãos sob os olhos admirados dos espectadores; que, pondo-se voluntariamente em letargia, pode fazer-se enterrar vivo durante muitos meses e voltar à vida em algumas horas, com um certo ritual.

Não podendo estendermo-nos aqui mais longamente sobre estes exercícios, aconselhamos aos leitores interessados os livros que tratam especialmente desta ascese e, principalmente, os de Içvaracharya Brahmachari e Ernest Bosc.

Por mais poderosa que seja a atração da Yoga, por maiores que sejam os poderes que ela assegura, fazemos graves reservas sobre o assunto de sua aplicação.

Já em nosso Curso de Magnetismo Pessoal, mostramos o perigo de suas práticas respiratórias. Tais como são ensinadas pela Yoga, podem vir a ser um perigo real para o imprudente que se submeta a elas. Se não for guiado e observado, se uma pessoa ao corrente das regras da ascese e conhecendo também o estado de saúde do Adepto, não modificar o seu uso relativamente ao que estes livros contêm, pode interpretar o texto da mais perigosa maneira, lesando assim os seus pulmões e o seu coração do modo mais grave e mais definitivo.

*

* *

Esta rápida exposição mostra muito bem que, quanto mais longe possamos encarar as coisas, a Índia tem sempre conhecido Ciência psíquica, seus fatos experimentais, sua moral e sua filosofia.

Publicamente, ela tem ensinado esta Ciência psíquica, o seu lado moral e filosófico.

Mas foram guardadas para uma elite de casta e de educação mais elevadas outras lições tendentes a fazer adquirir ao ser, devidamente preparado, faculdades, poderes, forças e um conhecimento os ritmos que a aproximam da força criadora, que a aproximam e Deus, unindo-a a Ele.

Os Centros esotéricos, onde estes ensinamentos eram dados, existem, diz-se, ainda hoje e estes são somente os que estão em estado de transmitir integralmente a Ciência esotérica àqueles que formarem.

É deles diretamente, dos Mestres da ciência esotérica da Índia, que os fundadores da Teosofia tiraram esta filosofia religiosa que seduziu tantos espíritos. A senhora Blavatsky e Sinnett residiram muito tempo na Índia e ali receberam uma iniciação que depois espalharam no mundo. Sinnett afirma que, em nossos dias, *"existe uma Fraternidade oculta, dominando as forças da natureza no meio de estranhos poderes ainda desconhecidos à massa humana"*.

Esta misteriosa Fraternidade teria por sede o Tibete que, em todo caso, possui tesouros filosóficos em estado de inspirar inveja a todos os pesquisadores da Europa.

O acesso do Tibete está defendido pelas altas montanhas, das mais altas da terra, e uma guarda vigilante vela sobre as cidades santas.

Não será senão por sua livre vontade que os Sábios nos falarão e divulgarão ainda seu ensinamento, se o Ocidente lhes parecer o disso.

*

* *

Vê-se que a Índia nos apresenta em todas as épocas — védica, bramânica e búdica — u'a moral maior, da mais elevada beleza, de que seus livros sagrados nos deixaram a fórmula. Ela sempre possuiu também partes esotéricas que descobriremos lentamente.

Como em todos os tempos e em todos os centros, ela nos ensinou a necessidade de se conhecer melhor o modo de nos aproximar de Deus; de nos transportarmos dos efeitos às causas para compreendermos melhor a natureza e não julgarmos que somos o centro, compartilhando então dos males humanos.

A Índia nos ensina que nos tornemos solidários com os outros e com o universo, de modo a sentir a importância das menores ações. Mesmo se as

repercussões de nossos atos nos ficam desconhecidas, não somos menos responsáveis por isso.

É preciso conhecer as forças em torno de nós, para lutar contra aquelas que são más e submeter aquelas que são boas, a fim de adquirir poderes que nos permitam fazer o bem.

É preciso compreender o nosso destino, prestarmos atenção de que temos um ciclo a realizar e que este ciclo recomeçará sob variáveis aspectos até a inteira purificação da matéria.

É, pois, de primeira necessidade que se destaque da matéria, que é transitória e, portanto, inexistente, o que nos perturba em nossa evolução.

É preciso esperar e pedir a iluminação divina, à qual devemos nos preparar sem interrupção por uma pureza sempre mais perfeita. Tal é o magnífico ensinamento que nos tem transmitido a Índia e é toda uma ascese a seguir, uma direção constante da vida para o fim mais elevado. Certamente, uma tal concepção do homem é restrita, mas quanto ela é rica em maravilhosos resultados para aquele que quer fazer a sua nova orientação! Despreza todas as alegrias grosseiras e ilusórias, falazes para o seu espírito e o seu coração, e adquira o domínio do espírito! É por seu próprio esforço que chega a esta alegria.

E é uma alegria ainda ser um vencedor calmo quando se combateu.
Buda o diz nestes termos:

"Não imploreis os Deuses impotentes; é em vós mesmos que deveis procurar o que é preciso para a vossa libertação. Cada homem constrói sua própria prisão".

A idéia de que o Budismo ordena que se retire do mundo e que se viva em um isolamento, inútil aos seus semelhantes, é uma idéia absurda. É preciso que o homem seja submetido aos deveres de seu estado, que cumpra a obra que lhe foi imposta.

Parece contraditório que o mesmo livro nos ensine a fazer a nossa vida no mundo e nos retirarmos para uma floresta; é que nos esquecemos, em nossa qualidade de ocidentais, as belas imagens com que o Oriente costuma enfeitar o seu pensamento, sobretudo no domínio da filosofia. Retirar-se para a floresta é recolher-se em si mesmo, nestes asilos do pensamento que cada um possui em si e que pode tornar-se senhor de todo lugar a toda hora.

Eis porque diz o Livro Sagrado:

"Ó Bhârata! De que serve a floresta a quem está dominado? Por toda parte onde um homem vive, se é que está dominado, aí está também a sua floresta, aí está a sua ermida".

É assim que devemos compreender esta sublime verdade, esta sublime lição.

Cada um obriga-se ao seu dever, à sua família, à sua pátria, à humanidade inteira, e quanto mais poder adquire, mais obrigado está à coletividade da qual ele faz parte. Mas estes poderes e estas ações não são o único fim de sua vida.

Aquele que se acha na senda possui um fim mais alto ainda. Quer a verdade sem véu, a união com o espírito divino. Eis porque ele renuncia a si mesmo,

e nas horas de repouso, ausente do mundo e de seu absurdo tumulto, procura a verdadeira Luz.

E ele tem a alegria de encontrar esta Luz tão pura, primeiramente em seu próprio espírito, disposto para o conhecimento do Ser; em seguida, à hora que não é conhecida, porém que chega sempre para quem soube tornar-se digno dela, desfaz os seus próprios limites por esta iluminação divina que não deixa permanecer sombra e que se espalha em todo o coração.

O EGITO

O Egito antigo revela-se como nação adiantada em sua cultura e favorecida por uma sabia iniciação. — Dificuldades encontradas pelos Egiptólogos. — Os conhecimentos psíquicos dos egípcios foram certamente muito grandes. — O futuro promete descobertas muito importantes.

Desde os primeiros tempos que nos foram revelados pela História, o Egito mostra-se como uma nação muito adiantada na sua cultura e favorecida por uma iniciação muito sábia.

Todos os escritores, Heródoto e Plutarco em primeiro lugar, fazem-nos ver o Egito como um foco intelectual e religioso onde os outros países foram, por meio de seus grandes homens, conhecer as ciências misteriosas.

Destas altas ciências, o público não sabia senão muito pouca coisa, porque, ou o historiador era iniciado e tinha prometido nada dizer, com juramentos os mais solenes, ou não era iniciado e, en--tão, não sabendo nada, forçoso era mostrar-se discreto.

A tradição se fazia inteiramente de um modo oral ou sob a forma de imagens perfeitamente inacessíveis à única senda da razão.

Os mais inteligentes dos profanos enganaram-se e foram induzindo ao erro todos aqueles que conheceram as suas obras, úteis sob outros pontos de vista, pelo conhecimento do país e de seus costumes particulares.

Por outro lado, depois da invasão muçulmana, o Egito tornou-se letra morta para o mundo civilizado.

Foi apenas no momento da campanha do Egito, quando Napoleão, revivendo Alexandre, ligou ao seu exército uma escolta de grandes sábios, que Champollion tomou a tarefa de penetrar o segredo dos séculos.

Outros egiptólogos seguiram-se; Mariette, entre outros, deu-se ao trabalho de traduzir os textos apresentados pelo caracteres hieroglíficos.

Existências inteiras foram empregadas a penetrar o sentido desta série de imagens. Mas os seus esforços se limitaram a tomar o lado exotérico das inscrições, das cenas esculpidas, dos papiros.

Foi só em nossos dias que Gayet, particularmente ao corrente da tradição oculta, fez esforço para encontrar nas inscrições outra coisa além das demonstrações das vitórias ou da nomenclatura dos povos.

De seu lado, Moret estudou os segredos da magia egípcia e nos deixou trabalhos de grande interesse documental.

O resultado de todos esses esforços é que não somente os egípcios se entregavam à magia sagrada, fórmula ritual e muitas vezes intuitiva da ciência psíquica, porém, que operavam racionalmente, cientificamente; que eles conheciam a existência no ser humano, ao lado do corpo físico, de elementos mais sutis, notadamente esta parte que eles chamavam o "*duplo*", avançando nisso numerosos séculos relativamente às nossas descobertas muito recentes.

Eles conheciam também, em toda a evidência, a força psíquica ou o magnetismo humano.

Resta ainda, no domínio da egiptologia, um campo imenso a explorar e a ciência está certamente bem longe de ter dito a sua última palavra a este respeito.

Ao contrário, é verossímil admitir que não se está senão no princípio das descobertas que não devem deixar de se fazer.

Mas os trabalhos são lentos e as tarefas são custosas. Estamos longe da completa revelação do que contém este grande túmulo de povos que dormem no vale do Nilo.

Por outro lado, é lamentável que a maioria dos sábios que tomam parte nesses estudos não sejam psiquistas e não procurem senão acessoriamente elucidar este ponto que, para nós, é do mais importante interesse.

Ensinamentos Exotéricos

Os três períodos do antigo Egito: Império Antigo, Médio-Império e Novo Império. — Os conhecimentos dos egípcios no domínio da ciência eram muito adiantados. — Sob o ponto de vista psíquico, não tinham grande coisa a nos invejar. — O panteão egípcio. — O divino Amon-Ra. — A religião egípcia, politeísta no seu exoterismo, é monoteísta, incontestavelmente, no seu esoterismo. — As forças ocultas. — Polarização da força magnética. — A força solar e a sua utilização para a mumificação dos corpos. — Os segredos do invisível. — A magia negra. — Apelo as forças benéficas exteriores. — Conhecimentos astrológicos dos egípcios. — A religião dos egípcios. — Ela nos é revelada pelo LIVRO DOS MORTOS. — Os quatro elementos da personalidade humana. — O corpo. — O duplo ou KHA; é esta parte de nós mesmos que, em nossos dias, e segundo as escolas, se chama "duplo", "corpo astral" ou "perispírito". — Cenas do Templo de Amon representando o corpo de Amenofis III, acompanhado de seu duplo. — A região misteriosa onde se tem o duplo da parte viva do corpo. — Onde vai o duplo depois da morte do corpo? — O embalsamamento. — Cuidados prestados a múmia. — As moradas eternas ou SYRINGES. — Poder do iniciado sobre o duplo. — A essência vital do KHU. — Destino da alma (BA). — O departamento da alma em AMENTI. — O julgamento final.

Se os egiptólogos tiveram grandes dificuldades em tomar o sentido exotérico dos hieróglifos, a compreensão dos textos religiosos sob o ponto de vista esotérico é também cheia de dificuldades. Um especialista, H. O. Lange, diz, falando dos textos religiosos: *A inteligência dos textos religiosos tornou-se*

extraordinariamente difícil pela multidão de suas alusões às tradições sagradas que nos são desconhecidas.

E, por outro lado, falando do Livro de Hades, que Maspero traduz "*O Livro das Portas*", e de outros análogos, H. O. Lange diz ainda: *São em maioria especulações ininteligíveis, devidas aos teólogos tebanos, em parte escritas em caracteres secretos e acompanhadas de imagens de um caráter místico.*

E. de Rougé partilha desta opinião que formula da seguinte maneira:

"É fácil observar todas as obscuridades oferecidas por um texto mitológico, muitas vezes misterioso pelo desenho".

As dificuldades são pois consideráveis, mas, sejam elas quais forem, demonstram, pelo próprio cuidado que tiveram em velar os dados iniciáticos, que esses dados existiam e que os possuidores da iniciação faziam, ou davam a máxima importância.

*

* *

Agita-se, então, o Antigo Egito, cuja história pode ser dividida em três períodos: Antigo, Médio e Novo.

O Antigo Império transporta-nos a 5.000 anos antes de Jesus. Esta época parece ter sido já muito superior a tudo o que se via no resto do mundo. Então é que o Império Antigo teve por centro, sobretudo, a cidade de Mênfis, e o Médio Império ocupou principalmente da XI e XXI dinastias, 30 séculos antes de Jesus.

O Médio Império é-nos mostrado como a idade de ouro pelos historiadores e os numerosos monumentos que nos restam. Foi destruído por uma invasão de nômades que nos textos se chamam Pastores e que devastavam tudo, não deixando subsistir a civilização senão em Tebas e seus arredores, dos quais não puderam apoderar-se.

Enfim, o Novo Império foi instaurado pela volta de uma dinastia nacional que expulsou os Pastores, depois de uma guerra sangrenta. Em seguida, Ramsés II, mais conhecido sob o nome de Sesotris, cobriu o país de monumentos maravilhosos. Mas, depois começa a decadência; os reis assírios vencem, devastam, despovoam o Egito e é quase com reconhecimento que ele aceita o jugo de Alexandre, depois do seu general Ptolomeu que criou uma última dinastia, vencida pelo império romano na pessoa de Cleópatra.

Desde esse tempo, o Egito fez parte do império romano. O novo império floresceu em Sais e nas cidades do Delta (1.100 antes da nossa era).

Desde os Ptolomeu, Alexandria foi a capital.

*

* *

Para quem contempla os mais antigos monumentos egípcios, não é necessário afirmar que, desde a mais alta antigüidade, estes povos gozaram uma civilização muito avançada.

A grande pirâmide é uma construção que seria ainda dificilmente realizada em nossos dias e cujos enormes blocos deveriam necessitar do emprego de máquinas possantes para poderem ser postos em seus respectivos lugares. Por outro lado, os monumentos eram construídos, não importa como, sem direção especial.

A direção de seus eixos atesta profundos conhecimentos de astronomia.

As Pirâmides, que constituem um dos monumentos mais antigos do Egito, são extremamente características a este respeito.

Maeterlinck, segundo o Abade Moreux, dá-nos a demonstração de que o meridiano da Pirâmide ou a linha norte-sul, passando pelo seu cimo, é o meridiano ideal, isto é, aquele que atravessa mais continentes e menos mares, e que se calcula exatamente a extensão de terras que o homem pode habitar, divididas em duas partes rigorosamente iguais.

Por outro lado, multiplicando a altura da pirâmide por um milhão de quilômetros, acha-se a distância da terra ao sol, ou seja, 148. 208.000 quilômetros, que é como um milhão de quilômetros de diferença, a distância que, à custa de longos trabalhos, expedições longínquas, perigosas e graças aos progressos da fotografia celeste, a ciência moderna adotou definitivamente.

Por seu lado, o célebre astrônomo Clarcke deduziu medidas recentes de que o raio polar deve ser avaliado em 6.356.521 metros. Ora, é exatamente o côvado piramidal, ou seja, 0,6356521 multiplicado por 10 milhões. Depois, dividindo-se o lado da pirâmide pelo côvado empregado na sua construção, encontra-se a longitude percorrida pela terra sobre a sua órbita em um dia de 24 horas, com uma aproximação maior do que a permitida pelas nossas medidas atuais, a jarda ou o metro francês. Enfim, a passagem da entrada da pirâmide olhava a estrela polar da época; teria, pois, sido orientada, tomando em conta a precessão dos equinócios, fenômenos segundo o qual o pólo celeste volta a coincidir com as mesmas estrelas ao fim de 25.796 anos.

O mesmo acontecia em todos os ramos da ciência e da arte; a decoração interior das pirâmides, por exemplo, estabelece os problemas a respeito de seu modo de iluminação que não estão prestes a ser resolvidos.

Porém, a ausência de todo vestígio de fumaça torna impossível a presença de tochas ou de qualquer outra chama ou archote; não é possível conduzir a luz por um jogo de espelhos; parece, pois, resultar, até a presente data de pesquisas efetuadas, ainda que se não tenha resultados precisos, que os Egípcios tivessem conhecido a luz elétrica há 6 ou 7.000 anos antes da nossa era.

Sob o ponto de vista psíquico, os Egípcios não tinham grande coisa a nos invejar.

Seus frescos, onde toda a vida coletiva e particular foi representada no maior detalhe, certos papiros ainda nos mostram que o Egito sabia perfeitamente que o homem é um composto triplo, que seu corpo — que eles embalsamavam — permanece na terra, porém que dele ainda resta uma personalidade psíquica, um duplo, dotado de força magnética, que ele resume e simboliza, e de um espírito que sofre destinos diversos segundo a sua conduta neste mundo.

Os papiros, onde se tratava de medicina, consideravam o fator nervoso e o fator psíquico como duas importantíssimas fontes de doenças. Eles admitiam que a palavra e a vontade tinham o dom de ofender e de curar, e acreditavam tanto no bem como no mal, na eficácia dos pentáculos, dos amuletos e ainda nos enfeitiçamentos.

Como em todas as religiões, a parte esotérica de sua doutrina era dissimulada à multidão e reservada a uma elite que não era admitida à iniciação sem fazer as suas provas que reclamavam tanto coragem como tenacidade.

Entretanto, a superioridade dos Egípcios, relativamente à ciência e à filosofia, era notória em toda a bacia do Mediterrâneo e os mais ilustres gregos tinham sentido a sua influência.

Pitágoras, que nos deixou a recordação e as obras do mais maravilhoso iniciado e iniciador, considerava honra ser elevado à iniciação egípcia.

Como a maioria dos orientais, os Egípcios personificavam todas às forças da Natureza, e, por isso, foram taxados de politeístas, e é certo que o vulgo adorava, sem pensar mesmo, todas as formas, todas as figuras que lhe eram apresentadas. E' assim que os seres atrasados atribuíam maior poder ou maior santidade à Virgem de tal santuário do que à Virgem de tal lugar de peregrinação.

Porém, as pessoas instruídas e, sobretudo, os iniciados, não caíam nestes erros grosseiros.

Entre as forças adoradas, a primeira era a força solar. Por isso, rendiam-lhe culto sob diversos nomes que (Correspondem a diversos atributos.

Eram: Ra, o sol em si mesmo, que não era permitido ser invocado por todos; Amon, o sol de cada dia, aquele que manifesta os renascimentos contínuos; Aten, o disco solar, o círculo sem começo e sem fim. Havia também Shou e Hor.

Vinham em seguida as divindades da terra, da noite e da água; todas as entidades femininas e os deuses psicopompos ou condutores de almas que representavam o crepúsculo, se se considerasse na sua forma sideral; tais eram Osíris subterrâneo ou Serapis, Isis e Nephtys, deusas da vida e da morte, Phtah e Sokhar e sobretudo Anúbis, que tinha a guarda das sombras e as conduzia ao seu juiz, para que a sua sorte fosse determinada na sua vida do Além.

Estes deuses e estas deusas protegiam os mortos na sua existência subterrânea. Velavam para que os cuidados dos funerais não lhes fossem recusados, de modo que o duplo pudesse, em tempo útil, reconhecer-se na múmia.

Outras personificações demonstravam aos seres humanos que o julgamento que os feria não era sem apelo e que, se a sua futura existência fosse digna de perdão, eles terminariam por gozar a bem-aventurança eterna no coração de Ra, de que o sol visível não é senão uma pálida e imperfeita imagem.

Além dessas divindades, há ainda outras, por exemplo, aquelas que representam os elementos: Seb, a terra; Nut, o céu; Nu, a água e as formas do mal, como Tifon com cabeça de crocodilo, que representa ao mesmo tempo o pecado e o vento ardente do deserto. Mas todos estes elementos do culto, muitas vezes modificados e complicados pelas formas cultuais e as preocupações de seus adoradores, se resumiam em um só, o irreconhecível Amon-Ra.

O nome desta divindade significa Ra, sol; Amon, oculto; isto é, o esplendor que se dissimula aos nossos olhos. É o Deus verdadeiro e que, por isso mesmo, não cai nem sob os nossos sentidos, nem no domínio da nossa inteligência. É o misterioso que se oculta no sol e que, semelhante a este astro ao mesmo tempo benéfico e devorador, nos dispensa a vida e a morte.

Mas a morte não existe para o olhar deste pensamento divino.

Ela não é senão um meio útil ao perpétuo renascimento da vida.

O seu calor faz nascer e morrer; porém ele faz viver ainda e a vida vem dele como a água corre do Nilo, dando a fortuna e a alegria a este país, que é o Egito lendário.

Na concepção egípcia, os princípios vitais iam do sol à terra para subir da terra ao sol.

Cada alma que desce começa uma existência, e esta existência será seguida de u'a morte que reconduzirá a criatura ao seu criador, mas, como ela é impura, precisará descer ainda conforme um julgamento justo.

Quantas vezes recomeçará esta viagem?

*

* *

Vê-se a que se reduz a idolatria egípcia e o pretendido poli-teísmo desta nação, a mais civilizada do mundo antigo.

As enganadoras aparências da credulidade pública deixaram crer, aos espíritos prontos a deduzir, que o Egito era politeísta, mas e um pensamento que não resiste a um exame sério. É o que o ocultista Bosc exprime assim:

"O Egito acreditava em um só Deus, envolvido, de propósito, talvez, em formas panteístas e politeístas; mas a religião egípcia é, no seu esoterismo, um monoteísmo puro manifestando-se no seu exoterismo por um politeísmo simbólico".

Tal é a conclusão à qual podemos chegar com uma aproximada certeza.

Os diversos deuses e deusas do panteão egípcio correspondem às forças benéficas ou maléficas e seus atributos mostravam um aspecto de formas eternas da Natureza pela qual a Divindade se manifesta aos nossos olhos.

É certo que aí como em toda parte, este esoterismo escapa aos espíritos incultos e simples que não pediam senão para ter belas festas e práticas formais a seguir, sem procurar o sentido que lhe era a justo título cuidadosamente oculto.

Se eles o tivessem conhecido, teriam percebido a sua grandeza? É pouco provável. Por isso é com razão que o esoterismo monoteísta não foi revelado senão àqueles que tinham vencido as provas e, pelo seu trabalho contínuo, pelo domínio de seus instintos, mostrado que estavam em condições de compreender a luz à qual iam elevar-se.

Aqueles que eram dignos sabiam, pois, que Deus é Uno e que a Vida é Una n'Ele, apesar da diversidade de suas formas aparentes, passageiras e sem realidade objetiva, que se dissiparão no verdadeiro Sol.

Além disso, é inacreditável que espíritos tão elevados como aqueles dos quais acabamos de ver a transcendência no domínio científico tenham adorado sinceramente os íbis ou deuses com cabeça de animal; podemos ter a certeza de que a iniciação não admitia em Deus esta pluralidade de formas que pareciam implicar a religião popular.

São abundantes os textos, nos rituais religiosos, que afirmam este fato ao qual a lógica só bastaria para nos conduzir. Maspero, do qual se conhece a erudição em egiptologia, diz formalmente:

"A unidade de Deus é a base da religião egípciana no seu ensinamento superior."

"A teologia sábia, esotérica, é monoteísta desde o tempo do Império Antigo. A afirmação da unidade fundamental do ser divino pode ser lida, em termos formais e de uma grande energia, nos textos que remontam a esta época. Deus é Um Único, aquele que existe por excelência, o único que vive em substância, o único gerador no céu e na terra que não é

organizado. Ao mesmo tempo, Pai, Mãe e Filho, ele organiza, desenvolve e existe perpetuamente; e estas três pessoas, longe de dividir a unidade da natureza divina, concorrem para a sua infinita perfeição.

"Seus atributos são a imensidade, a independência, a vontade todo-poderosa, a bondade sem limites e a eternidade.

"Ele criou os seus próprios membros que são os Deuses, dizem os velhos textos. Cada um destes Deuses secundários considerados como idênticos aos Deus Uno, pode formar um tipo novo, do qual imanam, por sua vez e pelo mesmo processo, outros tipos inferiores".

Esta citação dispensa que nos estendamos sobre este ponto, porque ela é tão formalmente possível e uma exposição mais longa da filosofia dogmática dos egípcios nos conduziria mais longe do que é necessário, em razão do tempo de que dispomos.

No que concerne à evolução do espírito e ao desenvolvimento da força psíquica, podemos dizer que os Egípcios igualavam os modernos no manejo das forças ocultas e que estavam ao corrente do magnetismo, da sugestão, do desdobramento e dos atos que de tudo isso podem decorrer.

Isso surge, com evidência, de seus monumentos e suas preces. Conheciam a medicina psíquica e aplicavam-na com superioridade. O desdobramento fazia parte do seu ensinamento iniciático e as ações a distância, que constituem a utilização prática de um desdobramento mais ou menos completo,

eram-lhe perfeitamente acessíveis. Eles conheciam os feitiços, e os padres de Tifon não ignoravam a sua prática. Mas eles sabiam que certos ritos e certas fórmulas podiam ter uma ação considerável sobre a vontade e os poderes que os atacam; lutavam também contra as forças más por meio de amuletos e pentáculos, dos quais muitos nos foram transmitidos, seja pelos papiros e monumentos, seja pela tradição Cabalística, de origem egípcia como toda a tradição hebraica que remonta a uma época anterior aos exílios.

Os padres e iniciados sabiam que existe no ser humano uma força que irradia de toda pessoa, que pode ser exteriorizada e projetada para realizar ações úteis ou funestas. O fato é patente, indiscutível; resulta de um número quase infinito de documentos, papiros encontrados nos hipogeus, esculturas e, sobretudo, frescos que nos contam, em todos os seus detalhes, a vida cotidiana do egípcio desde o seu nascimento até a morte, pois que nos fazem assistir ao julgamento das almas, à sua felicidade ou desgraça no outro mundo, segundo os seus méritos ou deméritos na vida que acaba de se extinguir.

Meu irmão, o Dr. Gastão Durville, consagrou um estudo especial aos frescos egípcios do Museu do Louvre, estudo este concernente ao assunto de que nos ocupamos.

Um dos documentos que nos assinala o Dr. Gastão Durville é uma vasta pintura representando o rei Seti I.º no momento de sua subida ao trono (fig. 3).

*

* *

O rei recebe os poderes mágicos e sagrados que completam e justificam os seus poderes temporais na teoria social do Egito.

A realeza não era somente um negócio de força e legislação; o rei devia ser um iniciado de alta classe e representar o poder divino, tanto quanto é permitido a uma criatura representá-lo sobre a terra. Esta transmissão do poder fazia-se por um gesto da mão projetando a força vital para o novo iniciado. Tal força, que lhe é assim transmitida, é muitas vezes simbolizada por um véu enfunado. Em outros documentos, esta força é simbolizada por uma serpente. Estes dois símbolos tinham uma significação característica para o objeto da força psíquica e de sua utilização no bem e no mal.

O véu é enfunado por um sopro que não se vê; assim a força psíquica ou magnética é um motor poderoso que não se deixa perceber e que não deixa traços.

Mas a serpente é mais misteriosa ainda. Oculta na terra e, entretanto, nascente de ovos como os pássaros, parece uma forma híbrida que serve de laço a todas as formas da vida sobre a terra.

As suas mudanças de pele, consideradas como renascimentos, eram o emblema dos mais altos mistérios; enfim, o hábito que tem de se levantar e enrolar tinha feito criar a imagem da serpente que morde a própria cauda formando assim o círculo perfeito, o ciclo que termina e que recomeça sem interrupção, o signo da eternidade.

Simbolizava também a inteligência divina comunicada ao ser humano e se achava, por este motivo, sobre a coroa dos Faraós, iniciados e filhos do Sol.

O véu simbolizava, sobretudo, o magnetismo curador e a transmissão de força de uma pessoa para outra.

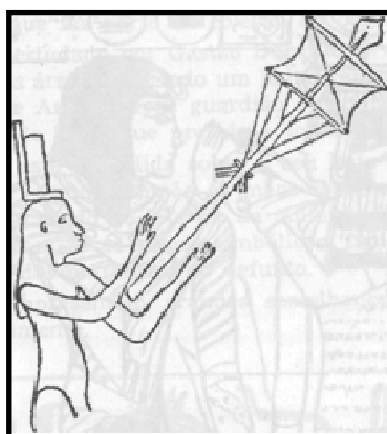
E' assim que o Dr. Gastão Durville revelou, entre as esculturas de um sarcófago de granito, na grande sala de monumentos funerários do Louvre, um egípcio que estende os braços para diante, com o gesto dos passes magnéticos. A

força magnética escapada de suas mãos projeta-se para aquele que a recebe sob a forma de um véu enfunado (fig. 1).

Sobre um outro sarcófago, vê-se uma cabeça humana sobreposta de um braço e ao lado uma serpente (fig. 2). Era o caso de supor, como disse meu irmão que judiciosamente comentou esta imagem, que os egípcios consideravam a cabeça como um gerador de força da qual a mão seria o transmissor, a menos que o braço, no gesto de projetar, não seja o próprio signo da ação cumprida diretamente pelo cérebro.

Ao lado da cabeça encontra-se a serpente, imagem da força, que não sofre mudanças e que apenas sofre porque cresce sempre em poder por uma renovada mocidade.

Os Egípcios pareciam ter conhecido as modalidades que apresentam a força magnética sob a ação da força da polaridade.



**Figura 1: O véu enfunado, símbolo da força vital.
(Desenho executado conforme um sarcófago do Louvre.)**

Esta modalidade produz-se segundo o lado do corpo pelo qual o magnetismo é emitido. Sabe-se que esta força assim se torna positiva ou negativa; positiva quando ela emana do lado direito ou da face anterior do corpo; negativa quando ela é produzida pelo lado esquerdo ou a face posterior do corpo.

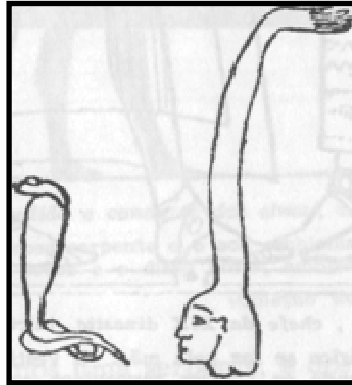


Figura 2: Outros símbolos de força vital.
Esta figura, desenhada de acordo com um sarcófago do Museu de Louvre mostra que os Egípcios consideravam a cabeça como a geradora de uma força da qual a mão era a transmissora. À esquerda, a serpente enrolada.



Figura 3: O rei Seti I, chefe da XIX dinastia, iniciado pela deusa Hator.
A transmissão do poder mágico se faz pela mão. O vestido é coberto de inscrições, indicando os favores concebidos ao rei.
(Grande fresco do Louvre.)

As regras exatas da polarização foram estabelecidas, nestes últimos anos, pelo barão de Reichembach e, sobretudo, por Henri Durville e elas vêm em apoio dos dados egípcios.

Muitos documentos estabelecem o conhecimento que os Egípcios tiveram desta lei da polaridade, mas, obrigados a limites, não citamos senão um que faz parte da coleção do barão de Watteville.

Este quadro, estudado por Gastão Durville, é uma pintura sobre tela feita pelos árabes, segundo um baixo relevo do antigo Egito (fig. 4). Vê-se Anúbis, deus guardião e condutor das almas, o deus com cabeça de lobo, que preside a todos os ritos funerários.

Aí, a múmia está estendida sobre o seu leito e o embalsamamento terminado. Anúbis impõe as mãos sobre o plexo solar do morto para reter o duplo no interior da múmia. Não longe da cabeça do deus, acham-se os signos simbólicos, figurando os quatro gênios protetores das entranhas do defunto.

Estes signos apresentam grandes semelhanças, mas também diferem profundamente.



Figura 4: Anúbis, deus guardião e condutor das almas, vela junto a uma múmia. À direita do deus, uma poderosa serpente e o sol, emblemas da força positiva; à sua esquerda, uma serpente fraca e o disco lunar, emblema da força negativa. (Coleção do barão de Watteville.)

Dos dois lados, temos uma serpente, e dos dois lados, uma forma sideral; tais são os pontos do contato.

Mas estas serpentes e estes astros diferem grandemente entre si.

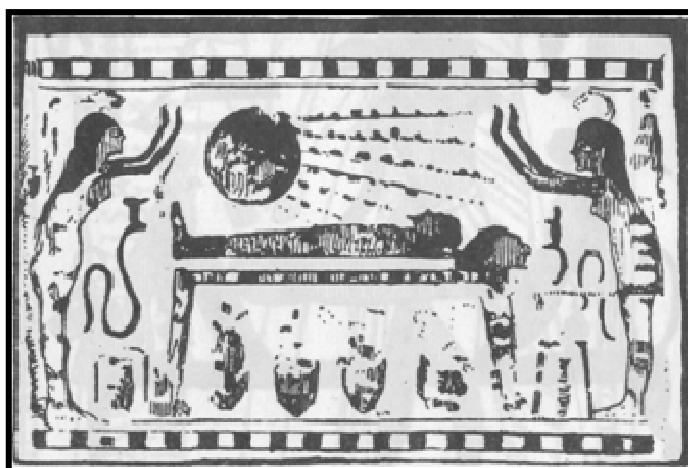
A direita do deus, ao seu lado positivo, achamos o globo solar, rodeado e como coberto pelo *ureus* ou serpente faraônica, que se revela tomando a forma do signo zodiacal do Leão.

O sol, em todos os simbolismos, é o emblema da força masculina e a serpente que o rodeia é robusta, real, viva e forte, que tem todas as aparências da força positiva, que é chamada para a significar.

À esquerda de Anúbis, o meio disco é a imagem da lua, divindade feminina, por sua essência e, sobretudo, como quem toma a sua claridade da luz do sol e, por consequência, em modo passivo e refletido.

A serpente que rodeia esta meia lua é apenas traçada e quase vermiforme. É fraca, subordinada, passiva, negativa em uma palavra, como os princípios que representa.

E a forma das serpentes é ainda mais significativa; a serpente do sol é sobretudo, em linhas verticais, o que cabalisticamente exprime a idéia masculina, enquanto a serpente da esquerda, mais em linhas horizontais, é o signo da força passiva, feminina, que tudo espera do princípio ativo.



**Figura 5: O Sol, fonte da vida, envia à múmia os seus raios vitalizantes. As duas sacerdotisas, elevando as mãos para o sol, auxiliam a ação benéfica a descer sobre a múmia. A força de vida que estas sacerdotisas chamam e dirigem é simbolizada diante de cada uma delas sob a forma de uma serpente enrolada, ativa.
(Fresco do Museu Guimet.)**

É a reunião destas duas linhas, simbolizando a harmonia dos contrários, que criou a cruz ansata que encontramos na mão de um grande número de deuses egípcios, como o símbolo do equilíbrio, da vida.

Poderíamos citar ainda um grande número de documentos que demonstram sobejamente que os Egípcios conheciam a força vital sabiam que o magnetismo, irradiado pelo ser humano, tem repercussões sobre os outros organismos.

Em muitas cenas religiosas, vemos os iniciados curarem pela imposição das mãos. Os gestos empregados por eles são exatamente os mesmos de que se servem os magnetizadores modernos.

Vemos principalmente na gravura que representa Ísis, impondo o seu magnetismo a seu filho Horus (fig. 6). O jovem deus está de pé, nu, sobre a mão esquerda de sua mãe, que lhe impõe uma atitude passiva, enquanto, de sua mão direita, ela dirige para ele um magnetismo positivo.

*

* *

Os Egípcios acreditavam, como nós, que o espaço celeste possuía um magnetismo particular e que o centro principal deste magnetismo, no que concerne ao nosso sistema, era o próprio sol.



Figura 6: Ísis impondo as mãos sobre seu filho Hórus

É um dos motivos que os levava a considerar este astro como a figura mais perfeita da incognoscível divindade.

Demos, a este respeito, o curioso documento seguinte: Refere-se, como muitos monumentos egípcios, a uma cena de embalsamamento.

Como veremos mais longe, os Egípcios eram imbuídos da idéia, tomada mais tarde pelos platônicos, de que o "*duplo*" está ligado à forma do corpo e a determina. Para que o embalsamamento fosse perfeito e durável, precisaria, por conseqüência, que o duplo, depois de ter sido separado, pela morte, do corpo que ele animava, voltasse a este corpo após o embalsamamento para guardar a sua forma e a sua integridade.

O documento que reproduzimos é típico sob este ponto de vista. Parece mostrar que os sacerdotes egípcios tinham aprendido a utilizar-se da força vitalizante do sol como foco magnético, para entreter uma vida latente no corpo embalsamado e colocar ao abrigo de toda putrefação, o que era o pensamento mais absorvente do Egípcio, qualquer que fosse a sua casta e o seu modo de vida.

Este fresco, que foi fotografado no Museu Guimet, mostra-nos a múmia sobre o seu leito funerário e entregue aos cuidados das sacerdotisas que tinham a seu cargo o embalsamamento.

Cumprir notar que estes cuidados dados pelas mulheres implicam a ação feminina, portanto passiva e negativa da vida latente na qual ele reentrava.

Estas mulheres, com um gesto de súplica e de prece, estendem as mãos abertas para um imenso sol que dardeja os seus raios sobre toda a extensão do leito onde o cadáver está deitado.

Abaixo do leito encontram-se quatro vasos selados, onde estão encerradas as entranhas do defunto, conservadas em aromáticos apropriados.

Do seio de cada mulher parte uma serpente que se desliza sob o cadáver.

Aqui, a explicação dada pelo Dr. Gastão Durville é curiosa.

As serpentes emanadas do seio, ou do plexo solar das mulheres, representam a força magnética chamada para conservar o cadáver, para salvá-lo de toda putrefação. A força magnética parece bem apta nesse gênero de ação, como o demonstrou o próprio Dr. Gastão Durville, mumificando uma peça anatômica (mão de um suicida tirada de um cadáver no necrotério) pela imposição das mãos durante muitos dias.

Aí, as mulheres não operam por si mesmas; elevam as suas mãos para o astro, pedindo-lhe que ele lhes transmita seu calor, sua luz e seu magnetismo. Elas parecem, pois, ser intermediárias do deus para o cadáver, os acumuladores da sua força protetora.

E é assim que, tendo recebido o seu influxo protetor, vitorioso, elas o transmitem ao cadáver, sob a forma sagrada da serpente real.

Para nos servirmos de uma expressão técnica, o sol seria o indutor e toda a atmosfera um vasto campo de indução de que é preciso extrair e pôr em reserva as atividades benéficas.

Assim, as sacerdotisas são os indultos que agrupam e condensam a energia solar e a empregam com toda a perfeição na obra empreendida, enfim, a renovação do corpo.

*

* *

É igualmente fora de toda dúvida que os Egípcios souberam aliar a sugestão ao magnetismo no que concerne ao tratamento psíquico das moléstias.

O papiro de Ebers é formal a este respeito:

"Pousa a tua mão sobre ele e acalma a dor e dize que a dor desaparece."

O magnetismo emitido pelo médico para o paciente encontra-se sustentado e multiplicado pela palavra pronunciada. Esta palavra devia, como em todas as Iniciações antigas, ser auxiliada propriamente por um ritmo escolhido e apropriado a cada caso que se aproximasse da música ou, antes, da salmodia.

Assim, a força da palavra como a do gesto podia fazer tanto mal como bem, segundo a vontade daquele que a empregasse.

Os papiros e as inscrições dizem muitas vezes: a palavra cura e a palavra mata, segundo esta seja pronunciada e o modo pelo qual ela é empregada.

Uma inscrição restaurada sobre o túmulo de Ramsés VI é muito curiosa a este respeito. O rei morto dirige-se então a Osíris, seu protetor:

"Ó Senhor dos deuses! destruindo por tuas palavras os teus inimigos, destróis os inimigos do rei."

Uma inscrição do sarcófago do rei Seti I lembra este poder repressivo da palavra divina.

Diz ela: *"As almas recuam e as sombras perecem ao ouvir a palavra do ureus da fonte da vida"*.

Horus e Thot — este último, como o Hermes dos Gregos, é o símbolo do ensinamento iniciático — podem, também, pelo poder da palavra, ser senhores de seus inimigos:

"Invocava-se Thot — diz um texto relativo ao Mito de Horus, citado por Naville — cuja palavra tinha uma virtude mágica."

E, em um capítulo do Livro dos Mortos, encontra-se o poder multiplicado pela virtude musical da repetição:

"Horus renova quatro vezes, a invocação e todos os seus inimigos caem, massacrados. — Osíris renova quatro vezes a invocação e os seus inimigos caem massacrados."

Tal é, aos olhos do iniciado egípcio, o poder da palavra quando ela é projetada com poder e tomando auxílio de todos os meios que fazem da encantação uma verdadeira manifestação do Verbo, um poder sobre-humano, capaz do bem e do mal.

Esta compreensão da palavra é uma das formas mais altas do psiquismo que permite ao homem atingir as forças que o rodeiam e utilizá-las segundo o seu grau. É certo que tocamos em um dos lados mais misteriosos do grande domínio que é o psiquismo.

Gayet, a quem a sua profunda erudição e os seus trabalhos conferem uma grande autoridade em tudo o que concerne à egiptologia, tanto exotérica como esotérica, diz, muito bem, falando dos "Fantasmas de Antinoé":

"O ritual dos deuses faraônicos tinha, outrora, participado diretamente do ocultismo. Uma revelação parece mesmo iniciar os primeiros pontífices nos mistérios; são detentores dos segredos do Invisível, que a nossa ciência moderna a tanto custo aprendeu".

"A personalidade psíquica — o Astral que eles chamam Kha, o Duplo — é de tal modo conhecida que eles entram em comunicação com ela. Afirmam que o ser humano não é senão um suporte que dela recebe a influência".

"Nos quadros, esta personalidade é figurada atrás do indivíduo. Ela procede a passes que enviam para a nuca "toda a força", todo o poder, toda a vida. A influência mágica — é a palavra dos textos — está completamente atrás dele. Só o ato lhe é devolvido".

Tais são, em parte, os segredos transmitidos do mais profundo dos santuários. Os iniciados conheciam deles só os poderes e o manejo. Serviam-se dos

mesmos para as curas e as obras de sua teurgia. Graças a esses conhecimentos, eles possuíam curadores célebres. É verossímil e mesmo certo que estas obras lhes tenham servido para manifestar o seu poder e se fazer obedecer pelas massas, mais capazes de sentir do que compreender.

Existe aí um sentimento muito humano para que tenhamos que o julgar.

*

* *

Os pontífices dos deuses solares e das grandes deusas reservam para si a prática da teurgia e da magia branca, mas, nos santuários tifônicos, a magia negra florescia como entre nós nos piores tempos da Idade Média.

Além disso, os deuses de luz serviam-se destas armas tenebrosas para lutar contra os deuses das sombras e mantê-los em obediência.

Moret, apoiando-se no papiro Nesiamson, representa-nos Ra, o deus solar, alijando Apophis, o espírito do mal, por um enfeitiçamento, por meio da estatueta, que não cessou de ser clássica. Então, como na pior magia atual, toda a ação sobre a estatueta repercutia-se sobre o corpo físico do enfeitiçado.

O próprio Deus enfeitiçava o seu inimigo e os sacerdotes faziam cotidianamente uma conjuração contra Apophis para ajudar ao triunfo do bem sobre o mal, da luz sobre as trevas.

"Fabricava-se — diz Mort — uma estatueta de cera com o nome de Apophis, sob a forma de crocodilo. O nome do Deus era escrito em tinta verde sobre a estatueta, que era envolta em um papiro onde a silhueta de Apophis era desenhada. Escarravam sobre a estatueta, lançavam-na por

terra; então, o sacerdote punha-a sob o pé esquerdo, pisando-a muitas vezes; depois queimava-a em uma fogueira de plantas cujas propriedades eram mágicas. Precisavam repetir o rito três vezes por dia."

O enfeitiçamento pela estatueta foi conhecido em todos os tempos e em uma forma tão semelhante que achamos uma descrição quase idêntica na Chave da Magia Negra, onde St. de Guaita nos dá, sobre este ponto de vista todo particular, tudo o que pode ser conhecido pelas mais secretas iniciações. Não existe nada de essencial ou diferente nos processos que ele indica, além daqueles que já nos são conhecidos.

Segue-se, pois, que os Egípcios possuíam conhecimentos muito extensos, não somente sobre a ação benéfica da força psíquica, mas sobre as ações nefastas desta mesma força, tão poderosa quando ela é orientada por uma constante e forte vontade, segundo um bom exercício.

O enfeitiçamento ritual que descrevemos tem por fim destruir o mal, porém, na vida corrente, estas práticas não tinham sempre um desígnio tão puro. Testemunha tudo isso o que nos fornecem os textos.

Trata-se de um processo de feitiço onde o acusado é um funcionário do palácio real sob Ramsés III. Este funcionário foi convencido do crime pelos fatos seguintes: procurou um escrito mágico, proveniente dos livros sagrados do rei, e chegou a fascinar (sih) as pessoas do palácio; chegou também a "*fazer homens de cera e escritos adequados*"; recitou conjurações para chegar ao fim desejado; pôde, assim, (hikaú) enfeitiçar os servos do harém.

"*Fazer homens de cera*" é fazer o "*vultus*" tal como a feitiçaria da Idade Média o conheceu, é praticar a ação do feitiço pela figurinha de que os trabalhos do coronel de Rochas e do Sr. Henri Durville demonstraram a realidade objetiva. Quanto aos escritos relativos às recitações de fórmulas mágicas, não é menos certo que eles tenham o importante valor auto-sugestivo; estas palavras, escritas ou pronunciadas, vêm a ser um apoio da vontade que permite ao feiticeiro, em certas condições, projetar a sua força ativa, enfeitiçar estes seres que se defendem tanto quanto o simples pensamento da feitiçaria os fere de terror profundo.

De tais fatos existem legiões e os livros estão cheios deles; não conhecemos senão a milésima parte de tudo o que se poderia encontrar na enorme quantidade de textos egípcios que nos restam desde a mais alta antigüidade. Se quiséssemos agrupar todas estas provas, elas seriam realmente inumeráveis.

*

* *

Daí, conhecendo estas ações funestas, faziam esforços para preservarem-se das mesmas.

Ainda em nossos dias, existem preces e bênçãos que, estimulando a fé, neutralizam o efeito das ações mágicas. Os papiros e monumentos do Egito estão cheios dessas fórmulas que, por invocações e preces, fazem apelo às forças exteriores benéficas para lutar contra o mal a que se está exposto.

Os iniciados egípcios afirmam que há fórmulas libertadoras que fazem voltar a luz e a paz aos enfeitiçados. Estas fórmulas chamam os Deuses, pedem-lhes para operar pelo fraco e perseguido, constroem-nos mesmo a operar em favor da vítima.

Existe nas coleções uma grande quantidade destes textos mágicos dos quais muitos não foram ainda traduzidos e aqueles que o são pedem para ser estudados pelos sábios que estão ao corrente das ciências psíquicas.

Sejam quais forem a sua erudição e à sua boa vontade, os egiptólogos que não têm prática dessas pesquisas não podem tirar todo o fruto que se oculta nestes preciosos ensinamentos do mais longínquo passado. É certo que a ciência psíquica nos dará, ao menos em parte, a palavra que se oculta em todo esse tesouro escondido nesses hinos aos deuses solares, estes apelos às forças superiores, em favor dos que sofrem, que estão estendidos na sombra da morte.

Os Papiros Harris do Museu Britânico contêm, além dos hinos clássicos aos deuses solares, conjurações contra os crocodilos, contra as serpentes e contra outros animais malfetores ou reputados impuros. Há também contra o mau olhar e contra todas as formas da feitiçaria.

É certo que os crocodilos pululam no Nilo e que constituem um sério perigo para aqueles que se banham, pescam ou arriscam virar os barcos, porém ao ver-se o lugar que estes animais tomam nestes papiros, recorda-se que Tifon, o deus do mal, é representado pelo crocodilo como se vê nas esculturas dos Templos de Esneo e de Hermontis.

É, pois, permitido supor que estas conjurações têm também poder contra as forças más e tenebrosas representadas por Tifon, que tem tanto uma cabeça de crocodilo como uma cabeça de hipopótamo. Pode-se tanto mais facilmente acolher a idéia que o malvado deva viver, em sua futura existência, no corpo de um animal Impuro e especialmente de um crocodilo.

Certamente, os iniciados, no Egito e nas Índias, sabiam perfeitamente que a natureza humana não saberia retrogradar até a forma animal, mas na doutrina

exotérica esta regressão era admitida porque era uma imagem capaz de ferir a imaginação popular e que os profanos compreendiam facilmente a ameaça de renascerem crocodilos.

Todos os museus e bibliotecas da Europa são ricas de papiros egípcios. Teriam perfeitamente rebuscado em todas essas riquezas, se elas pudessem vir a ser acessíveis ao trabalho de todos os psiquistas.

Ve-se-ia que, como a maioria das tradições iniciáticas, a tradição egípcia admite que a maioria das moléstias são causadas por estados psíquicos; ela vai mesmo, freqüentemente, até admitir, como origem de certos males, a influência de qualquer malefício feito sobre o doente. Era, pois, natural que essas moléstias fossem combatidas por certos remédios psíquicos; em primeiro lugar, pelas purificações, em outros como se o doente estivesse sob o pesado efeito de um feitiço, por conjurações às potências luminosas, por contra-encantos, por amuletos que, sob o aspecto de formas e de fórmulas ritmadas, segundo as tradições sagradas, serviam de condensador, de acumulador de uma energia especial ao sacerdote que tomava o cargo de livrar, de desenfeitiçar o doente que se imaginava vítima de maus espíritos, de demônios desconhecidos!

*

* *

Sob o ponto de vista astrológico, temos no zodíaco de Denderah a prova de que os Egípcios eram muito instruídos na astronomia — como as pirâmides o demonstram também — e que a astrologia lhes ensinava os meios de tirar proveito das conjurações astrais na prática da vida.

Um dos papiros do Museu Britânico (Sallier IV) é um manual muito completo da arte de reconhecer os dias fastos e nefastos, não somente neles mesmos, mas ainda para uma determinada ação a realizar.

As inumeráveis jóias e amuletos encontrados em sepulturas nos fazem reconhecer que os amuletos eram espalhados em profusão e que ricos e pobres faziam deles um uso freqüente.

É assim que em certos túmulos tem-se encontrado verdadeiros tapetes destas pequenas estatuetas azuis; que representam a deusa da verdade; além dessa, encontram-se a deusa de cabeça de gata ou deuses que conduzem à felicidade.

Todavia, entre estes inúmeros amuletos, os mais espalhados são o escarabeu e o olho místico (figs. 7 e 8).

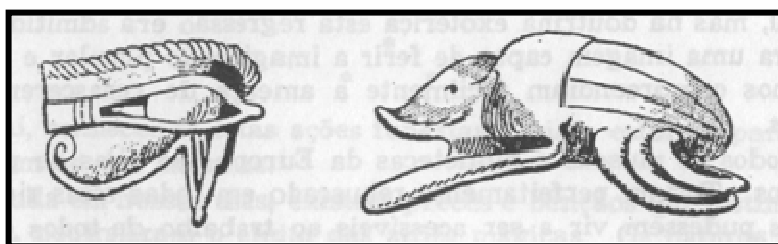


Figura 7 e Figura 8: Dois amuletos egípcios. A esquerda, o olho místico; à direita, o escarabeu.

O escarabeu tinha com que surpreender os espíritos observadores. Este ser, nutrido na imundície, coberto de uma casca brilhante, mais brilhante do que qualquer armadura de um guerreiro terrestre, era tomado como a imagem do renascimento.

O lugar que ele prepara para as suas larvas em uma bola ou acúmulo de matérias imundas dava corpo a esta concepção.

Assim, quando o espírito é bastante evoluído para se elevar até o sol, deve preparar a boa evolução dos outros, dando-lhes os alimentos físicos e intelectuais que lhes convém.

Quanto ao olho místico, que se encontra muitas vezes tanto em cada lado da borda dos barcos, como nas jóias mais delicadas, é a imagem da vontade benevolente dos deuses que vela sobre nós em todas as circunstâncias e que não repousa nem mesmo durante o sono. É a imagem da bondade que sobrevive à tumba e que dá ao homem a certeza de viver rodeado de forças amigas.

Vimos que os Egípcios conheciam o enfeitiçamento e, reconhecendo o seu poder, empregavam contra os malefícios o poder benéfico dos amuletos e das invocações chamadas a reanimar ou a conservar a felicidade daqueles que a punham em ação.

Eis aí uma prova absoluta de que eles não ignoravam nada do papel da fé posta em prática, relativamente às forças que rodeiam o homem e que ele pode, segundo o seu desejo e seu saber, sofrer ou se utilizar das mesmas para o bem ou para o mal.

Isso nos anima a encarar o que nos é conhecido da religião dos Egípcios. O monumento literário mais considerável que possuímos sobre a religião egípcia, e cujo valor não poderia ser contestado, é O Livro dos Mortos. É por ele que conhecemos as doutrinas deste grande povo, concernentes à filosofia, à moral, às ciências psíquicas, à constituição do ser humano, à sua desintegração na morte e aos nascimentos que se seguem para ele do julgamento que sofre, depois da sua desencarnação, de todos os atos de sua vida atual.

Expor aqui os caracteres de autenticidade inegável, que apresenta este livro, levar-nos-ia muito longe, mas é certo que O Livro dos Mortos é unanimemente

reconhecido por todos os egiptólogos como uma autoridade incontestável. Este livro, que foi reencontrado nas sepulturas, sintetiza a verdadeira religião dos egípcios. Contém, com vistas filosóficas, um ritual mágico e religioso para o culto do morto e a sua preservação no lugar onde deve residir.

Esta obra é muito antiga. Apareceu entre a XVII e a XX dinastias e muitas sepulturas contêm rituais análogos, mais ou menos completos, que parecem ter sido dados ao morto não só para firmar a sua segurança, como para servir de guia na rota que sua alma deve cumprir, antes de rever a luz.

Juntou-se este ritual também à múmia todas as vezes possíveis a fim de que o ser pudesse, de antemão, conhecer a sua sorte. É assim que encontramos um grande número de exemplares diferentes deste Livro Sagrado, existindo mais de 160 versões.

A ordem de seus capítulos é, muitas vezes, invertida, mas as mudanças essenciais são raras.

Assim, O Livro dos Mortos é o documento mais autêntico e mais seguro para nos basearmos sobre a verdadeira religião do Egito antigo.

A melhor tradução que possuímos do Livro dos Mortos é a de Lepsius, que foi publicada em 1842, segundo um exemplar muito completo que se encontra no Museu de Turim.

Por infelicidade, a interpretação deste texto nem sempre tem sido feita como deveria ser, porque a sua inteira compreensão reclama não somente a penetração do lingüista como o saber do erudito, mas, ainda, e sobretudo, uma vez encontrados, os conhecimentos do psiquista e do iniciado, únicos em estado de perceberem o sentido místico das fórmulas e dos ritos dados no Livro dos Mortos (fig. 9).

É o que H. O. Lange exprime claramente assim:

"O Livro dos Mortos é um documento de primeira ordem; infelizmente, as fórmulas são, muitas vezes, incompreensíveis".

Elas não são incompreensíveis senão para aqueles que nunca abordaram o estudo apaixonante dos textos sagrados sob o ponto de vista das ciências psíquicas. Para aqueles, os textos confusos se esclarecem à luz iniciática e as práticas que parecem extraordinárias e mesmo absurdas ao profano são, ao contrário, o fruto da ciência mais consumada e da ascese melhor compreendida.

É um grande erro imaginar-se que a mística e a simbólica das religiões são uma obra de poesia pura e um conjunto de prescrições decorativas, porém arbitrárias.

Basta, para se convencer do contrário, ver que as idéias mais abstratas e as práticas, na aparência, mais sangrentas são encontradas nos países que não tinham comunicação recíproca.



Figura 9: Amuleto egípcio, dito jóia peitoral.
O motivo principal deste amuleto é o escarabeu, emblema da transformação e do porvir. A esquerda e à direita deste escarabeu, acham-se Isis e Nephthys, deusas da vida e da morte.
(Museu do Louvre — peça n.º 524.)

Para tomarmos conhecimento mais exato, vamos estudar as idéias do Egito sobre a evolução e os renascimentos, referindo-nos ai O Livro dos Mortos.

*

* *

Primeiramente, veremos que, no Egito, como em todos os esoterismos, a complexidade do ser humano é reconhecida e demonstrada.

A personalidade humana não é somente o corpo, isto é, a parte visível; além disso, comporta, sobretudo, elementos invisíveis, que têm um papel muito mais importante a desempenhar.

Para os Egípcios, os elementos constitutivos do ser humano são em número de quatro:

- 1º. — O Corpo;
- 2º. — Um Duplo do corpo;
- 3º. — Uma Alma;
- 4º. — Uma Essência vital ou sopro vital.

Estudemo-los sucessivamente.

É inútil que nos demoremos longamente sobre o Corpo. É a parte puramente material de nossa pessoa que cai sob os nossos olhos. Por si mesmo este corpo não possui nem força nem atividade.

O Duplo do corpo é composto de u'a matéria tão sutil que escapa à vista habitual. É neste duplo que estão reunidas as energias físicas.

A Alma é a personalidade afetiva, que possui nossas energias psíquicas, explicando assim os poderes enormes do amor e da imaginação sob o império do entusiasmo, que é uma exteriorização desta parte de nós mesmos.

Enfim, a Essência vital é uma emanção do espírito divino, é a parte pela qual o homem se comunica com a divindade. Para o egípcio é o sopro de Amon-Ra, o que não deve morrer nunca e que se conserva sempre idêntico através de suas diversas reencarnações.

Estudemos mais detalhadamente estas diversas partes.

O corpo é a parte material que cai sob os nossos sentidos; é o conjunto transitório dos ossos e dos músculos; é o conjunto dos nossos órgãos, sem outra utilidade real além de servir de sustentáculo às partes mais nobres e mais ativas de nossa verdadeira pessoa.

Não é responsável pelos atos que ele comete e de que não é senão um meio.

A ordem, o pensamento, a força vital são-lhe exteriores. Ele é o "*habitat*" dos outros três elementos, a casa onde estes elementos fazem a sua morada, vivendo e operando a seu modo.

*

* *

O duplo constitui o segundo elemento, muito importante sob o ponto de vista egípcio, que o denomina Kha. Ele é a representação inteiramente exata do corpo, porém composto de u'a matéria mais sutil e que não é submetida às mesmas leis.

É, diz Maspero, *"uma projeção colorida, porém aérea do indivíduo, reproduzindo-o traço por traço, criança se se trata de uma criança, mulher se se trata de uma mulher, homem se se trata de um homem"*.

É a definição perfeita desta parte de nós mesmos que tem sido conhecida por todos os pesquisadores que se têm dado aos estudos psíquicos, o que, no seu Fantasma dos Vivos, Heitor Durville chama o *"duplo"*. Esta parte fluídica que possuímos em nossas experiências atuais de desdobramento representa uma parte da verdadeira personalidade humana.

Durante esta exteriorização, o corpo, mergulhado em hipnose, parece viver uma vida toda vegetativa.

Se os magnetizadores conservaram para esta parte fluídica, separável do corpo, o termo duplo, os ocultistas chamam-na corpo astral e os espíritas perispírito, mas a diferença dos nomes nada muda à semelhança das coisas e todos lhe encontram os mesmos característicos.

É sobre este Kha — que consideramos como o duplo, perispírito ou corpo astral — que operam os poderes psíquicos, que o magnetismo apóia e projeta a sua ação e que o enfeitiçamento faz o seu desastroso efeito.

Toda a ação praticada sobre ele repercute sobre o corpo. Os Egípcios tinham de Kha ou do duplo concepções muito exatas, como as nossas experiências têm confirmado e que se confirmam cada vez mais, segundo o progresso das pesquisas psíquicas. Pareceu a muitos que esta concepção do homem era nova e de algum modo revolucionária, mas este *"segredo"* era conhecido pelos iniciados no tempo dos Thotmés, dos Seti, dos Ramsés, quando o império dos Faraós estava no seu apogeu e que não tinha ainda sido comunicado à multidão, porque a sabedoria

dos iniciados temia que os profanos fizessem mau uso, com o fim de lucro ou paixão, dos meios de ação inacessíveis à sanção das leis.

O duplo não é somente uma forma, uma imagem vã; opera, manifesta-se em dadas circunstâncias; sofre, ama; é a parte, dizem os documentos egípcios, onde residem os poderes superiores; é acessível a certas ações físicas e psíquicas e os textos o afirmam com uma inteira precisão.

Serve para certos transportes afetuosos e é por seu meio que o defunto tem, em certas conhecidas condições, a possibilidade de se manifestar aos seus.

É, pois, o corpo astral, o duplo, o perispírito, tal como nós o conhecemos em nossos dias.

É o duplo ou o corpo astral do médium que, nas reuniões denominadas espíritas, está na base de todas as manifestações (deslocamentos de objetos sem contacto, aparições, materializações mais ou menos completas, golpes etc. etc.).

O Egito considera este duplo como uma pessoa viva e ela age com ele segundo esta opinião. Para eles, é o duplo do morto que volta, apesar da morte do corpo, e tem prazer de estar entre aqueles que ainda ama.

É por seu duplo que pai e mãe velam sobre seus filhos, o esposo por sua esposa, e muitos romances egípcios — tão deliciosamente ternos e onde o amor e a morte se misturam e se traçam com um pungente ardor — nos mostram a ternura e o ciúme do defunto guardando psiquicamente a viúva.

*

* *

Além dos monumentos literários, os monumentos gráficos nos fazem ver, com o corpo, o duplo que o acompanha.

Freqüentemente, nos baixos-relevos, o duplo está atrás do corpo, tendo mesmo igual talhe e fazendo o mesmo gesto.

Este duplo tem as mesmas necessidades que o corpo e se compraz com as mesmas coisas amadas.

Dá-se-lhe alimento e os mortos amam ainda as jóias que eram preferidas quando estavam vivos.

Nas imagens dos nascimentos reais, quando o corpo estava assentado, o duplo o acompanhava.

No Templo de Amon, em Tebas, um baixo-relevo, restaurado por Gayet, mostra-nos uma tal cena no momento do nascimento de Amenófis III.

Uma deusa ampara o seu corpo, e o duplo desta deusa apresenta o seio a seu duplo.

O duplo está colocado atrás do seu corpo físico (fig.10).

Há cenas idênticas em todo o baixo-relevo que representa um grande número de fatos relativos a este nascimento.

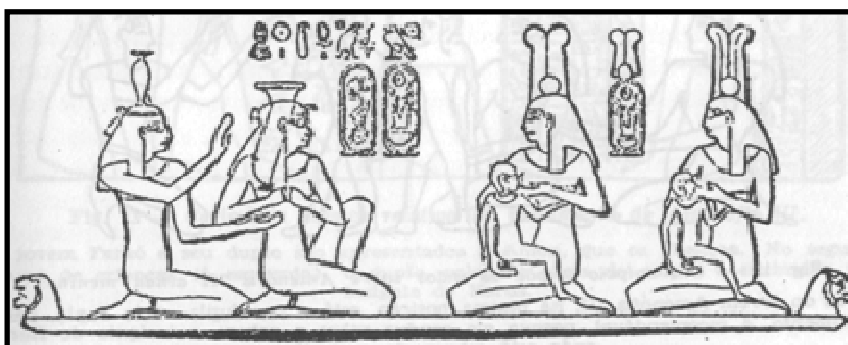


Figura 10: Cena mágica relativa a Amenófis III.
Amenófis III, ainda criança, é abençoado durante o seu aleitamento. Vê-se a direita o jovem Faraó e atrás dele o seu duplo ou kha. Eles são aleitados separadamente, como dois personagens distintos.

Quando a criança é abençoada, vê-se o seu duplo atrás, com o gesto ritual da bênção a acolhê-lo por um gesto idêntico (fig. 11).

Freqüentemente, nada distingue o duplo do corpo material; só o seu lugar, atrás do corpo, o distingue deste; mas, por vezes também, especialmente nas cerimônias religiosas, o duplo está designado por qualquer insígnia simbolizando as suas relações com os influxos superiores. É assim que, em uma cena onde Amenófis III, ainda criança, vê-se impor as mãos por um egípcio ajoelhado, o duplo do jovem Faraó está sob uma insígnia sobre a qual está um gavião solar de Horus.



Figura 11: Bêção de Amenófis III.

O corpo do Faraó é semelhante ao dos adolescentes de sua idade, mas seu duplo está já em comunicação com seu pai místico, o sol, do qual Horus é também o filho e que lhe dá o seu poder (fig. 12).

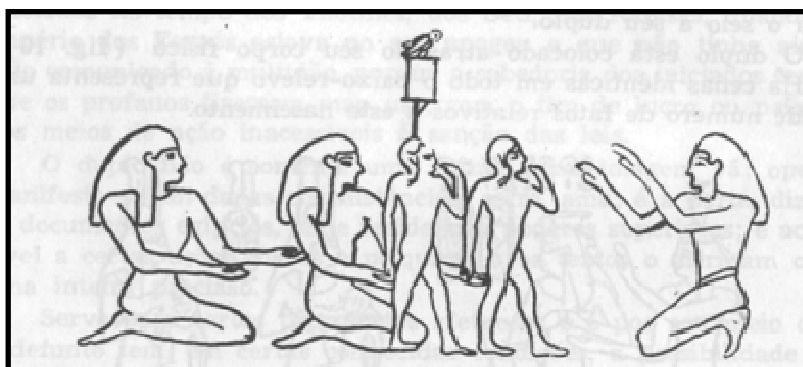


Figura 12: Atrás do jovem Amenófis III, na mesma posição, está o seu duplo. Este duplo, neste documento, é recomendável, porque ele conduz sobre a cabeça a insígnia de Horus onde está sobreposto o gavião.

Em uma outra cena relativa ao nascimento de Amenófis III, vê-se o duplo e o corpo da criança apresentados a Amon, que os abençoa. As duas figuras infantis são suportadas por um deus cuja cabeça é do gavião e, no grupo que segue, apenas o duplo é encimado por uma bandeira cheia de hieróglifos.

Atrás, inteiramente à esquerda do baixo-relevo, um sacerdote leva na mão três cruces ansatas que são o signo da saúde, da felicidade e do equilíbrio, porque eles são o emblema da vida superior que penetra e se difunde na matéria para aí conduzir ao espírito prestes às próximas encarnações (fig. 13).

E, em certos baixos-relevos, a efígie do duplo desaparece e não se vê mais senão a insígnia suportada por dois braços sem corpo e que formam entre eles um ângulo reto.

É o que Gayet, comentando estas mesmas pinturas, expõe nestes termos:

"Freqüentemente mesmo, a criança desaparece; não fica senão a insígnia Kha, apoiada ao cetro de toda a potência, ao qual se ligam dois braços humanos, tendo os atributos do poder" (Fantasmas de Antinoé).

A crença na metempsicose implica para o Egípcio a necessidade de admitir que o ser humano não é só o que possuem os outros corpos que completam a sua personalidade.



Figura 13: Cerimônia mágica relativa ao nascimento de Amenófis III. O Jovem Faraó e seu duplo são apresentados a Amon, que os abençoa. No segundo grupo de crianças (à esquerda), o duplo, colocado atrás do corpo, é encimado pela insígnia de Horus.

Não somente o ser humano tem um duplo, mas também os animais e todas as coisas em que a vida se faz sentir e se perpetua. E não somente há um duplo para as criaturas inferiores, mas para os seres que seríamos levados a considerar como animados de uma vida puramente ideal, os centros psíquicos, as cidades, as províncias, as nações e todas as manifestações de uma vida coletiva.

Segundo o Egípcio, e esta idéia foi retomada pelos hermetistas, estes centros criam, pela sua união e direção comum na emissão de forças e de pensamentos-formas, um ser particular que é a alma especial, o que os hermetistas chamam atualmente uma egrégora. É o Kha, particular da cidade, da província, do império e os livros sagrados dão a lista detalhada.

*

* *

Para o egípcio, como para o principiante de nossos dias, que procura penetrar os estudos psíquicos, a questão se coloca em saber onde está o duplo durante a vida. Certamente, nasce ao mesmo tempo que o corpo, mas durante a existência deste corpo, em que ponto se manifesta mais eficazmente a sua presença?

À morte, todos os esforços eram feitos para conservá-lo na forma que havia animado; mas, do homem vivo, residia muito longe, ao menos na expressão mística, rica de ensinamentos esotéricos, aos quais teremos ocasião de voltar mais tarde.

"Evolava-se — diz Gayet — logo a uma região misteriosa do Céu, que se acreditava ser a estrela polar, da qual Hator, a deusa de belo rosto, era a regente. Do seu retiro

ela governava, sem cessar, o ser humano, enviando, a cada instante, a influência mágica à sua nuca."

Então, para o Egípcio, e isso na parte viva do corpo, o duplo está em uma parte muito longínqua do céu e só o poder mágico pode atingi-lo nessas regiões dificilmente acessíveis. Mas, no que concerne ao corpo, não o abandona jamais e fica constantemente em estreita comunicação com ele.

Sem ele, o corpo não seria senão um montão de ossos e músculos, desprovido de toda força vital.

Esta força vital provém do fato de que o ser humano comunica com o universo, adere de qualquer maneira ao ritmo ativo da força universal.

É esta força que o duplo atrai para o corpo por meio de passes magnéticos.

É para efetuar estes passes e fazer penetrar as forças cósmicas e solares pela nuca, que o duplo se coloca sempre atrás do corpo físico. Esta concepção é a prova de que os santuários egípcios tinham penetrado, ainda que milênios antes de nós, o segredo da constituição do ser humano e das forças que o sustentam.

Efetivamente, para nós, o duplo não deixa o corpo e fica na sua atmosfera muito próxima, mas o iniciado pode, à vontade ou quase, se a sua ascense foi suficiente, fazê-lo sair e dirigi-lo para o ponto que lhe convém.

É o que se chama: desdobramento voluntário da personalidade. Este desdobramento pode ser produzido também espontaneamente, como nos fenômenos telepáticos, sob o efeito de uma impressão violenta (perigo de morte inesperada), mas só o iniciado pode realizar segundo o seu desejo, por uma experiência tão agradável e tão simples como toda a experiência de laboratório. O

iniciado conhece também os meios de atrair e fixar em si mesmo — particularmente no plexo solar, situado atrás do estômago — a energia universal que é a fonte de toda a vida material e cuja origem é certamente o sol, o que fez com que fosse adorado este astro em todos os exoterismos, porque os esoterismos viam nele a figura mais perfeita do poder de Deus.

*

* *

Tal é a ação do duplo no decurso da vida.

Porém, o que vem a ser ele no momento da morte?

Os Egípcios não ignoravam que a morte é a desagregação das diversas partículas constitutivas da personalidade humana.

Era por seu conhecimento, pelo conhecimento dos laços que unem o duplo à forma do corpo, que os Egípcios praticavam o embalsamamento, que era uma das formas rituais mais absorventes de sua religião e de que nós temos uma multidão de imagens.

O corpo devia ser preservado, e o era com os cuidados tanto maiores quanto a família ocupasse uma certa ordem social mais elevada. Metia-se, em seguida, em Um sepulcro e tomava-se por ele um grande cuidado.

Era considerado como o apoio do duplo, pois devido aos elos afetuosos que ligavam a vida à morte, também precisava que o duplo se reencontrasse intacto cada vez que quisesse descer para os seus restos.

À morte, o duplo deixava o céu, a região de Hator, para vir à cova habitar perto da múmia, do corpo embalsamado que o re-tinha junto dos seus. Unia-se misteriosamente a este despojo de seu ser psíquico e então recomeçava uma segunda vida, que prolongava no invisível a existência vivida na terra.

Aos olhos dos Egípcios, a morte não era uma separação absoluta, porém somente como uma viagem, e os mortos, unidos à múmia, tinham ainda os poderes que gozavam quando estavam vivos. Possuíam os próprios objetos de que a múmia estava enfeitada.

Persuadido que o duplo era unido à múmia, o Egípcio pensava que ele era ainda submetido a necessidades análogas às do corpo material. Tinha fome e sede; por isso, ofereciam-se-lhe bebidas e comida, era rodeada de jóias e brinquedos, como se pudesse gozar de todos eles.

As ofertas de bebidas e alimentos deviam ser feitas em datas fixas e segundo os ritos consagrados. Era uma cerimônia religiosa e os parentes do morto cumpriam-na com a maior piedade.

Inscrições numerosas atestam tudo isso em todas as partes do Egito onde há mais túmulos do que casas.

Eis aí uma inscrição, revelada por Amélineau, no túmulo de Nofré-Hôtep:

"Fazei incensamento, libação em pães, líquidos, carnes, aves, libação de vinho e de leite, ao duplo de Osíris, o divino Amon".

E esta outra: *"Conduzi ofertas de legumes e víveres a seu pai, com ervas odoríferas, que provinham da fonte da casa do duplo, sua filha que o amava, a cantora de Amon".*

Aí, são os sobreviventes da família, parentes e conhecidos que conduzem as ofertas; em outros casos, os sacerdotes eram encarregados destes piedosos cuidados.

Nenhum morto era privado destes ritos, e o culto dos mortos era certamente o mais espalhado de todos.

Pode-se dizer mesmo que era a única preocupação dos egípcios, cuja maioria, na classe operária, levava uma vida de labor muito penoso para conseguir, sobretudo para os seus, um embalsamamento decente e as cerimônias funerárias necessárias ao seu bem-estar na morte. Muitos consentiam em trabalhar longe do seu lar, para se reencontrarem com a família nesta vida subterrânea, mais durável do que a outra vida.

Aos olhos do iniciado, estas bebidas e estes repastos eram apenas símbolo e imagem, eram a representação desta libação constante que são os piedosos pensamentos e as ternas lembranças, conduzindo ao ente querido que desaparecia, este tributo de força psíquica e afetiva que cada um lhe pode dar por sua própria ascese, ajudando-se mutuamente para conseguir isso, com cerimônias de seu culto natal.

Como dizíamos, colocava-se atrás dos mortos e, sobretudo, das mulheres, jóias e enfeites. Colocava-se também perto dos homens instrumentos da profissão que eles tinham praticado. É assim que, na sepultura de Myrithis, mágica, descoberta por Gayet ao curso de suas escavações de 1903, encontraram-se objetos relativos à iniciação que ela havia recebido, do mesmo modo que, no túmulo dos sacerdotes e iniciados, se colocavam as insígnias de sua iniciação.

Ao lado de Myrithis repousavam uma lâmpada de sete mechas, um espelho mágico, um pergaminho, conduzindo figuras e sinais, cabalísticos, um tamboril, lembrança da iniciação clássica, isiática, em que este instrumento nas mãos das sacerdotisas ritmava as danças sagradas e simbolizava o entusiasmo.

Encontraram-se também neste túmulo diversas plantas com a significação da utilização mágica e, entre outras, a perseia, que, para Gayet, tem uma importância francamente mágica.

Estas descobertas são de uma extrema importância, sobretudo quando são feitas por um sábio egiptólogo como Gayet, que é, ao mesmo tempo, um perfeito ocultista. Elas fixam, efetivamente, para nós, não os conhecimentos ocultistas do tempo dos Faraós, tão desgraçadamente perdidos, mas sobre a magia greco-bizantina que nela se inspirava como todas as iniciações da bacia do Mediterrâneo que, todas, em diferentes graus, beberam no Egito e completaram, graças a ela, o tesouro dos seus conhecimentos.

*

* *

O morto, uma vez embalsamado, e a sobrevivência de sua forma plenamente assegurada, era colocado em u'a morada eterna, que devia, por sua vez, assegurar a duração da múmia. É o que permitia ao Egípcio ficar em comunicação constante com o duplo de seus antepassados.

Estas moradas eternas, que tinham o nome de syringes, eram construídas em uma forma ritual, onde tinham sido previstas todas as possibilidades do conforto e da duração para o corpo embalsamado do ser querido. Não restava mais do que atrair o duplo pelos ritos necessários a este respeito.

Uma primeira cerimônia, semelhante às nossas inumações, era feita pelos sacerdotes, com mais ou menos fausto, segundo a condição social e a fortuna dos parentes; em seguida, precisava velar para que ao defunto não faltassem ofertas de alimentos e de bebidas que eram necessários.

Nas famílias abastadas havia um servidor especial para o cumprimento destes ritos e de todos aqueles que se acham indicados no Livro dos Mortos.

Era isso de extrema importância aos olhos do Egípcio, porque, de duas coisas, uma: ou o morto era livre de deixar o seu hipogeu se não lhe entregavam o que de direito lhe pertencia, o que constituía um falecimento mais cruel, uma separação mais - definitiva do que a primeira; ou, o que está mais conforme com o ensinamento egípcio, era ligado à sua múmia e, se se deixava faltar o que lhe era necessário, raramente deixava de fazer sentir o seu descontentamento aos seus ascendentes negligentes.

Apesar de todos os cuidados que eram tomados, podia, do mesmo modo, produzir-se um acidente que atingisse à integridade da múmia; ora, sempre nos cálculos egípcios, o corpo é absolutamente necessário à vida terrestre do duplo.

Por isso a múmia era rigorosamente cuidada e depois perfeitamente oculta.

Os túmulos egípcios eram verdadeiras cidadelas; os túmulos dos reis eram as, pirâmides, que conhecemos, ou monumentos igualmente formidáveis e não somente a sua massa e disposição os tornavam invioláveis, mas as câmaras mortuárias, onde os corpos repousavam, eram dissimuladas com toda a sorte de precauções. Eram fechadas essas câmaras por um trabalho de pedreiro onde não se conservavam senão umas estreitas aberturas para que pudessem passar as bebidas e os alimentos necessários ao entretenimento da vida do defunto na sua nova condição.

Havia um luxo nos cuidados assaz difícil de imaginar quando não se pensa na extrema importância que apresentava para eles a conservação do duplo. Todavia, admitindo o pior, podia acontecer que a múmia se encontrasse destruída.

Era difícil a suposição que ela estivesse sujeita à decomposição, mas, depois das invasões, imaginou-se que semelhantes fatos podiam ser verificados e que os túmulos poderiam ser novamente pilhados por nômades que não possuíam fé nem lei e que não recuavam diante de coisa alguma.

É, sem dúvida, o que levava os iniciados a rodear o duplo de outras precauções, de tal sorte que, se a múmia fosse pilhada e roubada pelos violadores de túmulos, o duplo pudesse encontrar um novo asilo junto daqueles que continuavam a pedir a sua proteção.

Em todos os tempos, a consagração de uma efígie divina havia dado lugar a cerimônias evocatórias, tendo por objeto fazer descer na imagem o espírito e a força da entidade entregue à veneração dos fiéis.

É neste fato que se inspiraram aqueles que procuraram um novo domicílio para o duplo despojado. Fez-se uma imagem de pedra ou de pau, reproduzindo, o mais fielmente possível, os traços do morto e foi esta imagem a encarregada de substituir o corpo embalsamado se ele viesse a desaparecer de um momento para outro.

Uma vez formada a imagem, chamava-se para ela o espírito eu, mais exatamente, o duplo desencarnado, por meio de operações mágicas especiais que O Livro dos Mortos previa e explicava para os mortos de diferentes classes ou castas.

Estas reproduções eram magnetizadas e submetidas a um ritual bastante complicado e tomavam lugar entre as moradas eternas.

Tais ritos assim realizados, o duplo podia, em caso de necessidade, achar uma nova morada na efígie que lhe era atribuída. Mas esta precaução não assegurou imediatamente, de um modo completo, os sobreviventes e, em lugar de

uma efígie, fizeram-se muitas e a multiplicação destas imagens teve por fim, senão o efeito de criar muitas moradas para o duplo, no caso em que os túmulos violados e profanados cessassem de ser para ele a agradável morada à qual a sua presença tivesse direito.

Era como tantos que solicitavam a sua presença e o retinham entre os vivos que perpetuavam a sua lembrança.

*

* *

Conhecendo as leis do magnetismo transcendente, os Egípcios tinham a certeza de que o duplo era submetido ao poder do iniciado e que ele estava, sem cessar, em relação com aqueles que tomavam cuidado pela múmia e lhe ofereciam, em datas indicadas, um culto de preces e oferendas.

Certamente, o duplo estava ligado à múmia ou à efígie que lhe era substituída, mas obedecia também ao poder superior de Deus que era designado no Egito, assim como já vimos, sob o nome de Ra ou Amon-Ra, de que o sol era apenas a aparência e o símbolo.

Só o deus tinha poder para fazer descer ao mundo o espírito e o duplo em via de reencarnação.

. No momento de um novo nascimento, o deus é representado fazendo ritos evocatórios para fazer descer o duplo no pequeno corpo que ele deve animar.

Assim, nos baixos-relevos que relatam com tão preciosos detalhes o nascimento de Amenófis III, cujos hieróglifos foram traduzidos e comentados por Gayet, vemos o Faraó, considerado como filho de Ra, descendente do Sol, fazer ele mesmo os gestos magnéticos necessários para fazer descer o duplo no corpo de seu filho Amenófis III, que acaba de nascer, e que vai receber então a vida material.

Resulta desses fatos que o duplo, do homem vivo, fica no céu de onde ele dirige as forças vitais para a nuca do corpo que lhe serve de apoio e assim o faz participar da vida universal.

É o duplo que conduz este corpo e se serve dele para operar a sua própria evolução e a do espírito que o dirige.

Mas isso não é senão a tese geral que pode ser aplicada ao comum dos mortais. Não é o mesmo para os iniciados.

Um ser elevado pode e deve tornar-se senhor de seu duplo e é graças a este domínio que ele pode praticar as obras mágicas e os trabalhos psíquicos onde se revela o seu poder.

É o que André Godin assinala assim:

"Um texto da quinta dinastia mostra que o homem comum é prisioneiro de seu Kha, porém que o homem audacioso, que vence os deuses, domina o Kha e o dirige."

Em suma, apesar do afastamento da data, o ensinamento é o mesmo que podemos dar em nossos dias. O homem iniciado deve começar por conhecer a sua personalidade psíquica, o seu duplo.

Deve obter dele o mais possível de vitalidade pura, vinda do alto, a fim de obter tanta força quanto seja possível para o cumprimento do dever e a prática do bem.

Em seguida, sabendo que este duplo é a sede das emoções, dos temores, de todos os movimentos inconsiderados, ele deve soffrear a sensibilidade

para não lhe permitir agir senão nos momentos em que o espírito autoriza a manifestação.

É o espírito, são os elementos superiores do ser que devem primar no iniciado; eles não devem ser submetidos às impulsividades que prejudiquem seu ritmo e perturbe os elementos superiores em proveito da parte material da personalidade.

Antes de tudo, o iniciado deve tornar-se senhor de seu duplo, a fim de que o seu trabalho e as suas concepções escapem ao capricho e à paixão.

O primeiro estágio da iniciação é a posse inteira, o domínio do duplo.

O duplo e o corpo são, conforme vimos, as duas partes inferiores da personalidade humana. Eles são, além disso, inseparáveis durante a vida e, segundo as crenças egípcias, basta certas cerimônias para as tornar inseparáveis, mesmo depois da morte.

Mas, passada a morte e as portas do túmulo fechadas, restam ainda dois elementos, ambos muito superiores aos precedentes: a essência vital e a alma.

*

* *

A essência vital é o Khu. É uma chama escapada do sol, uma fagulha do fogo divino, e nos encontramos aqui, como na maioria das religiões, em presença da teoria das emanções que fazem da alma humana uma parte da alma divina.

O Khu é para a alma, mais ou menos, o que o duplo é para o corpo; é o elemento superior e lhe confere, pois, a sua verdadeira personalidade.

A alma (Ba) era para esta centelha como uma habitação viva e que dele dispunha com riscos e perigos; do mesmo modo o corpo material pode achar-se doente por ter seguido de um modo cego os impulsos do duplo que, em certas

condições de evolução e de excitação anímica, pode incitá-lo as mais baixas satisfações.

O Khu (essência vital), ao contrário, não está sujeito ao pecado e se o iniciado seguisse exclusivamente sua luz pura, passaria imediatamente depois da morte deste mundo precívél ao coração de Osíris, para este mundo luminoso que o verdadeiro sol esclarece.

A morte do corpo, Khu toma sua própria personalidade e deixa todos os elementos que a personalidade humana lhe superjuntou.

Volta para o sol de onde é emanado e, apesar disso, as suas agitações de alma forçá-lo-ão a descer de seu irradiante e maravilhoso asilo para animar um outro corpo que será movido por um outro duplo nas metempsicoses merecidas.

O Khu é o único elemento humano que, à morte, se separa completamente do que foi em sua vida. Ele pode ser constrangido a descer, mas não conhecerá mais o corpo e o duplo que deixa.

Em suma, a força vital ou Khu é assimilável ao que poderíamos chamar o espírito em nossa fraseologia ocidental. Parte do centro eterno para animar um corpo aspira voltar a este centro e nele permanecer definitivamente.

Não obstante, é obrigado a sofrer muitas peregrinações sobre a terra onde ele deve descer, mas sempre para animar um novo corpo, porque não tem nada de comum com o corpo que ele animou momentaneamente.

Seu destino é representar o curso do sol, morada e símbolo de Amon-Ra; realizar, como ele, o ciclo obrigatório de suas viagens, da luz à sombra, e da sombra à luz.

Tornamos a encontrar ainda aqui este dado comum a todas as iniciações do ciclo perfeito, que se reproduz tantas vezes quantas são necessárias, até que o

ser humano esteja bastante aproximado da perfeição para se absorver no divino e encontrar uma vida sem desejo, perfeita e consciente. Mas, esperando a alegria perfeita, ele precisa seguir o curso eterno dos dias e das noites, a ronda das mutáveis e imutáveis estações.

A volta para o sol é o pleno meio-dia para o Khu liberto, mas ele não mereceu ainda que esta luz fosse definitiva; depois de um momento de plenitude onde ele plana na claridade, é preciso descer ao mundo, sentir os crepúsculos se fecharem sobre ele e cair no mais profundo da matéria obscura; mas o espírito o eleva e conserva a indestrutível esperança da luz eterna.

Quando as ladainhas dizem: "*Tu estás afirmado para a eternidade*", Gayet assinala que esta frase, à qual se atribui um sentido simbólico, é acompanhada dos braços duplos dirigidos para o céu.

"Este gesto — precisa Gayet — sempre depois das ladainhas, faz subir e descer a chama, isto é, eleva para o céu os átomos das existências dissolvidas e as reanima de uma força nova, a do ser de que estavam separados." (Fantasmas de Antinoé, sepulturas de Leukyoneu e Myrithis.)

O destino da alma é muito diferente.

Estudamos os três outros elementos e vimos como se precisa a sua vida, seja neste mundo, seja depois da desintegração da personalidade.

Entre os pratos e o apoio da balança, Anúbis, de cabeça de chacal, e Horus, de cabeça de gavião, vigiam o peso. Maât (ou Malt), a deusa da justiça, da

lei, cuja cabeça é substituída por uma pluma, coloca um peso em um dos pratos e este peso é a própria imagem da deusa.

O bom Anúbis, o deus de cabeça de chacal, vela o coração do morto que se acha em um outro prato. É ele que conduz e encoraja as almas nesta terrível experiência; ele se interessa pela sua sorte e os desgraçados fazem-lhe apelo.

Mas Horus, de cabeça de gavião, inflexível como a luz, vigia a agulha que deve indicar a sentença e o juízo colossal não se enternecendo nunca, ainda que o pobre morto (fig. 14) — (o segundo personagem partindo da esquerda do desenho) eleve os seus braços para o céu em um gesto de súplica e se defenda tão eloqüentemente quanto possível de ter cometido qualquer dos crimes que possam retrogradá-lo, na sua próxima volta sobre a terra em o mais vil dos animais.

E uma coisa a notar é que estes crimes conduzem quase todos a fatos de sentimento ou de cupidez.

Os sábios egípcios sabiam perfeitamente que o espírito peca raramente, senão por orgulho ou por sequidão, porém que todos os outros pecados vêm da alma, da parte sugestível que arrebatava para baixo o corpo e para o alto o espírito.

Por isso é o coração de defunto que se encontra na balança, seu coração, "*o seu verdadeiro coração que vem de sua mãe*", porque é por ele que se realizam todo o bem ou todo o mal e o justificado exclama que não tem roubado o pão dos pobres, nem o leite às crianças, nem a água aos seus vizinhos — falta grave em um país que não vive senão de suas inundações.

Não tem faltado aos cuidados e ao respeito que deve aos animais sagrados.

Mas a agulha da balança, que corre abaixo do cinocéfalo, emblema da estabilidade e do equilíbrio, a agulha chega, enfim, a determinar por longo tempo —

um tempo que parece eterno — os destinos da alma do qual Thot inscreve o peso e que o juiz inexorável vai condenar ou absolver segundo a mais fria justiça, porque nada enterneceria os deuses.

O malvado, aquele que abaixou o nível e aumentou o peso do espírito que lhe era confiado, sofrerá o seu castigo. Salvo o caso extremamente raro em que seus crimes o condenavam ao desânimo, a alma culpada era reencarnada em animais inferiores; o porco, imundo aos olhos do egípcio como aos do judeu ou muçulmano, estava entre estes animais, assim como o hipopótamo é certos répteis.

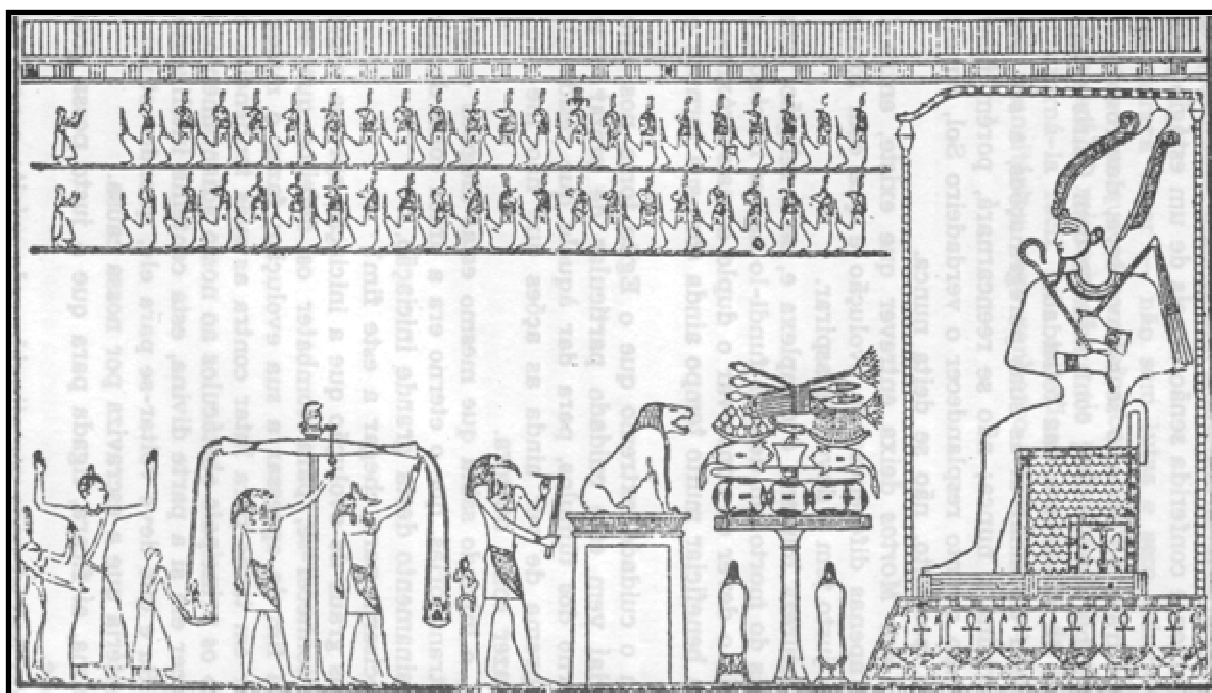


Figura 14: O julgamento da alma no antigo Egito, segundo O Livro dos Mortos. (Extraído da Vie Privée des Anciens, de Ménard e Sauvageot.)

A pobre alma, decaída da humanidade, devia recomeçar o ciclo já percorrido de suas existências e prosseguir a sua evolução desde a forma que lhe era conferida, até a humanidade, que não podia ser para ela novamente conferida senão depois de um estágio para merecê-la.

Se, ao contrário, o coração se achava leve, desprovido de pesadas faltas, subia para o Sol; confundia-se com Osíris e os hinos não cessavam de celebrar a sua felicidade.

Se mereceu terminar aí as suas peregrinações, a sua segunda visão não terminará nunca; não se reencarnará, porém ficará na luz tanto tempo quanto resplandecer o verdadeiro Sol, aquele que está oculto e, portanto, não se deita nunca.

O Livro dos Mortos deixa entrever que existe, entre Osíris e o homem, apenas diferenças de evolução e que esta forma é a mesma que o justo tem o dever de aspirar.

Mas a natureza humana é complexa e, se a religião fazia um dever aos pais do morto em desejar fundi-lo na luz incriada, a ternura Ihe fazia o dever de conservar o duplo o mais próximo deles possível para beneficiar muito tempo ainda com sua ternura e seus conselhos.

Daí vem o cuidado extremo que o Egito toma nos embalsamamentos; daí vem este cuidado particular de pintar e gravar cenas em torno dos túmulos, para dar àquele que reside ali esta distração suprema de ver ainda as ações que não Ihe são mais permitidas fazer como outrora.

Todavia, o iniciado sabia que mesmo estas alegrias e ternuras eram coisas transitórias, que o eterno era a única coisa desejável e tal era o ensinamento desta grande iniciação.

Que precisaria para chegar a este fim?

Seguir os graus de evolução que a iniciação apressa e precisa; analisar-se, conhecer-se, para combater os defeitos que se têm constatado, a fim de apressar a sua evolução; fazer o maior bem que se puder em torno para lutar contra

as suas tendências egoísticas que são os principais obstáculos ao nosso adiantamento e, enfim, reconhecer em si a parte divina, esta centelha inteligente, que é o dom de Ra e que deve voltar-se para ele, quando estiver purificada da matéria que a escraviza por nossa causa.

Ba, a alma, aí ficará, ligada para que o justo possa gozar de sua felicidade.

Mas tudo isso só pode ser atingido pelo mérito e pelo esforço. Feliz daquele que sustem a luz iniciática! Aprendeu pelo estudo e pela meditação, que é a pequena célula separada do grande Todo e que esta parcela constitui, entretanto, a única causa pela qual vale a pena suportar a vida.

Ele sabe que, no momento fixado, quando tiver alijado de sua alma todas as manchas terrestres, esta parcela reintegrará na Unidade; também porá a sua vida fora de seus sentidos e de suas paixões.

Procurará viver — não sem lutas e sem reincidências — na parte de seu ser que se comunica com o divino.

Aspirará à reintegração mais próxima, e é pela ascese que poderá torná-la fácil, pois sacrificará as coisas de pouco valor e que são transitórias, para ganhar o único bem que não morre.

Ensinamentos Exotéricos

A doutrina secreta no Egito. — Os documentos que nos restam relativamente aos conhecimentos sagrados dos egípcios são muito posteriores ao grande período iniciático. — O pouco que sabemos nos mostra que o Egito possuiu uma iniciação muito avançada.

Do que estudamos precedentemente resulta que os egípcios não podiam ignorar os fenômenos psíquicos e todas as aplicações de que eram suscetíveis. Sabiam que existiam, nessas emissões do ser humano, processos de cura e sabiam também que se podia, por meio de certos rituais, praticar ações boas ou más, que operavam a distância e que podiam conservar, durante um certo tempo, uma eficácia salutar ou funesta.

Conheciam, podiam praticar à vontade o enfeitiçamento.

Realizavam curas pelo magnetismo ou pela sugestão. Enfim, tinham recursos, buscavam proteção contra as forças adversas nos talismãs e amuletos.

Sabiam que o ser humano se compõe de três partes: o espírito, o corpo e o duplo, que é o intermediário entre os dois primeiros elementos.

Acreditavam na sobrevivência do duplo e da alma, esta sujeitando-se a um julgamento que, se fosse inexorável, os condenava a reencarnações regressivas no corpo dos mais imundos animais e, se fosse favorável, este julgamento lhes permitiria vir a ser um Osíris, sentir a parte imortal de seu ser eternamente misturada à própria essência do Deus de que ele era emanado.

Era esse, sob o ponto de vista psíquico, todo o saber do Egito?

Pode-se supor que o Egito, como a China e a Índia, tinha, ao lado desta bagagem científica, um outro ensinamento menos publicamente espalhado, uma doutrina secreta revelada exclusivamente aos adeptos?

Apesar de não possuímos textos absolutamente formais permitindo fixar exatamente esta doutrina e assinar-lhe uma data, estamos no direito de o supor e muitas circunstâncias, como veremos, nos levam a crer deste modo.

Dada a mais alta antigüidade dos documentos egípcios, não é surpreendente que a sua interpretação nos escape em parte.

O que nos resta de certo é que podemos fixar um lugar no tempo; são, sobretudo, as obras atribuídas aos iniciados que, por causa de sua iniciação, recebiam um nome divino e cujo conjunto nos é conhecido sob o nome de Hermes Trismegisto.

Temos também, nas obras de Plutarco, um Tratado de Isis e de Osíris que nos revela uma parte de seus mistérios. Porém, como tudo isso é posterior à grande época iniciática! Não são senão lendas narradas, muitos séculos depois, e é aí então que é preciso fazer uma idéia de toda a antigüidade.

E' preciso, além disso, notar que o Egito antigo é para nós uma descoberta toda nova. Não foi senão depois de algum tempo que os hieróglifos entregaram o seu segredo à ciência européia. Está-se no direito de perguntar se este segredo foi entregue inteiramente e é mesmo permitida a dúvida. Sobre muitos textos, a interpretação dos egiptólogos mais eruditos varia singularmente de um sábio para outro.

Certamente, a linguagem sagrada e secreta dos epoptas é pouco legível e eles acumularam as dificuldades que retardam a descoberta. Mas os trabalhos

continuam e cada ano nos entregam monumentos novos, que farão saltar da sombra dos sepulcros uma luz brilhante.

Pode-se esperar tudo do futuro, mas não nos é possível presumir coisa alguma de um domínio como é este trabalho.

É verossímil que os trabalhos atuais e aqueles que os seguirem não farão senão confirmar o lado esotérico da ciência egípcia.

Não podemos partir com certeza senão do que nos é oficialmente conhecido.

Ora, resulta dos monumentos escritos como obras de arte do antigo Egito que os iniciados daquele tempo tinham profundos conhecimentos no que concerne aos mais poderosos segredos da natureza física e que os adeptos eram dotados de poderes de que se orgulharia, com justo título, um psiquista da nossa época.

Hermes Trismegisto

Seus livros iniciáticos: o Pimandro, Asclépios, o Tábua de Esmeralda. — O Pimandro. — O que ensino a Consciência superior ao adepto. — A luta contra a ignorância. — Os defeitos de que é preciso desfazer-se. — Asclépios ou Discurso de Iniciação. — Unir-se ao divino. — O conhecimento do eu. — Os poderes do adepto. — As visões sublimes do espírito.

No que se refere aos documentos iniciáticos possuídos atualmente, examinemos primeiramente os livros que a tradição atribui a Hermes Trismegisto.

É certamente o documento mais interessante que nos veio até esta época da história intelectual do mundo, e é aquele em que tornamos a encontrar o reflexo mais direto do esoterismo egípcio.

Este livro, de uma grande importância iniciática, foi atribuído a Hermes (três vezes grande e três vezes mestre). Contém ensinamentos de Thot, o Hermes Egípcio, que somos conduzidos a considerar como o nome coletivo de um grupo de altos iniciados ou como o símbolo da iniciação.

Não nos é possível precisar exatamente a data dos livros de Hermes Trismegisto.

Nos primeiros séculos da era cristã, achamo-los citados nas numerosas obras de filosofia religiosa.

Foram postos à vista na Grécia ou em Alexandria, que era, neste momento, um centro intelectual de um clarão prodigioso e onde se reencontram os sábios hebraístas com os mais eruditos helenistas do século.

A escola de Alexandria produziu esta floração esotérica sobre a qual voltaremos quando tratarmos de esoterismo cristão ou gnosticismo.

Mas os livros de Hermes são muito anteriores, ao menos no seu espírito, a este período.

Foi a sua doutrina que inspirou toda a iniciação mediterrânea; é a ela que nós devemos os mistérios de Orfeu, os ensinamentos de Pitágoras, os diálogos de Platão.

Clemente de Alexandria cita 42 livros de Hermes Trismegisto, e por infelicidade, nem todos nos vieram às mãos.

O mais célebre daqueles que nos restam é o Poemander ou Pimandro e com ele Asclépios ou o Discurso de Iniciação e a Tábua de Esmeralda, um dos textos primordiais das iniciações ocultas e muitas vezes comentado.

Jâmblico atribui a Hermes Trismegisto um número de livros que não poderiam ser escritos durante a vida de um só homem e que nos confirma nesta opinião que o nome do autor é o símbolo de um centro iniciático.

Jâmblico diz que Hermes escreveu 200.000 obras, das quais, aliás, ele não dá os nomes.

Luiz Ménard, a quem devemos uma das melhores traduções das obras de Hermes Trismegisto, testemunha que esta opinião é também a sua quando diz, a propósito de Jâmblico:

"Hermes, que preside à palavra, é, segundo a tradição antiga, comum a todos os sacerdotes; é ele que conduz a ciência verdadeira; está em tudo. Eis porque os nossos antepassados lhe atribuíam todas as descobertas e subordinavam todas as obras ao nome de Hermes".

O Pimandro, Asclépios e a Tábua de Esmeralda são obras de um mesmo homem, de u'a mesma escola? Pouco importa.

Sob o ponto de vista em que nos colocamos, o autor ficar-nos-á sempre desconhecido e a doutrina, que é só o que está em questão, no que concerne aos trabalhos iniciáticos, apresenta uma unidade maravilhosa.

Qualquer que seja a época de sua produção respectiva, qualquer que seja o escritor que as formulou, estas três obras são consideráveis pelo seu ensinamento e revelam todas as três a mesma iniciação.

Lancemos um golpe de vista sobre o Pimandro e Asclépios, segundo a excelente tradução de Luiz Ménard.

No Pimandro, Hermes, ainda discípulo, recebe os ensinamentos de Pimandro, que é a consciência superior, diretora do homem, quando ele se coloca sob as ordens da inteligência soberana ou divina, da qual todos os universos não são mais do que uma fraca imagem.

Que ensina a seu discípulo esta inteligência suprema?

Nada que não possa e não deva realizar um adepto do nosso tempo, pois os meios de evolução são os mesmos através das idades, para chegar ao mesmo fim: a evolução na luz.

O discípulo deve primeiramente abrir os olhos ao espetáculo do mundo criado, do qual cada ser é a imagem de uma realidade superior.

Deve adquirir a ciência para possuir mais meios de se aproximar da inteligência infinita e de se aperfeiçoar no conhecimento.

Deve colocar este saber tão necessário acima de todas as alegrias materiais e é por isso que deve ser sóbrio, ter aversão ou piedade pelos prazeres

materiais que nos dão apenas gozos passageiros e vãos, pagos de um modo muito caro pelo rebaixamento da inteligência.

Ao contrário, o conhecimento nos conduz, por alegrias serenas, aos cumes cheios de luzes onde o vulgo não atinge.

Quando as paixões são dominadas e quando não resta mais senão a sensibilidade necessária para compadecer-se dos males dos outros, o adepto deve abrir o seu coração, procurar no alto um piloto, um diretor que seja o mestre de sua inteligência mais apurada, mais educada, porque o homem atinge muito dificilmente por si mesmo e por seus únicos esforços esta luz brilhante e pura, que o conduz por caminhos secretos para Deus, desconhecido da multidão, porém que, para o iniciado, faz sentir a sua presença em todas as coisas.

Não poderíamos fazer melhor do que citarmos o texto em que Ménard, sutil filósofo quão profundo helenista, soube guardar todo o valor iniciático:

"Para onde correis, homens ébrios? Bebestes o vinho da ignorância e, não podendo suportá-lo, já o rejeitais. Tomai-vos sóbrios e abri os olhos de vosso coração, senão todos, ao menos aqueles que puderdes. O flagelo da ignorância inunda toda a terra, corrompe a alma encerrada no corpo e a impede de entrar no porto da salvação".

"Não vos deixeis levar pela corrente; voltaí, se puderdes, ao porto de salvação! Procurai um piloto para vos conduzir às portas da Gnose, onde brilha a luz admirável, livrando das trevas, onde ninguém se embriaga, onde todos são sóbrios e voltam os olhos do coração para Aquele que

quer ser contemplado, o inaudito, o inefável, invisível aos olhos, visível à inteligência e ao coração." (Hermes Trismegisto.)

*

* *

O primeiro dever do discípulo é defender-se de sua ignorância. É preciso afastar de si os preconceitos que prejudicam a limpidez da visão e nos obscurecem o entendimento.

Nada de paixões más, ódios, ciúmes, que nos fazem a alma pesada e atraem para as regiões baixas aqueles que têm o dever de se elevar para as alturas.

O futuro adepto não deve ser escravo de seus sentidos, pois estes são os fatores das ilusões tenazes e das volúpias que corrompem as mais nobres faculdades de espírito.

É o que Pimandro exprime nestes termos ao seu discípulo:

"Antes de tudo, é preciso rasgar esta roupa que trazes, esta vestimenta da ignorância, princípio da maldade, cadeia de corrupção, invólucro tenebroso, morto-vivo, cadáver sensível, inimigo do amor, ciumento no ódio, túmulo que conduzes contigo, ladrão doméstico Tal é a vestimenta inimiga de que estás revestido, atraindo-te, temendo que o espetáculo da verdade e do bem te façam odiar a sua maldade, descobrir os embustes com que te rodeia, obscurecendo-te o que parece claro, mergulhando-te na matéria, enervando-te em volúpias

infames, a fim de que não possas entender o que deves entender e ver o que deves ver."

Para bem mostrar que o adepto não deve guardar para si as revelações que lhes foram feitas, porém que deve transmiti-las àqueles que têm sofrido as mesmas experiências e que se mostraram dignos, achamos mais adiante, no mesmo livro, ensinamentos um pouco semelhantes, porém que não são dados por Pimandro, a inteligência soberana de Hermes, simbolizando o iniciado.

Estes preceitos são dados por Hermes a seu filho Tat, iniciado, não por iluminação do Alto, mas pelo ensinamento de seu pai, de seu mestre, de seu superior na vida iniciática.

Esta parte da obra, que nos é apresentada sob a forma de diálogo, trata da última iniciação; encara os renascimentos.

Pela ascese que lhe é ordenada, o adepto pode fechar os sentidos a todas as percepções falsas e inúteis; pode abri-las a outras percepções desconhecidas do vulgo. Por esta ascese, o espírito, livre de suas cadeias, atinge esferas riosas, onde o clarão do verdadeiro sol não conhecerá jamais as sombras; onde tudo é verdadeiramente divino. É a iluminação que é preciso esperar. Como alcançar este benefício dos Deuses?

Hermes, no diálogo, di-lo com inteira precisão. É ainda uma ascese, uma nova vitória a alcançar sobre o seu ser sensível:

—"(Os sentidos percebem) o que se eleva como o fogo, o que desce como a terra, corre como a água, sopra como o ar; (mas) como poderias tu tomar pelos sentidos o que

não é sólido, nem líquido, nem duro, nem mole, o que concebe somente em poder e energia? Para compreender o nascimento em Deus, falta-te apenas a inteligência”.

“Tat pergunta a seu pai”:

“— Sou eu culpado disso”?

“Responde-lhe o pai com benevolência e doçura”:

“— Não desespere, meu filho. Teu desejo realizar-se-á; tua vontade terá o seu efeito; adormece as sensações corporais e nascerás em Deus; purifica-te dos verdugos cegos da matéria”?

“— Tenho eu, então, verdugos comigo? — insiste Tat, admirado”.

“— Eles são temíveis e numerosos — responde Hermes”.

E, logo depois, Hermes mostra-lhe quais são as doze falhas, das quais ele se deve desfazer antes de empreender qualquer obra iniciática, assim como se prepara a casa antes de se receber os hóspedes divinos.

"A primeira falta — diz Hermes — é a ignorância, a segunda a tristeza, a terceira a intemperança, a quarta a concupiscência, a quinta a injustiça, a sexta a avareza, a sétima o erro, a oitava a inveja, a nona a malícia, a décima a cólera, a décima primeira a temeridade, a décima segunda a maldade”.

"São doze e têm sob as suas ordens um número maior ainda. Pela prisão dos sentidos, elas submetem o homem interior às paixões dos mesmos. Afastam-se, pouco a pouco, daquele que Deus tomou por piedade, e eis aí em que consiste o modo e a razão do renascimento".

"E agora, meu filho, silencia e louva a Deus; sua misericórdia não nos abandonará nunca. Regozija-te agora, meu filho, purificado pelos poderes de Deus na articulação da palavra".

"O conhecimento de Deus (Gnose) entra em nós, e logo a ignorância desaparece. O conhecimento da alegria nos chega e, diante dela, meu filho, a tristeza fugirá para aqueles que podem ainda experimentá-la".

"O poder que eu invoco depois da alegria é a temperança, ó encantadora virtude! Apressemos-nos a colhê-la, meu filho, porque a sua chegada expulsa a intemperança. Em quarto lugar, invoco a continência, a força oposta à concupiscência. Este grau, meu filho, é a sede da justiça; vê como expulsou a injustiça sem combate. Justificamo-nos e a injustiça desapareceu. Eu invoco o sexto poder, a comunidade que nos vem servir para lutar contra a avareza. Quando esta desaparece eu invoco a verdade; o erro foge e a realidade aparece. Vê, meu filho, a plenitude do bem que segue à aparição da verdade; pois que a inveja, afastando-se de nós

pela verdade, o bem nos chega com a vida e a luz, e não ficam em nós carrascos de trevas, todas se retiram vencidas”.

"Tu conheces, meu filho, o caminho de tua regeneração. Quando a década está completa, meu filho, cumpre-se o nascimento ideal, e o décimo segundo carrasco é repellido e nascemos para a contemplação”.

"Aquele que obtém da misericórdia divina o nascimento em Deus, libertou-se das sensações corporais, reconhece os elementos divinos que o compõem e goza de uma felicidade perfeita”.

Encontramos, pois, sob uma forma diferente, entre os iniciados do Egito, os mesmos ensinamentos que recebemos da China e da Índia.

Para tornar-se um iniciado, o primeiro passo a evitar é a ignorância. O primeiro dever é conhecer-se, ver o lugar que o homem ocupa na Natureza e as relações de seu ser com os mundos superiores. A este conhecimento um grande desprendimento se opera, porque o que parece um grande bem aos profanos, estas alegrias egoísticas de que são tão ávidos, aparecem-nos como miragens, como desejos sem realidade aos quais seria absurdo sacrificar o que de melhor e de mais durável existe em nós.

Esta visão nítida do que somos é um grande bem no conhecimento que devemos ter de nossos defeitos e da necessidade em que nos encontramos de lutar contra eles e substituí-los por qualidades opostas, como Hermes fez compreender a seu filho Tat.

Este conhecimento serve mais ainda para nos livrar das paixões inferiores.

Aquele que conheceu o verdadeiro fim da vida não consente aos sentidos senão um império assaz fraco sobre sua personalidade. Expande o seu coração no amor de todas as criaturas e não conhece maior alegria do que o altruísmo, o prazer de criar a felicidade para todos os seres que podem amar e sofrer.

E' então que se produz em nós o segundo nascimento; é neste momento que se revela o novo ser que dormitava em nós.

Goza a paz, a perfeita felicidade na calma que não perturba os ruídos humanos e materiais.

A sua vontade se realiza porque ela está conforme o plano divino.

Então, o conhecimento de Deus e das forças que nos rodeiam e que podemos fixar permite à nossa verdadeira personalidade desenvolver-se na sua harmonia, unir-se às mais altas, quase divinas harmonias, onde o corpo e os sentidos não tomam mais lugar, mas onde o coração e o espírito, repletos de sublimes vibrações, participam da alegria das realidades eternas.

Mas estas harmonias não se fazem entender nunca entre o vão tumulto das nossas ocupações terrestres. É só na paz serena da Natureza, no silêncio inspirado do santuário ou no reduto do laboratório que essas misteriosas vozes encontram bastante calma para se deixar perceber.

O silêncio é a força do iniciado e é uma grande ciência esta concentração em que a alma se recolhe para receber as iluminações mais altas e se elevar até Deus sobre as asas da inspiração.

No Asclépios, encontramos outras palavras igualmente iniciáticas. É o discurso da iniciação de Hermes ao seu discípulo Asclépios. Este não é como Tat, um aluno sem caráter especial; é a designação do psiquista ativo, pois que ele corresponde a Esculápio, ao Deus da medicina, que recebe as suas forças curativas do Sol, Apoio, seu pai e seu iniciador.

Hermes inicia o futuro curador e lhe demonstra que, apesar da multiplicidade de suas manifestações e de suas imagens na teogonia egípcia, não existe senão um só deus e que só ele tem direito à nossa adoração e às nossas homenagens. Este deus é, assim, como já vimos, Amon-Ra (Amon, oculto; Ra, o sol), a luz secreta, a força universal que não poderia ser revelada a todos sem preparação.

É preciso pôr-se em harmonia com esta força para vir a ser capaz de fixá-la.

"Não chama outra pessoa senão Amon, porque um sermão sobre as matérias mais santas da religião seria profanado por um auditório muito numeroso; é uma impiedade entregar ao conhecimento do grande número um tratado todo cheio da majestade divina."

Aí se manifestava ainda a necessidade de reservar o alto ensinamento a uma elite experimentada da qual se conheciam os dons de perspicácia, de seriedade e de profundidade.

Assim, o pensamento do adepto não se afasta somente da forma, por mais sedutora que seja, mas penetra no mais profundo dos arcanos.

Este estudo atento entrega ao investigador os preceitos secretos que são um guia seguro para a sua evolução.

O que diz Hermes a Asclépios é, sob uma outra forma, muito semelhante ao que ele diz a seu filho Tat, no Pimandro.

"Unindo-se ao divino, o homem desdenha o que tem em si de terrestre, liga-se por um elo de caridade a todos os outros seres, e, por isso, ele se sente necessário à ordem universal".

"Ele contempla o céu e, neste meio feliz onde está colocado, ama o que está abaixo de si, e é amado pelo que está em cima. Cultiva a terra, imita a rapidez dos elementos; seu pensamento dominante desce às profundezas do mar".

"Tudo é claro para ele; o céu não lhe parece muito alto, porque a ciência o aproxima; a lucidez de seu espírito não é ofuscada pelos espessos nevoeiros do ar, o peso da terra não é mais um obstáculo ao seu trabalho, a profundidade das águas não perturba a sua vista; ele abraça tudo e fica em toda parte o mesmo".

Esta página é um dos pontos culminantes do ensinamento de Hermes, porque nela estão concentrados todos os preceitos da alta iniciação. O grande iniciado do Egito dá todo o conjunto a seu discípulo, os meios de tornar-se evolucionado, as satisfações que ele gozará na realização desta obra e o fim que pode atingir.

*

* *

O primeiro meio é conhecer-se.

Vimos que é de toda a necessidade julgar-se convenientemente para perder o orgulho e a concupiscência que não podem provir senão de um fraco conhecimento da nossa pessoa e das alegrias que o profano crê supremas.

Outras alegrias mais belas e mais altas lhe são oferecidas. Mas para adquirir a sensibilidade necessária, deve, em primeiro lugar, refrear as suas paixões, purificar o seu corpo e seu coração e dar lugar a tudo o que deve descer da luz ao seu coração e seu espírito.

Deve também adquirir qualidades opostas aos defeitos de que é vitorioso.

Seu coração, livre das paixões vulgares, não conhecerá mais sentimentos senão de ordem muito elevada e desprovidos de todo egoísmo.

Seu espírito, desprendido de um acúmulo de frívolos conhecimentos, adquiridos com o único fim de brilhar aos olhos do homem, procurará a verdade única.

Compreenderá que a única ciência está em Deus, e nas idéias gerais é que ele encontrará o seu prazer e o seu repouso.

Tudo isso não se obtém sem custo, porém como as alegrias são grandes e como recompensam esses esforços!

Tudo isso não se obtém sem esforço, afinal.

A medida que uma pessoa se eleva, percebe que tudo vive, que tudo ama e que tudo é amado neste mundo e sente uma alma fraterna para todos os seres vivos, desde o mineral que parece inerte aos olhos profanos até o homem.

E todos esses seres, tão diferentes pelo seu grau de evolução, são fraternos a quem os ama e aquele que concebe assim o mundo sente-se realmente amado e sustentado pelos poderes superiores, propícios ao seu trabalho e favoráveis à sua felicidade.

*

* *

O adepto sente-se dotado de poderes novos.

Estas novas forças, que ele descobriu, banham-no, sustentam-no. A terra não é mais para ele senão um lugar de passagem, cujo peso não o detém porque ele não é mais atraído por suas imagens vãs e as suas fugitivas riquezas; pôs a sua força e sua alegria nos tesouros que não passam, e as asas de meu amor o fazem planar, livre e ligeiro, longe das baixezas deste mundo,

O domínio do pensamento, que lhe é então revelado, fez-lhe percorrer com rapidez da luz os domínios que lhe pareciam inacessíveis anteriormente.

Ignorava-os no momento em que a sua vida era puramente terrestre; mas, à medida que ele atinge os cimos, a sua vista se estende e se firma, e está, diante do que foi a sua ciência anterior, como uma criança que, vindo a ser homem, ri de ver reduzido a suas justas proporções o parque que lhe parecia tão grande quando os seus passos de seis anos tinham dificuldade em atravessá-lo.

Os olhos do espírito desenvolvem-se com uma atividade singular. Tudo vem a ser claro ao iniciado.

A justiça e a equidade não são mais palavras vãs para ele, porque ele feriu e dominou a camada de nevoeiros que o interesse e a cupidez interpõem entre nós e o verdadeiro e que nos fazem tomar miragens como realidades. Estão abaixo dele, estas miragens; o iniciado não conhece mais dúvidas, nem hesitações, nem

deformações. Vê as coisas tais como são; encanta-se com o ritmo maravilhoso que as anima.

Tudo vem a ser expansão para aquele que segue a senda. Deus não lhe parece mais hostil e surdo à sua voz. Fica misterioso, mas vem a ser mais conhecível, porque se sabe que o dia virá, quando tiver vencido as experiências em que poderá fundir a sua consciência, tornada mais lúcida, na consciência divina. Esperando, o iniciado encontra Deus em si mesmo. Ele sabe que é emanado desta Unidade absoluta; que traz em si uma parcela desta força que rege os mundos. Sabe que o seu dever é tornar-se o mais possível conforme este Deus que o deve acolher e unir-se a este Deus mais tarde, com todos os seres cuja palpitação comum é como um vasto coração cheio de sua presença. Nesta fraternidade, todos os seres são nossos irmãos; bem melhor, eles são nós mesmos e nós somos eles, e não existe mais interesse particular, não existe mais, em absoluto, vida particular.

Para o egípcio, todos os seres, por diversos caminhos, tendem ao mesmo fim; tornar-se um Osíris, isto é, um Deus, uma parcela consciente e divina do Todo divino.

Esta contemplação, que nos curou da cupidez e do egoísmo, curou-nos ao mesmo tempo do nosso orgulho.

Que importa àquele, cuja vista tudo abarca, o lugar onde se encontra momentaneamente situado?

Toda criatura evoluciona, toda criatura se aperfeiçoa. Todos procuram, adquirem ou adquirirão poderes. Todos desenvolverão a acuidade de suas sensações. Todos realizarão em um tempo mais ou menos longo e atingirão as esferas que vemos abrir diante dos nossos olhos encantados.

Dia virá em que todos nós seremos iguais na presença absorvente de Deus.

É, pois, bem inútil ver, em um estado superior, outra coisa além dos cargos e das responsabilidades, por vezes bem pesadas.

É a Lei. Cada um percorre o ciclo que lhe é assinalado por uma justiça infalível.

Apressemos esse ciclo pela reflexão, pela meditação e pelo trabalho, mas não tenhamos ódio nem cólera, nada senão uma profunda e terna piedade para aqueles que agravam seu fardo e perseguem quimeras que os impedem de conhecer a senda do verdadeiro Bem.

Fora desta mui alta moral, os iniciados que formavam a classe sacerdotal possuíam conhecimentos muito extensos em todos os domínios científicos.

Todos deviam conhecer e penetrar os ensinamentos de Hermes, mas as suas funções lhes eram distribuídas segundo as suas capacidades particulares e, nas cerimônias, eles formavam longos cortejos onde cada personagem tinha uma função precisa, revelada por insígnias especiais de conformidade com o seu grau de iniciação e com os ritos que ele tinha a missão de praticar.

Os Mistérios de Ísis e de Osíris

Como, no Egito, se concedia a Iniciação suprema. — Os templos. — A grande Pirâmide; seu papel nos Mistérios secretos. — A Esfinge do planalto de Ghizeh. — As três pirâmides de Ghizeh. — Para que serviam as pirâmides? — As provas precedendo á iniciação, Séthos, ou a vida tirada dos monumentos do Egito antigo. — Os caminhos secretos que conduziam a luz iniciática. — O poço misterioso. — Advertência ao neófito. — Provas do Fogo, da Água e do Ar. — Recepção do novo adepto no Templo. — O juramento do segredo. — Estado preparatório aos mistérios de Ísis e de Osíris. — Conhecimentos requeridos para exercer as funções sacerdotais. — Purificações do corpo, do espírito e do coração. — A última prova que desvendava ao adepto os mais altos segredos. — A iluminação interior. — A revelação do Segredo da grande deusa Ísis. — Em que as descobertas modernas dos egiptólogos vêm confirmar o que a tradição relata sobre a Iniciação egípcia. — A porta da Esfinge. — O interior da grande Pirâmide e seu mistério. — O Templo subterrâneo, feito de granito, perto da Esfinge. — Qual era o seu uso?

Como se concedia a Iniciação?

É o que nenhum documento preciso nos afirma com certeza. Há, em diversos lugares, uma lenda que não parece despida de fundamento e onde se fala de temíveis provas, às quais eram submetidos aqueles que deviam, depois da vitória, ser admitidos à Iniciação.

Estas provas, como em todos os ritos iniciáticos, eram praticadas nos Templos.

Os de Tebas e de Mênfis guardaram o mais ilustre renome entre os santuários do Egito antigo.

A grande Pirâmide de Kheops, perto da qual a Esfinge guarda a sua atitude vigilante, foi também um lugar de Iniciação, célebre entre os mais reputados.

Antes de tudo, o futuro iniciado era posto ao corrente das dificuldades da tarefa à qual ele ousava votar-se.

Em certos Templos, era conduzido diante da estátua de Ísis assentada, tendo sobre os joelhos um livro fechado e cujo corpo e rosto estavam cobertos por um véu impenetrável.

A estátua estava em atitude recolhida de meditação e sobre o pedestal — a julgar pelo que dizem os iniciados antigos — achavam-se as seguintes palavras:

*"Eu sou a grande Ísis; nem um mortal levantou o véu
que me encobre".*

Além disso, o adepto era conduzido diante da Esfinge, ao planalto de Ghizeh e devia, antes de tudo, dar a quádrupla palavra deste enigma de pedra.

Estudamos a Esfinge na nossa obra *Vers la Sagesse*, e recomendamos-la aos nossos leitores. Verão em detalhe que a quádrupla do enigma era: Saber, Querer, Ousar e Calar.

Vamos apresentar aqui as relações das provas que precediam e mereciam a iniciação, tal como era concedida na grande Pirâmide.

É preciso primeiramente fazer uma idéia da Esfinge que domina o planalto de Ghizeh (fig. 15).

Esta Esfinge está colocada a 500 metros mais ou menos diante da segunda pirâmide, aquela que é atribuída a Khéphren. Segundo os egiptólogos, pode ser que este monumento seja o mais antigo do mundo, vestígio das raças desaparecidas.

Gayet, a quem é preciso sempre recorrer no que concerne às religiões egipcianas, assim se exprime relativamente a esta antigüidade:

"A que data é preciso remontar esta obra? Certamente ela é anterior ao período histórico e se coloca antes de Mena, no tempo das dinastias fabulosas dos Shesu-Hor".

Qualquer que seja a sua antigüidade, a figura está lá, e a impressão que produz é tão poderosa que os Árabes chamaram-na: o Pai do Terror.

Ampère diz deste imponente monumento:

"Esta grande figura mutilada é de um efeito prodigioso; é como uma aparição eterna. O fantasma de pedra parece atento: dir-se-ia que escuta e olha. As suas grandes orelhas parecem recolher os ruídos do passado; os seus olhos voltados para o Oriente parecem espiar o futuro; o olhar tem uma profundidade e uma expressão de verdade que fascinam o espectador. Sobre esta figura, metade estátua, metade

montanha, descobre-se uma singular majestade, uma serenidade muito grande e mesmo uma certa doçura".

A própria forma deste colosso do passado é um enigma. Tem uma cabeça humana sobre um corpo de leão, as asas são esboçadas nos flancos e as suas garras enterram-se na areia. Foi esculpida no mesmo rochedo que formava o cume do planalto de Ghizeh. Seu comprimento total é de 57 metros. Só a sua face mede 9 metros de altura.

Durante séculos, os ventos que vêm do deserto levaram areia para ocultar em parte esta colossal figura, mas os trabalhos relativamente recentes desenterraram-na parcialmente. No decorrer destes trabalhos, descobriu-se uma porta entre as suas patas dianteiras. A tradição conta que esta entrada conduzia, por meio de sendas subterrâneas, galerias e salas, ao interior da grande Pirâmide. É a opinião de Jâmblico.

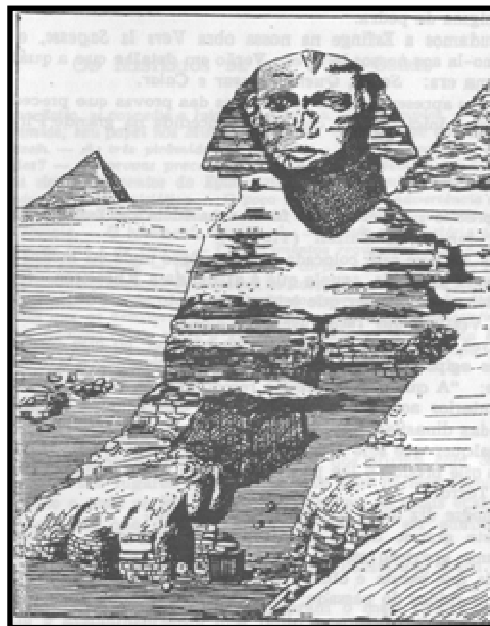


Figura 15: A Esfinge no seu estado atual.

Vê-se, entre as patas do colosso de pedra, a porta que, secundo a tradição, se abria sobre as galerias que levavam às salas iniciáticas. No segundo plano, à direita e à esquerda, duas das pirâmides do planalto de Ghizeh.

Mas, antes que esta porta fosse descoberta, os escritores árabes, inspirando-se nas tradições locais, afirmaram sempre a existência da mesma sob o peitoral do monstro e que esta porta se abria sobre profundas galerias que conduziã à Pirâmide.

*

* *

As pirâmides são muito conhecidas para que seja necessário retardarmos em sua descrição.

Elas apresentam quatro faces triangulares iguais que partem dos quatro lados de um quadrado e se reúnem pela ponta. A sua construção levantou numerosos problemas pela enormidade de blocos postos à obra nas construções regulares e a mediocridade suposta dos meios de sua edificação.

Todas as pirâmides são muito antigas. As de Ghizeh, que nos interessam especialmente aqui, são em número de três, e são, pela ordem de grandeza:

- 1º. A pirâmide de Kheóps ou de Khoufou, a mais importante;
- 2º. A pirâmide de Khéphren ou Kafra;
- 3º. A pirâmide de Menkheres ou Menkara.

A pirâmide de Menkheres, que é a menor, mede 66 metros de altura e 108 metros de lado.

A pirâmide de Khéphren tem 137 metros de altura sobre 215 de lado.

A pirâmide de Kheóps mediria, na antigüidade, 145 metros de altura e tinha por base um quadrado de 233 metros de lado. Hoje, que o revestimento exterior desapareceu, ela mede apenas 137 metros de altura e 227 de lado.

Um outro problema intrigou os sábios: qual era, no momento de sua construção, a utilidade das Pirâmides?

Era o túmulo dos reis? É preciso responder afirmativamente a esta sugestão. Estas construções monumentais era o aposento privado do duplo. Cada uma continha uma múmia e as aparências o demonstram ainda, apesar de que as pirâmides tenham sido violadas e que certas múmias tenham desaparecido ao fim de diversas invasões.

Certamente, as pirâmides eram túmulos, mas não eram verdadeiramente só destinadas a tal fim.

A tradição relata que as iniciações sagradas se faziam em parte na Esfinge e em parte na grande Pirâmide que continha salas especiais para esse fim.

Obedecia a um grande pensamento: o fato de fazer presidir os Faraós, grandes iniciados e filhos do Sol, a estas iniciações que faziam do adepto um novo Osíris, igual ao Faraó.

E, na concepção egípcia, a presença do duplo era real, pois que a múmia estava presente e que os ritos tinham sido cumpridos.

Se acreditarmos na tradição, era aí que se passavam estas formidáveis provas, cuja lembrança nos é transmitida.

Vimos que Jâmblico (que viveu no começo do século IV da nossa era) fez da porta da Esfinge, situada entre as patas, a entrada dos corredores e das salas subterrâneas do planalto de Ghizeh.

Eis o que ele diz:

"O neófito era conduzido, à noite, por dois tesmotetas (guardas dos ritos e iniciados superiores, os mais idosos do grupo dos iniciados locais), diante da Esfinge da

grande Pirâmide, mas não sabia onde se adriava, porque desde a sua saída de Mênfis lhe tinham vendado estritamente os olhos”.

“Era-lhe, pois, impossível saber qual o caminho que tinha percorrido, nem por onde tinha passado, nem qual era o seu destino neste curso”.

“Devia entregar-se, pés e punhos ligados, a seus guias e não oferecer a mínima resistência”.

“Era conduzido diante da Esfinge colossal e um dos seus condutores abria a porta que se encontra entre as patas dianteiras, cavada no mesmo peitoral”.

“Uma vez entrados, eles penetravam em uma grande sala cavada na própria rocha e era nesta sala que começavam as experiências que se tornavam cada vez mais terríveis até terminar.”

Segundo outras versões, a entrada das câmaras iniciáticas teria de se fazer diretamente pela grande Pirâmide, cuja entrada, como dissemos mais acima, está orientada para o Norte.

Esta versão é dada pelo Abade Terrasson, segundo uma ficção muito em moda de seu tempo.

Este abade publicou, no século XVIII, uma história ou vida tirada dos monumentos do antigo Egito, afirmando tê-la traduzido de um manuscrito que fazia parte de uma biblioteca estrangeira.

Não dá nem um detalhe sobre a dita biblioteca. Ele acredita que o autor verdadeiro da narração devia ser de origem grega e teria vivido sob Marco Aurélio, na cidade de Alexandria.

A obra do Abade Terrasson nos dá o detalhe mais completo de todas as experiências que deviam sofrer os iniciados egípcios.

É ainda uma ficção?

Refere-se o abade a fontes que não julgou bom divulgar?

Descobriu ele realmente um livro grego no qual um iniciado teria, a despeito de suas promessas, entregue o segredo das provas e dos ensinamentos verdadeiros?

Estamos, sobre este ponto; reduzidos a conjeturas. Seja o que for, é curioso seguir o autor em suas revelações.

*

* *

O herói de seu romance é o jovem Séthos, que está animado do mais vivo desejo de ser iniciado.

Amadeu, seu mestre, fê-lo viajar, a fim de preparar-se para esta iniciação que não lhe será recusada; mas era necessário, antes, que o moço adquirisse vastos conhecimentos e foi isso que sucedeu quando chegou ao fim da viagem, empreendida sob a direção de seu preceptor.

Ora, quando ele estava prestes a receber os ensinamentos, os incidentes da viagem, preparados de antemão, fizeram-no parar diante da grande pirâmide mesmo no momento propício.

A viagem de Séthos implicado dever que o iniciado tem de ser instruído e de preparar-se por meio de longos trabalhos para as revelações que ele solicitou. O

Abade Terrasson frisa muito propositalmente este desejo de se instruir, que é uma das condições da preparação iniciática.

Amadeu fez tudo para dar ao seu discípulo esta sede de conhecimentos, que é um dos melhores sintomas da evolução superior.

Chegados à grande pirâmide, Amadeu não dissimula diante de Séthos que se encontram em um dos lugares mais sagrados da terra e lhe diz, falando do interior desta imponente massa de pedras:

"Seus caminhos secretos conduzem os homens queridos dos deuses a um termo que eu apenas não posso citar e que é preciso que os Deuses façam nascer em vós o desejo. A entrada da pirâmide está aberta a todo o mundo; mas eu lamento aqueles que, saindo pela mesma porta por onde entraram, não tenham satisfeito senão uma curiosidade muito imperfeita e só tenham visto o que lhes é permitido contar"
(Séthos.)

Este começo misterioso tem por fim despertar uma ardente curiosidade no coração do neófito. Nada desejamos tanto como aquilo que nos aparece cheio de perigos e rico de satisfações ocultas, superiores àquelas que são a partilha do resto dos homens.

Séthos inflama-se pela idéia de fazer estas descobertas e seu mestre acede ao seu desejo.

Ele o conduzirá ao limiar dos mistérios, mas é preciso que o iniciado termine só o seu caminho.

O mestre será obrigado a deixar o discípulo em um certo ponto.

Antes, porém, submete Séthos a experiências que põem à prova a sua paciência, a sua coragem e a sua prudência e, depois destas aventuras decisivas, Amadeu reconduz o seu discípulo diante; do limiar sagrado.

Sobem juntos ao sexto plano do lado Norte e acedem u um» janela quadrada que está sempre aberta. Esta abertura tem três pés em todos os sentidos e dá para uma alameda das mesmas dimensões; são, pois, obrigados a fazer o caminho, de rastros, não sem grande custo.

Séthos teve de passar primeiro e Amadeu não lhe omite esta honra; ele deixa ainda que Séthos conduza a custo a lâmpada que os guia com a sua luz fraca. Para não lhe prestar nenhum auxílio, o mestre não lhe dá nenhum esclarecimento a respeito da extensão da alameda, nem dos obstáculos que servem de termo; entretanto, cada área termina por uma dificuldade nova, da qual o neófito deve sair vencedor, sob pena de voltar para trás sem saber coisa alguma.

*

* *

Séthos entrou no caminho das provas; porém, que provas eram estas?

Aquele que entrou no caminho estreito e, escorregando, se achava primeiramente ao termo de um certo lapso de tempo, na sala onde era recebido por dois iniciados, com os quais não lhe era permitido fazer pergunta alguma, sob pena de ficar sem resposta.

Precedido por estes mestres, seguia por um longo corredor e, súbito, se achava sem outra saída senão a abertura por onde tinha entrado, diante de um objeto próprio para gelar as mais firmes coragens.

À claridade de uma lâmpada, via-se um poço que barrava inteiramente a entrada do corredor e, de uma profundidade desmesurada; era a morte certa, porque este antro não apresentava nem corda, nem polia, nem roda, anunciando a presença de um mecanismo para descer ou subir. O poço parecia insondável.

Aqueles que não tinham coragem, detinham-se instantaneamente; o terror privava-os dos meios de descobrir o segredo que lhes desse um acesso fácil ou, se eles percebessem isso, não ousavam ter confiança em tão frágil esperança.

Efetivamente, na sombra, dissimulavam-se os degraus de ferro que permitiam ao neófito descer ao fundo. E o futuro adepto atirava-se por esta senda perigosa, sempre seguido pelos dois iniciados que o tinham acompanhado até ali.

Os degraus acabavam subitamente, muito antes que o adepto pudesse atingir o fundo e o desgraçado neófito cria-se votado a u'a morte certa.

Entretanto, na sombra do poço, uma anfractuosidade apresentava uma sombra ainda mais espessa. Era uma espécie de janela acessível depois do último degrau. O neófito equilibrava-se e, tendo tomado acento sobre um terreno firme, dirigia-se para um outro caminho que descia em espiral a profundezas desconhecidas.

Este caminho em espiral, cavado na mesma rocha, conduzia a uma porta gradeada cujos batentes cediam ao menor esforço e se abriam sem o menor ruído.

Mas, quando ela se fechava atrás do neófito, produzia um som terrível, que se repercutia com ecos sinistros. Achava-se ao fundo do poço, que tinha cerca de 50 metros de profundidade.

Além desta porta, encontrava-se outra fechada por uma grade de ferro; mas o espetáculo que se oferecia por esta grade era mais tranqüilizador do que o

primeiro. Através das barras, percebia-se uma longa série de arcadas, ladeando o caminho e, dessas arcadas, saía uma forte claridade de lâmpadas e tochas.

Ao longe ressoavam vozes de homens e de mulheres. A luz e a voz humana faziam renascer a calma no coração perturbado do discípulo.

Esta álea conduzia a um Templo onde os sacerdotes e as sacerdotisas ofereciam todas as noites sacrifícios aos deuses e se entregavam a cerimônias iniciáticas; mas este não era o caminho que lhe permitiam seguir; não tinha ainda o direito de se confundir com as obras divinas, não era iniciado, não tinha sofrido purificações.

Era o caminho das purificações que ele precisava empreender.

Era uma senda de seis pés de largura, abobadada, e que se estendia em linha reta a seis pés sob a terra. À entrada deste caminho achava-se esta inscrição significativa:

"Quem fizer este caminho só e sem olhar para trás, será purificado pelo fogo, pela água e pelo ar; e se puder vencer o terror da morte, sairá do seio da terra, tornará a ver a luz e terá o direito de preparar a sua alma para a revelação dos mistérios da grande deusa Ísis".

Aquele que não tinha uma vontade muito decidida, lembrando-se dos terrores que acabava de vencer, detinha-se diante da ameaça de novas e terríveis provas.

Tinha o direito de voltar atrás. Era a morte verdadeira que ia enfrentar o postulante para conhecer a revelação de Ísis?

Tudo conduzia ao temor e os iniciadores, que não queriam ter senão adeptos dignos da doutrina que iam receber, deixavam correr a lenda que afirmava que muitos tinham entrado neste caminho e que não tinham jamais tornado a ver a luz.

Mas o verdadeiro aspirante, aquele que tinha obtido o domínio de si mesmo, desejoso de penetrar, o Mistério, animado do desejo sincero de aprender as ciências sagradas, não retrocedia e Séthos, por exemplo, perseverava na sua pesquisa.

Só, mas seguido de longe por seus iniciadores, que velavam, sem serem vistos, pelo desenrolar de sua rotina, o neófito avançava. Era regra estabelecida, a fim de que, se o aspirante enfraquecia antes das provas definitivas, os seus condutores podiam reconduzi-lo, por outros caminhos, até à janela sempre aberta que havia servido de entrada.

E, fazia-se-lhe jurar que conservaria em silêncio tudo o que ele tinha visto ou percebido, e a entrada da iniciação era-lhe proibida em todos os templos do Egito, como o era em Mênfis, onde vinha de mostrar a sua fraqueza.

Aquele que perseverasse, avançava muito neste corredor, interrogando quais os perigos pelos quais ele deveria passar, para sofrer purificações anunciadas, e esta incerteza fazia parte das provas.

Chegado à extremidade deste corredor, interminável na aparência, encontrava uma porta de ferro solidamente fechada e, perto desta porta, três homens de vestes flutuantes, cujos traços eram dissimulados por um capacete levando a cabeça de Anúbis.

Eram os sacerdotes que acolhiam o neófito às portas da morte que conduz ao renascimento.

Um desses três homens dizia ao aspirante:

"Nós não estamos aqui para impedir o teu caminho. Segue-o, se os deuses te deram coragem. Mas, se te sentes infeliz, podes voltar sobre teus passos; podes ainda voltar. Todavia, desde este momento, não poderás sair mais destes lugares, se não saíres agora a toda pressa pela passagem que se abre diante de ti, sem voltar a cabeça e sem recuar".

Era de uma clareza perfeita, e o discípulo tinha ainda a liberdade de escolher — para sofrer as provas inevitáveis ou voltar à vida ordinária. Geralmente, prosseguia a senda e era neste momento que os temíveis trabalhos recomeçavam.

*

* *

A primeira experiência a sofrer era a do fogo. Era a mais espantosa no seu aspecto.

Os três guardiões, tendo recebido do neófito a resposta que atestava a vontade firme de receber a iniciação por qualquer preço que fosse, abriam a porta e lhe deixavam o campo livre. Passava o neófito, e a porta se fechava atrás dele. Então, neste caminho solitário, via aclarar-se por toda uma álea uma luz viva e muito branca. Avançava resolutamente para a luz reencontrada, mas, antes que ele pudesse alcançá-la, o caminho perdia-se em uma vasta câmara abobadada que resplandecia em luzes estranhas. Ela estava toda em fogo. Grandes fogueiras estavam de cada lado e, no solo, estava colocada uma grade de ferro vermelha pelo

fogo. Esta grade formava losangos bem grandes para que o pé do adepto pudesse colocar-se nos interstícios.

Parecia que um ser vivo não poderia enfrentar esta fornalha sem perecer queimado ou sufocado.

Era necessário passar, entretanto.

O juramento prestado fechava toda a saída e o desejo da iniciação devia ser mais forte do que o terror das chamas.

Além disso, as chamas extinguíam-se por si, desde que o aspirante tivesse passado, e, quando ele se reencontrava em uma sala livre, depois desta prova terrificante, o futuro iniciado, sem perceber o que tinha feito, sentia que o seu valor e sua constância tinham vencido um duro obstáculo, e este pensamento o encorajava no prosseguimento de seus trabalhos.

Ele avançava por novas galerias e, súbito, achava-se diante de um canal de mais de 50 pés de largura, que lhe impedia o caminho. Esta água, derivada habilmente do curso do Nilo, entrava de um lado desta câmara subterrânea gradeada e saía por uma grade idêntica de outro lado da peça.

Esta massa de água escoava-se com um ruído terrível. Dir-se-ia que suas profundezas continham turbilhões intransponíveis que espantavam o nadador mais intrépido. Mas, qualquer que fosse o perigo, a iniciação era o prêmio, e, sobre a margem oposta, o futuro iniciado via duas rampas emergirem da água para o conduzirem a uma arcada e, sob nova abóbada, apareciam degraus que se elevavam acima do solo e se perdiam na penumbra. Precisava subir para a luz; precisava atravessar a água que murmurava a seus pés.

O neófito despojava-se, pois, de seus vestidos e, tendo-os cuidadosamente dobrados, colocava-os sobre a cabeça. Em seguida, descia até a

água, tomava em uma das mãos a sua lâmpada acesa e atravessava este rio subterrâneo, nadando com uma só mão e lutando contra a corrente muito forte.

A travessia não era muito longa, mas também não era sem perigo. Chegando à outra margem do rio, retomava as suas vestes, reparava a desordem em que se encontrava e, tendo sempre a sua lâmpada, ganhava a arcada e subia os degraus. Eles eram numerosos e, quando chegava ao alto desta rápida escadaria, achava-se sobre um pequeno patamar de seis pés de comprimento por três de largura.

*

* *

Este patamar era uma ponte levadiça. Conduzia a uma porta, mas esta não apresentava nenhum meio para abrir diretamente.

No lintel, achavam-se suspensos dois grossos anéis e era impossível ao aspirante, depois de ter experimentado abrir esta porta rebelde, não ter o pensamento de que estes anéis tivessem uma utilidade e que dissimulavam, talvez, qualquer segredo capaz de abrir uma nova vida.

Colocava neles as mãos e eis que se passava à última prova, a purificação pelo ar.

Desde que se tocava sobre os anéis, a ponte levadiça erguia-se e o neófito se achava suspenso entre o céu e a terra. Restavam-lhe dois partidos a tomar: recuar ou avançar e ficar suspenso, esperando a salvação de qualquer mão libertadora. Mas, neste momento, produzia-se a terceira eventualidade, sobre a qual não tinha contado.

O lintel que suportava os anéis levantava-se por sua vez, com o aspirante sempre pendurado na sua posição inquietante. A lâmpada que ele trazia,

abandonada sobre a ponte levadiça, a fim de ter as mãos livres, virará, deixando nas trevas aquele que tinha tanta necessidade de luz.

Um estrondo terrível elevava-se da ponte levadiça posta em ação, e este ruído produzia o medo no coração decidido.

Neste momento, o ar era violentamente agitado como por uma tempestade desconhecida e o neófito, sempre pendurado sobre a ponte, tateava no vácuo e na obscuridade, devendo vencer por sua vez o legítimo terror e a fadiga de sua penosa posição.

Mas, no momento em que as suas forças iam faltar, a ponte levadiça descia, assim como os dois anéis; o aspirante retomava contacto com a terra e, por vezes, ficava quase sem consciência, porém o que se oferecia aos seus olhos era de natureza a apagar a lembrança de suas penas, e a força e a alegria o reanimavam prontamente.

Apenas descido, os dois batentes se abriam por si mesmos por meio de uma simples mola interior. A vasta sala de um Templo cintilava então aos seus olhares deslumbrados. Sacerdotes formavam, para o acolher, uma ala que ia da porta até o fundo do santuário, até o degrau do altar. O grande sacerdote vinha diante dele, louvava a sua coragem e a sua resistência, felicitava-o pelo sucesso e lhe prodigalizava as palavras mais benevolentes.

Eram as boas-vindas.

Apresentava-lhe, em seguida, um copo de água pura, símbolo da iniciação e da purificação ao mesmo tempo. Esta água consagrada lavava a sua alma das últimas manchas que poderia ainda conservar, desembaraçava o seu espírito dos erros que ainda o obscurecessem. Então, era-lhe permitido prosternar-se diante da estátua tripla de Osíris, Ísis e Horus.

No meio de solene silêncio, o sumo-sacerdote pronunciava palavras que faziam do recém-vindo um verdadeiro iniciado.

Ele o votava à deusa, dizendo:

"Ísis, grande deusa dos egípcios, dai o vosso espírito ao novo servo que venceu tantos perigos e tantos trabalhos para se apresentar diante de vós. Tornai-o vitorioso do mesmo modo nas provas de sua alma que o tornarão dócil às vossas leis, a fim de que mereça ser admitido em vossos mistérios".

O coro unânime dos sacerdotes repetia estas palavras. Em seguida, o novo iniciado recebia uma beberagem que dava a seu espírito da compreensão a memória das lições de sabedoria que ele tinha ainda de receber de seus superiores.

Havia chegado ao termo de suas experiências materiais. Como anunciava a inscrição lida no começo de suas laboriosas peregrinações, achava-se purificado pelo fogo, pela água e pelo ar.

Ele tinha vencido o terror da morte. Tinha o direito de rever a luz. Podia preparar a sua alma para as revelações esperadas. Era admitido aos Mistérios de Isis. Fosse qual fosse o ensinamento desses Mistérios, não podia deixar senão uma impressão no espírito e as boas sensações daquele que as tinha pago tão caro. Por isso os Mistérios de Isis deixaram na literatura e nas artes gráficas um traço mais considerável do que qualquer outra iniciação.

Os juramentos feitos de não os revelar eram formidáveis e nós os aprendemos por diversos autores.

*

* *

Este segredo exigido é uma das causas das dificuldades que nos tolhem a liberdade de aprofundar o conhecimento do esoterismo egípcio.

Todavia, temos algumas luzes sobre este ponto.

Apuleio, que foi iniciado nos Mistérios de Ísis, fez falar assim Lucius, o herói do seu Asno de Ouro, livro ao mesmo tempo tão agradável e tão rico de ensinamentos filosóficos:

"O sacerdote afasta todos os profanos, e, coberto como eu estava, com uma veste de linho cru, toma-me pela mão para me conduzir ao santuário do próprio templo. Talvez, leitor curioso, perguntareis, com alguma ansiedade, o que se passou depois. Dir-vo-lo-ia, se fosse possível dizer; aprendereis se vos for possível aprender, ou compreender qualquer coisa. Porém, o crime seria igual para os ouvidos e para a língua que se tornassem culpado de uma tão temerária indiscrição".

Este juramento do silêncio era absoluto e não podia ser divulgado sob pena de morte. Eis o que nos dá tão pouco de documentou precisos sobre os Mistérios de Ísis e Osíris.

Depois das preces que vimos fazer sobre o iniciado após haver chegado ao termo de suas experiências, começava a verdadeira iniciação. Ela se fazia no interior dos Templos e eram os sacerdotes que estavam encarregados desta parte,

tendo todo o domínio onde os fixavam as funções que lhes eram atribuídas. O novo adepto assistia às cerimônias e seu simbolismo era-lhe revelado.

Não eram somente os maravilhosos espetáculos que encantavam os olhos, mas cada gesto, cada objeto ritual tinha para ele uma significação precisa. Ele sabia porque Ísis sentada tem um livro; porque Ísis de pé conduz o sistro; porque Anúbis tem a cabeça de chacal e Thot a de íbis.

A Natureza também lhe abria um livro cheio de maravilhas, e a flor, como a estrela, dizia-lhe segredos que só o iniciado podia penetrar.

Assistia aos sacrifícios e conhecia a razão de ser dos números. A vida do Templo era um contínuo ensinamento e, nas horas que lhe eram disponíveis à meditação, ele repassava no seu coração todas as coisas que tinha visto e novos pensamentos brotavam no seu espírito como os lótus se abrem sobre o Nilo.

Não acedia de uma vez aos Mistérios de Ísis. Dos grandes e pequenos mistérios cada um comportava muitos graus que deveria vencer sucessivamente.

Os hierofantes consideravam que não é útil senão aquilo que foi elaborado longamente por aquele que é instruído segundo os métodos sábios.

Os ensinamentos verbais que lhe eram fornecidos deviam ser cuidadosamente assimilados por todo o trabalho pessoal.

Por isso o iniciado tinha todo o tempo necessário para avançar, para fazer o que melhor julgasse, a fim de efetuar o seu crescimento espiritual e aperfeiçoar-se. Ele devia penetrar cada dia mais adiante neste mundo novo que a sua coragem lhe tinha aberto.

Sabia que esta coragem de um dia não era uma prova suficiente para demonstrar a sua coragem extensa para as iniciações supremas.

Exigia-se mais. Precisaria sujeitar-se a uma nova linha de vida e tomar hábitos diferentes dos seus.

Reclamava-se um domínio completo sobre as suas impulsividades que, no ensinamento de Pitágoras, fez a admiração da Grécia.

Precisava, por outro lado, adquirir conhecimentos muito extensos, porque o desenvolvimento do espírito devia seguir a mesma trilha que a purificação do corpo.

São Clemente de Alexandria, um pouco suspeito de parcialidade para com os sacerdotes idolatras, descreve assim os conhecimentos requeridos para exercer as funções sacerdotais nos Templos Egípcios :

"Os Egípcios — diz ele — seguem uma filosofia particular no seu país; é nas suas cerimônias religiosas, sobretudo, que se percebe. Vê-se primeiramente, caminhando, o cantor, conduzindo um símbolo musical; é obrigado a saber dois dos livros de Hermes, um contendo hinos- em honra dos deuses, outro as regras de vida para os reis".

"Depois do cantor, vem o horóscopo; ele conduz nas suas mãos um relógio e uma palma. É preciso que ele tenha sempre no espírito os quatro livros que tratam dos astros; um dos astros errantes, o outro da conjuração do sol e da lua, os últimos para o nascente. Em seguida, vem o sacerdote hierogramata, reconhecível pelas plumas que ornem a sua cabeça; tem nas suas mãos um livro e uma palheta guarnecida de tintas e juncos necessários para escrever. O hierogramata

deve possuir os conhecimentos que se chamam hieroglíficos (ou interpretativos dos livros antigos) e que compreendam a cosmografia, a geografia, as fases do sol e da lua, as dos cinco planetas, a corografia do Egito, o curso do Nilo e seus fenômenos, o estado de posse dos Templos e dos lugares de que dependem, as medidas e tudo o que é útil ao uso dos templos.

"O estolista vem em seguida, conduzindo o cúbito — emblema da justiça — e o vaso de purificação".

"Este sabe tudo o que concerne à arte de ensinar e à arte de marcar com selo sagrado as jovens vítimas".

"Dez livros são relativos ao culto dos deuses e aos preceitos da religião; tratam dos sacrifícios, das primícias, dos hinos, das preces, das pompas religiosas e de outros assuntos análogos".

"Depois dos sacerdotes caminha o profeta, conduzindo o selo sagrado, seguido daqueles que conduzem os pães; como o superior dos outros padres, o profeta aprende os dez livros chamados sacerdotais, onde está contido o que concerne às leis e à administração do Estado e da cidade, os deuses e as regras de ordem sacerdotal".

"Há, ao todo, quarenta e dois livros Hermes, dos quais trinta e seis expõem toda a filosofia dos Egípcios, que é aprendida pelos sacerdotes de todas as classes que acabam de ser designadas; os outros seis livros são estudados por

pastóforo, como pertencendo arte de curar, e estes livros falam, efetivamente, da construção do corpo humano, de suas doenças, dos instrumentos e dos medicamentos, dos olhos, enfim, das moléstias das mulheres".

Vê-se que a iniciação dos sacerdotes compreendia tudo o que podia ser ensinado pelos sábios da época, e esta ciência era muito maior do que se pode imaginar, em épocas tão remotas.

Cada Templo tinha a sua biblioteca, aberta ao Iniciados que ali iam aperfeiçoar todos os seus estudos sobre o ponto de vista que os atraía mais na carreira sacerdotal, à qual se sentiam precisamente chamados.

Paul Pierret, a quem devemos um grande número de detalhes sobre os Templos Egípcios, diz:

"Uma câmara do Templo de Denderah é chamada biblioteca; sobre a porta este gravada a palheta dos escribas. Esta sala contém um catalogo dos manuscritos que encerrava, os quais eram escritos sobre pele e encerrados em cofres. Eis aqui alguns títulos destas obras para uso da classe sacerdotal":

"Lista do que se encontra no templo".

"Lista de conduta no templo".

"Livro dos empregados no Templo".

"Proteção do rei em sua residência".

"Capítulo para afastar o mau olhado".

"Instrução para as procissões de Horus em torno de seu Templo".

"Proteção de um país, de uma cidade, de uma casa, de um túmulo".

"Fórmulas para a caça dos animais ferozes, répteis, para as oferendas etc."...

Estes títulos, e numerosos outros que poderíamos citar, demonstram que os sacerdotes e iniciados do Egito possuíam conhecimentos muito extensos e que não pareciam ignorar as forças psíquicas, e seu manejo e a sua utilização. Os trabalhos que faziam haviam-lhes dado o meio de executar obras de proteção contra as moléstias de causa psíquica.

Sabiam quais eram os processos que contrabalançavam os maus efeitos do olhar, as correntes más que nascem para a manifestação das vontades inimigas.

Combatiam eficazmente o feitiço e reenviavam àqueles que os tinham emitido os fluidos nefastos que haviam posto em ação.

Eles podiam, enfim, fazendo um apelo às forças superiores, proteger não somente o rei — e este título é também do iniciado — mas ainda às coletividades, às pessoas psíquicas mais importantes, como o Estado, a cidade, o país todo.

Não se contentavam de operar pela projeção de uma vontade consciente; a experiência dos séculos tinha-lhes demonstrado que certas fórmulas eram eficazes para chegar aos mesmos efeitos e serviam tanto contra os inimigos visíveis, como contra os inimigos ocultos, se acreditarmos nos textos contra os animais ferozes.

Vimos que as experiências tinham por fim assegurar se o novel aspirante possuía as qualidades requeridas de coragem, de fé, o respeito de seus empreendimentos e de seus pensamentos, a vontade firme e perseverante, sem a qual a iniciação não poderia ser senão a vã curiosidade da inteligência, o jogo de um espírito inquieto.

Mas os sacerdotes não se contentavam com estas experiências preliminares. Certamente, tinham confiança no recém-chegado, porém devia despedaçar-se numa rude disciplina; os primeiros graus de sua iniciação o obrigavam.

Ele precisava proceder a uma tríplice educação: a purificação do corpo, da alma e, enfim, a educação do espírito, que devia achar-se apto à comunicação das coisas divinas.

Para purificar o corpo era necessário submetê-lo a uma ascese particular, que o tornava próprio ao desenvolvimento das faculdades psíquicas.

Fazia-se o recém-vindo sofrer um longo período de jejuns, e estes jejuns repetiam-se com intervalos fixos; muitas vezes duravam muitos dias e até muitas semanas.

O fato de jejuar quarenta dias era considerado como purificação perfeita, porém não era possível senão aos adeptos já chegados a um grau mais elevado, próximo da perfeição iniciática.

Finalmente, a nutrição dos adeptos e dos sacerdotes era tão sã quanto frugal.

A sua vestimenta era de linho, sempre branco ou cru, e, muitas vezes, lavado; abluções eram-lhe ordenadas muitas vezes no dia, a limpeza do corpo

sendo a imagem da limpeza da alma. Nesta idéia e também para evitar toda embriaguez, o vinho era-lhe absolutamente interdito.

As horas de seu sono eram muito estritamente limitadas, e ainda precisava que o leito não fosse muito macio.

Não concedia ao corpo senão o estritamente necessário, considerando-o como um animal, um escravo, que é preciso manter em bom estado, mas sem luxo e sem preguiça.

Quando o corpo era purificado, sem se relaxar desta ascese que devia durar tanto como a vida, a ascese física se completava por uma direção mística.

O jovem adepto devia cumprir os ritos sagrados, fazer as invocações que lhe eram prescritas e às horas indicadas.

Devia oferecer sacrifícios aos deuses, segundo o ritual que lhe era fixado. Esses ritos se passavam ora no interior do Templo, ora no exterior.

Isso não era senão o começo e a imagem da iniciação moral.

O jovem adepto recebia lições de uma superior moral e aprendia a se dominar, como tinha vencido os perigos exteriores na terrível noite das experiências. Punha-se na obrigação de dominar todas as tendências, as mais naturais, as mais legítimas ternuras. Ele pertencia aos deuses e se retirava do mundo dos vivos.

Uma obrigação mais dura ainda para o principiante dava-lhe um grande império sobre os nervos, era a obrigação de guardar um silêncio absoluto, que devia durar muitos anos e de que Pitágoras tinha conservado o preceito.

Nem uma surpresa, nem uma dor, nem uma emoção, de qualquer espécie que ela fosse, deviam arrancar um grito ou um suspiro.

É por este domínio completo de suas impulsividades que o adepto desenvolvia em si mesmo as faculdades psíquicas que atingiam, por vezes, um poder quase miraculoso, seja na adivinhação, seja na terapêutica.

Este silêncio servia-lhe de asilo por longos e profundos instantes de meditação. As suas preces e os seus jejuns pediam aos deuses, à Ísis em particular, a deusa dos grandes mistérios, esta iluminação que é a comunicação perfeita da terra e do céu.

Voltando os seus olhares para as alturas, o discípulo se destacava ainda mais de tudo o que tinha amado sobre a terra.

Gozava das alegrias da renúncia e as mais altas virtudes se tornavam sua única ambição.

Morreria antes de mentir ou renegar aos seus deuses; tinha dominado em si mesmo tudo o que era animal; tornava-se cada dia mais digno das luzes que lhe eram dadas e daquelas que lhe eram prometidas, e só depois desta preparação é que era posto em presença da verdade.

*

* *

A educação do espírito completava a meditação pelo trabalho. Ao fim de suas experiências, o aspirante tinha sido interrogado sobre a soma de conhecimentos que possuía, mas era bem raro que esta ciência fosse suficiente para conduzi-lo aos graus elevados da iniciação.

Nesta época, a especialização das ciências estava bem longe de ser o que ela veio a ser em nossos dias. O verdadeiro iniciado devia realmente saber tudo e tudo saber de um certo ponto de vista. As ciências físicas e naturais não somente lhe ensinavam as propriedades dos corpos, mas deviam mostrar-lhe as relações

destes corpos uns com os outros e as suas relações com Deus, o seu lugar respectivo na escola dos seres e dos símbolos que eles podiam representar.

Precisava, além disso, ser versado na medicina e não somente na parte que curava as doenças pelas plantas, mas ainda, e sobretudo, pelos poderes psíquicos.

As regras do trabalho, necessárias à obtenção de uma tal quantidade de noções, eram muito duras. Cada dia, o tempo muito restrito concedido ao repouso e à nutrição era dividido de maneira a não se deixar livre, entre os períodos de estudo, senão o tempo da meditação, durante o qual as noções adquiridas frutificavam,

O iniciado recebia, então, a noção de um deus único. Depois, perguntava-se como cada força da Natureza personificada em um deus ou uma deusa podia operar isoladamente, mas, no momento em que estavam seguros de sua inteligência e discrição, mostravam-lhe que todos os deuses e deusas não tinham forças, faculdades ou atributos de Amon-Ra, que só existe fora do tempo e do espaço.

Só ele é vivo; só ele é o Ser; os deuses, como os outros seres, são apenas emanções, o aspecto longínquo de seus poderes.

Estas lendas harmoniosas, estas personificações, cujos aspectos alimentam a arte dos escultores e pintores sagrados, tudo aparecia então como a imagem da verdade, a transparente túnica onde a sua forma é velada aos olhos do vulgo e não se deixa ver senão aos olhos capazes de penetrar a grandeza e a beleza.

Partindo deste ponto de vista, o iniciado não deixa guardar mais sentimentos pessoais, porém abandona o seu coração ao amor de todas as criaturas emanadas como ele do seio luminoso de Amon-Ra, chamadas, como ele, à reabsorção quando soasse a hora. Não conservava de suas afeições passadas

senão o culto da família, de seus antepassados, próximos e longínquos, dos quais a forma e o duplo residiam nos túmulos consagrados.

Uma imensa ternura o invadia e, à imagem do Sol que verte a sua luz sobre os bons e os maus, sobre o inseto e a estátua divina, sentia expandir-se nele a flor mística do Amor!

*

* *

Assim, desprendido de tudo o que passa, ele empreendia o novo ciclo, a última experiência que o devia conduzir à luz absoluta, mas esta luz não se manifesta senão àqueles que são mortos para as coisas do mundo.

Eis porque esta experiência tinha lugar em um sarcófago.

O adepto era colocado em um sarcófago aberto e devia passar toda a noite em meditação e prece. Deixavam-no inteiramente só neste leito funerário, no meio das mais espessas trevas e, apesar disso, o quadro deste abandono era de tal modo triste e sinistro que ele sentia o espanto deslizar sobre si mesmo e gelar a sua vontade. Era um momento cruel em que era necessário fazer brilhar todo o domínio que tinha adquirido sobre as suas impulsividades.

Dominava o seu espanto e, no silêncio absoluto, em tudo semelhante à morte, pedia a iluminação. Então ela lhe era imediatamente concedida.

Certamente, sentia a sua força vital abandonar o seu corpo; porém, que importa o corpo àquele que sabe que é apenas o invólucro transitório de um ser quase divino?

Desprendia-se em espírito deste invólucro mortal, e, impelido pelas asas das correntes superiores, no silêncio augusto do túmulo, as palavras eram reveladas

aos que conduziam a luz no mais íntimo de seu ser. Identificava-se a Osíris; misturava-se ao Deus imortal, princípio da vida e da luz.

No Livro dos Mortos vimos que, segundo o julgamento que sucede à morte, o justo estava livre das cadeias terrestres e se identificava ao seu Deus, vindo a ser o próprio Deus, o próprio Osíris.

Era o mesmo para o sábio que passasse esta experiência do sarcófago. Isto não era a morte, mas a própria vontade do adepto que o desprendia de seus liames terrestres. Por sua ascese e seu valor, identificava-se a seu Deus vivo.

O adepto entrava vivo no túmulo e saía vivo, mas tendo penetrado antes na Luz de Osíris. É neste momento de desprendimento supremo que a revelação lhe é feita; era uma verdadeira morte; uma verdadeira renascença!

O sarcófago, sob o seu terrificante simbolismo, era encarregado de simular a morte do corpo físico e o renascimento do espírito sobre um plano superior. Era o fim de *um Ciclo*. Era uma vida inferior que terminava para que a alma pudesse romper no esplendor da verdade.

Saldo logo do túmulo, na manhã desta noite mística, o iniciado renascia para uma vida espiritual mais elevada; recebia um novo nome; era iniciado em uma ordem superior. Tinha conquistado a coroa sacerdotal.

Compreendia, então, perfeitamente este enigma da Esfinge, que lhe tinha dito primeiramente a necessidade de *Saber Querer, Ousar e Calar*. Tinha adquirido as ciências e, sobretudo, a ciência do *Invisível*; a sua vontade, bem dirigida, tinha vencido as suas impulsividades; sabia *Ousar* apesar do medo, com a medida que convém àquele que sabe combinar o seu esforço conforme os efeitos a produzir. Tinha perdido esta glória vã que conduz a revelar os segredos iniciáticos para

mostrar seu saber. Era aguerrido contra os inimigos, tanto exteriores como interiores.

A vida suprema estava começada e o iniciado compreendia agora as fórmulas que o tinham surpreendido tanto no limiar dos caminhos iniciáticos:

"Quem fizer o seu caminho só e sem olhar para trás, será purificado pelo fogo, pela água e pelo ar; e, se puder vencer o medo da morte, sairá do seio da terra, tornará a ver a luz e terá o direito de preparar a sua alma à revelação dos Mistérios da grande Deusa Ísis".

Morto voluntária e temporariamente por um poderoso esforço de sua vontade dominada, via cair o véu de Ísis, e esta inscrição também não era mentirosa. Ele não tinha tocado o véu da Deusa senão tornando-se imortal, unido a Deus desde esta vida; o véu ficava intangível à mão de todos os mortais. O livro era-lhe aberto; lia com embriaguez, como o viajante que descobre uma fonte e banha o seu rosto para fazer penetrar a sua frescura no mais íntimo dos poros. Todo o véu cai diante dos olhos do espírito livre; não há segredos nem barreiras para o verdadeiro iniciado.

Citamos, já, Apuleio como testemunha do mistério que era exigido aos iniciados, do segredo ao qual se ligavam pela ameaça das penas mais temíveis; não era mais explícito no que concerne ao começo e ao fim da iniciação:

"Aproximei-me dos limites da morte, passei junto do solo de Proserpina, e voltei através de todos os elementos. Ao

meio da noite, vi o sol brilhar no seu ofuscante clarão; aproximei-me dos deuses do Inferno, dos deuses do Céu; eu os vi, pois, face a face, eu os adorei de perto. Eis tudo o que posso dizer, e, posto que os vossos ouvidos tenham percebido essas palavras, estais condenados a deixar de compreendê-las".

Eis aí tudo o que veio ou um pouco aproximadamente sobre as iniciações do Egito.

*

* *

O que temos encontrado de real nos trabalhos modernos que justifique cientificamente o que nos tem sido transmitido relativamente aos lugares em que seriam realizadas as iniciações e suas experiências preliminares?

Não temos senão muito pouca coisa, mas esse pouco coincide com a tradição, ao menos em suas grandes linhas. A descoberta da porta entre as patas da Esfinge é já uma nota de que as tradições dos autores antigos e dos Árabes modernos não são despidas de veracidade.

No que concerne ao interior da grande Pirâmide, vemos o que nos dizem os viajantes e arqueólogos. É certo que a pirâmide encerra longos corredores e salas cujo uso é totalmente desconhecido à ciência.

Sabe-se que essa pirâmide, a de Kheóps, é orientada exatamente uma face para cada ponto cardeal. Sobre a face Norte, à altura do 18.º; cerca de 12 metros do solo encontra-se um corredor de 1 metro e 22 de altura por 60 centímetros de largura. Dita corredor desce por uma ponte de cerca de 25 graus.

É longo, tem 97 metros de comprimento e termina em uma sala e novamente continua durante 18 metros para terminar em um rochedo, uns trinta metros abaixo da base da pirâmide (fig. 16).

Voltando para trás, encontra-se, a 20 metros da entrada, o outro corredor que estava obstruído por um formidável bloco de granito.

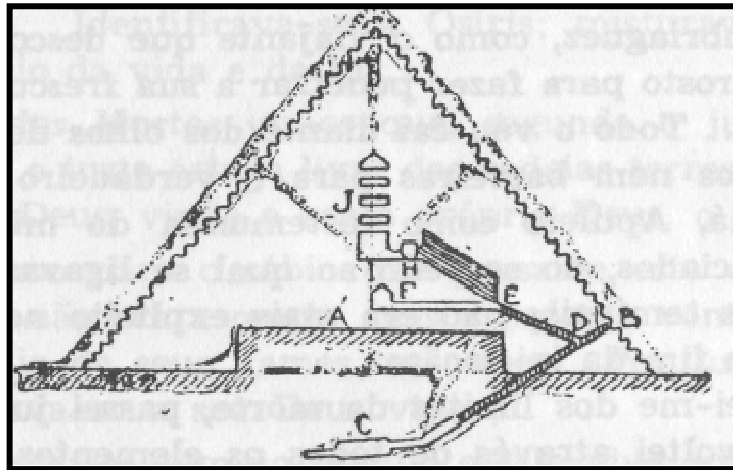


Figura 16: Disposições interiores da grande Pirâmide. (Segundo Máspero.)

A, base da pirâmide. — B, entrada da pirâmide, situada ao meio da face N., ao nível do 18.º patamar, cerca de 45 pés acima do solo. — Ao ponto D, o corredor interior é subdividido. Um, continuando a descer numa extensão de 97 metros, conduz à câmara C, chamada câmara funerária; este corredor termina atualmente 18 metros além do beco sem saída. Voltando atrás até o ponto D, acha-se um corredor ascendente que se liga ao primeiro sob um ângulo de 133 graus e que, ao ponto E, se subdivide em dois ramos. Um destes ramos conduz, horizontalmente, para o centro da pirâmide e se perde em uma câmara de granito de teto em pasta, chamada câmara da rainha (F). O segundo ramo, continuando a subir, alarga-se em uma galeria longa de 45 metros, alta de 8m.50; ela termina no ponto G. Além, o pequeno vestibulo Hei, câmara real, está medindo 5m.81 de altura, 10m.43 de extensão e 5m.20 de largura. Acima desta, em J, cinco peças de descarga; a mais elevada tem o teto pontudo.

É o começo de um outro corredor, mas este é ascendente e tem um comprimento de 35 metros. Em breve, o corredor ascendente se bifurca: um dos seus braços avança horizontalmente numa extensão de 35 metros para o centro da pirâmide e conduz a uma sala de granito que os arqueólogos, sem motivo plausível, chamaram a câmara da Rainha.

O teto desta câmara é formado de imensas lajes, uma encaixada à outra, como no teto de uma casa.

Se voltarmos à bifurcação e penetrarmos em outro ramo, o novo corredor continua a subir; porém muda de aspecto. Conserva a sua inclinação, mas se alarga um pouco e ganha também altura (ela atinge 8 m. 50).

As paredes são de pedra. Seus degraus, primeiramente verticais, adiantam-se a partir do sétimo para formar o encurvamento, de maneira a formar um teto grande de 60 centímetros. Esta sala se diferencia das outras por certos detalhes da construção; à direita e à esquerda, bancos ladeiam esta extensão, e nestes bancos foram cavados, em distâncias iguais, 28 encaixes de 21 centímetros de profundidade. A extremidade deste corredor era fechada por uma grade de granito.

Atrás desta grade encontra-se um pequeno vestíbulo, no qual é preciso entrar, curvando-se. Sobre as faces deste vestíbulo estão três grades de granito e, ao meio de uma destas grades, está suspenso um enorme bloco que, diz Carlos Blanc, *"parece ameaçar de esmagamento qualquer um que entrar na câmara mortuária."*

Depois deste vestíbulo se esboça a câmara chamada do Rei; é a sala do sarcófago, toda de granito e não comportando ornamentos nem inscrições. Suas dimensões são sensivelmente mais vastas do que aquelas das outras câmaras. Ela tem 10 metros e 45 de extensão, por 5 m.20 de largura e 5 m. 80 de altura. Seu teto é chato como se servisse de assoalho a uma outra sala.

Acima, para evitar o abatimento que poderia suceder se a massa estivesse cheia, prepararam-se cinco pequenas peças. A última tem um teto cônico para rejeitar a pressão sobre os lados, o que demonstra um sábio cálculo dos esforços da construção. Por isso, apesar de tantos séculos, nem um abaixamento se produziu na morada sepulcral onde não resta nem um traço do Faraó que teria sido inumado ali.

Esta ausência de inscrições e de vestígios faz formular a questão inevitável. Serão esses corredores e essas salas o lugar onde se praticavam as experiências iniciáticas?

Isto não está provado, mas parece ser verdade. Em todo o caso, os mais temerários egiptólogos não formulam nem uma opinião precisa, relativa ao destino destas salas e destes misteriosos corredores.

A obra do Abade Terrasson mostra-nos a primeira entrada da Pirâmide de tal modo estreita que era necessário escorregar.

Carlos Blanc, o historiador de arte, nota esta impressão de sua viagem ao Egito:

"É preciso uma certa intrepidez para entrar na grande Pirâmide, onde não se entra senão por um canal descendente... que tem apenas um metro de altura. Metido neste tubo retangular e inclinado, tenebroso e escorregadio, onde se fizeram no solo alguns entalhes rústicos para tornar a descida um pouco mais prática, eu me encontrei, depois de cinquenta passos de uma condução estafante, à luz e ao fumo dos archotes, obrigado a subir para a luz do dia e respirar o ar livre." (Voyage de la Haute Egypte.)

Ao longo da galeria ascendente e larga que precede a caruara chamada do Rei estão dispostos, à direita e à esquerda, bancos nos quais foram cavados, em distâncias iguais, 28 entalhes do 21 centímetros de profundidade. Estes detalhes sugerem a Carlos Blanc as seguintes reflexões:

*"Por que estes bancos? Por que estes encaixes?
Seria para plantar os archotes e para fazer assentar os
sacerdotes ou os parentes do rei no momento da cerimônia
fúnebre?"*

Depois desta sala, dissemos que se encontra um pequeno vestíbulo. Sobre as faces laterais estão três grades de granito e — nota Carlos Blanc — *"ao lado das grades está suspenso um enorme bloco que parece ameaçar de esmagamento a quem entrar na câmara sepulcra"*.

Para que servia a dita câmara da Rainha?

E a câmara do Rei?

Não se encontra senão um sarcófago vazio que poderia perfeitamente servir de última experiência aos mistérios de Isis e de Osíris. Os egiptólogos admitem, segundo Heródoto, que a grande Pirâmide de Kheóps conteve outrora a múmia de Sesostris. Mas não há nem uma prova a este respeito e Heródoto é muito sujeito ao erro, relatando tudo o que tem dito, sem uma só base e admitindo, sem provas, as mais estranhas histórias.

Estas constatações são tanto mais curiosas quanto somente no começo do século presente é que o coronel Wyse pôde explorar a grande Pirâmide.

O interior era antes inteiramente desconhecido, e só as tradições nos faziam crer na possível existência, na massa de marcenaria, de galerias e de salas.

Uma descoberta mais recente ainda parece uma nova justificação aos dados tradicionais.

Pesquisas bastante recentes permitiram descobrir, metido na areia, a 40 metros da Esfinge de Ghizeh, um Templo de granito ou Templo da Esfinge. Este Templo está descrito assim pelo pesquisador Al. Gayet:

"Ao centro há uma grande sala A, cujo teto está sustentado por 16 pilares quadrados de cinco metros de altura. Sobre o ângulo noroeste da trave longitudinal da sala, abre-se um corredor estreito B (pelo qual se acede); ao ângulo sudoeste há uma reentrância onde se abrigam seis nichos superpostos sobre duas ordens. Uma espécie de vestíbulo põe em comunicação a grande sala com uma galeria D, flanqueada cada uma destas extremidades por uma pequena sala E, que se religa àquela por um corredor estreito. Nem uma porta, nem uma janela, e o corredor da entrada B é muito pequeno e muito longo para conduzir a luz à grande sala principal. Ela cai por frestas (e, e, e, e, e) feitas ao alto da parede, nas juntas destas com as lajes das coberturas (fig. 17)".

"Nenhuma inscrição, nenhuma pintura, nenhum baixo-relevo, nada indica o destino deste velho santuário. A arte aparece, no entanto, em todos os pontos, de um modo notável".

"Seus blocos de granito e alabastro são enormes e aparelhados com um irrepreensível cuidado".

"Não é de se supor que isso possa ser o Templo de Osíris, mencionado na esteira de Khoufou. Era o Templo de

Hor-m-Khout — da Esfinge? Uma esplanada lajeada circundava o colosso e um circuito comum parecia rodear os dois monumentos. Mas está aí uma opinião sobre a qual preciso ter reserva". (Itinéraire III. de la Haute Egypte.)

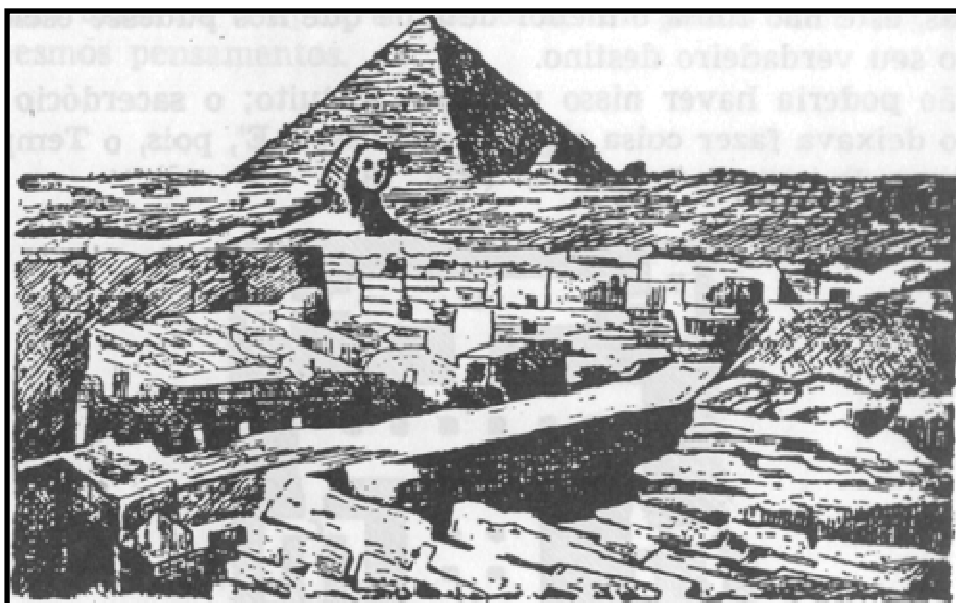


Figura 17: O Templo da Esfinge despojado das areias (no primeiro plano). Ao centro, emergindo das areias, a Esfinge de Ghizeh; ao fundo, a grande pirâmide de Kheóps. (Conforme AL Gayet.)

Qual seria este Templo? Qual poderia ser o seu uso?

Jâmblico nos relata que a entrada das experiências se fazia pela porta entre as patas da Esfinge. Ora, aonde conduzia esta porta? Um corredor estreito religava esta porta ao Templo subterrâneo, situado somente a 40 metros de distância?

Dirigia-se daí para a grande Pirâmide, religando os corredores e as salas já descritas? É ainda um mistério, mas os arqueólogo trabalham com sagacidade e paciência. O que nos darão ai próximas descobertas?

É impossível prever. Mas não há motivo para encarar a solução destes problemas com impaciência. Séculos passaram, acumulando areia sobre os restos

gigantes do mundo antigo iniciático, em alguns anos apenas foi que o Egito reapareceu de novo ao sol da ciência.

Seja o que for que sucedeu ao Templo de granito ou da Esfinge, havia, sem dúvida alguma, um uso particular, porque era subterrâneo e esta disposição é o índice certo de uma atribuição especial.

Enquanto os outros templos estão cobertos de inscrições e esculturas, este não tinha o menor detalhe que nos pudesse esclarecer sobre o seu verdadeiro destino.

Não poderia haver nisso um caso fortuito; o sacerdócio egípcio não deixava fazer coisa alguma ao acaso. É, pois, o Templo do segredo, e do segredo iniciático (fig. 18).

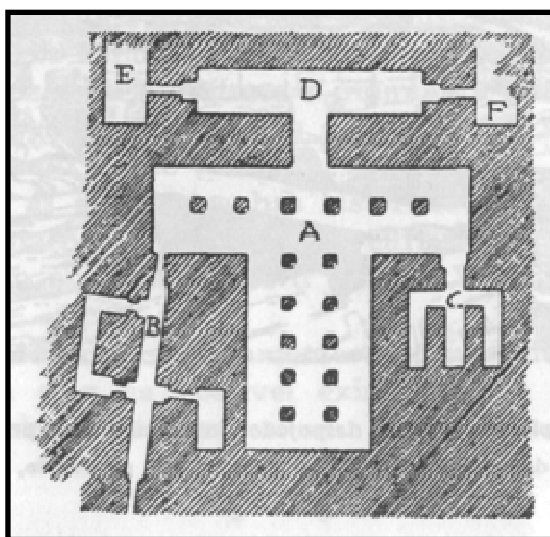


Figura 18: Plano do Templo da Esfinge.

Ao centro, A, uma vasta sala em forma de T, ornada de seis pilares quadrados, de cinco metros de altura; ao ângulo Noroeste, um corredor estreito, o plano inclinado B, pelo qual se penetra hoje no edifício; ao ângulo Sudoeste, um retiro que contém seis nichos superpostos dois a dois, C. Uma galeria, D, comunicando em cada extremidade com um gabinete retangular deprimido sobre os escombros (E, F) completa este conjunto.

Só as escavações que continuam poderão esclarecer alguma coisa sobre as traços do mais prodigioso passado da humanidade.

Porque, como vimos, salvo as palavras de Plutarco e as insinuações de Apuleio, muito pouco nos veio dos mistérios de Ísis e de Osíris.

Muitos Gregos entre os mais ilustres vinham estudar a sabedoria à sombra amável da Esfinge.

É destas escolas místicas que Pitágoras recebeu seus ensinamentos, ao mesmo tempo tão luminosos e tão humanos, que não faltou senão a adesão dos povos para fazer no universo a maior revolução intelectual que pudesse dar-se.

Entretanto, é verossímil que destas cerimônias iniciáticas nascessem os mistérios de Elêusis que Orfeu, segundo a tradição, adaptou ao gênio plástico da Grécia.

Em nossos dias, ainda, a Franco-Maçonaria afirma ter do antigo Egito as suas experiências iniciáticas, reduzidas a fórmulas e símbolos que não são sem grandeza.

Em todo caso, aquele que quer vir a ser franco-maçom deve sofrer as experiências do fogo, da água e do ar, mesmo a da morte como o iniciado de Isis.

Em todos os tempos, os símbolos, um pouco idênticos, velaram os mesmos pensamentos.

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>